

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP**

**Magda Guerato Garbo**

**A Arte da Cura: Benzimentos e Benzedeiros(as)**

**Doutorado em Psicologia Clínica**

**São Paulo  
2022**

**Magda Guerato Garbo**

**A Arte da Cura: Benzimentos e Benzedeiros(as)**

**Doutorado em Psicologia Clínica**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica, sob a orientação da Profa.Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cerveny.

**São Paulo**

**2022**

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

---

---

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos a reprodução total ou parcial desta Tese de Doutorado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data:31/01/2022

E-mail: [magdaguerato@gmail.com](mailto:magdaguerato@gmail.com)

G214

Garbo, Magda Guerato

A Arte da Cura: Benzimentos e Benzedeiros(as). – São Paulo: [s.n.], 2022.

197 f. ; 30 cm.

Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) -- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica, 2022.

Orientadora: Profa. Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cerveny.

1. Benzedeiros(as). 2. Benzimento 3. Transmissão intergeracional. 4. Cura. 5 Meio presencial/Meio virtual. I. Cerveny, Ceneide Maria de Oliveira. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica. III. Título.

CDD 157.9

## *Dedicatória*

*A meus pais Arnaldo (in memoriam) e Augusta, que me deram a base e incentivo para trilhar este caminho.*

*A meu amor Laercio, companheiro e apoiador de todas as horas, por sua paciência e amorosidade.*

*A meu filho Igor, que iluminou minha vida desde o primeiro momento, e meu suporte tecnológico.*

*À toda minha ancestralidade e à herança intergeracional, aos quais devo meus valores, crença e fé.*

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (**CAPES**) – código de financiamento 001. Processo CAAE número: 44190820.8.0000.5482 Parecer número: 4.592.624

This work was carried out with the support of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel - Brazil (CAPES) – Financing Code 001. CAAE process number: 44190820.8.0000.5482 Opinion number: 4.592.624

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Força maior que nos conduz nestes caminhos da vida, Força conhecida por muitos nomes, mas para mim um Deus único, amoroso e protetor, que me presenteou com meus pais Augusta Barbosa Guerato e Arnaldo Guerato, que cumpriram sua missão com amorosidade e cuidado, zelando por meu crescimento e desenvolvimento, sempre zelosos oferecendo seus braços, seus conselhos e seu amparo em toda minha trajetória. Agradeço, particularmente, a meu pai, que desde minha aprovação no vestibular falava a todos que iria ter uma filha doutora.

A meu marido e companheiro de todas as horas, Laercio Garbo, que me incentivou e ajudou infinitamente neste processo com sua serenidade, compreensão e paciência.

A meu filho Igor Guerato Garbo, que aturou todos os meus surtos tecnológicos, e foi essencial nestes tempos em que novos paradigmas e novas formas de trabalho surgem, onde nossas tarefas podem ser simplificadas e automatizadas para dispormos de mais tempo para reflexão, facilitando nossa existência e melhorando nossa qualidade de vida.

À minha irmã, Mara Guerato Muniz, que sempre me encorajou e me deu forças para continuar mesmo nos momentos mais difíceis, meus e dela, que também estava fazendo sua pós-graduação neste mesmo período.

À pessoa que mais acreditou em meu propósito, convidou-me, incentivou-me, ensinou-me e, principalmente, orientou-me: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ceneide Maria de Oliveira Cerveny, que me apresentou, por meio de seus livros, o Genograma, acolheu meus anseios desde nosso primeiro encontro em um Congresso em 2015. Profa. Ceneide ensinou-me a ser uma pessoa e uma profissional melhor, desatou muitos nós e amparou minhas angústias nesta trajetória. Minha gratidão eterna.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosa Maria Stefanini de Macedo, que desde o momento que a conheci despertou em mim uma admiração profunda por seus conhecimentos, e sua generosidade em partilhar nesta caminhada do Mestrado e Doutorado seu conhecimento, atenção e generosidade. Agradeço por fazer parte de minha história.

À toda contribuição de minha banca examinadora formada pelas Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriana Leônidas de Oliveira, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Ana Laura Schliemann, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leda Fleury

Monastero, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Arlene de Almeida Moreira e Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marlise Aparecida Bassani, que gentilmente aceitaram nosso convite.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte de minha jornada de aprendizado, em especial, os professores do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC/SP.

Agradeço também aos funcionários da PUC-SP, em especial a Mônica Pereira e Rosana Portela.

A todos os amigos adquiridos nesta trajetória de vida, que são muitos e cada um a seu modo especial, contribuíram muito para eu ser quem sou. Carrego comigo um pedacinho de cada um, dos antigos aos mais novos sempre presentes em meus pensamentos. Agradeço a generosidade e toda a partilha.

À minha família maravilhosa, formada por todos os tios e tias, cunhados, em especial José Joaquim Muniz Jr e Carlos Pereira, e à cunhada, verdadeira irmã, Ivonete Garbo, meus sobrinhos e sobrinhas, meus sobrinhos-netos e sobrinhas-netas, que alegam meus dias, meus primos e primas, com quem cresci e aprendi muito.

Às benzedeadas e benzidos que participaram generosamente desta pesquisa, pessoas maravilhosas que têm a caridade como seu lema maior de existência.

A todos os pacientes que me permitiram ser sua psicoterapeuta e me ensinaram a ser uma psicóloga clínica melhor e às famílias que me ensinaram a entender as diferenças e suas dinâmicas únicas.

Sou imensamente grata a tudo e a todos. Gratidão é a palavra que me define neste momento.

*Oração de São Francisco*

*Senhor,*

*Fazei de mim um instrumento de vossa Paz.*

*Onde houver Ódio, que eu leve o Amor,*

*Onde houver Ofensa, que eu leve o Perdão.*

*Onde houver Discórdia, que eu leve a União.*

*Onde houver Dúvida, que eu leve a Fé.*

*Onde houver Erro, que eu leve a Verdade.*

*Onde houver Desespero, que eu leve a Esperança.*

*Onde houver Tristeza, que eu leve a Alegria.*

*Onde houver Trevas, que eu leve a Luz!*

*Ó Mestre,*

*fazei que eu procure mais:*

*consolar, que ser consolado;*

*compreender, que ser compreendido;*

*amar, que ser amado.*

*Pois é dando, que se recebe.*

*Perdoando, que se é perdoado e*

*é morrendo, que se vive para a vida eterna!*

*Amém*

Garbo, Magda Guerato. **A arte da cura: benzimentos e benzedeiros**. 2022. 197 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, 2022.

## RESUMO

O objetivo deste estudo é investigar mudanças na construção do papel do benzedor(a): passado e presente, e especificamente: investigar a importância da Intergeracionalidade na formação do benzedor(a); o processo de benzimento ou benzeção nas diversas modalidades praticadas. Esse olhar se foca nos pressupostos teóricos da Teoria Sistêmica, foram estudados os saberes familiares transmitidos intergeracionalmente; as Práticas Integrativas Complementares (PICs), e o Estado da Arte quanto a pesquisas sobre benzimento e Intergeracionalidade. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, com delineamento de Estudo de Casos Múltiplos e utilizados como instrumentos: a Entrevista Semiestruturada e a Linha de Tempo Familiar, que se complementaram na análise. Participaram 06 (seis) benzedeiros (as), e 06 (seis) benzidos (os). As redes sociais *WhatsApp*, *Meta* e *Instagram* foram acionadas para divulgação da pesquisa e a busca por participantes. Para essa seleção utilizou-se da metodologia “bola de neve”. A análise das entrevistas deu-se a partir da “Análise de Narrativas. Desse material emergiram 3 (três) categorias: 1-Construção do papel do benzedor; 2-O papel da Intergeracionalidade na construção do benzedor (a); 3-Processos de Benzimento. Constatou-se uma mudança no perfil dos benzedeiros (as) quando comparados com os do passado. A principal mudança refere-se ao *modus operandi*, pois em função da pandemia de COVID-19 e a necessidade de distanciamento social, os benzedores deslocaram o ato de benzer do ambiente presencial para o virtual. Evidenciou-se também a busca pela legitimação da prática, dada a proliferação de cursos de formação, que nos dias atuais somam-se aos conhecimentos transmitidos intergeracionalmente pela tradição oral.

**Palavras-chave:** Benzedeiros (as); Benzimento; Transmissão intergeracional; Cura; Meio presencial/Meio virtual

Garbo, Magda Guerato. **The art of healing: *benzimento* (spells) and healers**. 2022. 197 p. Thesis (PhD in Clinical Psychology) – Pontifical Catholic University of São Paulo, PUC-SP, São Paulo, 2022.

## ABSTRACT

The objective of this study was to investigate changes in the construction of the role of a healer: past and present and, specifically, to investigate the importance of intergenerationality in a healer's development and the process of *benzimento* (casting spells) in its various performed modalities. This study is focused on the theoretical assumptions from the Systems Theory, also covering the intergenerationally transmitted family knowledge, Integrative and Complementary Practices (PICs), the *benzimento* and healer's interaction with Religion, Religiosity and/or Spirituality, and current research on *benzimentos* and intergenerationality. It consists of some qualitative research, established on multiple case studies, which encompassed 12 interviews: 6 with healers and 6 with blessed people. From collected data, the participants' Family Timeline was built. From interviews analyses, 3 categories have arisen: 1-The construction of the healer's role, highlighting the motivation, the act of being and the practice of healing; 2-The role of intergenerationality in the healer's development; 3-*Benzimento* processes, individualization, and freedom of practices. A change has also been determined in healers' profiles when compared to those in the past, when practices were orally transmitted. The main change refers to their *modus operandi*, currently in a virtual environment, considering the COVID-19 pandemic. The search for legitimization in the practice has also been evinced, given the multiplication of formation courses, complementing intergenerationally transmitted knowledge. Healers claim having received a gift granted by some divine entity, report that *benzimento* is not connected to any specific religion, they carry with themselves legacies and intergenerational missions. *Benzimento* should not be charged and, therefore, is voluntary and currently practiced in some Brazilian Basic Health Units (UBS).

**Keywords:** Healers; *Benzimento* (casting spells); Intergenerationally Transmission; Remote *Benzimento*; Health Practices.

## LISTA DE SIGLAS

<b>ANPEPP</b>	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia
<b>APA</b>	American Psychological Association
<b>BDTD</b>	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
<b>BIREME</b>	Biblioteca Regional de Medicina (atual Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação e Ciências da Saúde)
<b>BVS</b>	Biblioteca Virtual em Saúde
<b>CAPES</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
<b>CICIB</b>	Comitê Interinstitucional de Cooperação Informacional e Bibliotecária
<b>CNPq</b>	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
<b>COMUT</b>	Programa de Comutação Bibliográfica
<b>DAS</b>	Departamento de Atenção Básica
<b>FAPESP</b>	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
<b>IBICT</b>	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
<b>LILACS</b>	Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde
<b>OCLC</b>	<i>OnLine Computer Library Center</i>
<b>OMS</b>	Organização Mundial da Saúde
<b>PICS</b>	Práticas Integrativas Complementares
<b>PNH</b>	Política Nacional de Humanização
<b>PNPIC</b>	Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares
<b>PNPIC/MS</b>	Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do Ministério da Saúde
<b>SBEBM</b>	Sociedade Beneficente Espírita Bezerra de Menezes
<b>SCIELO</b>	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
<b>SUS</b>	Sistema Único de Saúde
<b>TCLE</b>	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
<b>UNIFESP</b>	Universidade Federal de São Paulo
<b>USF</b>	Unidade de Saúde da Família

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b>	Triangulação A.....	54
<b>Figura 2:</b>	Triangulação B.....	54
<b>Figura 3:</b>	Triangulação C.....	54
<b>Figura 4:</b>	Triangulação D.....	54
<b>Figura 5:</b>	Triangulação E.....	54
<b>Figura 6:</b>	Triangulação F.....	54
<b>Figura 7:</b>	Categoria 1 - Construção do papel do benzedor.....	86
<b>Figura 8:</b>	Categoria 3 e seus desdobramentos.....	94

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b>	Prece de Cáritas.....	<b>18</b>
<b>Quadro 2:</b>	Principais aspectos abordados nos estudos selecionados	<b>63</b>
<b>Quadro 3:</b>	Caracterização do Grupo I- Benzedeiras Participantes (BP).....	<b>81</b>
<b>Quadro 4:</b>	Caracterização do Grupo II - Benzidos ou Bentos (BB).....	<b>82</b>
<b>Quadro 5:</b>	Linha de Tempo Familiar - Benzedeira (BP1) Trisavó Benzedeira, Bisavó Benzedeira, Avós materna e paterna Benzedeiras.....	<b>101</b>
<b>Quadro 6:</b>	Linha de Tempo Familiar - Benzedeira (BP2) Bisavô materno Benzedeiro, Avós materna e paterna Benzedeiras	<b>103</b>
<b>Quadro 7:</b>	Linha do Tempo Familiar - Benzedeira (BP3) - Avó ..... Rezadeira/Raizeira	<b>106</b>
<b>Quadro 8:</b>	Linha de Tempo Familiar - Benzedeira (BP4) – Bisavó materna Benzedeira.....	<b>109</b>
<b>Quadro 9:</b>	Linha do Tempo Familiar - Benzedeira (BP5) Bisavó Materna.....	<b>111</b>
<b>Quadro 10:</b>	Linha do Tempo Familiar - Benzedeira (BP6) Trisavós, Bisavós, Pais Benzedeiros (as).....	<b>113</b>
<b>Quadro 11:</b>	Linha do Tempo Familiar - Benzido (BB1).....	<b>119</b>
<b>Quadro 12:</b>	Linha do Tempo Familiar - Benzido (BB2).....	<b>121</b>
<b>Quadro 13:</b>	Linha do Tempo Familiar - Benzido (BB3).....	<b>122</b>
<b>Quadro 14:</b>	Linha do Tempo Familiar - Benzido (BB4).....	<b>123</b>
<b>Quadro 15:</b>	Linha do Tempo Familiar - Benzido (BB5).....	<b>124</b>
<b>Quadro 16:</b>	Linha do Tempo Familiar - Benzido (BB6).....	<b>125</b>

## LISTA DE GRÁFICO E TABELA

<b>Gráfico 1:</b>	Distribuição das diferentes religiões no Brasil.....	20
<b>Tabela 1:</b>	Quantificação do material coletado.....	61

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
Objetivos .....	27
Objetivo geral .....	27
Objetivos específicos .....	27
<b>CAPÍTULO I - FAMÍLIA E BENZIMENTO E HERANÇAS INTERGERACIONAIS...29</b>	
<b>CAPÍTULO II - PRÁTICAS INTEGRATIVAS COMPLEMENTARES.....31</b>	
2.1 A Política Nacional de Humanização (PNH): seus princípios, aplicabilidade e conceito de Clínica Ampliada .....	31
2.2 A Clínica Ampliada .....	32
2.3 Literatura sobre aplicação e indicação das PICs .....	33
2.4 Caracterização de algumas das práticas inclusas à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares .....	35
<b>CAPÍTULO III - O BENZEDOR E O BENZIMENTO, RELIGIÃO, RELIGIOSIDADE E/OU ESPIRITUALIDADE .....</b>	<b>42</b>
3.1 Crença, fé e religião .....	45
3.2 Os rituais de cura .....	49
3.3 Relações e complexidades do benzer ou Comunicação por meio do benzimento .....	52
3.4 Símbolos na comunicação e Triangulações no benzimento .....	53
<b>CAPÍTULO IV - BENZEDEIRAS E BENZIMENTOS NO BRASIL - O ESTADO DA ARTE .....</b>	<b>58</b>
4.1 Metodologia do estudo do Estado da Arte .....	58
4.2 Caracterização das Bases de Dados utilizadas .....	59
4.3 Procedimentos quanto à coleta de materiais .....	60
4.4 Estado da arte - Benzedeiras - Intergeracionalidade - Cura .....	62
4.4.1 Primeiro aspecto - Não há cobrança pelos serviços de benzimento .....	63
4.4.2 Segundo aspecto - A benzedeira é tida como uma intermediária.....	64
4.4.3 Terceiro aspecto - Enfoques nas práticas das benzedeiras .....	64

4.4.4 Quarto aspecto - Opção de tipo de trabalho pelas benzedadeiras: individual ou em grupo.....	69
4.4.5 Quinto aspecto - O cuidado diferenciado da benzedeira .....	69
4.4.6 Sexto aspecto - Religiosidade .....	72
4.4.7 Sétimo aspecto - Práticas Complementares Integrativas PICs.....	74
4.4.8 Oitavo aspecto - O benzido .....	76
<b>CAPÍTULO V - MÉTODO.....</b>	<b>77</b>
5.1 Tipo de pesquisa.....	77
5.2 Instrumentos .....	79
5.2.1 A entrevista semiestruturada .....	79
5.2.2 Linha do Tempo .....	80
5.3 Participantes .....	81
5.4 Procedimentos .....	82
5.5 Análise das entrevistas + Linha do Tempo Familiar.....	83
5.6 Considerações Éticas .....	84
<b>CAPÍTULO VI – ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DE RESULTADOS .....</b>	<b>85</b>
6.1 A Análise das Narrativas .....	85
6.2 Categorias que emergiram na análise .....	86
6.3 Discussão de resultados .....	127
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>131</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>133</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>143</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>196</b>

## INTRODUÇÃO

Venho de uma família que crê em Deus a qual, inicialmente, era católica, mas hoje possui membros pertencentes a diversas religiões. Quando criança lembro de minha mãe levando-me muitas vezes para benzer, uma de minhas lembranças é a de Dona Brasilina, uma senhora a quem tenho muita admiração e gratidão. Em minhas recordações sempre a encontro sorridente, com um galho de arruda nas mãos agitando-o diante de meus olhinhos e ouvidos atentos e curiosos. Tinha dificuldade para entender o que ela pronunciava sussurrando, porém, a única oração que entendia era a “Oração de Cáritas”<sup>1</sup>, que em algumas vezes era proferida em voz alta. Essa oração era pronunciada com tanto sentimento que enchia meus olhos de lágrimas e fazia com que eu me sentisse muito bem quando saía de lá. Essas palavras tão especiais era o que eu ouvia na época.

### Quadro 1 - Prece de Cáritas

#### **Prece de Cáritas**

*Deus, nosso Pai, que Sois todo Poder e Bondade, daí a força àquele que passa pela provação, daí a luz àquele que procura a verdade; ponde no coração do homem a compaixão e a caridade!*

*Deus, daí ao viajor a estrela guia, ao aflito a consolação, ao doente o repouso.*

*Pai, daí ao culpado o arrependimento, ao espírito a verdade, à criança o guia, e ao órfão o pai!*

*Senhor, que a Vossa Bondade se estenda sobre tudo o que criastes. Piedade, Senhor, para aquele que não Vos conhece, esperança para aquele que sofre. Que a Vossa Bondade permita aos espíritos consoladores derramarem por toda a parte, a paz, a esperança, a fé.*

*Deus! Um raio, uma faísca do Vosso Amor podem abrasar a Terra; deixai-nos beber nas fontes dessa bondade fecunda e infinita, e todas as lágrimas secarão, todas as dores se acalmarão. E um só coração, um só pensamento subirão até Vós, como um grito de reconhecimento e de amor.*

*Como Moisés sobre a montanha, nós Vos esperamos com os braços abertos. Oh! Poder, Oh! Bondade, Oh! Beleza, Oh! Perfeição, queremos de alguma sorte merecer a Vossa Divina Misericórdia.*

*Deus, dai-nos a força para ajudar o progresso, a fim de subirmos até Vós; dai-nos a caridade pura, dai-nos a fé e a razão; dai-nos a simplicidade que fará de nossas almas o espelho onde se refletirá a Vossa Santa Imagem.*

**Fonte:** Sociedade Beneficente Espírita Bezerra de Menezes (SBEBM) Prece de Cáritas (2012).

<sup>1</sup> A Prece de Cáritas é uma oração profunda, psicografada na França pela médium Madame W. Krell durante a noite de Natal de 1873. Diz-se que Cáritas era um espírito que se comunicava por intermédio dessa médium num grupo de Bordeaux (França). Disponível em: [luzepaz.org/prece-de-caritas/](http://luzepaz.org/prece-de-caritas/) Acesso em 28 dez.2021.

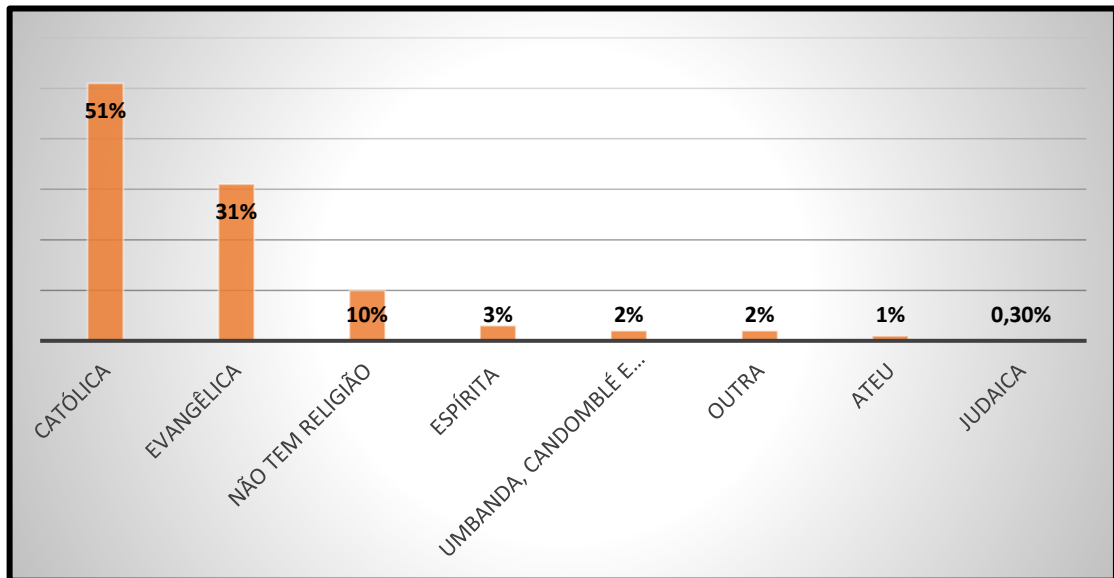
A maioria das vezes em que eu recebia benzimento era por estar com bronquite, ou mau olhado. Após a partida de Dona Brasilina fui a outras benzedadeiras, inclusive em uma tia de minha mãe, Tia Lia, baiana como vovó, que veio morar próximo à nossa casa na época. Esta tia passou a prática do benzimento à minha mãe para que ela também a fizesse. Minha mãe levou alguns anos para iniciá-la, lembro-me que só após a morte de uma benzedeira para quem levávamos meu filho, ela deu início aos benzimentos, porém de forma diversa da tia, pois não gostava das filas que se formavam em sua porta. Assim iniciou o benzimento sempre à distância; as pessoas telefonavam, descreviam quem deveria ser benzido, o mal que o afetava e pediam benzimentos. Algum tempo depois elas ligavam novamente e agradeciam, pois o bento ou benzido já se sentia melhorar. Na realidade, o que minha fazia era uma espécie de prática precursora dos atuais atendimentos virtuais

Lembro-me de minha avó paterna, de origem italiana, que nos ensinou a colocar uma linha vermelha enroladinha, ou um pedaço de fio de lã na testa das crianças quando estavam com soluço. Creio que cresci convivendo com credices populares e servindo-me dos serviços de muitas benzedadeiras no decorrer de minha vida e também nas de meu filho e sobrinhos.

Desta forma, este tema me encantou, e quando comecei a pesquisar sobre os (as) benzedeiros (as), fui fazendo muitas descobertas e ficando cada vez mais interessada por estas pessoas que, voluntariamente, pedem o auxílio divino para a cura dos males que afetam outras pessoas ao seu redor, com muita amorosidade e dedicação.

O Brasil é um país ainda novo comparado com os dos continentes europeu e asiático, sendo que sua história começa atrelada às tradições indígenas de várias tribos e culturas, como a dos portugueses navegadores, comerciantes e a dos escravos. Contudo, na condição de Colônia Portuguesa, construímos, prioritariamente, nossa história calcada na religiosidade dos colonizadores e na espiritualidade das crenças africanas.

Hoje, após receber várias correntes imigratórias estrangeiras, particularmente, nos séculos XIX e XX, e migrações internas o Brasil convive com a influência de uma variedade de crenças, mitos e religiões de famílias oriundas de diferentes culturas, como se pode observar no Gráfico 1 que segue:

**Gráfico 1 - Distribuição das diferentes religiões no Brasil<sup>2</sup>**

**Fonte:** Datafolha – pesquisa publicada em 13.01.2019<sup>3</sup>.

Sobre a questão da mudança social Figueira reflete que ela existe e é inegável, mesmo quando invisível, “No momento, o moderno convive com o arcaico na família brasileira de modos sutis e complexos que só recentemente começam a ser estudados” (1987, p. 13). Já Fernandes (2017) aborda a pluralidade das culturas e das religiões, da dificuldade do ser humano conservar uma unidade fundamental, apesar das diferentes visões de mundo que caracterizam grupos étnicos, religiosos e culturais. Concordo com o autor quando menciona a importância do “mundo da vida” (p.151), que em síntese resume o que ocorre com a religião em nosso país, ou seja, como o conjunto das vivências compartilhadas pelo ser humano e ao grupo que pertence.

No Brasil, o povo brasileiro valoriza datas e comemorações populares, folclóricas, algumas vezes com grandes festividades, o Carnaval é uma destas datas. Normalmente baseado na cultura popular, seus enredos mostram na avenida muitos temas, em 2022, um deles será “Rezadeiras”, como se pode ler na reportagem de 04 de outubro de 2021 do jornal “O Estado de São Paulo”, que produziu uma matéria

<sup>2</sup> A pesquisa do Datafolha foi feita nos dias 5 e 6 de dezembro de 2019, e ouviu 2.948 pessoas em 176 municípios de todo o país. As entrevistas foram feitas pessoalmente, em locais de grande circulação. O instituto afirma que o nível de confiança dos resultados é de 95%. A margem de confiança é de dois pontos percentuais para mais ou para menos.

<sup>3</sup> Disponível em <http://datafolha.folha.com.br/>. Acesso em: 13 dez. 2020.

intitulada “Escola de Samba faz censo de benzedeadas de SP e revela tradição viva”. Esta matéria foi assinada por Priscila Mengue, discorrendo sobre o tema do enredo “Rezadeiras - “Na fé do trevo, eu te benzo! Na fé do trevo, eu te curo!”, da Escola de Samba Camisa Verde e Branco. Este samba-enredo foi desenvolvido pelo carnavalesco Renan Ribeiro que relata ter recebido muitas benzeduras em sua infância na Zona Leste de São Paulo. No desfile serão abordadas influências indígenas, africanas e católicas do benzimento (MENGUE, 2021).

Do nosso passado mais antigo, os sacerdotes, pajés e curandeiros, ascendentes africanos, trouxeram diferentes tipos de tratamentos baseados nas crenças e espiritualidade de suas culturas. Os tratamentos utilizavam plantas, rezas e objetos que eram usados por pessoas eleitas que possuíam o dom da cura.

Oliveira define a benzedeadas como uma cientista popular:

[...] rezas, ervas, massagens, cataplasmas, chás e simpatias, que tenha um quê de mistério, que lide com a magia, feitiçaria e bruxaria. E essa imagem corresponde àquilo que é a benzedeadas [...]. Ela é uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina os místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da Medicina popular (OLIVEIRA, 1985, p.25).

Tendo-se em vista que o presente estudo focou-se na questão do (a) benzedeadas (a) e seus saberes na prática do benzer, julgou-se conveniente num primeiro momento definir o que vem a ser “benzer”. De acordo com o Dicionário Houaiss, “O ato de benzer refere-se à invocação da graça divina sobre algo ou alguém” e o benzimento como o “ato de benzer com ou sem sinal da cruz, acompanhado de orações com fórmulas especiais, supersticiosas” (HOUAISS, 2001, p. 434). Já para Bechara, benzer significa “1. No Catolicismo, intermediar a benção de Deus; 2. Fazer passar por benzedura; benzeu a filha contra o mau olhado; benzer-se. 3. Fazer o sinal da cruz (BECHARA, 2011, p. 334).

Vale ressaltar a importância dessa prática em pequenas cidades, como se pode observar pela narrativa das participantes de um estudo sobre as representações e práticas culturais da benzeção.

[...] a busca por benzedeadas e por plantas medicinais se fez, e se faz, presente em suas vidas, pois cresceram em um contexto rural restritivo e de poucas condições econômicas, o que limitava o acesso aos médicos. Contudo, a preferência delas por essas práticas de cura não se restringia ao fator econômico. Quando questionadas sobre suas preferências “terapêuticas”, argumentavam que essas eram curas naturais e criticavam o consumo exagerado de medicamentos alopáticos. (ANDRADE, 2019, p.4).

Atualmente, em relação à saúde, alguns brasileiros têm a seu dispor atendimento de natureza privada em hospitais de primeira linha, laboratórios e profissionais de alto padrão, porém, restringem-se apenas à população com maior poder aquisitivo. Em geral, a saúde pública varia entre Estados e regiões, onde podem ser encontrados tanto serviços eficientes e de boa qualidade, como também serviços inoperantes e escassos. Independentemente do padrão de atendimento, é interessante notar que nos tempos atuais mesmo com o avanço da Medicina e da tecnologia, os seres humanos continuam a buscar o milagre da cura, por meio de suas crenças e fé. Baseada nessa percepção, pôde-se estabelecer a justificativa dessa pesquisa.

### **Justificativa**

Mobilizada por um melhor entendimento do universo dos (das) benzedeiros (as), busquei por artigos de ordem científica sobre o tema, coletados no acervo digital da Comunidade Acadêmica Federada (CaFe) que integra plataformas como a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), o Portal CAPES, a *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e a Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Nessa busca, inicialmente, selecionei a palavra-chave benzedeadas. Após essa pesquisa inicial, foram utilizados os seguintes descritores de maneira cruzada: benzedeadas, intergeracionalidade, cura / benzedeadas, intergeracionalidade/benzimentos, intergeracionalidade, cura. Ao final desse escrutínio, optei pelo aprofundamento dos temas benzedeadas e intergeracionalidade

Aproveitando o ensejo indica-se que, deste ponto em diante, todo e qualquer conteúdo textual apresentado segue ligado, direta ou indiretamente, ao tema de benzedeadas e intergeracionalidade.

A pesquisa sobre esses temas coincidiu com o período mais crucial da pandemia de COVID-19 no Brasil (2020-2021), o que possibilitou que fosse detectado junto aos participantes deste estudo um aumento de solicitações de benzimentos para o tratamento dessa enfermidade. Também foi detectado um número maior de solicitações de benzimentos para problemas emocionais, aumento este que foi percebido por meio de benzimentos virtuais.

Diante desse fato, pode-se refletir sobre o sentido das pessoas buscarem a cura de forma mágica, na medida em que o místico e a razão se confundem. Quando se ouve da Medicina uma negativa de cura, a razão é colocada de lado, e se crê que algo precisa ser feito. Dá-se, então, início à busca pela cura de outras formas, desaconselhadas muitas vezes pela razão, mas guiadas pelo coração.

Historicamente o Brasil possui uma miscigenação de raças e crenças, mediante a influência recebida dos primeiros habitantes europeus vindos de Portugal, que trouxeram suas raízes católicas; há que se considerar também os habitantes primitivos, os índios, sua forma natural de viver em harmonia com a natureza e possuindo muitos conhecimentos das ervas e de como podiam utilizar a vasta vegetação nativa para cura de diversos males; Para completar os escravos trazidos, posteriormente, do continente africano, também contribuíram, com suas crenças e religiosidade para nosso sincretismo religioso. Esta mistura cultural e religiosa, são os precursores do surgimento das figuras de curandeiros, rezadeiras, benzedeiros, feiticeiros, bruxos, como são conhecidos nos dias de hoje.

Martins (2018) respaldando-se nos estudos de Lilian Schwarcz, aprofunda-se na questão sobre o mito da formação da nação brasileira:

Do “mito” das três raças que atribuía à formação da nação brasileira ao europeu, ao indígena e ao africano, o considerado como o representante da sociedade mais primitiva e atrasada pelos estudos de eugenia e teorias racistas gestados na Europa, que chegaram ao Brasil a partir da década de 1870, foi o africano (SCHWARCZ, 1993 *apud* MARTINS, 2018, p.17).

Estas mesmas teorias apregoavam, por outro lado, que o topo do estágio de “evolução”, o que construiu a mais “civilizada” das sociedades, de mais elevada “cultura” e “ciência”, foi o europeu. Esta foi, ao menos, a ideia que a Europa e seus intelectuais durante séculos, construíram sobre eles mesmos e que disseminaram por todo o mundo conhecido, seja o ocidental ou o oriental. Foi a partir dessa ideia tornada hegemônica que construíram os saberes e os conhecimentos, nas suas mais variadas acepções (histórica, biológica, filosófica, religiosa, médica) sobre todos os demais povos (MARTINS, 2018, p. 17).

Neste sentido, muitas Leis criadas, no Brasil, têm sua inspiração neste processo de construção histórica:

Talvez não seja por acaso que a Igreja Católica tenha ganhado força e participado, por exemplo, nos “governos” de Getúlio Vargas, que sempre se mostrou um católico fervoroso aliado de Deus em favor dos pobres. Também não deve ser por acaso que a lei que criminalizou as práticas de curandeirismo e charlatanismo se manteve incólume durante a assinatura do Código Penal em 1941, no governo de Getúlio (MARTINS, 2018, p. 83).

Quando da promulgação desse decreto de Vargas, houve uma perseguição às benzedeadas, e a todos aqueles que praticavam, por meio de religiosidade, o curandeirismo. Nos dias atuais, esse decreto foi revogado, continuando a valer para o crime de charlatanismo, praticado por pessoas que tiram dinheiro de pessoas fragilizadas.

Apenas a título de informação segue texto do Código Penal vigente na época que regulamentava a questão do curandeirismo.

Decreto Lei nº 2.848 de 07 de dezembro de 1940  
 CAPÍTULO III - DOS CRIMES CONTRA A SAÚDE PÚBLICA  
 Art. 284 - Exercer o curandeirismo:  
 I - Prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância;  
 II - Usando gestos, palavras ou qualquer outro meio;  
 III - fazendo diagnósticos:  
 Pena - detenção, de seis meses a dois anos.  
 Parágrafo único - Se o crime é praticado mediante remuneração, o agente fica também sujeito à multa. (BRASIL, 1940, texto original)

De acordo com o Manual de Direito Penal de Guilherme Nucci, o curandeirismo é uma atividade desempenhada pela pessoa que promove curas sem qualquer título ou habilitação para tanto, fazendo-o por meio de reza, rituais ou emprego de magia:

a) prescrevendo (indicando como remédio ou receitando), ministrando (fornecendo para ser ingerido ou utilizado por alguém) ou aplicando (empregando ou utilizando em alguém), habitualmente, qualquer substância (matéria que serve a alguma finalidade, como, por exemplo, a substância medicinal destinada à cura de enfermidades);

b) usando gestos, palavras ou qualquer outro meio (gesticulando, falando ou agindo de qualquer maneira que simbolize um ritual);

c) fazendo produzindo, executando, realizando) diagnósticos (é o conhecimento de uma determinada doença por meio de seus sintomas) (NUCCI 2017).

Sob uma perspectiva histórica, em seus relatos sobre a Inquisição, Pernoud (1997) relata a trajetória de uma heresia denominada de catarismo na Idade Média, a qual pode ter dado início a uma visão distorcida sobre práticas alternativas à Medicina convencional.

A instituição denominada de *Inquisitio Haereticae Pravitatis*, mais conhecida como Inquisição, foi criada pelo Papa Gregório IX, em 1233, por meio da bula *Licet ad capiendos...* Para a dogmática católica, a prática do catarismo era encarada como um problema seríssimo, haja vista que se negava a Trindade (as três pessoas divinas, Pai, Filho e Espírito Santo) e, por consequência, a Humanidade de Cristo, isto é, a parte humana, carnal, de Deus feito Filho [...] Uma das graves consequências que a ação dos albigenses e demais cataristas suscitava era a perseguição popular, que resultava em pequenas guerras, linchamentos etc. A primeira medida significativa contra essa situação foi tomada em 1148, quando foi reunido o sínodo de Verona, comandado pelo papa Lúcio III e pelo Sacro Imperador Frederico Barbarossa. Passado esse período de turbulências do século XII, no século seguinte, a prática da heresia dos cátaros ainda persistia, em muitos casos de forma não explícita, de modo que foi necessário que a Igreja fundasse um tribunal de inquirição judicial, um tribunal investigativo, a fim de atestar se o acusado de heresia era de fato herege. (PERNOUD, 1997. p. 90-91).

Por meio desta leitura percebeu-se que religião é poder, e religião e a magia sempre estiveram presentes em impérios e governos, influenciando a política. Nesse contexto, judeus foram perseguidos por cultuarem um Deus único. Romanos e judeus perseguiram os praticantes do Cristianismo, na propagação do Cristianismo no mundo foi instalada a Inquisição.

Ao transpor o raciocínio do poder, religião e magia para o governo brasileiro, observa-se que a promulgação da Lei nº 2.848 de 07 de dezembro de 1940, por Getúlio Vargas, sofreu a influência da Igreja Católica e se assemelha à instalação de uma nova Inquisição, em solo brasileiro, como afirmam Oliveira e Padilha (2011). Segundo esses mesmos autores, foi uma forma de restauro da “Inquisição”, pois a mesma impedia o exercício dos ritos e práticas de outras religiões, principalmente das religiões de origem africana, vedando aos afrodescendentes a prática de suas crenças e fé.

Oliveira e Padilha (2011) alegam que, mesmo passado tanto tempo após o fim da Inquisição, ainda persiste em nossa cultura a discriminação das benzedeadas em seu ofício tradicional de cura. Esses estudiosos ainda lembram que o tema é muito relacionado a questões religiosas e à medicina alternativa, que enfrentam muita dificuldade para defender suas tradições e para levar a sociedade a pensar na

benzedeira como fator cultural, econômico, político e social e vê-las como portadoras de uma memória histórica.

As benzedeadas, tal qual conhecemos hoje, sofreram um processo de estigmatização que se faz mais presente a partir do século XII e XIII, com as inquisições pregadas pela Igreja, que alegavam serem elas bruxas, portadoras de ofício diabólicos, perigosas, hereges, produtoras de remédios ervas que afetavam a mente dos homens, dentre tantas outras acusações. Como sabemos inúmeras delas foram queimadas vivas para que servissem de exemplo às demais pessoas que pensavam em bater de frente com os dogmas da Igreja. Mas mesmo após séculos do fim da Inquisição, as benzedeadas são tratadas como se estivessem ligadas aos males da sociedade, como se nada representassem. Em pleno século XXI ainda permanece a marginalização deste ofício tradicional de cura, que em meio a tanta repressão continua encontrando forças para resistir e preservar a sua cultura [...]. Pensar as benzedeadas apenas como alguém simples, desconhecadora da sociedade, atrasada, realça as estigmatizações e os estereótipos feitos a seu respeito e torna a desvalorização de sua cultura contínua e em constante crescimento. (OLIVEIRA, PADILHA, 2011, p. 2879-2880)

Quintana (1999) chama a atenção sobre o fascínio exercido pela magia e o sobrenatural, que pode ser útil diante de questões que nos escapam, tais como a doença grave e nossa necessidade de controle, tanto frente a eventualidades, quanto a acontecimentos cotidianos.

Com efeito, a crença na magia nos permite manter a ilusão de que possuímos algum tipo de controle sobre os nossos destinos. Não seríamos, então, seres tão indefesos, cujas vidas são resultado de inúmeros acasos. É sobre esse universo do fortuito, do imponderável, zona prioritária da atuação das benzedeadas [...] podemos dizer que as benzedeadas nos acenam com um discurso através do qual podemos, de alguma maneira, ter um controle um pouco maior sobre as adversidades do destino. Contudo, não é sobre o futuro que recaem os efeitos da benzedura; ela possibilita, principalmente o reconhecimento das leis que determinaram nosso passado e, através delas, podemos ressignificá-lo, modificando, assim, o nosso presente. Com efeito, pretendemos, além de possibilitar a compreensão de uma prática mágico-religiosa, ao vislumbrar a lógica intrínseca desses procedimentos, poder também desmistificar a pretensa racionalidade do nosso pensamento. Propomos, desta forma, entender o fascínio que a magia exerce sobre nós ao aceitar que qualquer um pode ser pego por um discurso como o do mau-olhado, uma vez que todos estamos sujeitos a perder as referências de nossas realidades construídas. Este olhar voltado para a benzedura nos permite uma compreensão das terapêuticas oficiais, principalmente aquelas encarregadas do tratamento daquilo que aqui denominamos feridas simbólicas, ou seja, as rupturas nas realidades construídas que impossibilitam à outorga de sentido a nossas vidas. (QUINTANA, 1999, p. 15-16).

Em meio a magias, crenças, conflitos de interesses políticos, religiosos e de poder, a Humanidade vem caminhando e passando por grandes transformações.

Entretanto, certos aspectos da vida em sociedade passam por mudanças mais lentamente. Concordo com Quintana sobre a importância da pessoa enferma ter algum tipo de controle sobre a doença que a acomete, mesmo que isso venha na contramão de posturas mais convencionais. O fato de ter sido benzida, certamente, deverá lhe trazer conforto e esperança, fortalecendo-a em seus processos de resiliência. Porém, essa questão toca num ponto fundamental. Incansavelmente, os homens vêm buscando a livre escolha para exercer suas crenças ligadas ou não às suas raízes, ou por seu ideal de ser e estar no mundo. Contudo, ainda não é uma unanimidade a plena liberdade de expressão, crenças, ideias e credos. Com esse pensamento encerro minhas justificativas para esse estudo, considerando a provável contribuição para a Psicologia no sentido de clarificar como benzimentos e a Ciência podem colaborar para o processo de cura e saúde das pessoas e quanto a fé de quem benze pode interferir em seu processo de cura.

Após essa breve contextualização sobre meu objeto de pesquisa, acreditei-me apta a formular os objetivos do presente estudo:

## **Objetivos**

### **Objetivo geral**

- Investigar as mudanças na construção do papel do benzedor(a): passado e presente.

### **Objetivos específicos**

- Investigar a importância da Intergeracionalidade na formação do benzedor(a)
- Investigar o processo de benzimento ou benzeção nas diversas modalidades praticadas,

Tendo-se em vista atingir tais objetivos, esse estudo foi organizado em 05 (cinco) capítulos, distribuídos da seguinte maneira: Capítulo I - Família, Benzimento e Heranças intergeracionais, no qual foram discutidos os saberes familiares transmitidos intergeracionalmente; no Capítulo II - Práticas Integrativas Complementares foi abordada a questão da importância de se vincular à Medicina formal ocidental as

experiências, conhecimentos e práticas populares de saúde; no Capítulo III - O Benzedor e o Benzimento procurou-se aprofundar na lógica intrínseca do ato de benzer tanto sob a perspectiva pessoal do benzedor, quanto da perspectiva social; no Capítulo IV - foi procurado levantar o estado da arte no que diz respeito às pesquisas sobre Benzimento e Intergeracionalidade. No Capítulo V foram explorados todos os aspectos que envolveram a escolha e aplicação do método. No Capítulo VI foram feitos tanto a Análise dos Dados, quanto a Discussão de Resultados. Para a Análise de Dados fez-se o complemento das entrevistas semiestruturadas com a Linha de Tempo Familiar, sob a luz do material teórico selecionado, fechando o estudo com as Considerações Finais.

## CAPÍTULO I - FAMÍLIA E BENZIMENTO E HERANÇAS INTERGERACIONAIS

A família brasileira vem sendo visitada e revisitada em diversas pesquisas no decorrer dos anos, e sempre será um assunto a ser pesquisado, pois se reinventa permanentemente, passando por transformações socioculturais de diversas naturezas, mediante fatores que interferem em seu modo de ser e estar no espaço e no tempo.

De acordo com pesquisas e atendimento a famílias, Cervený (2011) afirma que os saberes familiares são transmitidos intergeracionalmente, sendo que um dos aspectos emergentes mais frequente são os padrões interacionais familiares de repetição ao longo das gerações.

[...] “Tem outro jeito?.....” Em algumas famílias, certos padrões são facilmente percebidos nas relações do cotidiano, enquanto que outros vêm de maneira camuflada, e são mais difíceis de detectar. As gerações subsequentes, pela conquista de maiores informações, por meio do acesso à comunicação, pelo desenvolvimento sociocultural, com mudanças significativas na família, podem dispor de outros recursos que possibilitam lidar com as situações de maneira diferente de como lidaram seus antepassados. Isso resulta tanto em uma maior percepção das repetições dos padrões interacionais, como em uma melhor maneira de lidar com as mesmas. Por outro lado, existem também, como na frase dita pelo pai no início deste capítulo, uma impotência e uma paralisia em relação aos padrões repetitivos levando a um determinismo que não pode sequer ser pensado. (CERVENÝ, 2011, p. 41)

Augras, antecedendo o que aponta Cervený (2011), afirma que “a herança dos antepassados e os mitos familiares são canais poderosos de transmissão e elaboração dos conteúdos do imaginário social” (AUGRAS, 2009, p.14). Sob essa perspectiva, tanto Cervený, quanto Augras trazem enorme contribuição à visão intergeracional de transmissão de conhecimento.

Em relação a benzedores e seus benzimentos, suas crenças, comportamentos, práticas religiosas percebe-se que o processo de transmissão intergeracional acontece não só dentro da família de origem, como também na família extensa. No caso da transmissão de dons, ela pode ocorrer pulando gerações.

Entre os diversos conceitos da Abordagem Sistêmica na Psicologia, a transmissão multigeracional foi proposta para compreender o processo de repetição de padrões de relacionamento na família em sucessivas gerações (Kerr e Bowen, 1988). A intensidade da repetição de padrões está relacionada ao nível de diferenciação de cada indivíduo membro de uma

família. Esse grau de diferenciação é influenciado por relações da família de origem, sendo transmitido através das gerações, e está intimamente relacionado ao processo emocional da família, antes mesmo do nascimento do indivíduo. (CELESTINO; BUCHER-MALUSCHKE, 2015, p. 320).

As famílias possuem muitas tradições e ao longo de seu ciclo vital vivenciam muitos momentos em que os rituais de cura são essenciais à sua sobrevivência, sendo que a perpetuação dos mesmos pode passar por diversas transformações e influências do meio, do espaço e do tempo. Os dias atuais é justamente um destes momentos históricos e transformadores. Com a Modernidade e o grande acesso à Internet, é possível até se encontrar cursos *online* para benzedeiros (os), mas ainda prevalece na maioria das famílias, a tradição da transmissão oral e intergeracional. Quanto a essa característica confirma-se, portanto, uma repetição intergeracional

Mesmo em alguns cursos percebe-se que houve inicialmente uma transmissão intergeracional. Resta-nos verificar que razões levam pessoas a buscarem por um curso de benzeção.

Para Cervený (2011), há padrões de repetição que são encontrados intergeracionalmente, ou seja, acontecem repetições nas gerações que não podem ser controladas ou evitadas, mesmo quando os integrantes da família não têm conhecimento de que algo aconteceu na geração anterior, pois a repetição se constitui em padrões de relacionamentos dos indivíduos no espaço e tempo familiares. Desta forma, as gerações atuais são responsáveis pelos padrões interacionais que serão repetidos nas próximas gerações. O fato em si pode se repetir em gerações posteriores.

Ampliar os modelos de repetição para o máximo de padrões de interação, ver as possibilidades de como se faz a transmissão dessa repetição, poder trabalhar preventivamente e não só curativamente, assumir que existem boas repetições e que elas devem ser conservadas na identidade de cada família também fazem parte deste trabalho. (CERVENÝ, 2011, p. 47).

Ainda segundo essa mesma estudiosa, o problema da repetição das famílias de origem continua instigante, inesgotável e cada vez mais importante, pois “[...] detectar essa repetição ajuda o trabalho terapêutico, revela à família aspectos do seu funcionamento que são importantes (CERVENÝ, 1994, p.129).

Desta forma, pode-se confirmar que, muitas vezes, a identidade familiar é descoberta por meio das repetições intergeracionais, que reforçam o sentimento de pertencimento familiar e lealdade à ancestralidade.

## **CAPÍTULO II - PRÁTICAS INTEGRATIVAS COMPLEMENTARES**

Desde 1970, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece a importância de vincular à medicina formal ocidental as experiências, conhecimentos e práticas populares de saúde, e vem incentivando os países a implementarem políticas que integrem a medicina tradicional às práticas não convencionais, popular, alternativa em seus sistemas de saúde.

No Brasil o Sistema Único de Saúde (SUS) instituiu as Práticas Integrativas Complementares (PICS), sendo que o reflexo da junção ciência e práticas populares, as técnicas integrativas incluídas pelo SUS, estão coerentes com a Política Nacional de Humanização (PNH).

### **2.1 A Política Nacional de Humanização (PNH): seus princípios, aplicabilidade e conceito de Clínica Ampliada**

A Política Nacional de Humanização (PNH) (BRASIL, 2009) tem se consolidado como uma política transversal no SUS, formulada no Ministério da Saúde, vem sendo implantada nas Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde. Uma característica importante da PNH é que seu âmbito de ação e interferência não se restringe apenas à institucionalidade do SUS. Sua proposta constitui-se, efetivamente, como uma política pública, que requer estratégias para sua própria constituição como movimento social e político, visto que sua função e tarefa no SUS é a humanização como estratégia de democratização da gestão e das práticas de saúde. Ao se considerar que a democratização impõe a inclusão da diferença na ação política e institucional, deduz-se que humanizar seja um processo ativo e sistemático de inclusão que deve agir em todos os sistemas organizacionais (BRASIL, 2009).

Dentro deste panorama, concorda-se com Cunha (2005) quando afirma a importância da integração da prática clínica à gestão, olhando para a micropolítica e a macropolítica, principalmente quando a forma de gerir os recursos necessita ser globalizada e humanizada, servindo como base de exemplo:

A experiência coletiva acumulada na Política Nacional de Humanização, embora recente, já permite que se acumule alguma contribuição neste tema. Isto porque a Política Nacional de Humanização (PNH), em relação a políticas anteriores, traz com extrema contundência a preocupação com a qualidade da clínica atrelada à preocupação com a gestão. Preocupa-se tanto com os usuários quanto com os trabalhadores e toma como um dos seus princípios mais importantes a inseparabilidade entre a clínica e a gestão. Desta forma, desde a sua criação, a PNH, em todos os âmbitos do SUS em que tem atuado, se depara com questões essenciais relativas à gestão dos trabalhadores, compreendendo que a atuação sobre uma reflete diretamente na outra. Uma gestão “deshumanizada” frequentemente dificulta uma prática clínica humanizada. Assim como uma “boa” proposta clínica ou arranjo organizacional, quando implementados de forma pouco participativa, costuma produzir piora na qualidade do serviço. Desta forma é possível contribuir com enfoque sobre a Atenção Básica que ecoa a experiência de apoio nos serviços de saúde, com suas dificuldades cotidianas e comuns, procurando abordá-las integrando a clínica e a gestão, a micropolítica e a macropolítica. (CUNHA, 2005, p. 31)

A PNH tem se voltado para a necessidade de alteração dos processos de gestão de organização do trabalho das equipes de saúde da família, ultrapassando a tradicional organização por profissões, e avançando na experimentação de trabalho em equipe interdisciplinar. Ao se considerar a complexidade destes desafios, que se entrelaçam e se coproduzem nos campos de ação na estrutura micropolítica, há necessidade de reorganização dos processos de gerenciamento no trabalho das equipes de Atenção Básica e suas correspondentes gestões, assim como gerenciar voluntários como no caso das benzedeiras, dando uma uniformidade e agilidade ao atendimento da população já que este trabalho não tem custos para a máquina governamental.

## **2.2 A Clínica Ampliada**

Em consonância com publicação do Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à saúde, Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS (2009), as Práticas Integrativas Complementares (PICs) integram o rol das práticas que estão relacionadas em seu caderno sobre Clínica Ampliada e Compartilhada, a qual se caracteriza como:

Na Clínica Ampliada é certo que o diagnóstico de uma doença sempre parte de um princípio universalizante, generalizável para todos, ou seja, ele supõe alguma regularidade e produz uma igualdade. Mas esta universalidade é verdadeira apenas em parte. Isso pode levar à suposição de que sempre bastaria o diagnóstico para definir todo o tratamento para aquela pessoa [...] Entretanto, como já dizia um velho ditado, “Cada caso é um caso”, e esta consideração pode mudar, ao menos em parte, a conduta dos profissionais

de saúde. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, SECRETARIA DE ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE, 2009, p.12)

Mais adiante este mesmo documento continua:

A Clínica Ampliada, no entanto, não desvaloriza nenhuma abordagem disciplinar. Ao contrário, busca integrar várias abordagens para possibilitar um manejo eficaz da complexidade do trabalho em saúde, que é necessariamente transdisciplinar e, portanto, multiprofissional. Trata-se de colocar em discussão justamente a fragmentação do processo de trabalho e, por isso, é necessário criar um contexto favorável para que se possa falar destes sentimentos em relação aos temas e às atividades não-restritas à doença ou ao núcleo profissional (BRASIL, 2006, p.14)

Outra definição de clínica ampliada a ser considerada é a apresentada por Schweitzer, Esper e Silva (2012):

Trabalho clínico que visa ao sujeito e à doença, à família e ao contexto, tendo como objetivo produzir saúde e aumentar a autonomia do sujeito, da família e da comunidade. Utiliza como meios de trabalho: a integração da equipe multiprofissional, a descrição de clientela e a construção de vínculo, a elaboração de projeto terapêutico conforme a vulnerabilidade de cada caso, e a ampliação dos recursos de intervenção sobre o processo saúde-doença. (SCHWEITZER; ESPER; SILVA; 2012, p. 445)

### **2. 3 Literatura sobre aplicação e indicação das PICs**

A herança trazida por nossos antepassados é conhecida pela Medicina tradicional, sendo que esta é conhecida pela soma de conhecimentos, capacidades e práticas utilizadas e embasadas em crenças, teorias e experiências provenientes de diferentes culturas, que podem ser explicadas ou não. A partir de 2003 a OMS passa a utilizar o termo: Medicina Complementar ou Medicina Alternativa, práticas que abrangem os cuidados em saúde que não fazem parte da Medicina convencional ou não estão, totalmente, integradas ao sistema de saúde predominante em um país, em algumas localidades esses termos são usados para se referir à Medicina tradicional (WHO, 2013).

No Brasil, seguindo as recomendações da OMS no ano de 2006, foi aprovada a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no âmbito do sistema público de saúde brasileiro, contemplando a medicina tradicional chinesa, a

homeopatia, plantas medicinais e fitoterapia, termalismo e medicina antroposófica (BRASIL, 2006).

Em 2015, um movimento inédito aconteceu na Cidade de Rebouças (PR), onde benzedeiros se organizaram e conseguiram aprovar uma Lei que reconhece o valor e os saberes tradicionais da saúde popular, Marchi (2015) ressalta em um documentário esta conquista e enaltece a coragem e determinação destas mulheres, algumas já em idade avançada em sua luta por reconhecimento e aceitação, torcendo para que o mesmo aconteça em outras comunidades.

Concorda-se com as reflexões de Telesi sobre as Práticas Integrativas e Complementares, estabelecidas pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do Ministério da Saúde (PNPIC/MS):

As práticas integrativas e complementares em saúde paulatinamente se tornaram uma realidade na rede de atenção à saúde pública em todo o país. O seu uso no Sistema Único de Saúde merece reflexão, especialmente quando se investiga o sentido de sua adoção no Brasil, uma sociedade complexa que tem incorporado recursos tecnológicos cada vez mais sofisticados e dispendiosos. Esse avanço pode ser entendido como expressão de um movimento que se identifica com novos modos de aprender e praticar a saúde, uma vez que as práticas integrativas se caracterizam pela interdisciplinaridade e por linguagens singulares, próprias, que se contrapõem à visão altamente tecnológica de saúde que impera na sociedade de mercado, dominada por convênios de saúde cujo objetivo precípua é gerar lucro e fragmentar o tratamento do paciente em especialidades que não dão conta da totalidade do ser humano em busca de remédio para seus males. (TELESI, 2016)

Andrade (2019) aponta que no Brasil, apenas em 2006 foi instituída a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), sendo essas práticas oferecidas pelo Sistema Único de Saúde - SUS (BRASIL, 2006). Em fevereiro de 2017, por meio da PNPIC, o Ministério da Saúde declara oficialmente a importância das práticas populares de saúde (BRASIL, 2015), sendo sua implementação realizada por demanda local. Neste sentido, algumas cidades brasileiras vêm se destacando ao buscar uma articulação entre a Medicina tradicional e a Medicina científica, integrando benzedeiros ao serviço público de saúde. Além disso, algumas cidades aprovaram leis de reconhecimento das práticas de benzeção como um ofício tradicional da saúde popular, como é o caso de Brasília (DF), Rebouças e São João do Triunfo, ambas no Estado do Paraná.

As PICs já foram aceitas e implantadas em algumas instituições como na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e em alguns hospitais como o Sírio-Libanês, na cidade de São Paulo.

Já o SUS afirma que reconhece as práticas integrativas aprovadas pela portaria 971 do SMS em maio de 2006, além de demais práticas reconhecidas ou que venham a ser reconhecidas pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do Ministério da Saúde (PNPIC/MS).

Entende-se por Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) todas as atividades, devidamente, regulamentadas e inseridas na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do Ministério da Saúde (PNPIC/MS), desenvolvidas por meio de ações integradas de caráter interdisciplinar, entre as quais se incluem a Medicina Tradicional Chinesa, a Acupuntura, a Homeopatia, a Medicina Antroposófica, os Recursos Terapêuticos como: Fitoterapia, as Práticas corporais e meditativas, o Termalismo-Crenoterapia que implica no uso das Águas Minerais termais para tratamento de saúde, sendo este um dos procedimentos mais antigos, utilizado desde a época da Grécia Antiga, quando foi descrito por Heródoto (450 a.C.), autor da primeira publicação científica termal. A Crenoterapia consiste na indicação e uso de águas minerais.

Em 2017, outras PICs foram acrescentadas pela Portaria nº 849/2017 (BRASIL, 2017) como: **Terapia de florais** utiliza essências derivadas de flores para atuar nos estados mentais e emocionais. A terapia de Florais de Bach, criada pelo inglês Dr. Edward Bach (1886-1936), pioneiro neste estudo, de onde derivaram outros sistemas florais como os Florais australianos, Florais californianos, Florais de Minas, Florais de Saint Germain, Florais do cerrado, Florais Joel Aleixo, Florais Mystica, Florais do Alaska, Florais do Hawaii.

## **2.4 Caracterização de algumas das práticas inclusas à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares**

**Aromaterapia:** Prática terapêutica secular que utiliza as propriedades dos óleos essenciais, concentrados voláteis extraídos de vegetais.

**Constelação familiar:** Método psicoterapêutico de Abordagem Sistêmica, energética e fenomenológica, que busca reconhecer a origem dos problemas e/ou alterações, trazidas pelo ser humano, nas questões encobertas das relações familiares para, por meio do conhecimento das forças que atuam no inconsciente familiar e das leis do relacionamento humano, encontrar a ordem, o pertencimento e o equilíbrio, criando

condições para que a pessoa reoriente seu movimento em direção à cura e ao crescimento. Desenvolvida nos anos de 1980 pelo psicoterapeuta alemão Bert Hellinger, que defende a existência de um inconsciente familiar, um inconsciente individual e um inconsciente coletivo, cada um atuando dentro do sistema familiar. O autor denomina ordens do amor às leis básicas do relacionamento humano, trabalha a importância do pertencimento do indivíduo e o vínculo que estabelece com cada membro da família; a da ordem de chegada ou hierarquia; a do equilíbrio e as energias, sentimentos e emoções que atuam ao mesmo tempo, onde houver pessoas convivendo. A constelação familiar é uma terapia breve que pode ser feita em grupo ou individual com bonecos/figuras ou objetos simbólicos, trabalhando temas específicos em cada encontro.

**Cromoterapia:** Prática terapêutica que utiliza as cores do espectro solar (vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta) para restaurar o equilíbrio físico e energético do corpo. Na cromoterapia, as cores são classificadas em quentes e luminosas, com vibrações que causam sensações mais físicas e estimulantes (vermelho, laranja e amarelo) e frias, mais escuras, com vibrações mais sutis e calmantes (verde, azul, anil e violeta). A cor violeta é a de vibração mais alta no espectro de luz, com sua frequência atingindo as camadas mais sutis e elevadas do ser (campo astral).

**Dança circular:** Prática expressiva corporal, ancestral e profunda, geralmente realizada em grupos, que utiliza a dança em roda, muito utilizada pelos povos celtas, o canto e o ritmo para favorecerem a aprendizagem e a interconexão harmoniosa, habilidades rítmicas, coordenação motora, promove a integração grupal, o auxílio mútuo e a igualdade na roda onde todos são iguais em movimento e postura. Visa ao bem-estar físico, mental, emocional e social. As pessoas dançam juntas, em círculos, acompanhando com cantos e movimentos de mãos e braços, com o objetivo de internalizar os movimentos, realizando cada movimento buscando conectar mente e coração, corpo e espírito. Inicialmente trazida pelo bailarino polonês/alemão Bernard Wosien (1976), essa dança foi ressignificada com o acréscimo de novas coreografias e ritmos, melodia e movimentos delicados e profundos de várias culturas, estimulando os integrantes da roda a respeitar, aceitar e honrar as diversidades.

**Geoterapia:** consiste na utilização da argila, barro e lamas medicinais, assim como pedras e cristais, objetiva cuidar de desequilíbrios físicos e emocionais por meio de diferentes energias e propriedades químicas dos elementos provenientes da terra. Atua por meio de pedras e cristais utilizando a energia contida nos mesmos para reequilibrar os centros energéticos e meridianos do corpo, facilita o contato com o Eu Interior e trabalha terapeuticamente os Chacras, amenizando e cuidando de desequilíbrios energéticos físicos e emocionais. Utiliza a energia do sol para ativar a energia dos cristais.

**Hipnoterapia:** Conjunto de técnicas utilizadas por meio de intenso relaxamento, concentração e foco, induz a pessoa a alcançar um estado de consciência aumentado que permite alterar uma ampla gama de condições ou comportamentos indesejados, como medos, fobias, insônia, depressão, angústia, estresse, dores crônicas. Pode favorecer o autoconhecimento em combinação com outras formas de terapia. Exige presteza, muita habilidade e cuidado ético do aplicador.

**Imposição de mãos:** Prática terapêutica secular que implica em um esforço meditativo para a transferência da energia vital (Qi, prana, termos utilizados na Medicina Chinesa que expressa energia) por meio das mãos com o intuito de reestabelecer o equilíbrio do campo energético humano, auxiliando no processo saúde-doença.

**Meditação:** Prática mental individual milenar, descrita por diferentes culturas tradicionais, que consiste em treinar a focalização da atenção de modo não analítico ou discriminativo, a diminuição do pensamento repetitivo e a reorientação cognitiva, promovendo alterações favoráveis no humor e melhora no desempenho cognitivo, além de proporcionar maior integração entre mente, corpo e mundo exterior. A meditação amplia a capacidade de observação, atenção, concentração e a regulação do corpo-mente-emoções; desenvolve habilidades para lidar com os pensamentos e observar os conteúdos que emergem à consciência; facilita o processo de autoconhecimento, autocuidado e autotransformação; e aprimora as inter-relações: pessoal, social, ambiental.

**Musicoterapia:** Prática expressiva integrativa conduzida em grupo, ou de forma individualizada, que utiliza a música, som, ritmo, melodia e harmonia e letra em um processo facilitador e promotor da comunicação e expressão de sentimentos e emoções.

**Naturopatia:** Prática terapêutica que adota visão ampliada e multidimensional do processo vida-saúde-doença e utiliza um conjunto de métodos e recursos naturais no cuidado e na atenção à saúde.

**Reiki:** Prática terapêutica que utiliza a imposição das mãos para canalização da energia vital visando promover o equilíbrio energético, necessário ao bem-estar físico e mental. Busca desobstruir e fortalecer locais de possíveis bloqueios energéticos, eliminando as toxinas, reequilibrando o funcionamento celular, e desbloqueando e reestabelecendo o fluxo de energia vital “Qi”. Incluem dimensões da consciência, do corpo e das emoções.

Conforme os estudos de Rodrigues *et al.* (2010), “[...] a oração a Deus e a busca de benzedoras também são apontadas como estratégias popularmente utilizadas para o autocuidado, também como complemento da assistência em saúde”.

Segundo publicação do Departamento de Atenção Básica (DAS), existem ainda outras práticas como: Apiterapia; Arteterapia; Ayurveda; Tai Chi Chuan; Hortas comunitárias; Biodança; Bioenergética ou Análise bioenergética; Hipnoterapia; Musicoterapia; Osteopatia; Ozonioterapia; Quiropraxia; Reflexoterapia; Shantala; Terapia Comunitária Integrativa; Yoga (BRASIL, DAB, 2017)

Todas essas práticas buscam estimular os mecanismos naturais de prevenção à saúde e evitar o agravamento de sintomas provenientes de disfunções e doenças pré-existentes, além de auxiliar na prevenção da saúde física, mental e emocional do indivíduo. Uma característica importante das PICs é que os profissionais que as praticam podem ter formações diversas, como psicólogos, enfermeiros, médicos, assistentes sociais, agentes comunitários entre outros, não é exigido em muitos casos formação superior, e sim somente a comprovação de uma formação na prática em si. Os profissionais devem ter como característica a escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade. Ao inserir as PICs na Clínica Ampliada, entende-se que sua

contribuição se encontra na implementação de medidas que favorecem princípios fundamentais como: “universalidade, acessibilidade, vínculo, continuidade do cuidado, integralidade da atenção, responsabilização, humanização, equidade e participação social” (BRASIL, CADERNO HUMANIZA SUS, 2011, p. 33).

Compartilha-se com alguns estudiosos sobre a necessidade de que haja um diálogo entre os saberes místicos, médicos e as práticas já reconhecidas popularmente. A partir da Lei 2266/2012, aprovada pela Câmara Municipal da Cidade de Viçosa (MG), que dentro de seus objetivos gerais prevê em seu art. 4º, inciso IV “implementar ações de promoção, formação, difusão e circulação que garantam o fortalecimento das expressões e manifestações artísticas e culturais em suas diversas linguagens e dimensões, visando ao desenvolvimento e à valorização da cultura no Município”, abriu-se espaço para que sejam reconhecidas em demais Estados e cidades do Brasil, as representações dos profissionais da saúde pública que atuam mediante o uso de práticas integrativas e complementares.

Ainda que a intenção das organizações e órgãos governamentais seja de sistematizar e institucionalizar essas outras formas de se fazer medicina, percebe-se um esforço em desenvolver um diálogo entre os saberes da tradição e os científicos. Neste sentido, algumas cidades brasileiras, como Florianópolis-SC e Rebouças-PR, vêm se destacando ao buscar uma articulação entre a medicina tradicional e a medicina científica, integrando benzedeadas e rezadeiras ao serviço público de saúde. Além de admitirem as benzedeadas nos Centros de Saúde da Família, algumas cidades aprovaram leis de reconhecimento das práticas de benzeção como um ofício tradicional da saúde popular, como é o caso de Rebouças e São João do Triunfo, ambas no Paraná (ANDRADE *et al.*, 2021)

Em relação à saúde, observa-se nos brasileiros uma diferença acentuada quanto ao atendimento entre as classes sociais. As classes A, B e C utilizam o sistema privado de Saúde mediante a contratação de Planos de Saúde, cujos padrões são diferenciados, existindo planos que fornecem reembolso de médicos, laboratórios e hospitais de primeira linha, mais elitizados, com serviços semelhantes aos de um hotel de alto luxo, que permitem acesso a procedimentos médico-hospitalares avançados e modernos, cobrindo todo tipo de exames, dos mais básicos aos de tecnologia avançada. Por outro lado, também existem planos mais simples que atendem somente por rede credenciada, não permitindo ao usuário escolher profissionais da área de saúde e laboratórios para posterior reembolso. Estes planos também não dão acesso a quartos, só dão direito à enfermaria, outros não permitem acesso a todos os tipos

de exame, apesar destes planos também serem pertencentes ao setor privado, são mais econômicos para acesso daqueles que não são tão abastados financeiramente.

A grande maioria da população utiliza-se da saúde pública oferecida pelo SUS que é gratuita, que varia em qualidade e disponibilidade de seus serviços e recursos a depender do Estado e região onde estão localizados. Independentemente destes serviços estarem vinculados ao poder Federal, Estadual, ou Municipal, pode-se encontrar tanto serviços eficientes e de boa qualidade, quanto serviços inoperantes e escassos.

Andrade *et al.* ao dissertarem sobre o desconhecimento da população, externam a precariedade do SUS como empecilho para a adoção das práticas integrativas:

[...] o SUS não possui recursos nem para custear os serviços básicos e que nesse quadro de carências a implementação da PNPIC seria impossível. Ademais, representam as PICs como terapias onerosas para o SUS, identificando o baixo orçamento e o repasse defasado para as USFs<sup>4</sup> e hospitais como impedimento; ressaltam ainda que, havendo a possibilidade de contratação, os médicos seriam mais importantes para o serviço público. (ANDRADE *et al.* 2021, p. 6).

Esses mesmos autores ainda continuam refletindo sobre as implicações dessa visão, mencionando a contribuição de outros estudiosos:

Como consequência, observa-se uma implícita hierarquização de saberes, valorizando os “saberes peritos” que são sustentados pela racionalidade científica, “excelência técnica” e profissional. Os profissionais peritos colocam outras práticas como subalternas e não prioritárias na luta por recursos financeiros e humanos, ainda que existam estudos que apontam a eficiência das PICs em diversas situações, ao proporcionar o estabelecimento de hábitos saudáveis, melhorar a qualidade de vida e reduzir significativamente as internações hospitalares (SILVA *et al.*, 2015; RANDOW *et al.*, 2016; ARAR *et al.* 2017 *apud* ANDRADE *et al.*, 2021, p. 6)

Andrade *et al.* ainda refletem sobre a incoerência da resistência política quando se trata da inclusão e divulgação das benzedeiras junto as PICs nas Unidades de Saúde da Família, pois elas não cobram por seus serviços à população:

---

<sup>4</sup> USF – Unidade de Saúde da Família

[...] as benzedeiças não cobram pelos seus serviços, [...] A universalização do Sistema Único de Saúde, ao mesmo tempo em que permitiu a toda a população acesso aos serviços de saúde, ainda que precarizados, ao longo dos anos, originou um processo de exclusão, em que as pessoas de maior poder aquisitivo migravam para o sistema privado. Entretanto, as despesas com as terapias complementares são, geralmente, mais baixas do que o da medicina alopática, principalmente porque os custos desta última estão constantemente aumentando [...] as práticas integrativas podem fazer com que se diminuam os gastos com o tratamento de doenças, uma vez que muitas dessas práticas se baseiam na prevenção [...] a fitoterapia é uma alternativa viável e econômica para o tratamento de algumas doenças, comparando-a com os preços dos medicamentos alopáticos [...] sobre a importância dessas práticas integrativas com o intuito de diminuir o alto consumo de medicamentos alopáticos. (CEOLIN *et al.*, 2009; *apud* ANDRADE *et al.*, 2021, p. 7)

Dentro deste panorama, a implantação das PICs, mais especificamente o benzimento, não incorre em nenhum custo para o SUS por se tratar de exercício voluntário e não haver nenhuma cobrança, havendo somente a necessidade de disponibilidade de espaço e divulgação dos serviços. Percebe-se que a inclusão das PICs é importante; são práticas que auxiliam, mas que não substituem o exercício das práticas médicas convencionais, em 90% dos trabalhos lidos os autores apoiam a implantação das PICs, compartilha-se com os mesmos e também com a OMS a percepção de que há nas Práticas Integrativas Complementares muitos benefícios à população.

### **CAPÍTULO III - O BENZEDOR E O BENZIMENTO, RELIGIÃO, RELIGIOSIDADE E/OU ESPIRITUALIDADE**

A ciência tem muitos questionamentos no que tange à Religião, à Religiosidade e à Espiritualidade, mesmo na Psicologia da Religião observa-se muitos conflitos com relação a interpretação, significado e uso destas palavras.

Todorov cita que no final do século XVIII, o teólogo, filósofo e estudioso bíblico alemão conhecido por sua tentativa de reconciliar as críticas do Iluminismo com o tradicional Cristianismo protestante, Friedrich Schleiermacher, definiu a religião como sendo um sentimento de dependência absoluta. No entanto, o contemporâneo Georg Wilhelm Friedrich Hegel, discordou completamente, definindo a religião como sendo o Espírito Divino tornando-se consciente de si mesmo por meio do espírito finito (TODOROV, 2014, p. 212)

Pargament definiu religião como “um processo, uma busca por significados em formas relacionadas ao sagrado” (1997, p. 32, ênfase no original). Ele se refere à espiritualidade como “busca do sagrado” (PARGAMENT, 2007, p. 32).

Pargament e colaboradores mencionam estudiosos que têm proposto o recurso da religião como enfrentamento para a doença. Fenomenologicamente, eles partem da verificação do emprego frequente desse recurso em muitos tipos de situações estressantes. Sem diminuir de forma alguma a eficácia dos recursos seculares da ciência para o enfrentamento das doenças, Pargament e colaboradores propõem que estudar a religião a partir de uma perspectiva de enfrentamento pode lançar luz sobre “como determinadas pessoas usam a religião concretamente em situações e contextos de vida específicos” (PARGAMENT *et al.*, 2004 , p.119).

De acordo com um dos grupos de trabalho da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP), a Psicologia da Religião é uma área de muitas polêmicas, para muitos a Psicologia abordar a espiritualidade é um tema delicado. Esperandino e Freitas (2017) recordam que tanto isso é verdade que no contexto de discussões sobre o fenômeno religioso, a *American Psychological Association (APA)* realizou a mudança de nome de uma de suas vertentes para *Psychology of Religion and Spirituality* (Psicologia da Religião e Espiritualidade), porém, no Brasil manteve-se a designação de Psicologia & Religião (ANPEPP, 2016)

Esperandino e Freitas (2017) alertam sobre a utilização cada vez maior do termo *espiritualidade* em substituição aos termos *religião* ou *religiosidade*.

Em geral isso se dá ancorando-se na argumentação de que a religião remeteria, necessariamente, à instituição, ao dogma, e às ortodoxias que se inclinam para a defesa de normas tradicionais e, mesmo, fundamentalistas. Enquanto isso o termo *espiritualidade* daria abertura para maior dinamismo e criatividade pessoal, ancorando-se na experiência existencial pessoal, interior, sem prender-se a elementos de cunho avaliativo e moralista. (ESPERANDINO; FREITAS, 2017, p. 67)

Os estudiosos supracitados (2017) ainda refletem sobre a dificuldade de se trabalhar com o tema *espiritualidade* à medida que cada pessoa possui sua própria definição sobre religião e *espiritualidade*.

Pargament observou que "a função mais crítica da religião é de natureza espiritual" (2011, p. 31). Ele ainda enfatizou a *espiritualidade* como uma dimensão crítica da vida "não pode e não deve ser explicada e pode ser concebida como uma dimensão superior do potencial humano" (PARGAMENT, 2011, p. 31).

Ainda sobre o termo *espiritualidade*, Koenig afirma que:

A noção de *espiritualidade*, originalmente assentada em práticas de fé autodisciplina de religiosos, como os ascetas e monges, tem se desvinculado disso e vem se alargando muito nos últimos anos, passando a incluir conceitos psicológicos positivos, numa espécie de autoalimentação subjetiva, que inclui "sentido e finalidade, conectividade, paz, bem-estar pessoal e felicidade. (KOENIG, 2006, p.10).

Paiva reforça, em suas pesquisas sobre Família, as reflexões de Bruscagin e Cerveny

Afirma-se que religião não é assunto de conversa, o que existe é silêncio com respeito a um assunto de índole pessoal, as pessoas se esquivam de falar do assunto, não se conhece a posição dos colegas quanto à religião. Evidencia-se a irrelevância do assunto para o grupo acadêmico enquanto acadêmico. A estabilidade no trato com seu mundo, a facilidade de comunicação entre os pares não deriva de ideias, valores e práticas relativas à religião; paradoxalmente, a ausência delas contribui para a estabilidade e a comunicação enquanto não são elementos desagregadores do grupo. (PAIVA, 2019, p.17)

Bruscagin destaca a importância da *espiritualidade* e religião para a experiência humana especialmente dentro da estrutura familiar.

Para muitas famílias a religião é parte integrante de suas vidas e experiências cotidianas. Os ensinamentos de sua crença e as atividades religiosas fazem parte do sistema de valores familiares e são a base de suas escolhas e ações. O ciclo de vida tem componentes religiosos. As pessoas religiosas compreendem os eventos da vida dentro da estrutura da sua crença. (BRUSCAGIN, 2008, p.163)

Já Conceição discute religiosidade em seu sentido mais amplo, no sentido de que é um termo abrangente usado para referir numerosos aspectos da atividade religiosa, dedicação e crença ou doutrina religiosa (CONCEIÇÃO, 2014, p.180)

Fisichella traz um entendimento mais restrito alegando que a religiosidade pode ser descrita como sendo:

[...]o entendimento de como o indivíduo se percebe no que confere à Fé e como essa se apresenta diante da mesma no decorrer de suas práticas, rituais, repasse de histórias, reverenciamentos a símbolos, aceite de certas doutrinas, entendimento sobre deidades e vida após a morte. (FISICHELLA, 2011, p.160).

Quanto à esfera científica, Lavelle afirma que décadas de pesquisas antropológicas, teológicas, sociológicas e psicológicas estabeleceram que a religiosidade,

[...] no que refere a crenças e valores religiosos, é fortemente integrada à mente dos indivíduos por meio de práticas e comportamentos religiosos, os quais surgem, ou são impostados, a esses por meio de entendimentos religiosos de base cultural os quais acabam por formar a Fé do mesmo. (LAVELLE, 2014, p. 163)

Percebe-se quando se pesquisa sobre espiritualidade, religiosidade, religião e crença que o limite entre cada uma é muito tênue, e como um grande sistema se interliga, que em muitos momentos para explicar ou definir um conceito é preciso utilizar ou citar um dos termos utilizados na definição de uma delas, os conceitos conversam entre si, e assim a interdependência fica evidenciada. Concorda-se com as reflexões de Walsh, sobre o fato de a espiritualidade fluir na vida das pessoas por meio das experiências, heranças intergeracionais e a transmissão de crenças familiares.

[...] a espiritualidade não é simplesmente um tópico especial. Ela gera fontes de experiência que fluem por vários aspectos das nossas vidas, das heranças familiares a sistemas de crenças pessoais, e práticas e afiliações congregacionais. (WALSH, 2009, p.3)

Percebe-se que a espiritualidade é um tema que atrai muitos teóricos, que continuamente buscando uma definição como Walsh (2009), que retoma o tema, desta vez trazendo o bem-estar liado a ela.

[...] espiritualidade pode ser definida como aquilo que envolve a pessoa com tudo o que existe. Pode incluir experiências divinas, que são sagradas ou místicas. A espiritualidade pode ser experimentada dentro e fora das entidades religiosas formais. A congruência entre crenças e práticas religiosas e espirituais produz uma sensação geral de bem-estar e inteireza (WALSH, 2009, p.67)

Desta forma, torna-se muito importante também se relacionar os conceitos de crença, fé e religião ao tema de benzedeadas integrando-os de forma sistêmica.

### **3.1 Crença, fé e religião**

Crença, fé, religião são conceitos interligados entre si. As crenças religiosas e a fé são propagadas por meio de dogmas e lendas, são representações que expressam a natureza do sagrado, as curas e poderes atribuídos aos benzedeados. Provêm das crenças desenvolvidas pelo povo que vive e convive cotidianamente com sua fé, sua crença, e a religião a qual pertence, ou a qual recebeu os dogmas presentes em sua vida e no exercício de sua espiritualidade, presenciando curas que acontecem entre a população, e estas cumprem o papel de realimentar o ciclo da fé.

Especialmente, quando se trata de fé, as pessoas costumam observá-la quando manifestas por outras pessoas, a admiram, e por vezes, a vivenciam em seu meio social e familiar. A profissão de fé independe da religião à qual o ser humano pertence, segue ou professa. Habitualmente, quem possui fé a demonstra por meio de preces ou orações, com a finalidade de religar “religare”, ou seja, conectar seu próprio ser com o a divindade “DEUS”, ligando corpo, mente e alma.

Comunga-se a conceituação de Tincq (2010) e Todorov (2014) quando descrevem religião como sendo um vínculo entre o homem e Deus, uma ligação com o sagrado. Para o primeiro estudioso a: “Religião pode ser descrita como sendo o respeito por tudo que é entendido como sendo sagrado e de reverência aos deuses, à mesma tida como sendo o vínculo entre o ser humano e seus deuses” (TINCQ, 2010, p. 448). Já para o segundo estudioso: “A religião pode ainda, atualmente, ser descrita como sendo o respeito pelo que é sagrado, uma referência às divindades de um povo/crença; é por meio da religião que os seres humanos têm uma ligação/vínculo com seus deuses”. (TODOROV, 2014, p. 212)

Pargament e Paiva enfatizaram que a religião pode contribuir de forma distinta para o enfrentamento, e que a religiosidade reside no fato de abordar exclusivamente questões sagradas que são “formas de compreender e lidar com eventos negativos

da vida que estão relacionados ao sagrado”. (PARGAMENT, 1997, 2007, 2011, p. 23; PAIVA, 2018)

Pargament ressalta ainda que “o ser humano utiliza de estratégias de enfrentamento religiosas positivas” (por exemplo, reinterpretar o estressor como salutar, tratar Deus como o parceiro, buscar e valorizar o amor e o cuidado de Deus) e “expressam um relacionamento seguro com uma força transcendente, um senso de conexão espiritual com os outros e um mundo benevolente” (PARGAMENT, 2011, p. 51).

Portanto, fazendo uma conexão com o processo de benzimento, pode-se entender seu uso como uma forma salutar de enfrentamento das dificuldades do ser humano, no qual acontece a solicitação de bençãos a outrem, tendo o benzedor como intermediário entre o pedinte e a figura de Deus, com o objetivo de atender às necessidades de indivíduos sob estresse. Walsh Aqui?

Pargament (1997) ainda ressalta que o enfrentamento religioso tem uma função moderadora, pois conforme os níveis de estresse aumentam, o enfrentamento religioso protege cada vez mais as pessoas religiosas dos danos do estresse; ao mesmo tempo, o enfrentamento religioso desempenha uma função dissuasora porque é um preditor confiável de resultados mais favoráveis, não importa o quão intenso seja o estresse. Esse mesmo autor usa de um exemplo para melhor entendimento: uma pessoa religiosa vem a conhecer a natureza terminal de sua doença e, portanto, aumenta mais seu estresse. Nesse contexto, a função moderadora faria com que se beneficiasse mais com o enfrentamento religioso, do que quando desconhecia a natureza terminal e experimentava um nível mais baixo de estresse. Esta forma de reflexão proposta por Pargament (2011) esclarece a necessidade dos indivíduos na busca por cura por meio de benzimentos.

Oliveira (2010) relata que é verdade que a Fé está diretamente relacionada com ideias, entendimentos e crenças religiosas transmitidas ao indivíduo, de modo fragmentado ou não, os quais podem estar, mesmo que vagamente, conectados a um contexto cultural de vivência, e juntos formam a religião de cada ser.

Ainda em relação ao conceito de fé, Ricardo e Boff a comentam e definem no campo do mítico:

O conhecimento mítico trata-se de uma modalidade de conhecimento baseado na intuição e que deriva do entendimento de que existem modelos naturais e sobrenaturais dos quais brota o sentido de tudo o que existe. É um tipo de conhecimento que ajuda o ser humano a "explicar" o mundo por meio de representações que não são logicamente raciocinadas, nem resultantes de experimentações científicas. (RICARDO, 2012, p. 77)

Boff, por sua vez, observa que:

Interessante ressaltar que não existe uma definição única para a fé no mítico, uma vez que, essa varia de crença para crença. Porém, é sabido que, em todas as crenças, a fé no mítico só existe mediante a ocorrência de um estado afetivo-psicológico que dispara a sensação de confiança do indivíduo por sua divindade, a qual, quase sempre, segue relacionada a pedidos de graça ou cura (física e/ou espiritual). (BOFF, 1999, p. 200).

Concorda-se com Nery, 2006 quando ressaltar que a fé na cura está ligada ao dom divino recebido por aquele que benze que é um dos elementos da tríade pela confiança da comunidade e o bento que recebe pela fé a sua cura.

A fé na cura, que é um dom divino, a fórmula da bênção e a confiança da comunidade naquele que benze são os três elementos essenciais para compreender o povo e o benzedor. Praticamente nenhum benzedor fala de sua "carreira" enquanto uma escolha pessoal. Ele é escolhido de Deus e essa escolha é revelada na descoberta do seu dom. Daí a razão dele não precisar de estudos: seu saber é revelado e o poder da cura lhe é dado por Deus. Por ter esse dom, ele sempre pode aprender alguma nova reza. (NERY, 2006, p. 4)

Ferguson ao estudar a inseparabilidade entre corpo e espírito e a busca permanente do ser humano pela cura de seus males por meio da fé e dos benzimentos apesar dos avanços da Medicina, afirma que:

Os comportamentos religiosos por sua vez são ações religiosas motivadas por crenças religiosas, que seguem ligadas às práticas religiosas, que, por sua vez, seguem ligadas as ações religiosas, tais como oração, benzimento e sacrifício, sendo que a oração é mais conhecida e praticada em todo o mundo. Na cultura popular, corpo e espírito não se separam, tampouco se desliga o indivíduo do cosmos, ou a vida da religião. Para todos os males que atingem o corpo e a alma do homem sempre há uma reza para curar. É por isso que, apesar do tempo e dos avanços da medicina, a tradição dos benzedores ainda persiste na nossa moderna sociedade capitalista. Acreditando ou não no poder da reza, tem sempre aqueles que procuram, nas rezas e nas benzeções, uma cura para a sua doença ou um alívio para a sua dor. (FERGUSON, 2011, p. 1223)

A arte do benzimento foi transmitida por gerações por meio da oralidade e pela experiência do benzedor junto à sua crença no divino; o que se tem hoje em alguns livros são orações transmitidas por essas tradições e transcritas por alguns pesquisadores como afirma Rhawy (2016).

O benzedor traz vida e experiência de Deus, pois o povo não separa profano de sagrado, tudo é feito com Deus. Esses 'benzimentos' tiveram origem na religiosidade popular portuguesa dos séculos XV, XVI e XVII, longe da Igreja oficial. Não se acham em livros, são decorados por analfabetos, aprendidos por tradição oral. A nossa reflexão letrada tem dificuldade para compreender essa sabedoria da tradição oral. A Igreja precisa aproveitar o que há de bom no 'benzimento'. Purificá-lo daquilo que é mágico, supersticioso, fatalismo e sincretismo. É delicado interpretar o 'benzimento' para orientar seus valores culturais para os valores do reino de Deus. A Igreja quer que se respeite, acolha e escute o benzedor. Pois os benzimentos são cristãos e eclesiais. (RHAWY, 2016).

Concorda-se com alguns estudiosos, entre eles Fisichella, que traçam um paralelo sobre benzimento, fé e cura, em que o ato de cura por meio do benzimento acontece como um pedido de intercessão divina baseada na fé.

Em linhas gerais, diz-se que o benzimento é um ato que busca ceder intervenção, proteção e, em especial, cura (espiritual ou física) a uma pessoa, a qual se dá por meio da fé imposta a uma prática ritualística de oração e gestos. Diversas crenças indicam que o benzimento pode gerar a cura de doenças e de deficiências a qual ocorre em face da fé religiosa da oração e/ou de outros rituais que, de acordo com adeptos, estimula a presença divina a ceder poder ao que a esse é solicitado. (FISICHELLA, 2011, p. 160).

Outro desses estudiosos que também se ocupa da questão do benzimento trata-se de Beltrão Júnior:

É interessante destacar que o benzimento é um tipo de ritual que busca ceder cura pela fé e não um tipo de cura espiritual, uma vez que a cura espiritual não acredita na existência de uma intervenção divina a ceder resultados físicos ou psíquicos na vida e/ou santidade de alguém e sim em uma força energética que emana do próprio indivíduo em prol de si. Por tais atos a cura espiritual é muito comumente adotada por indivíduos agnósticos. (BELTRÃO JÚNIOR, 2013, p. 14)

Freitas aprofunda-se na relação entre cura e fé:

Alguns médicos católicos entendem a cura pela fé como sendo um ato real de cura por meio das bênçãos de Deus que se materializam em ações, tanto naturais (ligadas ao segmento psicossomático) como sobrenaturais (milagres), de cura, onde ser curado pode ser descrito como sendo um

privilégio concedido por Deus que perdoa os pecados, do pecador que adoece por suas imperfeições. Por tal ato, alguns pesquisadores modernos das religiões por vezes indicam que as bênçãos (ou benzimentos), podem ser entendidas como sendo uma expressão física de salvação pela misericórdia divina. (FREITAS, 2018, p. 40)

Cerqueira-Santos, Koller e Pereira enfatizam a questão da interpenetração do saber científico no popular:

É feito um apelo a explicações religiosas, o que mostra que, mesmo orientados por um “saber científico”, este não é suficiente quando transcende o humano. Dessa forma, é aberta uma lacuna para aqueles que oferecem uma “medicina” popular fundada em práticas religiosas, como é o caso das igrejas neopentecostais, enfatizando a correlação entre suas práticas e o discurso da medicina científica. Um exemplo é o conceito de doença psicossomática difundido entre fiéis da Igreja Universal: “Psicossomática é o que o médico não cura”. Essa afirmação revela uma interpenetração do saber científico no popular e vice-versa, o que, mais uma vez, aponta para a importância da investigação da influência de práticas religiosas na construção das noções de saúde, doença e cura e no modo como estas interferem na busca de tratamentos. (CERQUEIRA-SANTOS, KOLLER, PEREIRA, 2004, p. 84).

### 3.2 Os rituais de cura

O benzimento é tido como um ritual repleto de simbolismo, pode-se muitas vezes atribuir ao simbolismo a eficácia do alívio dos sintomas daqueles que buscam a cura por meio do benzimento. Quintana (1999) afirma que o simbolismo está sempre atrelado ao indivíduo.

O símbolo não pode existir num indivíduo isolado, pois requer uma convenção social que o homologue. Desta forma, esse símbolo sempre vai estar articulado num sistema inteligível. Não é qualquer símbolo que pode produzir efeitos: somente aqueles aceitos pelo grupo cultural ao qual pertence o doente é que terão essa capacidade. Desse modo, o símbolo sempre vai estar integrado num sistema de crenças. (QUINTANA, 1999, p. 48)

Por sua vez, Nery (2006), Maciel e Neto (2006) ponderam sobre os rituais de cura:

Na crença popular, a benzeção, ou simplesmente a benção, é um ritual de cura. Há benzeções para doenças específicas e outras que servem para qualquer doença. De modo geral, antes da benção, coloca-se um copo com água no local onde se realiza o ritual e no final a pessoa benzida deve tomar essa água, considerada benta. Como a água benta que encontramos nas igrejas católicas. Os gestos praticados pelos benzedores são todos idênticos ao da religião católica: eles rezam fazendo o sinal da cruz. Suas rezas, na

maioria das vezes, são deturpações das orações oficializadas pela igreja, entremeadas de palavras incompreensíveis. Enquanto estiver sendo benzido, o doente não deve cruzar os pés ou as mãos. Geralmente, a benzeção é feita mais de uma vez, dependendo do mal que se acomete. No caso de cobreiro, por exemplo, é preciso benzer até três vezes para que ele seque. (NERY, 2006, p.7)

Percebe-se que o benzimento está diretamente ligado à fé de cada bento ou benzido, senso que cada um possui seu próprio ritual de cura, quer seja por parte do benzedor ou do benzido a cura pode estar ligada à força energética que emana de cada ser e voltada para si mesmo.

Sabe-se que nas bases cristãs e em outras religiões, o comportamento amoroso, caridoso, de doação do ser humano é muito valorizado, assim como o ato das benzedeadas que doam o benzimento sem cobrar nada, como um grande ato de caridade e amor ao próximo.

Ricardo (2012) reforça os atos de fé.

Existem alegações, em todo o mundo, de que o benzimento, além de proteger os indivíduos de maus atos, os cura de cegueira, surdez, câncer, AIDS, distúrbios do desenvolvimento, anemia, artrite, calos, fala com defeito, esclerose múltipla, erupções cutâneas, paralisia total do corpo e vários ferimentos. Esses atos têm sido atribuídos à ação de benzedeadas/curandeiros, somada a Fé no mítico das pessoas que buscam por suas ações. (RICARDO, 2012, p. 77).

Ainda no escopo de estudos religiosos, Haverkort e Millar (1994) consideram o dom como uma ligação do humano com forças superiores, pois o dom de benzer, herdado naturalmente desde o nascimento, acarreta uma atividade diária as benzedeadas, que muitas vezes têm o seu cotidiano voltado essencialmente ao bem-fazer, ao ato desprendido de curar e aliviar males do corpo e da alma podem contribuir muito. No conceito de cosmovisão existe uma inter-relação entre o mundo espiritual, natural e humano. A relação do ser humano com o mundo espiritual origina grande número de práticas religiosas. Esses mesmos estudiosos comentam ainda sobre a importância das plantas conservadas por serem sagradas.

Sobre esse conhecimento, Maciel-Neto salienta que:

[...] é comum, em várias localidades, manter determinadas espécies vegetais próximo aos templos... não só nas casas das benzedeiros, mas também em outras residências, encontrar um vaso na entrada com plantas, como comigo-ninguém-pode, guiné ou arruda, e com a função de proteção do lar, de afastar mau-olhado, demonstrando o místico-simbólico-religioso das pessoas do local. (MACIEL-NETO, 2006, p.13-14)

No processo de benzimento o(a) benzedeiros(as) pode ou não utilizar concomitantemente às orações, objetos diversos (velas, plantas, crucifixo, água entre outros), ou simplesmente se utilizar da imposição de mãos. Percebe-se que nesta forma de benzimento com objetos acontece uma forma de triangulação, Benzedeira, objeto (como condutor da energia vital/energia de cura o objeto neste caso é o condutor das energias ditas divinas) e o benzido.

Oliveira (1985) avalia que a bênção é um veículo que possibilita a seu executor, estabelecer relações de solidariedade e de aliança com os santos, por um lado, e com os homens de outro e entre ambos, simultaneamente.

Sussol (2018, p. 9) explica o que são benzeduras, considerando a prática como remanescente da medicina-teológica, classificando as orações utilizadas pelos benzedores em 3 grandes grupos:

1. As que invocam Deus e a Santíssima Trindade
2. As que invocam os Santos
3. As que não contém invocações

Esse mesmo autor (2018) ressalta ainda que os benzedores, em sua maioria são geralmente pessoas com muita fé, muito simples, com pouco ou nenhum estudo, dedicando-se à prática do benzimento de forma filantrópica, aceitando pequenas ofertas e sinais de gratidão. Buscam continuamente o bem e se prestam, exclusivamente, a boas práticas de cura e caridade ao próximo.

Benzer é transmitir o bem, ou emoções boas. É criar uma atmosfera boa, a qual já é ½ caminho andado para o combate de qualquer Mal. Os benzedores jamais poderiam ser criaturas científicas, pois senão seu dom poderia ser perturbado pela especulação acadêmica e a frieza do intelecto (SUSSOL, 2018, p. 15)

Sussol (2018) prossegue apontando que os benzedores (as) nem sempre são reconhecidos por suas religiões de origem, como a Igreja Católica entre outras, e nem

pela Medicina tradicional, bem como não se consideram detentores de algum poder sobrenatural.

O autor reflete sobre a formação das benzedeadas.

Se no campo a formação das benzedeadas é fundamentalmente católica na cidade, onde sua presença é também muito importante, seus rituais se diversificam segundo as várias fontes religiosas que os inspiram. A benzedeadas pode ser católica, kardecista, adventista, umbandista ou esotérica. Mas ainda que os cultos que se baseia sejam diferentes, sua visão de mundo é absolutamente a mesma, propondo a humildade, o contato diário com a vontade divina ou com a intermediação dos santos, a solidariedade entre as pessoas, a liberdade, a justiça. (SUSSOL, 2018, p. 16)

Dentre a clientela dos benzedores, Sussol (2018) ressalta que estão pessoas de diversas camadas sociais e religiosas, mas que é na zona rural e zonas periféricas, devido à dificuldade de acesso à Medicina tradicional, que se concentram o maior número de benzedeadas e de usuários deste serviço.

Chama a atenção a relação religião, religiosidade, fé e cura presente no processo de benzimento assim como já foi mencionado. Pargament *et al* (2004) enxerga a religião como forma de enfrentamento frente a situações estressantes; Paiva (2018) reforça esta relação entre cura, religião, saúde e doença, abrindo caminho para que se olhe a complexidade do processo do benzimento. “Explicitado o sentido originário de cura, como cuidado, que previne e remedia a doença, recordei os numerosos estudos empíricos que correlacionam robustamente religião e saúde/doença, tanto física como psicológica” (PAIVA, 2018, p. 9,31).

### **3.3 Relações e complexidades do benzer ou Comunicação por meio do benzimento**

Quintana (1999) destaca no ofício da benzedura a relação de intermediação entre cliente, benzedor e o sagrado, na tentativa de obtenção da cura.

A benzedura pode ser caracterizada como uma atividade principalmente terapêutica, a qual se realiza através de uma relação dual – cliente e benzedor. Nessa relação, a benzedeadas ou benzedor exerce um papel de intermediação com o sagrado pela qual se tenta obter a cura, e essa terapêutica tem como processo principal, embora não exclusivo, o uso de algum tipo de prece. (QUINTANA, 1999, p. 50).

Segundo o autor supracitado, tradicional e misteriosa a benzeção era realizada mais por mulheres que homens com mais idade e, geralmente, o benzimento era realizado em suas próprias casas. O autor ainda lembra que entre o meio rural e urbano existem diferenças, a regionalidade também é importante neste contexto de benzeção.

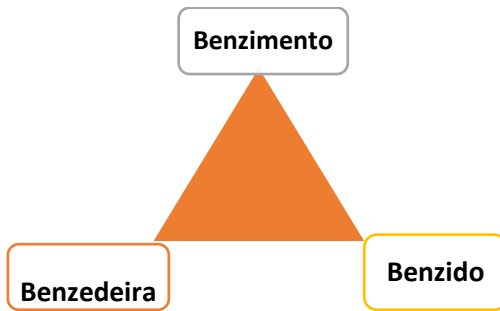
[...] existem certas características que diferenciam este procedimento de cura no contexto urbano e no contexto rural. Uma delas é a perda de hegemonia que a prática da benzedura sofre na cidade. Enquanto no meio rural é a prática popular por excelência, que reina quase que absoluta, na cidade, ela compartilha este espaço com inúmeras outras práticas (QUINTANA, 1999, p. 51).

Ao analisar o processo de benzimento proposto por Quintana (1999) chamou a atenção a existência de muitos elementos que participam da relação de benzedura ou benzimento. Assim, propõe-se um levantamento sobre o processo de benzimento e as triangulações possíveis que acontecem, antes, durante e posteriormente ao ato do benzimento:

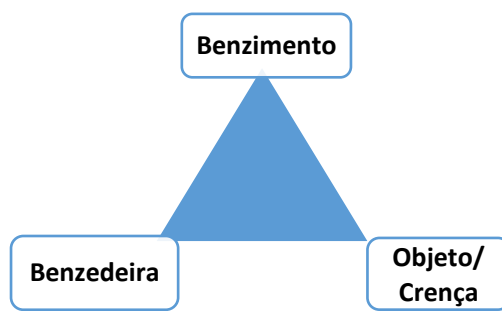
- Há uma relação de triangulação com Deus, que se estabelece entre o (a) Benzedor (eira) - Deus - Benzido;
  - Há uma relação de triangulação entre o (a) Benzedor (eira) – Objeto - Deus;
  - Há uma relação de triangulação entre Fé - Benzido - Benzedeira.
  - Há uma relação entre Doença – Sagrado – Cura.
- Existem ainda outros triângulos possíveis.

### **3.4 Símbolos na comunicação e Triangulações no benzimento**

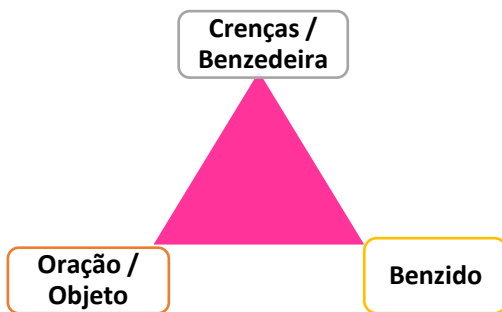
Para exemplificar são apresentadas, graficamente, 6 possibilidades de triangulações, ou seja, 6 configurações sobre como se processa a circulação da **energia vital/energia de cura** entre todos os envolvidos, quer sejam pessoas, quer sejam os demais elementos que compõem o ato do benzimento em si.

**Figura 1 – Triangulação A**

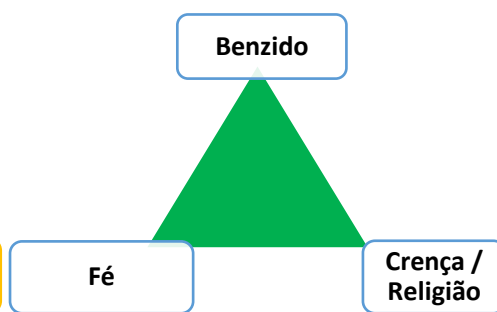
Fonte: A pesquisadora.

**Figura 2 – Triangulação B**

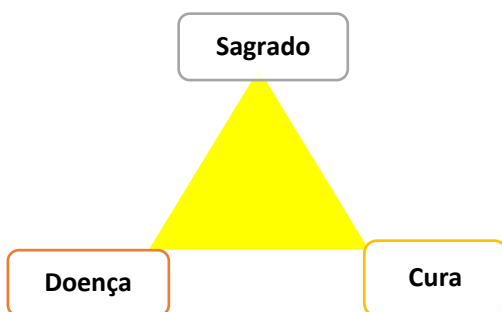
Fonte: A pesquisadora.

**Figura 3 – Triangulação C**

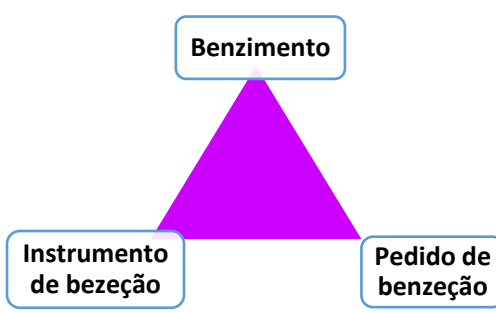
Fonte: A pesquisadora.

**Figura 4 – Triangulação D**

Fonte: A pesquisadora.

**Figura 5 – Triangulação E**

Fonte: A pesquisadora.

**Figura 6 – Triangulação F**

Fonte: A pesquisadora.

Nas figuras de 1 a 6 foram colocadas algumas possibilidades de triangulação já conhecidas, porém, acontecem muitas outras dentro deste processo, tanto em relação à individualidade de cada um, como também em relação à dinâmica entre benzedeiro e benzido, que se multiplicam nesta interação, quando se acrescentam, por exemplo, novos elementos como o dom concedido ao benzedor.

Quintana (1999) reflete sobre o que é necessário para exercer o benzimento, reforçando a ideia de um dom recebido:

[...] forma de adquirir os conhecimentos necessários para o ofício de benzedeira, normalmente relacionada com a obtenção de um dom; segundo, as relações entre fala e ação, em que a primeira é vista como já possuindo um componente de tendência ao ato; terceiro, o lugar especial que a benzedeira ocupa em relação ao cliente, estabelecendo-se uma dissimetria que garante à benzedeira a posição de sujeito do suposto poder fundamental para desempenhar com êxito sua função; quarto, a descrição das circunstâncias em que é propícia a utilização da técnica da benzedura, destacando, entre elas, aquelas que consideramos ser a atividade principal dessas terapêuticas: a luta contra o mau-olhado; quinto, mostramos, na sequência, como nessa luta se constrói, durante o processo ritual, uma narrativa composta, simultaneamente, com partes do discurso da benzedeira e do cliente. Nesse processo de construção são utilizados, por parte da benzedeira, diversos símbolos, como o esquerdo, a cruz, o número três, a água, o fogo, a estruturação do ambiente no qual se efetua o ritual e também, a própria figura da benzedeira, que se constitui no símbolo da eficácia de sua terapêutica. (QUINTANA, 1999, p. 20)

Estudos como os realizados por Glik (1988) sobre outros processos de cura populares, como os de Baltimore com grupos de cura Pentecostais e Nova Era, mostram que entre eles existe uma ideia que coincide com a observada entre as benzedeadas e os benzidos, a de que o curador cumpre uma função de intermediário. Os clientes acreditam que “não foi o curador que os curou, atribuem a melhora à Deus, a forças da natureza, ou ao potencial do homem para a cura natural que foi catalisado pelo curador” (GLIK, 1988, p.1201).

Pereira também chama a atenção para esse lugar da benzedeadas como uma intermediária: “Para esse lugar de intermediação quando se refere ao trabalho das parteiras, no qual a ideia é de intermediação da força mágica contida nas plantas e nas orações, que são os fatores capazes de curar” (PEREIRA 1993, p. 92).

Essa ideia é também compartilhada por Devereux (1993) ao afirmar que o xamã era um intermediário entre o mundo espiritual da natureza e a tribo. Mauss (1979) se aprofunda nesse tema quando fala da intermediação na proximidade com as entidades divinas:

O papel de intermediário fica bem expresso nas diferentes orações utilizadas pelas benzedeadas, nas quais encontramos constantemente a expressão “Em nome de Deus”. Ainda que se reconheça a intervenção divina como fator principal no processo de cura, isso não significa que as benzedeadas estejam destituídas de todo poder; pelo contrário [...], é nesse fator de intermediação, nessa proximidade com as entidades divinas, que lhe permite estabelecer uma relação especial com elas, que reside o seu poder. É assim que acontece com o mágico australiano que, ao adquirir seus poderes, obtém uma alma nova a qual lhe possibilita relações mais particulares com os deuses e as almas dos mortos, com os espíritos da natureza e as espécies totêmicas. É

justamente nessas relações particulares que reside seu poder mágico, seu maná, como se diria nas línguas melanésias (MAUSS, 1979, p.101).

Quintana (1999) também reforça essa ideia de intermediação e troca entre Benzedor e Benzido, sendo que o poder do curador vem do sagrado que o autoriza a processar a cura, mesmo não sendo detentora do poder elas (as benzedeadas) têm a permissão de uso com o objetivo de curar. Mais ainda, mediante essa relação, o curador passa a usufruir parte dos poderes atribuídos a esse mundo superior. Assim, essa intimidade com o sagrado lhe permite ter acesso a forças sobrenaturais e participar dos seus poderes.

No caso das benzedeadas, essa ligação qualificada com as forças sagradas possibilita-lhes obter as orientações e os poderes necessários para curar seus clientes. Contudo, não é demais repetir, seu poder está justamente nessa intermediação com os deuses. Elas não são detentoras do poder, só o estão exercendo em nome de outro. A função de intermediação entre o sagrado – espíritos e anjos –, e o profano – o cliente – também pode ser lida como uma intermediação entre o social e o individual, na medida em que possibilita ao cliente a sua inserção numa linguagem grupal. De fato, consideramos ser essa a intermediação fundamental da benzedeadas. (QUINTANA, 1999, p.106,107,108)

Aguiar ao pesquisar a eficácia das palavras proferidas pelos benzedeados (as) na benzedura, entende que ela está ligada à simbologia que repercute o imaginário coletivo.

E assim em cada benzedura se dá a recriação dos símbolos herdados pelas benzedeadas. A oração se torna atualizada na voz e nos gestos dessas mulheres que conseguem trazê-la para aquele momento. Na verdade, houve uma atualização simbólica, o imaginário utilizado pelas benzedeadas através das orações transfigura o passado deslocando-o para o presente. E permitindo que o mesmo, continue tendo forças de atuação na realidade concreta da cura realizada nos corpos dos clientes que procuram a benzedura. (AGUIAR, 2012, p. 204)

Dentro da visão de intergeracionalidade proposta por Cerveny, e que se toma por base neste trabalho, existe uma repetição de padrões, crenças intergeracionais no grupo de benzedeadas; assim como em suas famílias; e desta forma as repetições acontecem em relação ao espaço e tempo, sendo as gerações passadas e as atuais responsáveis pelos padrões interacionais que serão repetidos, ou não, nas gerações que os sucederá no futuro.

Ampliar os modelos de repetição para o máximo de padrões de interação, ver as possibilidades de como se faz a transmissão dessa repetição, poder trabalhar preventivamente e não só curativamente, assumir que existem boas repetições e que elas devem ser conservadas na identidade de cada família também fazem parte deste trabalho. (CERVENY, 2011, p. 47).

## CAPÍTULO IV - BENZEDEIRAS E BENZIMENTOS NO BRASIL - O ESTADO DA ARTE

Neste capítulo foi realizado um estudo, de caráter bibliográfico, inclusive *on-line*, a fim de mapear pesquisas realizadas nos últimos 8 anos sobre benzedeadas. Ferreira (2002) e Romanowski, Ens (2006) alertam sobre a importância da pesquisa denominada **Estado da Arte** na produção acadêmica. Mencionam também a importância das contribuições que apresentam inovações e transformações que podem auxiliar o pesquisador a delimitar melhor o campo de pesquisa, definir e identificar aspectos que podem proporcionar uma compreensão mais profunda dos fenômenos estudados.

[...] destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários (FERRERIA, 2002, p. 84).

As reflexões de Romanowski e Ens sobre o tema apontam que o:

Estado das arte pode significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área do conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigativas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada. (ROMANOWSKI, ENS, 2006, p.39).

### 4.1 Metodologia do estudo do Estado da Arte

O **Estado da Arte** busca integrar as informações nos estudos realizados, sobre o tema pesquisado, por meios de teses de doutorado, dissertações de mestrado, artigos publicados em revistas científicas e outras publicações acadêmicas.

A pesquisa sobre o tema benzedeadas foi realizada nas Bases de Dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, (CAPES) - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) em busca de conhecer melhor em que áreas de

estudo foi abordado o referido tema, as tendências dos estudos encontrados e as singularidades ainda não atendidas.

## 4.2 Caracterização das Bases de Dados utilizadas

As bases descritas a seguir atêm-se à publicação de revistas e jornais especializados, que organizam e publicam textos científicos completos na Internet.

**Scientific Electronic Library on Line (SCIELO)** - é uma base de dados eletrônica que funciona como uma biblioteca *online*, que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. A SCIELO foi criada a partir de um projeto de pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), em parceria com o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação e Ciências da Saúde (a antiga Biblioteca Regional de Medicina BIREME). O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) passou a apoiar o projeto a partir de 2002. O objetivo deste projeto foi o desenvolvimento de uma metodologia comum para a preparação, armazenamento, disseminação e avaliação da produção científica em formato eletrônico (PARCKER *et al.*, 2018).

**Literatura Latino-Americana e do Caribe de Ciências da Saúde:** é um índice e repositório bibliográfico da produção científica e técnica da América Latina e Caribe. Os principais objetivos da **LILACS** são o controle bibliográfico e a disseminação da literatura científico-técnica latino-americana e do Caribe na área da Saúde, Há 32 anos contribuindo para o aumento da visibilidade, acesso e qualidade as informações em saúde (BVS, s/d).

As próximas bases descritas referem-se à publicação teses e de dissertações defendidas nas diversas instituições de ensino de nível superior do país:

**Portal de Tese e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior (CAPES).** Esse Portal dá acesso gratuito a títulos de periódicos às instituições públicas e privadas de ensino superior, institutos de pesquisa e fundações estaduais de apoio à pesquisa. Oferece acesso a mais de 21.000 títulos de periódicos em texto completo, ao que é de mais atual é produzido nos grandes centros de pesquisa do mundo (BARROS, SOUZA, MACHADO, 2012).

**Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).** A Biblioteca do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) possui um acervo especializado em Biblioteconomia, Ciência da Informação e áreas correlatas, reunindo obras essenciais nessas áreas do conhecimento. Dessa forma, essa biblioteca contribui para a disseminação e o acesso à informação aos pesquisadores e profissionais da área, fornecendo os subsídios necessários para a formação profissional e auxiliando a comunidade científica na difusão do conhecimento. Por meio do Programa de Comutação Bibliográfica (COMUT), criado em 1980, objetiva, sobretudo, facilitar o acesso aos documentos técnicos-científicos por meio da solicitação de cópias, o IBICT tem acesso a mais de 10 mil bibliotecas em todo o mundo por meio da base dados *WorldCat* da *OnLine Computer Library Center* (OCLC) (Comitê Interinstitucional de Cooperação Informacional e Bibliotecária, CICIB, s/d).

#### **4.3 Procedimentos quanto à coleta de materiais**

Galvão, Pansani e Harrad contribuíram muito para esse estudo na medida em que fizeram, apresentaram uma reflexão sobre a importância de se formular adequadamente a pergunta que possibilitará a realização satisfatória de uma revisão de literatura, trata-se de um estudo realizado por meio de levantamento bibliográfico e uma revisão integrativa:

identificar, selecionar e avaliar criticamente pesquisas relevantes, e coletar e analisar dados desses estudos que são incluídos na revisão. (GALVÃO, PANSANI, HARRAD, 2015, p. 1)

Os critérios de inclusão dos artigos estabelecidos para a presente pesquisa foram:

- a) pesquisas realizadas com benzedeiros;
- b) terem sido realizados no período entre janeiro de 2014 a dezembro de 2021;
- c) haver acesso ao artigo completo.

Certamente, os critérios de exclusão foram todos aqueles que escapassem ao escopo desses 3 critérios de inclusão, porém, adicionalmente, foram excluídos todos os artigos que tratavam somente de fórmulas de benzimentos; que tratavam a questão de poções, ou utilização de raízes; que tratavam de outras PICs (Práticas Integrativas Complementares).

Dessa forma, a pesquisa se viabilizou mediante obediência aos seguintes aspectos:

1. Pesquisa realizada em Base de Dados previamente selecionada. A filtragem se deu de acordo com os critérios de inclusão, a partir dos títulos;
2. Eliminação de textos não disponíveis e repetidos;
3. Realizado um refinamento do conteúdo a partir dos resumos/abstracts, excluídos a partir dos critérios adicionais de exclusão;
4. Os artigos remanescentes foram lidos e sistematizados.

Não houve limitação de idiomas, foram encontradas pesquisas somente em português. O termo chave utilizado foi benzedeadas, sempre usando o operador booleano "AND". Essa busca foi realizada com mediante a combinação dos seguintes descritores: Benzedeadas AND Intergeracionalidade AND Cura; Benzedeadas AND Intergeracionalidade, porém, não foram obtidos nenhum resultado quando a busca foi realizada nesses moldes. Em relação à busca referente à palavra-chave "benzedeadas", foram registrados vários resultados, os quais são apresentados na Tabela 1 que segue:

**Tabela 1** - Quantificação do material coletado

Publicações em Mídias Científicas						
BASE DE DADOS	Palavras-chave	Artigos teses aceitos	Artigos teses recusados	Texto completo	Repetidos	Total de artigos encontrados
BVC	Benzedeadas	2	18	27	7	27
LILACS	Benzedeadas	1	3	16	12	16
SCIELO	Benzedeadas	3	2	9	4	9
<b>SUBTOTAL</b>		6	23	52	23	<b>52</b>

Teses e Dissertações						
<b>BDTD</b>	Benedeiras	2	15	26	9	26
<b>CAPES</b>	Benedeiras	3	35	31	26	64
<b>SUBTOTAL</b>		5	50	57	35	90
<b>TOTAL</b>	Benedeiras	<b>11</b>	73	109	58	<b>142</b>
<b>Totalizador Final</b>						<b>142 + 52 = 194</b>

Fonte: A pesquisadora.

#### 4.4 Estado da arte - Benedeiras - Intergeracionalidade - Cura

Para melhor entendimento, optou-se pela colocação, no interior de um quadro, os principais aspectos abordados nos estudos selecionados, tendo-se como objetivo a compreensão de sua análise.

**Quadro 2** - Principais aspectos abordados nos estudos selecionados

<b>Aspectos destacados</b>	<b>Quantidade de estudos</b>	<b>Foco desse aspecto</b>	<b>Desdobramentos desse aspecto</b>
<b>Primeiro aspecto</b>	10 estudos	Não há cobrança pelos serviços de benzimento	
<b>Segundo aspecto</b>	<b>02 estudos</b>	A benzeadeira é tida como uma intermediária	
<b>Terceiro aspecto</b>	11 estudos	Enfoques sobre a gênese da prática das benzeadeiras	a) Na experiência de vida b) Na Intergeracionalidade c) Num dom d) Na transmissão dos saberes por oralidade e) Dificuldade para transmissão desses saberes
<b>Quarto aspecto</b>	03 estudos	Opção pelo tipo de trabalho: individual ou em grupo	
<b>Quinto aspecto</b>	07 estudos	O cuidado diferenciado da benzeadeira	- A benzeadeira forma vínculos de confiança com a comunidade - A disponibilidade no atendimento
<b>Sexto aspecto</b>	06 estudos	Religiosidade presente na mística da benzeadeira	- As pessoas buscam a cura - Instrumentos de religiosidade utilizados no benzimento
<b>Sétimo aspecto</b>	04 estudos	Práticas Complementares Integrativas PICs	
<b>Oitavo aspecto</b>	02 estudos	O benzido	

#### 4.4.1 Primeiro aspecto - Não há cobrança pelos serviços de benzimento

Este primeiro aspecto foi abordado unanimemente, em todos os estudos os pesquisadores afirmam não haver cobrança nos atendimentos pelas benzeadeiras. Por

se tratar de um dom Divino, pois aquilo que é recebido de graça, deve ser dado de graça: é a fé que cura (ANDRADE (2019); CLARINDO, STRACHULSKI, FLORIANI, (2019); ALVES (2018); MARTINS (2018); LIMA (2017); MARIM, SCORSOLINI-COMIM (2017); GONÇALVES, OLIVEIRA (2018); CALDAS, ALVES, MENEZES (2016); MEDEIROS *ET AL.* (2013)

#### **4.4.2 Segundo aspecto - A benzedeira é tida como uma intermediária**

Em alguns dos estudos pesquisados, os autores apontam que é necessário ter fé por parte da benzedeira, como também por parte daquele que busca a cura (ALVES, 2018). “Sua devoção pode ser sentida nessas palavras, e, a todo momento, ela enfatizava que só era uma transmissora; quem curava, mesmo, eram seus santos e Deus” (GONÇALVES, OLIVEIRA, 2018, p. 259)

#### **4.4.3 Terceiro aspecto - Enfoques nas práticas das benzedeadas**

Quanto ao enfoque das práticas curativas das benzedeadas, alguns estudos compreendem a prática da benção enquanto modo de cuidado e estudam a permanência desta prática na Modernidade técnica. A benção se apresenta como uma terapêutica popular de cura, realizada com orações, com ervas e com rituais (ALVES, 2018).

Em outros estudos, as benzedeadas compreendem sua prática como uma missão, um sacerdócio, algo que vai além do que é realizado profissionalmente, pois possuem a missão da benção (ALVES, 2018; MEDEIROS *et al.*, 2013).

Destacando-se algumas dessas tantas benzeduras em que são recorrentes o apelo aos mais variados nomes de santos da Igreja Católica. Cada santo com sua especialidade, como a Santa Luzia para problemas de vista, São Braz para engasgos. [...] A mesma benzedura para luxações, torções, contadas como práticas de escravos; corroborando para uma convergência de relatos e de memórias sobre ser as benzeduras, também, uma prática de cura de escravos africanos no Brasil. (MARTINS, 2018, p. 327, 342)

Justapostos a esse aspecto “Enfoques sobre a gênese da prática das benzedeadas” foram observados alguns desdobramentos:

## a) Experiências de vida

[...] experiências (pessoais, religiosas, sociais e culturais) e as transformações desenvolvimentais das benzedadeiras ao longo de suas trajetórias de vida, bem como sua relação com a promoção da saúde em suas comunidades dos Estados de São Paulo e Minas Gerais. [...] Tais momentos mostram-se marcantes por propiciarem maior desenvolvimento ou mesmo uma transição ecológica relacionada ao papel social desempenhado, ampliando as possibilidades de leitura das trajetórias dessas mulheres. O ofício da benzeção é corporificado na experiência de vida dessas mulheres, de modo que ser benzedeira é algo que está dissociado de outras características identitárias como ser mãe, mulher, avó, cidadã, dona de casa ou religiosa. Como marcador do desenvolvimento, tal ofício circunscreve algumas possibilidades, delineando um percurso de autoconhecimento e de constante estabelecimento de redes de apoio social. (MARIM, SCORSOLINI-COMIM, 2017, p. 453, 457)

## b) Intergeracionalidade

O ritual de iniciação da benzedeira acontece normalmente dentro das próprias famílias, desta forma, na maioria das vezes, os benzedores são iniciados por outro benzedor de dentro de seu próprio círculo familiar (ANDRADE (2019); MARTINS (2018); GONÇALVES, OLIVEIRA (2018); MARIM, SCORSOLINI-COMIM (2017); CALDAS, ALVES, MENEZES, 2016; MEDEIROS *et al.* 2013).

Mas não basta ser membro de uma família de benzedadeiras (os) para se torna uma (um). Algumas características são indispensáveis para que os mais velhos decidam passar seus ensinamentos, como a paciência, a bondade, a boa memória - para guardar as palavras mágicas, versos, rezas e orações -, e principalmente a fé e a crença na eficácia da benzeção. Por esta razão, algumas (uns) benzedadeiras (os) optam em passar seus ensinamentos para pessoas próximas, mesmo que não sejam de sua família sanguínea, como uma forma de perpetuar a tradição e se manterem vivas na memória das próximas gerações. (ANDRADE, 2019, p. 81)

Ainda quanto a esse aspecto, a visão de Martins é a seguinte:

Conhecimentos e saberes como os dos curadores com sua medicina com ervas, remédios, palavras e orações, amuletos, figas e cordões, que a tantos aliviou e alivia o sofrimento e a dor. O das parteiras negras que a tantos meninos e meninas fez nascer com sua sabedoria ancestral e seus conhecimentos sobre o corpo feminino. (MARTINS, 2018, p. 377).

A aprendizagem baseada na imitação, de um outro benzedor, isso pode ocorrer, às vezes, em um ambiente familiar, quando ainda se é criança, ou muito

jovem. Outra forma é a aprendizagem por meio de transmissão espiritual, que pode ser entendida como um anjo ou um guia (GONÇALVES, OLIVEIRA, 2018).

Marim, SCORSOLINI-COMIM (2017) relata que a transmissão do ofício de benzer é realizada a partir de um familiar, como algo que pode ser ensinado, aprendido e transmitido por meio da tradição oral. Das 10 benzedeadas entrevistadas, 8 descreveram a transmissão por meio da família. Esse aprendizado é lembrado pelas rezadeiras como parte de sua infância e adolescência.

Então desde pequena, eu gostava de ficar vendo a minha mãe benzer as pessoas. Eu nem entendi o que ela fazia direito, mas gostava muito de ver. Às vezes, eu brincava sozinha de pegar terço, ramo, água... e brincava sozinha fingindo que tava benzendo. Aí quando a minha mãe começou a ficar doente, ela perguntou se eu tinha interesse em ajudar ela, e nem precisou falar duas vezes. [...] Foi assim: a mãe do meu esposo era benzedeadas, a minha sogra. Então ela falava: “quando eu morrer, eu vou deixar o benzimento pra você continuar”, eu falava: “não Dona Maria, não vou continuar esse benzimento”. Aí ela falava que eu que ia benzer, e eu falava que não, que era pra ela passar pros filhos dela, mas ela falava que tinha que ser pra mim. Aí ela faleceu, e falou pra mim que era pra eu benzer... e depois eu não benzia não. Aí, depois de ela ter morrido, eu sonhava muito com ela, ela aparecia no sonho e falava assim pra mim: “aquelas crianças lá vem vindo aqui pra você benzer”, aí eu olhava aqui de fora e tinha aquele monte de criança, e eu falava que ia esconder pra não benzer. Aí eu falei que o jeito era benzer né... fazer o quê? aí foi eu decidir que ia começar que depois disso eu não sonhei mais com ela (MARIM, SCORSOLINI-COMIM, 2017, p. 452).

Medeiros *et al.* (2013) discorrem sobre a perpetuação da crença: “Eu já tô rezando nas que eu rezei e ficou bom. E eu já estou rezando nos filhos deles. Faz muito tempo, né?”.

### **c) Um dom**

O ofício de benzedeadas também é compreendido como um dom divino, sagrado, que pode ser inato ou adquirido, uma dádiva que atravessa o desenvolvimento, o que requer dedicação, paciência e abnegação. O dom pode ser recebido de Deus ou simbolicamente de outra benzedeadas. Este dom está relacionado com a crença e fé, portanto se a pessoa possui o dom e tiver fé ela pode aprender, se a pessoa tiver o dom ela poderá vir a ser uma benzedeadas (ANDRADE, 2019; GONÇALVES, OLIVEIRA 2018; MARIM, SCORSOLINI-COMIM, 2017; CALDAS, ALVES, MENEZES, 2016; MEDEIROS *et al.*, 2013).

[...] entende-se que a cura está ligada não apenas ao corpo físico, ao mundo terreno. Mas existiria uma conexão com a esfera espiritual, numa ideia de que as “perturbações/enfermidades/problemas/doenças” seriam fruto de algum tipo de desequilíbrio. O praticante da benzeção, sendo visto como portador de um poder especial, é considerado como alguém capaz de controlar e manipular forças ocultas, tendo em vista a cura da pessoa que busca por sua ajuda. (GONÇALVES, OLIVEIRA, 2018, p. 260)

#### **d) Transmissão dos saberes por oralidade**

Andrade (2019) e Caldas, Alves, Menezes (2016) apontam que os saberes são revelados por meio da oralidade e aprendidos e apreendidos pelos olhares e ouvidos atentos. As benzedeadas são guardiãs do saber acumulado por gerações. Esses conhecimentos se consolidam nos cotidianos das famílias e são transmitidos aos seus descendentes ou pessoas escolhidas.

Os saberes e experiências das benzedeadas são considerados bens imateriais, que mantem viva a tradição cultural brasileira. A permanência do saber e da prática da benzeção acontece ainda através da transmissão oral, que se dá através da narração, onde a benzedeadada reconstrói sua trajetória de vida, como e quando começou a benzer, os meios, instrumentos e as orações que utiliza na benzeção. (CALDAS ALVES, MENEZES, 2016).

Existem basicamente duas concepções acerca da transmissão de conhecimentos para as benzedeadas católicas: aquela que defende que a transmissão do conhecimento tem como consequência a interrupção das atividades da atual benzedeadada, e outra que acredita que, mesmo após a transmissão, a benzedeadada atual poderia continuar a curar pessoas [...] executam e repassam o que aprenderam. Essa é uma característica de benzedeadadas em geral, que muitas vezes não são capazes de explicar o motivo ou justificativa para suas práticas, alegando que “sei porque me ensinaram assim” ou “foi assim que eu aprendi”, o que revela, muitas vezes, que os aprendizados e as transmissões sustentam-se na oralidade. (MARIM, SCORSOLINI-COMIM, 2017 p. 453-454)

São pessoas, geralmente, cujo saber foi recebido pela tradição e pela oralidade, nas mais variadas áreas do conhecimento da saúde e da história (MARTINS, 2018, p. 373).

#### **e) Dificuldade para transmissão de saberes**

A dificuldade de transmitir o ofício aos mais jovens pode estar relacionada à maior urbanização, ao maior acesso a equipamentos formais de saúde, bem como

revela a submissão da benzeção a uma lógica biomédica, dentro de um sistema de saúde que, por vezes, negligência os sistemas populares de cuidado (ALVES, 2018).

Caldas, Alves, Menezes (2016) detectou uma diminuição na transmissão dos saberes, principalmente, dentro da linha de parentesco, por falta de interesse dos jovens em ouvir.

Há falta de interesse, disposição dos jovens para com esse tipo de prática, atualmente se identifica uma mudança qualitativa da fé, como se ela estivesse relacionada ao interesse econômico e aos benefícios da benzeção; o desinteresse dos jovens por essas práticas, faz com que esses conhecimentos fiquem restritos às populações mais idosas. As benzedeadas sentem necessidade de repassar o quanto antes seus saberes à outras pessoas, pelo receio de não lhe restar tempo suficiente para fazê-lo. Essa seria uma forma de perpetuar e de garantir todo o bem que elas fizeram durante sua vida, também como uma forma de permanência de seu modo de ser, deixar seu legado, suas contribuições e seu poder. O ouvinte é fundamental para dar continuidade à tradição (MARIM, SCORSOLINI-COMIM, 2017; CALDAS, ALVES, MENEZES, 2016).

De acordo com Medeiros *et al.* (2013), a crescente diminuição se dá pela pouca aderência da população jovem ao aprendizado, “não tem gente que num quer não, esse povo novo num querem rezar não, aprenderem a rezar, não” (MEDEIROS *et al.*, p.1347).

Já Martins se aprofunda na questão da validação dessas práticas:

Mesmo nossas instituições e instâncias atuais de saber, como as universidades, entre outras, reconhecem apenas o saber acadêmico no modelo europeu, sobretudo, realizado seguindo um padrão de validação de saber e de forma de se fazer “ciência”. Desprezando, por muito tempo, tantas outras formas de conhecimento e saberes, os quais serão classificados por esta mesma academia, como saberes tradicionais. A exemplo dos transmitidos por uma cultura oral ou que não dispõe de um pedaço de papel a certificar a validade e aprovação científica de seu milenar conhecimento. (MARTINS, 2018).

Andrade reflete sobre a necessidade de um preparo emocional e uma espécie de hipersensibilidade para que se assumam essas práticas:

Não são todas as rezas que podem ser transmitidas ao iniciado, algumas necessitam de uma maturidade que será alcançada com a idade, outras da atenção e observação. Há também uma série de regras a serem seguidas durante o processo de aprendizado, como manter os segredos das rezas e jaculatórias, transmitindo-as apenas para os seus aprendizes. As

benzedeiras relatam que há dias e horários propícios para a transmissão dos saberes. (ANDRADE, 2019, p. 81).

Quanto ao preconceito que gira em torno de tais práticas, Fuhr tece algumas considerações: “Todos esses problemas atrelados à forte repressão das igrejas e dos médicos, aliados ao preconceito e à falta de interesse dos mais jovens impactam diretamente nas atividades das benzedeiras e curandeiros das regiões analisadas” (FÜHR, 2016, p. 147).

#### **4.4.4 Quarto aspecto - Opção de tipo de trabalho pelas benzedeiras: individual ou em grupo**

Segundo Caldas, Alves, Menezes (2016), não foram encontrados grupos organizados de benzedeiras que caracterizassem uma instituição em torno do ritual de benzimento ou das benzedeiras, alegam que as benzedeiras realizam seus trabalhos de forma individual e solitária.

De forma divergente Führ traz um relato em sua pesquisa:

O assunto “medo”. É ela que conta que as benzedeiras tinham muito medo e que por isso um grupo de pessoas se organizou a fim de valorizar os conhecimentos das benzedeiras. Como dito anteriormente, com base nessa organização é que elas (as benzedeiras) passaram a ser valorizadas pelos seus conhecimentos medicinais, tanto por parte dos políticos como da população. [...] Agora, as benzedeiras podem mostrar-se sem medo e uma felicidade tranquila toma as cenas finais do documentário quando o grupo está reunido à porta do local do evento, entoando o lema: “Cuidar da vida é nossa missão!”. Algumas benzedeiras mostram suas carteirinhas para a equipe. [...] Orgulho de pertencer a um grupo de indivíduos finalmente reconhecidos pela sociedade? Acredito que sim [...] é isso que eu posso compreender e captar ao ver aqueles rostos simples, humildes e felizes. (FÜHR, 2016, p. 147,150)

#### **4.4.5 Quinto aspecto - O cuidado diferenciado da benzedeira**

Alves (2018) nos fala que a população se queixa da forma impessoal e da desumanização da forma de serem tratados nos consultórios médicos.

[...] a sensibilidade alinhada aos anos de prática proporciona à (ao) benzedeira (o) identificar os problemas do benzido por meio da linguagem corporal e, sem que este diga qualquer palavra, ela constata o problema, como por exemplo nos casos de espinhela caída, em que a postura se apresenta como um sinal do diagnóstico. (ANDRADE, 2019, p. 86).

Sobre o fato de cada pessoa necessitar de um cuidado único e exclusivo, Caldas Alves e Mendes argumentam:

A benzeção apresenta uma diversidade de práticas ritualísticas e uma variedade de características, onde o toque, a escuta, o olhar, o atendimento singular e diferenciado a cada indivíduo e principalmente o acolhimento por parte do benzedor, é o que a diferencia de outras formas de atendimento. Não existe uma técnica padronizada, cada pessoa é compreendida como um ser único e, por isso requer um cuidado único e exclusivo. Essa atenção e cuidado podem contribuir para o bem-estar do ser humano. [...] sobre sua crença em Deus, ou ainda se rezam todos os dias, estão na verdade tentando levar seu cliente a reconhecer que ele também possui uma força interior, que é sua fé. E esta força pode contribuir para a recuperação de sua saúde, de seu bem-estar. A benzedora possui além desta força espiritual, o seu dom, sua fé em um ser superior, capaz de proporcionar o alívio aos sintomas, mas apenas a sua não é suficiente. É necessário que aquele que busca a benzeção também creia. Entretanto, nos casos que a benzedora reconhece que as rezas não são suficientes, recomendam que se busque o auxílio médico (CALDAS, ALVES, MENEZES, 2016, p. 166, 170)

Acontece o inverso do que ocorre nas práticas em saúde oficiais, em que o distanciamento e a falta de compreensão dos processos são uns dos muitos empecilhos para a terapêutica. (MEDEIROS *et al.*, 2013, p. 1347)

#### **a) A benzedora forma vínculos de confiança com a comunidade**

Andrade (2016) reflete sobre o vínculo que torna seguro o relacionamento entre comunidade e benzedora, ela é procurada por membros da comunidade, assim como de outros municípios.

A linguagem se apresenta como uma barreira, mas seria reducionista atribuir a procura pela benzeção apenas a esse fator, pois pessoas de outros estratos sociais e com maior nível de instrução acadêmica têm procurado essas práticas, inclusive profissionais da saúde como médicos, psicólogos e enfermeiros. [...] As (os) benzedoras (os) se empenham em comprovar a eficácia de suas práticas, relatando várias curas por elas realizadas, a fim de legitimar seu ofício perante a comunidade. Para que a benzeção seja exitosa, o benzido deve estar na mesma sintonia da (o) benzedora (o). Essa sintonia é alcançada por meio da fé, tanto na benzeção quanto nas divindades. (ANDRADE, 2019, p. 75, 77).

Somada à capacidade de curar e prestígio na comunidade local ao qual pertencem, agregando multidões em seu entorno (MARTINS, 2018, p. 375).

Medeiros *et al.* (2013) indicam que as benzedoras pesquisadas em Alagoas recebem pedidos das cidades vizinhas, como também de outros municípios, outros estados e outros países. Isso acontece em virtude da divulgação, inclusive, na mídia

local e do Estado por meio de reportagens e entrevistas concedidas. Afirmam ainda que mesmo estando com sua saúde debilitada pretendem curar enquanto seu estado de saúde permitir. Para elas o trabalho só acaba com a morte.

Medeiros *et al.* (2013) continuam afirmando que a procura por benzedeadas é regida pela crença em seus métodos, e argumentam que as palavras, gestos, que para os cientistas significam apenas simbolismos, têm uma conotação diferente para quem está precisando de cuidados, ganhando um poder extra físico, que faz das benzedeadas uma terapia de cura distinta das praticadas pela Medicina erudita, portanto independente da mesma.

Apesar de se observar o forte vínculo que é criado entre benzedeadas e suas comunidades, Martin e Scorsolini-Comim lembram de algo que, em algumas vezes, pode também se encontrar presente nesse tipo de prática, ou seja, a desconfiança que gira em torno de benzedeadas que têm que lidar com a necessidade de se auto-afirmarem constantemente.

[...] há benzedeadas, que precisam deixar claro as atividades que realizam e seus objetivos para poderem se reafirmar como boas e caridosas dentro de suas comunidades. [...] confere a certeza de que o ofício não apenas é bem desempenhado, mas que também aquele determinado papel assumido pela benzedeadas constitui um *locus* de poder, de credibilidade e de possibilidade de referência para a comunidade ao seu entorno em termos de cura e de promoção de saúde e bem-estar. (MARIN, SCORSOLINI-COMIM, 2017, p. 455, 457).

## **b) Disponibilidade no atendimento**

Andrade (2019), em sua pesquisa, obteve o depoimento de algumas benzedeadas com mais idade e, conseqüentemente, maior experiência que alegam que podem benzer em qualquer horário e dia.

Gonçalves, Oliveira (2018) relatam que ao aceitar seu dom, a benzedeadas pode acabar renunciando a seu tempo pessoal. E que, às vezes, em dias movimentados, mal consegue arranjar tempo para fazer suas refeições principais. Mas, ao mesmo tempo, para a benzedeadas é uma questão de solidariedade abrir a porta de sua casa para atender todas essas pessoas que a procuram, muitas relatam ser um trabalho extremamente gratificante “Adoro, faço com carinho, com amor porque eu tô me dedicando a Deus”.

Medeiros *et al.* (2013) constataram que existe uma demanda muito significativa por benzimento, demandando grande parte do tempo das benzedadeiras, mesmo assim elas exercem o trabalho sem reclamar, estando disponíveis para qualquer criança que precise de sua ajuda.

[...] são vistas como mulheres dedicadas, disciplinadas e que estão sempre dispostas a ajudar, sendo possuidoras de alto nível de conhecimento, além de um caráter místico, o que causa certa antipatia por parte daqueles que não conhecem seus trabalhos. Muitas vezes a benzedeira é conselheira, parteira, raizeira e desempenha um papel consultivo e de destaque no que se refere, por exemplo, a práticas de cura e de promoção de saúde; e na união desses papéis conquistam o respeito em suas comunidades (MARIN, SCORSOLINI-COMIM, 2017 p. 454)

#### 4.4.6 Sexto aspecto - Religiosidade

Andrade (2019) ao estudar a prática das benzedadeiras mostra que alguns elementos são incorporados aos rituais, quadros, imagens de santos, bíblia e crucifixos, terços, água, vela, que vêm a compor a mística do altar da benzedeira. Isso é muito comum tanto com benzedadeiras católicas, quanto de outras religiões. Existe uma peculiaridade na disposição desses símbolos religiosos entre as benzedadeiras católicas; quanto mais popular e de fácil associação ao sagrado, sua acomodação no altar será mais visível à aqueles que vão visitá-las. Isso acontece porque as benzedadeiras compreendem que precisam utilizar símbolos de maneira que os benzidos assimilem sua atuação como uma atividade ligada ao campo do sagrado.

[...] destaca-se que, apesar de professarem religiões diferentes, todas apontaram a fé em Deus e o desenvolvimento da espiritualidade, o que inclui a disciplina e o sacrifício pessoal. Além desses elementos, foram apontados como requisitos para ser uma benzedeira: o dom para benzer, a vontade de ajudar os outros, a saúde física, o amor e a caridade. (MARIN, SCORSOLINI-COMIM, 2017, p. 457).

A religiosidade das benzedadeiras é um aspecto marcante, vivenciam sua religiosidade em suas práticas e em sua comunidade (CALDAS, ALVES, MENEZES, 2016; ALVES, 2018).

A religiosidade e espiritualidade são vivenciadas por meio de novenas aos santos aos quais são devotas, frequentando regularmente as missas ou cultos das religiões as quais pertencem (CALDAS, ALVES, MENEZES, 2016).

Em sua maioria pertencem à religião católica, ou a religiões de matrizes africanas, porém, muitas praticam o culto em duas bases religiosas (CALDAS, ALVES, MENEZES, 2016).

Medeiros *et al.* (2013) em sua pesquisa constataram que 100% das benzedeadas entrevistadas se diziam católicas e 25% relataram que começaram a benzer após conhecerem a doutrina espírita.

Também em relação ao aspecto religiosidade, foram computados estudos que abordavam alguns desdobramentos:

#### **a) As pessoas buscam a cura**

As pessoas quando procuram a benzedeadora, usavam o termo 'cura': "Vim me curar", "Procurei pra me curar".

A busca pela cura por intermédio da benzedeadora ou benzedor fazem parte do cotidiano de muitas pessoas, independentemente, do grupo social. Esses homens e mulheres são requisitados para auxiliar na cura de doenças físicas e espirituais; a fé e a crença são sua base, tanto de quem benze, como daquele que recebe o benzimento (ANDRADE, 2019; ALVES 2018; GONÇALVES, OLIVEIRA, 2018; CALDAS, ALVES, MENEZES, 2016).

Por sua vez, a cura em tempos modernos está sendo solicitada também no ambiente virtual como aponta Andrade:

[...] ampliando as interações entre o benzido e o benzedor, propiciando a superação das barreiras físicas, além de estimular a comunicação e, conseqüentemente, a troca entre diferentes culturas e formas de conhecimento. Se antigamente o benzido tinha que enviar um bilhete ou recado e aguardar ansiosamente pela resposta das bênçãos proferidas, a mobilidade comunicacional tem permitido a quebra dessas barreiras. De certa forma o benzido já não necessitava estar presente para que fosse agraciado com as bênçãos, mas agora ele não precisa contar com a ética do mensageiro, depositando fé e confiança de que a sua mensagem seria entregue à benzedeadora. As (os) benzedeadas (os) continuam a receber mensagens em papel e por terceiros, mas na sociedade digital elas (es) têm o *smartphone* na palma de suas mãos. Nessa nova perspectiva, o benzido tem a possibilidade de entrar em contato direto. Todas as (os) benzedeadas (os) urbanas possuem um *smartphone* e por ele conversam com a família, com os amigos, participam de grupos em aplicativos de mensagens e recebem seus pedidos de bênçãos. O pedido no ambiente *online*, via tecnologia de comunicação, via mídia, ganha sentido na representação ritualística que acontece *off-line*. Para que a benzedeadora benza à distância ela necessita do nome ou de uma foto da pessoa que será benzida; na maior parte das ocasiões que presenciamos, tem sido utilizado apenas o nome, pois "só nome serve". Esses pedidos são entregues por terceiros, bilhetes e

enviados por aplicativos de mensagens - *WhatsApp* - ou via telefonema. Os que chegam por terceiros ou por bilhetes, as benzedeadas anotam em cadernos que exibem com orgulho, são muitos nomes, alguns acompanhados da localidade da pessoa, outros do que ela será benzida. [...] O ritual, as bênçãos realizadas à distância ocorrem do mesmo modo que na presença do benzido, exceto pelo fato de que este está ausente. Contudo, as benzedeadas urbanas argumentam que apesar de ser possível benzer à distância, alguns males devem ser benzidos na presença do enfermo. (ANDRADE, 2019, p. 100)

## **b) Instrumento de religiosidade utilizados no benzimento**

Terços, água benta, além de orações são alguns dos instrumentos elencados pelos estudiosos quando estudam a inclusão de instrumentos no ato de benzer. (ALVES, 2018; CALDAS, ALVES, MENEZES, 2016).

Andrade (2018); Caldas, Alves, Menezes, (2016); Medeiros *et al.* (2013), relatam que as benzedeadas utilizam instrumentos como: ramos, não pode ser qualquer um “que não pode ser figo, pereiro” os mais utilizados são “vassourinha, laranjeira, pião de São Francisco, arruda, quebra-pedra, romã e hortelã”; água comum, água benta; agulha, linha, pano, roupas, foto, pilão, faca, barbante, tesoura assim como orações, Ave Maria, Salve Rainha, Pai Nosso, entre outras.

Gonçalves e Oliveira (2018), no relato de suas observações, quanto ao procedimento de “costura de machucadura”, indicam que os instrumentos são associados a significados que os transformam em uma representação de uma extensão do corpo humano. Assim, o pano que simboliza a parte do corpo machucada é costurado, enquanto a benzedeadas faz suas orações e seus pedidos.

A (o) benzedeadas (o) irá realizar o ritual, em determinado momento ela verte as brasas quentes, uma a uma, fazendo o sinal da cruz em um recipiente com água; essas brasas simbolizam o problema que acomete o benzido e neste momento ela está tornando concreto o mau-olhado. A brasa passa a ter relação direta com a enfermidade do benzido, e à medida em que as brasas afundam o mal é minimizado. (ANDRADE, 2019, p. 76)

### **4.4.7 Sétimo aspecto - Práticas Complementares Integrativas PICs**

Caldas, Alves, Menezes (2016) relembra a criação do programa “Humanizadas” pelo SUS, reforçando o cuidado atual com a saúde, principalmente na área médica, situa-se em um campo extremamente tecnológico, com equipamentos e técnicas cada vez mais sofisticados, capazes de diagnósticos precisos, onde não haveria espaço

para a atuação de benzedeadas. Questiona o que leva a população a continuar sua procura por benzedeadas. Acredita que a insegurança gerada pela modernidade leve a um retorno a busca pela tradição, sem continuar a recorrer ao aparato tecnológico que a Medicina moderna oferece, pois além da cura buscam formas de tratamento que tragam de volta sua humanidade, que desenvolvam seu contato íntimo consigo mesmo, e desta forma voltam a buscar tratamentos alternativos que resgatem sua base de fé e crenças nas tradições esquecidas.

As PICs são consideradas terapias complementares que não fazem parte da Medicina Alopática ou tradicional. Gentil, Robles, Grosseman (2010) relatam que as benzedeadas se constituem na segunda terapia complementar mais usada pelas mães, sendo que 85,4% delas relataram melhoras das crianças. Os autores ainda relatam que 46,1% das mães não contaram ao médico por que ele não perguntou; 23,5% não informaram ao médico sobre o benzimento; 16,7% não retornaram ao médico após o uso dos benzimentos: e 13,7% acreditam que o médico não aprovaria. Das mães que informaram, 47,2% delas obtiveram aprovação por parte do médico, 38,9% demonstraram indiferença, 11,1% dos profissionais recomendaram a suspensão do uso e 2,8% o cuidado na utilização.

Na literatura, entre os motivos encontrados para uso de Terapias Complementares (TC), estão: complementação da medicina convencional, orientação médica, curiosidade em relação às TC, falta de dinheiro para aquisição da terapia convencional, indicação de conhecidos, medo de efeitos colaterais provocados pela medicina convencional, presença de doença crônica, insatisfação com a medicina convencional, abordagem holística e relacionamento médico-paciente baseado em apoio e confiança. (GENTIL, ROBLES, GROSSEMAN, 2010, p. 1294)

Essa modalidade terapêutica traz uma visão humanística ao processo do cuidar, uma vez que o indivíduo é coparticipante do processo, pois também se torna ativo na busca pela cura, avaliando a eficácia do tratamento, optando pelo uso concomitante de outras terapias e construindo junto às benzedeadas o significado das etapas de adoecimento e cura. Essa visão humanística da prática está ligada ao fato da benzeção ser vista como dom (MEDEIROS *et al.*, 2013, p. 1347).

[...] as práticas médicas e as mágico-religiosas seriam complementares, sendo que a medicina popular associaria os sintomas físicos a uma série de queixas não apenas somáticas, mas também psicológicas, sociais, espirituais e existenciais nem sempre reconhecidas pelo racionalismo social. (MARIN, SCORSOLINI-COMIM, 2017, p. 447)

Andrade (2019) alega que muitos dos que procuram as benzedeadas não conseguem ir ao médico, pois os atendimentos públicos de saúde operam em uma lógica distinta à do trabalho rural. Em outras palavras, os atendimentos nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), acontecem nos horários em que os moradores das áreas rurais estão trabalhando, dificultando sua ida a ela para realizarem uma consulta médica (GENTIL, ROBLES, GROSSEMAN, 2010).

#### **4.4.8 Oitavo aspecto - O benzido**

Andrade (2019) relata que os benzidos tiveram dificuldade para expressar o que pensavam sobre os benzimentos, quando questionados sobre o que pensavam das benzedeadas, 100% dos benzidos ressaltam o cuidado que tinham ao tratar seus problemas, diferentemente de suas experiências com os profissionais da Medicina. Demonstram uma relação afetiva e de muita gratidão ao cuidado e acolhimento que receberam.

Benzimento à distância, segundo os benzidos, de acordo com os dados da pesquisa realizada por Andrade (2019), indicam que para que a cura aconteça é necessário que o benzido acredite no poder do benzedor e nos métodos de proferir a bênção, como o benzido não acompanha o ritual, é sua crença e sua fé que definem e alicerçam o êxito do benzimento recebido.

[...] pessoas de todas as classes que utilizam a benzeção enquanto terapêutica de cura, desde donas de casa, psicólogos, advogados e até médicos. As razões também são as mais variadas, o fator comum entre todas as pessoas é a relação que estabelece entre o alívio dos sintomas e a crença que foi a benzeção que lhes proporcionou o alívio ou "cura" como se referem os usuários. Esta crença está intimamente ligada tanto à fé do ser que procura, quanto da benzedora. (CALDAS, ALVES, MENEZES, 2016, p.164)

## **CAPÍTULO V - MÉTODO**

Para iniciar a descrição desse método psicoterapêutico de Abordagem Sistêmica, julgou-se recomendável que se fizesse uma retomada dos objetivos deste estudo: Investigar as mudanças na construção do papel do benzedor (a): passado e presente, e mais especificamente: investigar a importância da Intergeracionalidade na formação do benzedor(a) e investigar o processo de benzimento ou benzeção nas diversas modalidades praticadas

Tomou-se por base os pressupostos epistemológicos do pensamento sistêmico, por entender que os mesmos auxiliem na compreensão do sistema, saúde-doença-cura, permitindo compreender a complexidade sócio-histórica- cultural e sua realidade dinâmica da construção do papel do (a) benzedor(a) e a manifestação do benzimento no Brasil.

### **5.1 Tipo de pesquisa**

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, com delineamento de Casos Múltiplos.

Segundo Lüdke e André (1986), a pesquisa qualitativa possui algumas características, ela tem o ambiente natural como fonte de dados e o pesquisador como principal instrumento; os dados coletados são predominantemente descritivos; seu foco principal está voltado para o processo, considerando-se também os resultados obtidos; o significado que as pessoas atribuem às coisas e à sua vida são focos de atenção especial do pesquisador; explica, no que tange a análise de dados, que a tendência é seguir um processo indutivo. Dessa forma, a coerência necessária para a realização da pesquisa é atingida.

Assim como Lüdke e André (1986), Deenzin e Lincon (1994) apontam que a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa e naturalista do objeto estudado, lembrando que o pesquisador busca estudar, compreender e interpretar o fenômeno de forma a analisar os significados que as pessoas atribuem a ele. Deve-se recordar que a pesquisa qualitativa é um processo interativo entre pesquisador e pesquisado, em busca constante de compreensão do fenômeno estudado, partindo-se do princípio que a realidade objetiva nunca pode ser capturada.

Denzin e Lincon (1994) afirmam que a pesquisa qualitativa é um campo em si mesma, um vasto campo de investigação que perpassa disciplinas, campos e temas,

“consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo” (p.17). Apontam, também, que pesquisadores estudam uma série de casos em conjunto com o propósito de investigar o fenômeno, população ou o estado geral da arte (p.237).

Creswell (2014) discute a importância dos pressupostos filosóficos para a pesquisa qualitativa.

Uma compreensão dos pressupostos filosóficos que estão por trás da pesquisa qualitativa começa pela avaliação de onde eles se enquadram no processo geral da pesquisa, notando a sua importância como um elemento e considerando como registrá-los ativamente em um estudo. (CRESWELL, 2014, p. 30).

Macedo (2018) contribui para essa discussão, estudando a subjetividade da pesquisa qualitativa e o quanto as lentes teóricas auxiliam a observar e entender os fenômenos no contexto social.

As lentes teóricas estão sempre presentes dirigindo o olhar do observador de acordo com conceitos de cultura, gênero, raça, crenças religiosas, classe social. Por ser subjetiva é interpretativa visando sempre a construção conjunta de significados pesquisador-pesquisado, inseridos no contexto social, histórico-cultural em que acontece. A pesquisa qualitativa tem uma abordagem holística, procura levantar os múltiplos aspectos do fenômeno na crença de que a verdadeira realidade é um multiverso de visões todas possíveis e dignas de consideração em virtude de sua complexidade (MACEDO, 2018, p. 21-22)

A estratégia de pesquisa escolhida para esse estudo foi o Estudo de Casos Múltiplos, que permite o entendimento do fenômeno como um todo, com profundidade. Segundo Yin (2001, p. 32), o estudo de caso é “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. O autor relata que este tipo de estudo tem se tornado uma das estratégias mais utilizadas quando os pesquisadores procuram responder questões do tipo “como?” e “por que?”. Quando a pesquisa envolve duas ou mais pessoas, pode ser considerado um Estudo de Casos Múltiplos. Ele ressalta a necessidade de se realizar um estudo completo de cada caso. O objetivo pode ser o de estabelecer comparações, ou de descrever mais de um indivíduo. A utilização de diferentes casos pode auxiliar nos diversos aspectos complementares do fenômeno estudado, que pode reunir

dados e padrões individuais, comparando-os posteriormente para melhor entendimento.

Para Yin (2001), a lógica que predomina no Estudo de Casos Múltiplos é a da replicação, semelhante àquela usada em experimentos múltiplos. Cada caso deve ser selecionado com o objetivo de: a) prever resultados semelhantes (uma replicação literal); ou b) produzir resultados contrastantes apenas por razões previsíveis (uma replicação teórica). A entrevista semiestruturada no caso de Estudo de Casos Múltiplos é uma das técnicas de interrogação que apresenta maior flexibilidade, é uma das mais importantes fontes de evidência para um estudo de caso (YIN, 2001). Desta forma, a entrevista agrega maior flexibilidade, permite ao pesquisador incluir e excluir determinadas questões, ou ainda efetuar alterações na ordem das questões, em virtude das respostas obtidas. Para esse estudo foi utilizado um roteiro semiestruturado de entrevistas, permitindo ao entrevistado maior flexibilidade em suas colocações.

## **5.2 Instrumentos**

Os instrumentos de pesquisa são fundamentais para que o pesquisador levante os dados iniciais de seu estudo, e mesmo avalie seu alcance ao longo do estudo. Como instrumentos desse estudo foram selecionados a entrevista semiestruturada e a Linha de Tempo Familiar (LTF).

### **5.2.1 A entrevista semiestruturada**

A entrevista, enquanto recurso metodológico legítimo, segundo González, (1999) tem sua importância na produção de conhecimentos na área da Psicologia, representa também uma valorização do singular como campo produtivo de investigação e desenvolvimento teórico.

Conforme estudos de Duarte, uma entrevista semiestruturada é conversa com propósito, sendo uma metodologia qualitativa de coleta de dados. Uma entrevista semiestruturada tem como objetivo central investigar diferentes perspectivas e pontos de vista sobre um fato, por meio da compreensão da realidade dos(as) entrevistados(as) esse método foca em símbolos, significados, crenças, atitudes, valores e motivações (DUARTE, 2005).

Além desta definição geral, tais entrevistas podem ser delimitadas de acordo com algumas características principais. Um primeiro ponto é que elas apresentam uma combinação entre estrutura e flexibilidade na medida em que seguem um tópico guia ou roteiro com os principais temas a serem abordados (estrutura), o(a) pesquisador(a) tem liberdade para voltar numa pergunta anterior, aprofundar um determinado tópico, se assim o desejar. (flexibilidade) (LEGARD *et al.*, 2003). Neste sentido, duas outras características se destacam: a natureza interativa e a possibilidade de aprofundar questões. No primeiro caso, a entrevista semiestruturada é fruto da interação entre o(a) pesquisador(a) e o(a) entrevistado(a). No segundo, o(a) entrevistador(a) procura aprofundar as respostas obtidas a partir das chamadas *follow up questions*, isto é, perguntas que pedem para que o(a) entrevistado(a) desenvolva uma resposta dada em um determinado tópico. Alguns especialistas ressaltam as questões de intersubjetividade e reflexividade. Neste sentido, há o entendimento de que as entrevistas propiciam a geração de um material, e não apenas a coleta de dados (MINAYO; GUERRIERO, 2014).

Nesse estudo foram utilizadas entrevistas semiestruturada, com 17 questões abertas, realizadas de forma *online* com a população de benzedeiros (as) participantes (APÊNDICE A), com a duração aproximada de 1 hora para as respostas; e uma entrevista semiestruturada, com 22 questões abertas, realizada de forma *online* com a população de benzidos(as) ou bentos (APÊNDICE B), com uma duração de 30' minutos para a resposta das perguntas.

### **5.2.2 Linha do Tempo**

A Linha de Tempo Familiar (LTF), oriunda da Terapia Familiar (TF) (CERVENY, 1992), permite verificar a sequência de um fato temporalmente, completando as informações outros instrumentos de pesquisa. A Linha do Tempo Familiar trata-se de uma linha (horizontal ou vertical) em que são registradas as datas e fatos mais importantes da família, permitindo assim, a obtenção de um número maior de informações e uma disposição mais clara das mesmas. Em outras palavras, a Linha do Tempo Familiar é um instrumento utilizado no processo de Terapia Familiar, para demonstrar desde o nascimento, os eventos marcantes no decorrer da vida do indivíduo e de sua família, sendo que esta forma de análise facilita a visualização de

uma forma cronológica e organizada dos fatos importantes do Ciclo Vital (CERVENY, 2011).

### 5.3 Participantes

Participaram desta pesquisa duas populações distintas, a Amostra I, composta por 06 (seis) benzedeiros (as), e a Amostra II por 06 (seis) benzidos(os) ou bentos. Os participantes não necessariamente se conheciam, ou tinham trocado serviços entre si. Foi também determinado como critério de inclusão que os participantes das Amostras I e II, pessoas, tivessem idade entre 21 anos e no máximo 90 anos, que estivessem lúcidos e que praticassem ou recebessem o benzimento em qualquer local do Brasil. Não houve seleção prévia de classe social ou nível de escolaridade.

Foram utilizadas as redes sociais, *Faceboock* e *Instagran*, para divulgação da pesquisa e a busca por benzedeiros (as) para o Grupo I , tendo como critério a prática de benzimentos e para o Grupo II benzidos ou bentos, tendo como critério ter buscado benzimento ao longo da vida. Usou-se ainda a indicação de conhecidos e contou-se com os próprios participantes, para outros contatos usando a amostragem “bola de neve” na indicação de familiares e grupo de amigos.

**Quadro 3** - Caracterização do Grupo I- Benzedeadas Participantes (BP)

	Sexo	Idade	Cidade/ Estado	Profissão	Renda Familiar / Sal. Mín.	Nível de instrução	Número de pessoas na casa	Há quanto tempo benze?
BP1	Fem.	28	Santo André/SP	Professora de Cultura	2	Superior Incompleto	2	5 anos
BP2	Fem.	57	Brasília / DF	Extencionista Rural/ Assistente social	10	Pós- graduação	3	5 anos
BP3	Fem.	66	Brasília / DF	Terapeuta	1	Superior	1	11 anos
BP4	Masc	41	Santa Luzia/MG	Terapeuta holístico	3	Superior incompleto	4	7 anos
BP5	Fem.	41	Florianópolis/SC	Terapeuta e educadora	7	Superior completo	3	10 anos
BP6	Fem.	38	Bertioga/SP	Terapeuta educativa	4	Doutorado educação	4	8 anos

Fonte: A pesquisadora.

**Quadro 4 - Caracterização do Grupo II - Benzidos ou Bentos (BB)**

	Sexo	Idade	Cidade/ Estado	Profissão	Renda Familiar Salários mínimos	Nível de instrução	N. de filhos	Número de pessoas na casa
<b>BB1</b>	Fem.	62	São Paulo/SP	Do lar	5	Ensino Médio Completo	2	3
<b>BB2</b>	Fem.	57	São Paulo/SP	Psicopedagoga/ Psicóloga	5	Superior	2	3
<b>BB3</b>	Masc.	64	São Paulo/SP	Supervisor de Marketing	3	Superior	2	4
<b>BB4</b>	Fem.	65	São Paulo/SP	Psicóloga Clínica	10	Superior	2	4
<b>BB5</b>	Masc.	41	São Paulo/SP	Psicólogo	15	Superior	1	5
<b>BB6</b>	Masc.	54	São Paulo/SP	Assessor de Vendas	12	Superior	2	3

Fonte: A pesquisadora.

#### 5.4 Procedimentos

Antes de estabelecer contato com as benzedeadas e benzidos, esse Projeto de Pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, tendo sua aprovação em 15 de março de 2022, sob número de protocolo: 44190820.8.0000.5482.

Para seleção dos participantes utilizou-se a metodologia “bola de neve” (APPOLINÁRIO, 2009; VINUTO, 2014). Nesta metodologia os próprios participantes são utilizados como possíveis indicadores para novos participantes, possibilitando que o pesquisador estabeleça uma rede entre eles. Além disso, sendo os informantes indicados uns pelos outros, pressupõe-se que exista maior possibilidade de aceitação para participar da pesquisa (MALINOWSKI, 1978; APPOLINÁRIO, 2009). Ressalta-se que a empatia entre o pesquisador e o participante é fundamental para que a pesquisa flua e novos participantes sejam indicados (VINUTO, 2014; EVANS-PRITCHARD, 2004; MALINOWSKI, 1978).

A partir da aprovação do Projeto de Pesquisa foram contatados os entrevistados por *Whatsapp*, fornecendo explicações sobre o escopo da pesquisa e realizando o agendamento das entrevistas de forma *online* devido à condição sanitária vivida no momento, evitando desta forma o risco de contaminação do vírus que

provoca a COVID 19, que gerou a necessidade de distanciamento social para segurança de todos. Foi enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO A), para assinatura e ciência de cada participante via *Whatsapp* ou *email*. Para preservar a privacidade dos participantes foram utilizados ao invés de nomes fictícios a denominação BP1, BP2, BP3, BP4, BP5 e BP6 para os benzedeiros (as); e para os participantes benzidos ou bentos BB1, BB2, BB3, BB4, BB5, BB6.

As entrevistas foram realizadas via *Googlemeet* de acordo com a conveniência e horários disponíveis pelos participantes, após recebimento do TCLE, assinado via *email* ou via *Whatsapp*, em foto ou em PDF. Também foram gravadas em áudio via programa *Audacity* e salvas em áudio MP3, anotadas e transcritas. (ANEXO B).

Logo após, procedeu-se à Análise das Narrativas dessas mesmas entrevistas, a partir dos objetivos da pesquisa. Para tanto, as narrativas foram separadas e analisadas por categorias. Também foi montada a Linha do Tempo Familiar (LTF) de cada participante, cuja conteúdo também foi extraído das informações colhidas nas entrevistas, as quais, conforme visto anteriormente, foram realizadas por vídeo conferência, sendo que apenas o áudio gravado foi arquivado.

As autorizações foram colhidas e realizadas por meio do documento TCLE-Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foram enviados por email e por Watsap, a cada participante, impresso pelo participante; assinado e reenviado por meio de foto; foram recebidos (as) e salvos(as) digitalmente, digitalizados e impressos como documentos. Dois participantes não tinham recursos para impressão do documento TCLE; lemos no início de cada entrevista o documento TCLE e solicitamos a anuência do participante este consentimento está gravado juntamente com a entrevista.

## **5.5 Análise das entrevistas + Linha do Tempo Familiar**

A análise das entrevistas deu-se a partir da técnica da “Análise de Narrativas”, análise esta que será aprofundada mais adiante no início do Capítulo VI, associada à técnica da Linha do Tempo Familiar.

## **5.6 Considerações Éticas**

O presente estudo pautou-se eticamente nas Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos de acordo com a Resolução do Conselho de Saúde do Ministério da Saúde nº 466 de 12/12/2012 e 510 de 07/04/2016.

## **CAPÍTULO VI – ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DE RESULTADOS**

A Análise de Dados do presente estudo fez-se a partir do cruzamento dos dados da Linha de Tempo Familiar (CERVENY, 1992, 1994, 2011) com os das entrevistas semiestruturadas, cujo método baseou-se na Análise das Narrativas.

A *priori* pode-se definir narrativa como o discurso construído na ação de se contar histórias em contextos cotidianos ou institucionais, em situações ditas espontâneas ou em situação de entrevista em pesquisas na área social. Tecnicamente falando, esse tipo de análise é um método que permite a interpretação dos fatos narrados e dos fatores que os participantes do estudo julgam importantes sobre o tema em que são questionados.

### **6.1 A Análise das Narrativas**

O estudo qualitativo que se viabiliza por meio da Análise das Narrativas, segundo Nunes *et al.* (2014), permite ir além da transmissão de informações, pois consegue capturar as tensões do entrevistado, fazendo com que a experiência do indivíduo seja revelada. Compartilha-se com esses autores esse pensamento, pois, se entende que foi possível capturar sentimentos, questionamentos e opiniões dos participantes sobre tanto sobre o fazer do (a) benzedor (a), quanto o posicionamento dos benzidos.

No âmbito dos estudos da linguagem, as narrativas foram pioneiramente estudadas em termos de sua estrutura e características formais (LABOV, 1972). Na abordagem laboviana, a narrativa é definida como forma de se recapitular discursivamente experiências passadas a partir de uma articulação sequencial de orações. Entende-se nessa empreitada a sequência como uma propriedade linguístico-discursiva representativa de uma ordem cronológica dos eventos passados em um mundo real e presente.

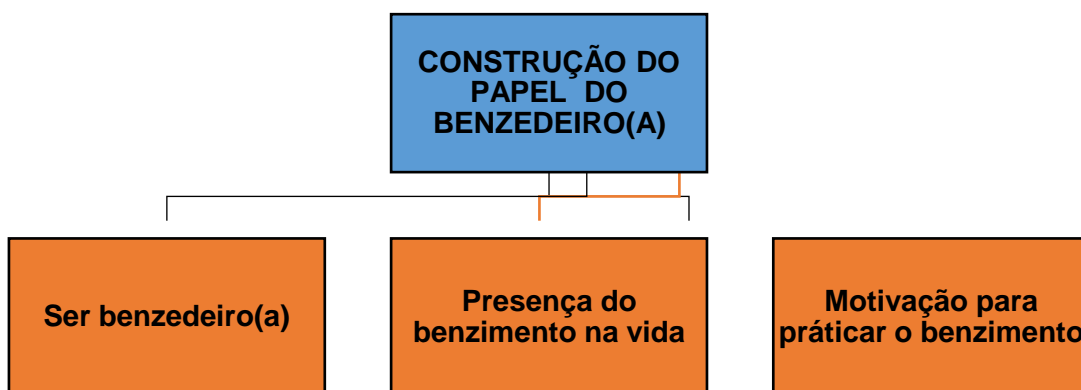
Os estudos contemporâneos da narrativa, por sua vez, revisam o trabalho pioneiro de Labov, tanto ampliando suas definições formais e passando a incluir sob o escopo de análise outros elementos, quanto considerando a sua emergência em contextos interacionais diversos. (BAMBERG, GEORGAKOPOULOU, 2008).

A partir do material transcrito e lido, pôde-se estabelecer 4 categorias, que se desdobraram em algumas subcategorias. Vale ressaltar que num primeiro momento apenas foram alocadas as falas dos (das) participantes no bojo das categorias e subcategorias levantadas. Em seguida foram inseridas as Linhas de Tempo Familiar de cada participante com o objetivo de complementar, cronologicamente, os eventos evidenciados. Num terceiro e último momento, foram tecidas algumas reflexões sobre o teor das falas, efetivando-se, assim, a Discussão de Resultados.

## 6.2 Categorias que emergiram na análise

A primeira categoria que emergiu dessa leitura e reflexão foi “Construção do papel do benzedor (a)”, cuja síntese apresenta-se na figura que segue:

**Figura 7** – Categoria 1 - Construção do papel do benzedor



**Fonte:** A pesquisadora.

Nessa primeira categoria foram observados 3 (três) aspectos relevantes, cujas falas reiteram o que vem a ser benzedor (a).

### **Primeiro aspecto: Ser benzedora na vida**

*BP1 - Foi o benzimento que me resgatou. Quando eu não tinha mais objetivo de vida, nem perspectiva, o benzimento foi o que me motivou e é o que me motiva a acordar, a levantar da cama, a acolher*

peessoas. Então eu acabei tomando ele por um propósito e eu posso dizer que eu respiro benzimento e sou muito encantada, porque por mais que eu estude, por mais que eu trabalhe, por mais que eu conheça sobre o benzimento, cada vez que eu conheço mais e estudo e aplico mais, eu só vejo que não sei nada. Porque prá mim o benzimento é como se fosse um livro de dez mil páginas e a gente só teve acesso a duas. É como um mistério que não tem fim, tem sempre um gostinho de novo, tem sempre uma tradição nova, um jeitinho novo para você conhecer, mas ele representa tudo na minha vida.

**BP1** - Dentro da minha prática e do trabalho que eu tenho, eu acho muito importante não somente o ato de benzer em si, mas saber de onde isso veio, como surgiu, justamente porque o mentor da egrégora, o vô Antonio, fala que se você não conhece o seu passado, você tende a repeti-lo no futuro e prá saber para aonde você vai, você precisa saber onde você está. Prá saber aonde você está, você precisa saber de onde você veio. Então eu observo que a forma como o benzimento está acontecendo agora neste boom, a forma como está acontecendo, eu acabo ficando com um pouco de receio porque acaba ficando um pouco superficial. Prá mim é importante saber quem foram as benzedoras de antigamente, como esta tradição começou, justamente para honrar a memória delas e fazer uma coisa com muito respeito.

**BP2** - Então, quando eu digo, que quando recebemos o “Deus te abençoe”... Na verdade, quando a gente estabelece essa relação entre a benzedora e o bento é uma troca tão grande, é um processo de dar e receber. Eu posso ser mais simples com isso tudo que eu disse até agora. O benzimento é um processo de dar e receber. Então para que a gente possa dar, precisamos nos abrir para a entrega e o outro, além de receber, ele também devolve para nós, porque aquilo que a gente entrega, recebe na mesma moeda ou até mais do que entregamos. Então o processo de benzimento é isso, é um processo de dar e receber de uma forma tão divina, tão maravilhosa e, que fique claro, ele também é um processo muito poderoso de autoconhecimento e de colocar o ego no lugar dele. Porque uma das coisas que eu oriento e que fui orientada, não lembro quando nem onde, mas com certeza fui, e por isso eu oriento é que nunca pergunte para o bento como ele está se sentindo depois de benzer. Não queira saber como a pessoa recebeu o que recebeu, porque é uma pergunta que tem mais a ver com o ego, de saber a eficácia depois do benzimento, do que qualquer outra coisa. Simplesmente entrega, tenha fé naquilo que está fazendo e entrega.

**BP3** - Ser benzedora é uma colaboração desta passagem no mundo, estamos numa velocidade em que o tempo nos leva, e não podemos perdê-lo. E cada respiração estamos por aqui, a gente vai se conectando com nossos guardiões e os das pessoas. Vamos melhorando os ambientes, onde tem um benzedor as pessoas que chegam perto melhoram

**BP4** - Tem algumas coisas que para descrever são um tanto quanto complicadas. Mas na minha vida, o benzimento que é uma dessas coisas complicadas, a melhor palavra que posso usar é completude. Eu me sinto completo ao estar atuando como benzedor.

**BP5** - Para mim é uma entrega, minha conexão com o divino. Eu digo que sempre fui uma pessoa muito religiosa. Um dos meus momentos mais intensos da minha vida é nos momentos de oração, de conexão com o divino. E o benzimento é isso, é poder compartilhar esse momento com alguém e de poder contribuir ainda. Isso é incrível. Tem dias que reclamo, sou humana também, mas quando eu faço eu me sinto também tão melhor.

**BP6** - Olha, eu não sei te falar o que é ser benzedora, porque ser benzedora é ser RI. Eu não consigo ter essa separação: eu sou benzedora, eu sou Raquel. Se eu pudesse viver só do benzimento e não precisasse fazer mais nada, no sentido de ganhar dinheiro, é o que eu quero fazer. Eu digo que quero ficar velha, porque aí eu vou estar encaixada, eu tenho muita tranquilidade em envelhecer porque eu tô muito no meu lugar, então eu não consigo separar o que é ser benzedora. Prá mim ser benzedora é diário, é o que eu sou, é o que eu escolhi ser. Não é um estado, é o ser. Então eu não posso te dizer

*em palavras o que é ser benzedeira, porque eu diria: é a Raquel, essas velhas que estão dentro de mim. Verdadeiramente falando, eu sinto isso.*

## **Segundo aspecto - Presença do benzimento na vida (o que o representa ser benzedeira)**

**BP1** - *Atualmente tudo. Eu trabalho com benzimento há 5 anos. Eu acordo e durmo respirando o benzimento. Não tem um dia que eu não benza alguém, um dia em que eu não acolha alguém, não tem um dia que eu não dedique ao benzimento, não tem um dia que eu não estude o benzimento. O benzedor nunca benze sozinho, ele sempre está acompanhado por uma consciência espiritual e a consciência espiritual que benze comigo, que é tanto o meu mentor quanto o mentor do Florescer é o vô Antonio. Eu diria que não saberia viver mais sem ele e então o benzimento prá mim representa uns 97% da minha vida atualmente. [...]. Mas não é um fardo. O benzimento assim como o Florescer Bento, mas o Florescer Bento através do benzimento tirou tudo que eu tinha prá trazer tudo que eu sou, assim o benzimento já me salvou pontualmente 2 vezes, quando eu tinha crises muito pesadas cogitei por duas vezes distintas em tirar minha própria vida. Foi o benzimento que me resgatou. Quando eu não tinha mais objetivo de vida, nem perspectiva, o benzimento foi o que me motivou e é o que me motiva a acordar, a levantar da cama, a acolher pessoas. Então eu acabei tomando ele por um propósito e eu posso dizer que eu respiro benzimento e sou muito encantada, porque por mais que eu estude, por mais que eu trabalhe, por mais que eu conheça sobre o benzimento, cada vez que eu conheço mais e estudo e aplico mais, eu só vejo que não sei nada. Porque prá mim o benzimento é como se fosse um livro de dez mil páginas e a gente só teve acesso a duas. É como um mistério que não tem fim, tem sempre um gostinho de novo, tem sempre uma tradição nova, um jeitinho novo para você conhecer, mas ele representa tudo na minha vida.*

**BP2** - *Na minha vida, o benzimento chegou como uma revelação do que eu tenho prá entregar, sem desejar nada em troca. É um processo de entrega muito divino, porque ele tem a ver com isso, não só de estar frente a frente com quem precisa dessa energia, dessa manifestação de fé, mas também com tudo que está à volta. É olhar as plantas e saber que são seres, que elas têm uma energia e eu posso me conectar com elas, assim como todo ser vivente. Era um caminho que eu já vinha percorrendo e que o benzimento potencializou na minha vida, de perceber que tudo que está à volta como seres viventes de grande importância e de grande magnitude. Para minha existência e de tudo que há.*

**BP3** - *Então é isso, é iluminação, amor, bem-estar em benzer. As pessoas vêm tão tristes e eu fico feliz com a presença delas [...] a gente reza para estas pessoas que criaram isso, eles estão no plano espiritual, na fraternidade do Grande Coração. Benzer é tudo de bom.*

**BP4** *O benzimento na minha vida representa uma conexão com o divino. Não me representa status, nenhum tipo de reconhecimento. A única coisa que ele me representa mesmo é minha conexão com o divino, é minha doação para com o divino.*

**BP5** - *Representa disciplina, amorosidade, eu digo que é minha melhor versão. As pessoas dizem: "A Camila é um ser evoluído". Sou nada, sou igual a todo mundo. Ali naquele momento eu tenho uma conexão com o divino e me entrego para isso. Mas eu não sou isso, não sou ascensionada, não sou evoluída, não sou melhor do que ninguém. Tem muita disciplina, tem muita entrega, muita solidariedade, generosidade de poder fazer isso, mas eu também faço isso não é só pelo outro não, é que eu fico melhor, me sinto muito melhor nesse lugar e depois que eu faço isso. Então é por isso também.*

**BP6** - *Na verdade tem vários, mas tem um que é bem marcante mesmo. Foi aniversário da minha sogra, eu morava bem pertinho, mas eu não tinha nada de instrumento comigo. E uma amiga muito*

*amada pela minha sogra e por mim, velha claro, negra maravilhosa, ela teve processo de AVC. Ela ficou sem a fala, em cadeira de rodas, e estavam todos cantando parabéns e ela ainda estava na fase das convulsões. Era um salão grande e ela estava no fundo, na cadeira de rodas e eu ao lado dela. E ela começou a ter convulsão e as pessoas não estavam ouvindo meus gritos. [...] Aí, bom, a única coisa que me restou foi jogar ela dentro de uma sala e comecei a rezar ela. Daí ela foi vomitando, vomitando. A única coisa que eu vi pela frente foi um antúrio. Eu passei a mão nesse antúrio e comecei a passar nela e rezando, rezando e ela começou a voltar. Eu estava desesperada, mas, ao mesmo tempo, é interessante, eu estava desesperada com aquilo que estava acontecendo, mas ao mesmo tempo, com muita fé que com aquele benzimento ela poderia voltar sem graves consequências. E de fato foi o que ocorreu. Então quando eu sou posta diante de uma situação como essa, ou como outras que eu já vivi, né, como uma pessoa arrancar a roupa e querer sair do centro do círculo, ela ficou possuída numa roda de benzimento, e aí eu grudei ela por trás e trouxe ela prá dentro do meu corpo e comecei a rezar em cima da cabeça dela, até que ela desmaiou nos meus braços. E as pessoas muito impressionadas. Então é como se minha atitude num momento como esse fosse só confiar. E eu já fui muito testada nesses vários processos que eu passei muito na confiança assim. De obsessor dar pulo e eu ter de segurar no meio das pernas e ficar com as pernas roxas, para que a moça não se machucasse. Eles ficam muito fortes e ela começou a dar pulos e saltar prá trás. Eu falo que tem muito a ver com minha ancestralidade, porque minha avó Arlinda tirava os espíritos com a cinta. Então a pessoa que tem uma ancestralidade dessa vai pegar o quê? Só uns negócios pesados. Por isso que eu falo, é um lugar de muita confiança. Quando eu falo isso para os meus alunos, eles se apavoram perguntando se vai acontecer com eles. Eu respondo que eu acredito que Deus só dá o fardo que eles podem carregar. Assim, só vai acontecer com a gente, aquilo que a gente tem possibilidade de dar conta. E se não der muitas vezes eu entrego e peço ajuda. E, graças a Deus, as ajudas sempre chegam.*

**Terceiro aspecto - O que me leva a praticar o benzimento** (Essa subcategoria reflete a motivação de cada indivíduo para praticar o benzimento)

**BP1** - *A primeira coisa que me leva a praticar o benzimento é reconhecer que, dentro de mim, tem um mundo onde todos os meus ancestrais ainda estão vivos. É um mundo onde eu consigo abraçar a perna da minha avó, da minha bisavó, é um mundo onde eu consigo ouvir a voz do meu bisavô, onde ainda eu consigo colher figo com a minha bisavó e o benzimento é uma das chaves para este mundo. O segundo motivo é que faço isso em honra à memória deles, tanto da minha bisavó R. quanto do meu bisavó L. e depois eu fui descobrindo para outros ancestrais, tanto maternos quanto paternos [...]. O terceiro é em todas as memórias dos benzedores que já existiram e que passaram por uma coisa muito pesada pelo crime de curandeirismo que aconteceu aqui no Brasil.[...] O quarto foi pela necessidade de isso acontecer. O benzimento estava sumindo como várias outras práticas ancestrais e a minha geração é a última que tem a memória de fato de um galho de arruda passando no rosto. Esta próxima geração dos anos 2000 não tem essa memória. Então prá mim o quebranto sempre vai existir, assim como o pé na bunda, e o meu receio é que meu filho ou neto precise de um benzimento porque está com quebranto, que é uma coisa tão fácil de resolver, mas que a longo prazo incomoda tanto e não achar um benzedor ou uma benzedeira, né?[...] Então pessoas abençoadas, abençoam outras pessoas. E aí se eu estiver calma, as pessoas à minha volta ficam calmas e isso é um efeito dominó. Então, o benzimento é uma forma de eu mudar o mundo um pouquinho que seja. São basicamente estes os motivos.*

**BP2** - *É um propósito de vida. Eu fiz a pergunta: para que eu vim?. Eu vim prá trabalhar, para consumir, dormir e acordar. Prá ter filho, como eu tenho, ter gato, prá ter planta? Quer dizer, isso só não me preenchia. Então a pergunta era: qual é o propósito de eu ter vindo?. E a resposta foi isso, tanto é que hoje eu me sinto bem preenchida. E aquela coisa de frequentar várias religiões, porque eu fui umbandista, com a herança da minha mãe, a minha vó me introduziu no catolicismo, mas não era aquilo. Eu fui procurar o espiritismo de Kardec, não era aquilo, depois o candomblé. São coisas que exigem compromisso, mas isso não era o que eu queria.[...] Mesmo quando a memória do que minha avó fazia veio à mente, ainda assim não fez sentido de imediato. Mas um dia fez, sei lá, um ano depois, deu o start. E na hora entendi porque aquilo me veio à memória, porque era isso que eu queria, que eu precisava fazer. Então hoje benzer as pessoas é cuidar das pessoas do jeito que gosto de ser uma cuidadora, então hoje eu cuido do meu pai, dos meus 3 gatos, e ainda do meu filho de 24 anos, mas*

*espero que seja por pouco tempo, tem os meus irmãos, que de certa forma eu cuido, eu sou a filha mais velha, eu sou a que tem emprego estável. Então a benzedeira cuida de tantas outras coisas, enquanto a assistente social, a Maria, a mulher, a mãe, filha, irmã, a amiga, a vizinha cuidam de outras tantas coisas e a benzedeira cuida de tudo junto*

**BP3** - *O que me leva a praticar o benzimento é aproximar-se de um ser humano em cima daquele triângulo, que é o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Amar sobre todas as coisas. Ame o seu próximo do jeito que você se ama.*

**BP4** - *Doação. A minha questão dentro do benzimento é pura doação. Antes mesmo de saber que eu tinha um familiar que benzia, a gente que já foi jovem e levado a ser benzido, a gente fica com aquilo na cabeça e eu sempre procurei tentar achar alguém que me ensinasse. Depois de mais velho, comecei a procurar insistentemente até conseguir alguém que me ensinasse. Então a minha sensação quando eu benzo é uma sensação de doação, o desejo que eu faço é um desejo de doação.*

**BP5** *falei daquela coisa da presença do divino, que é algo que muito me emociona no processo. Quando eu me entrego, é como se eu pedisse licença (e eu faço isso) para o anjo guardião da pessoa, peço a permissão para que eu possa adentrar o seu espaço sagrado para entregar e receber e conectar essa benção e essa reza. E, a partir daí, eu me entrego também a esse divino e faço uma reza coreografada, aquela que já está na cabeça e, na grande maioria das vezes, eu me entrego e rezo o que dá naquele momento. Eu sempre sinto assim, que é como se acendesse dentro de mim, no meu coração, eu sinto literalmente uma explosão.*

*E isso normalmente leva às lágrimas, quando eu estou no processo.*

*E muitas vezes eu sinto no processo que quem está benzendo é uma avó daquela pessoa, às vezes eu vejo um índio, às vezes eu vejo uma pessoa negra, enfim.*

*Eu consigo visualizar que muitas vezes aquela reza não fui eu que fiz, né, que eu fui usada como instrumento de alguém. E é muito interessante isso, porque quando eu termino de benzer, eu digo para a pessoa que senti a presença do guardião dela, que não fui eu que benzi, eu só cedi materialidade para isso. E conto as características da entidade que vi e as pessoas reconhecem como avó ou outro parente. Isso acontece com frequência quando estou no processo de benzimento. Nunca é igual, por mais que a reza seja a mesma, é sempre único.*

**BP6** - *a minha ancestralidade. Tudo que eu faço a minha ancestralidade está inserida. Todos os trabalhos, vou te dizer que o meu PhD espiritual é de ancestralidade, porque a honra que eu sinto, o amor, a profundidade de servir essa ancestralidade é muito grande, é muito verdadeira, vem da minha alma, assim. Então, às vezes a gente fala que quer desistir do humano, porque o humano tem também essa faceta de não se auto responsabilizar pelas próprias questões e muitas pessoas que passam pelo processo de benzimento, eles trazem esse traço, de só querer receber, de não querer se responsabilizar, de não perceber que tem de mudar algumas atitudes e pensamentos, para que ele também eleve a sua consciência espiritual. Mas quando eu vejo isso e vem esse lugar de dor, eu falo: mas não é por ele, é por elas!. É uma forma de dar continuidade à minha ancestralidade, porque eu também quero ser essa ancestral para minha família, pra sociedade, pra vida. Eu sempre penso que tipo de ancestral eu quero ser, o que quero deixar. Aí então eu respiro e continuo a nadar.*

*Às vezes é difícil mesmo, as pessoas têm esse processo de ingratidão, de não responsabilidade, mas eu não vou dizer que é pelo outro não, é pela minha ancestralidade. Essa é a realidade.*

Sobre a **Categoria 2 - O papel da Intergeracionalidade na construção do benzedor(a)**, não foram observados outros conteúdos a não ser a própria transmissão de conhecimentos.

**BP1** - *Vivos não mais. A última que benzia era minha bisavó, que morreu quando eu tinha 9 anos de idade. Minha avó materna é benzedeira, está viva, mas ela acabou migrando de religião, agora é*

evangélica da Congregação Cristã do Brasil e a religião atual não permite a prática. Mas ela sabe benzer, é a única na família que sabe benzer, mas não prática mais. Sou neta bisneta e tataraneta de benzedoras. [...] Não consegui aprender com nenhuma delas. Aprendo muito pouquinho agora espiritualmente, porque a minha bisavó é uma das minhas bentas. Mas em vida não consegui aprender com nenhuma ancestral. A minha avó que está viva é muito ressabiada em passar estes conhecimentos, ela tem muito conhecimento de ervas, de emplastro, muito conhecimento ancestral, mas ela hoje acredita que isso é coisa do demônio. (...) é a visão de um benzedor. É a visão que aprendi com minha bisavó. A minha bisavó não dimensionava nenhum tipo de problema, ela não tinha um problema maior ou problema menor. Eu era muito briguenta na escola, então recebia um montão de apelidos. Eu ia na casa dela e ela me tratava de uma forma. Se chegasse outra pessoa, ela a tratava da mesma forma. Então, ela não dimensionava problemas e não abria a boca. Ela era conhecida por resolver os seus problemas sem abrir a boca. [...] Aí eu ficava pensando: Oxe, mas como que fazia isso? Foi daí que eu comecei a resgatar memórias minhas quanto das pessoas que a conheceram. Ela simplesmente te amava. A forma como ela te olhava é um olhar que eu não conheci em nenhum ser humano. Ela só te amava. [...], justamente porque o mentor da egrégora, o vô Antonio, fala que se você não conhece o seu passado, você tende a repeti-lo no futuro e prá saber para aonde você vai, você precisa saber onde você está. Prá saber aonde você está, você precisa saber de onde você veio. Então eu observo que a forma como o benzimento está acontecendo agora neste boom, a forma como está acontecendo, eu acabo ficando com um pouco de receio porque acaba ficando um pouco superficial. Prá mim é importante saber quem foram as benzedoras de antigamente, como esta tradição começou, justamente para honrar a memória delas e fazer uma coisa com muito respeito.

**BP1** - Eu entendi como um sinal. No dia anterior eu estava fazendo uma vivência de benzimento e no dia seguinte eu acho o terço da minha bisavó benzida. [...] Daí uma amiga minha me perguntou por que eu não fazia de novo a vivência. Disse que eu tinha ido muito bem. Meu medo era minha didática, eu nunca tinha sido professora. E ela me incentivou a fazer de novo. Daí eu aceitei. Arrisquei, fiz a segunda turma e desde então em todos os finais de semana eu não parei. Só parei por causa da pandemia. Foram 121 turmas (...) O vô Antônio é o mentor da egrégora e eu só vou seguindo o que ele fala, o que ele manda e desmanda, eu obedeço. Se você me perguntar onde vou estar daqui a 5 anos, eu não tenho a mínima ideia. Só sei que vou estar num lugar aonde o vô Antônio me levar e, com certeza, será um lugar bom. Eu só estou indo e está sendo uma coisa legal.

**BP2** - Eu sou M. benzedora, filha de Rosa e Durval, neta de Vitória benzedora e de Belmira, bisneta de Rosa e Afonso, benzedores. [...] A minha avó, por parte de mãe, era benzedora e eu tenho essa memória. Foi dessa memória que veio o meu caminho, esse desejo de seguir os passos da minha avó. Antes de falecer, ela tinha parado de benzer, porque se tornou pentecostal, dessas novas igrejas, e, apesar de não ser uma pessoa muito xiita, radical na prática, ela não benzia mais. E, antes dela, eu fiquei sabendo recentemente pela minha tia, que é a única das minhas tias vivas hoje, morando lá no Interior da Bahia, em Iitororó, e lá ela me disse que minha bisavó, mãe da minha avó, era benzedora, assim como meu bisavó, o avô Afonso da minha mãe, que também era benzedor. Isso minha mãe dizia, que ele era um curandeiro, que ele tinha umas magias, que ele tinha um cajado e era muito poderoso, com chocalho de cobra e essas coisas. Minha mãe contava essas histórias prá gente. E minha tia confirmou, que o meu bisavó Afonso era benzedor, assim como minha bisavó, que se chamava Rosa, era benzedora, como minha avó. Então são essas as informações que tenho dos antepassados.

**BP3** - Então eu tenho o povo celestial, mas tenho o povo da terra, que sou eu, minha filha terapeuta, tenho um neto cristal, que já está aprendendo a fazer as suas conexões com seus cristais. [...] Sou de tradição católica, mas sou umbandista. A umbanda é uma religião afro-brasileira, é uma mistura dos nossos antepassados africanos, mas também tem os indígenas e também tem o catolicismo com seus ensinamentos e também o espiritismo de Allan Kardec, que o codificou e explicou em 5 livros tanta coisa bonita. Só esses 5 livros de estudo já nos preparam para um bendizer mais saudável, mais elevado. A umbanda é uma religião puramente brasileira. Foi criada dentro das nossas tradições, minha avó não sabia explicar o que eu sei, mas ela usava os recursos sem saber nem o que era nem porquê. (...) Agora tem outra benzedora lá dentro do Parque Ecológico, é uma jovem. Ela veio aqui prá saber como é que eu faço, porque ela quer ser benzedora. Eu digo: minha filha não tem instrução não, e ela disse que foi fazer um curso e não entendeu nada. [...] Aí eu digo que não fiz curso não, eu digo que

benzimento é o seu coração, sua conexão com seu guardião, é o amor que você tem pelo outro. Não tem mais o que fazer senão amar muito, mas para mim o amor não basta, tem de ter a sabedoria. São as duas asas de um pássaro, amor e sabedoria. Jesus Cristo falava: *Amai-vos mas instruí-vos. É a outra asa. Então eu uso a minha boca para falar, o idioma da pessoa e meu anjo da guarda vai me inspirando, para eu traduzir o que o outro anjo da guarda que está atrás da pessoa manda dizer. Aí eu digo. Muitas vezes, no meu repertório, tem um salmo da Bíblia que a pessoa precisa ouvir, aí eu digo que a pessoa recite em voz alta o salmo tal. Aí a pessoa anota. Às vezes, é o salmo 38, que muda a vida das pessoas, é o salmo que eu mando falar para aqueles que querem morrer, aqueles que acham que a vida acabou.*

**BP4** - *Então, eu estou esperando minha filha ter uma compreensão um pouquinho maior, ela está com 5 anos, apesar de ela já ter bastante desenvoltura, eu estou esperando ela crescer só mais um pouquinho para que eu possa passar também para ela esse dom, esses conhecimentos todos. (...) Bom, a primeira razão é justamente por conta de lembrar algo que era feito na infância deles, quando se passava algum tipo de mal e era levado num benzedor ou na benzedeira e aí cresceu e ficou essa informação dentro da pessoa e aí quando está passando pelo mesmo processo vai procurar um benzedor. Como estou acessível, vêm até mim.*

**BP4** - *Exatamente, com o falecimento da bisavó houve esta quebra. Não sei se meus tios pegaram essa tradição de alguma maneira. Até onde sei não. E não teve essa continuidade. [...] É, tem uma tradição muito forte, mas infelizmente, como você vai perceber durante suas entrevistas, muitos daqueles que têm uma tradição familiar não estão conseguindo passar para as gerações seguintes ou eles não querem passar para a geração seguinte por não ver comprometimento. Então, aqueles que a gente chama de benzedor raiz, eles infelizmente estão fazendo a sua passagem sem a transmissão da prática. [...] Isso. Eu dou cursos também de benzimento. Dentro das minhas práticas, eu conversei com meus mentores e eles fizeram as autorizações, conforme eu acredito, e aí eu recebi a permissão para dar curso. E o que venho notando, nesse tempo que venho dando curso, é justamente isso. A prática transgeracional não está acontecendo. Gerações se perdem desta prática por conta de dogmas de benzedores que não transmitem. Eu tenho vários alunos e alunas que vieram ao curso justamente porque seus parentes não transmitiram a eles. Alguns porque fizeram a passagem antes de seus descendentes estarem aptos a receber e outros porque o dogma pessoal daquele benzedor não permitia. Não tinha um sexo específico ou ter uma geração específica. [...] Então, acho que o fato mais forte que eu tenho a comentar é a dificuldade que eu vejo em compreender que o benzimento infelizmente é uma tradição que está em franca extinção. E as pessoas compreenderem, por conta disso, que os cursos de benzimento que são oferecidos eles não tentam pegar e retirar o poder daquele senhor ou daquela senhora. Antes disso, é mais uma forma de as pessoas terem acesso novamente a essas práticas, essas tradições, vindo de uma forma um pouco mais moderna sem o dogma geracional, mas que fique mais próximo novamente. Inclusive, só para que fique registrado, eu sofri preconceito, acho que em São João del Rei, quando fui dar um curso lá pelo fato de eu estar dando um curso de benzimento. Na verdade, recorrentemente, não agora porque estou proibido pelos meus mentores de dar curso on-line de benzimento, eles só me permitem dar curso presencial. [...], quando eu fazia os anúncios, que eu estava oferecendo uma turma e tudo mais, eu sofria ataques, tais como “quem você pensa que é”, “você está roubando tradição dos outros”, “você está querendo tirar o poder daqueles benzedores tradicionais”. Então, vez por outra, a gente sofria uns ataques, dentro dessa mentalidade um pouco mais estreita de achar que a gente está tomando espaço para isso.*

**BP5** – *[...] a minha tia chegou na minha casa e disse que minha bisavó tinha sido benzedeira. Ela morava na Lagoa da Conceição que foi o lugar que eu morava quando me consagrei benzedeira, que era o lugar da minha bisavó, da minha avó e eu cheguei naquele lugar quando eu estava pronta. Então eu sabia que tinha uma função e naquele momento eu fui à missa. [...] E começamos a fazer esse trabalho e foi um trabalho que logo na sequência eu descobri que minha bisavó era benzedeira e eu entendi que eu tinha chegado lá, e que eu estava pronta para ser a benzedeira naquele lugar, que talvez minha bisavó não conseguiu concluir porque ela morreu muito jovem. Então tudo isso faz sentido, nesse momento, e não foi uma escolha, fui guiada.*

**BP5** - De certa forma, eu criei uma técnica, desenvolvida a partir de todas as ferramentas que estudei e me apropriei ao longo do meu processo e é assim que eu faço. Eu tenho um processo de acolhimento, de escuta e retorno e diretiva. Eu consegui entender a espiritualidade pela Psicologia e o reverso também. Sempre fiz isso, sou virginiana, tenho uma mente muito analítica. Eu gosto muito de estudar, sempre quis entender quais eram os mecanismos da mediunidade, da espiritualidade, como é a ascensão do Espírito Santo, chakra cardíaco, energia crística, é a chama trina e como é que a gente acessa isso. Eu fui aliando várias... eu precisava de respostas, a umbanda me trouxe muitos ensinamentos, mas não me trazia respostas, ela me trazia dogma assim como a igreja católica. Eu dizia: não, eu não quero isso! Quero saber por quê! E daí eu ia para o conteúdo científico, filosófico. Isso fez com que eu entendesse. Então eu construí dentro do meu campo mental o que é o benzimento, todo o processo de cura, o que é a Psicologia no processo energético e sutil. Então isso tudo eu fui tramando e há um ano eu dou o curso de alinhamento com a espiritualidade, que é um trabalho de 15 anos de estudo, vários autores científicos e experiência prática que eu fui juntando tudo isso: o campo das emoções, o campo mental, o campo etérico, energético sutil espiritual. O ideal seria que a gente entendesse fora das religiões, não com as diretrizes religiosas dogmáticas. Foi assim que eu uni espiritualidade, benzimento, com a Psicologia e com tantas outras técnicas e ferramentas.

**BP6** - *E aí eu sigo então esse recomeço, encontrando a A, C. N., que é minha grande mestra física nesse plano, que me inicia na tradição dos bentos e benzedeadas de quilombo, que já tinha tudo a ver com a minha ancestralidade e isso foi em 2015, que eu reencontro a A. E aí eu falei: nossa, curso de benzimento, que interessante! Eu já estava sentindo esse movimento de regressar totalmente para esse processo da minha ancestralidade. [...] Para quem precisar. Eu sinto que a gente precisa desmistificar essa ideia e aí eu respeito como era feito, porque devemos respeitar o tradicional, mas eu sinto que agora a gente não pode se prender a isso, se fechar em copas, porque está todo mundo precisando. Ontem mesmo, uma moça me ligou dizendo que teve um ataque, estava com os olhos fechados e não conseguia dirigir o carro. Eu pedi para ela ficar calma e gravei uma oração, que era uma oração da minha tataravó, que ela ia ficar bem. E, de fato, gravei imediatamente a oração e passei para ela.*

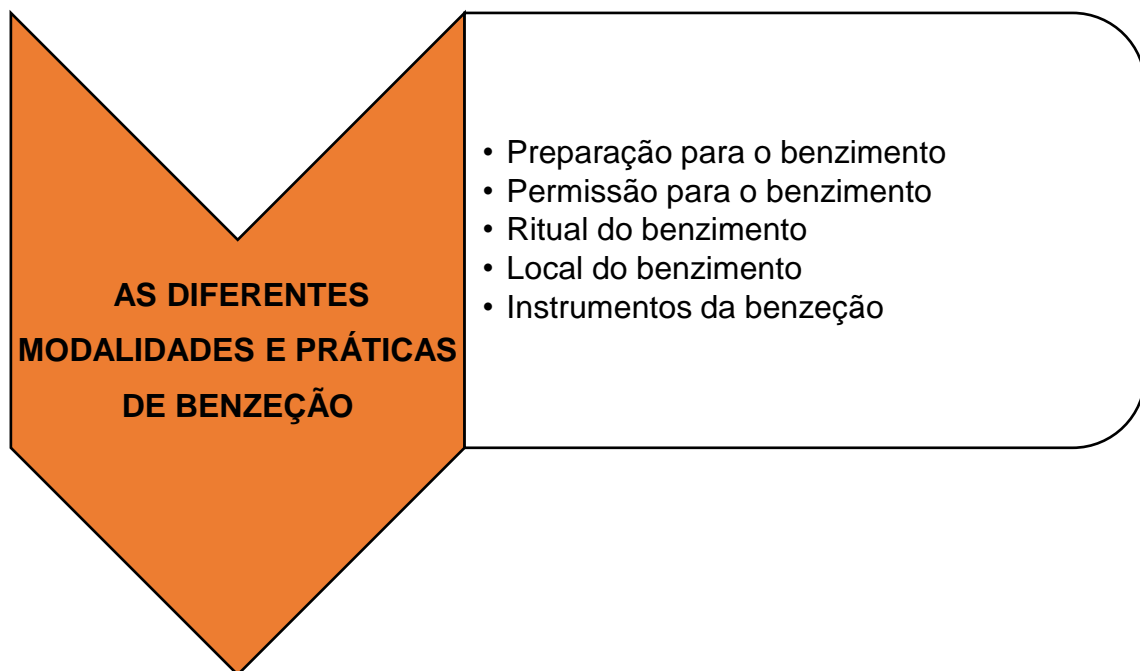
*Então se você precisar nesse momento de uma oração, eu vou te passar todas as orações que você precisar. A oração diz o seguinte:*

*São Bento, na água benta, Jesus Cristo no altar;  
 Quem estiver no meio do meu caminho, que se arrede, deixe eu passar;  
 São Bento, na água benta, Jesus Cristo no altar;  
 Quem estiver no meio do meu caminho, que se arrede, deixe eu passar;  
 A cada solto, a cada descuido;  
 São Bento, na água benta, Jesus Cristo no altar;  
 Porque eu creio em Jesus e seus santos;  
 Que nada me ofenderá, a mim e à minha família  
 e a tudo que eu criar;  
 Tá rezado, tá cruzado, em nome de Deus e Nossa Senhora.*

*E aí gravei para ela, chegou para ela, e pôs o áudio e dali um pouquinho ela me mandou mensagem, dizendo que estava um pouco melhor. E aí eu vou te mandar banho, isso prá mim é bem tranquilo e aí pega só naquela questão que eu disse da autorresponsabilidade, de a pessoa de fato se comprometer. Eu digo que se você fizer e se comprometer, o resultado vai chegar. [...] Não usar as benzedeadas também como forma de descarga, descarga de lixo pura e simplesmente. Tem pessoas que eu vou acompanhando e também tem um momento que eu dou um limite. E digo à pessoa que a partir dali ela tem de reconhecer os próprios processos, principalmente quando é muito emocional, para que você dê conta. Porque até os processos espirituais também têm um consentimento. Eu entendo que há um consentimento interno de certa forma para a gente permitir. Qual é o consentimento? Eu não estou fazendo o meu bloqueio de forma correta, não estou fechando meu campo de forma correta para possibilitar que tantas coisas ruins que estão chegando. Tudo tem a ver com a gente no final*

Mais uma categoria emersa das narrativas foi aquela que se optou por denominar: **Categoria 3 - Processos de benzimento**, que se desdobrou em 05 (cinco) aspectos:

**Figura 8** – Categoria 3 e seus desdobramentos



**Fonte:** A pesquisadora.

### **Primeiro aspecto - Preparação para o benzimento**

**BP1** - Normalmente eu me benzia, levantava minhas preces, montava um altazinho para poder fazer o benzimento. [...], limpo minha mão com água benta, tenho um vidro de água benta em casa. [...], Mas, quando é um atendimento de mais pessoas, tem um rito mais elaborado. Mas sempre me benzo antes.

**BP2** - Existe, eu recomendo ao grupo, sempre antes de benzer, pelo menos 24 horas antes, não ingerir bebida alcoólica, manter pensamentos mais harmoniosos, não estar em espaços muito tumultuados, espaços propícios a conflitos ou com energias mais pesadas, não ir para bares ou lugares onde se consuma drogas, com energias mais pesadas. Fazer esse resguardo pelo menos 24 horas antes. Se for casada ou não, poder se abster de sexo, da troca de energia sexual. Não que isso seja prejudicial, mas pela troca de energia que se estabelece na relação sexual. Então se você puder preservar sua energia é melhor, nada é obrigatório, mas é solicitado que se faça isso. Às vezes, eu até peço para aquelas que podem tomar um banho de ervas, de alecrim ou manjerição ou aquilo que sentirem que é melhor, antes de ir para o trabalho no posto. Em casa, se a pessoa sabe que vai receber alguém prepare-se de algum modo, para que possa receber com inteireza, com presença, com a maior fluidez possível a energia a ser compartilhada.

**BP3** - *Eu faço uma oração, acendo uma vela para meu anjo de guarda, que é um objeto de intenção, do orixá do dia. Aí acendo para meu guardião, que trabalha para meu anjo da guarda. Existe um guardião que abre meu caminho para eu fazer esse benzimento, é ele que cuida da porta da minha casa, que recebe as pessoas aqui. Tudo isso acontece antes de chegar a pessoa. Aí a pessoa chega e me encontra preparada. Eu tomo um banho frio, aí eu não me enxugo, aí eu coloco uma roupa limpa e agradeço a Jesus pela oportunidade de trabalho, porque eu estou fazendo aquilo que eu mais amo na vida e eu tenho certeza de que estou do lado de Jesus, ao lado de Maria de Magdala, a primeira discípula de Jesus, ao lado da mãe dele da falange de Nossa Senhora da Conceição, que é a falange que cuida das crianças e também o meu padrinho, que é São Francisco. Na pia batismal minha mãe escolheu ele como meu padrinho. [...] E quando chega uma pessoa para eu benzer, que eu faça a leitura porque o corpo mostra tudo e aí eu vou identificando, me colocando e traduzindo o que o anjo da guarda fala para que ela se sinta melhor, aceita, incluída, amada. Quando lemos Alan Kardec nós nos fortalecemos, alimentamos nosso espírito.*

**BP4** - *Sim, existe. Existe uma ritualística antes de benzer, que é o que a gente chama de CRUZAR. Este termo pode ser encontrado com outros nomes para outros benzedores, mas consiste na preparação, que é fazer o sinal da cruz, pedir autorização para ser um canal de luz e pedir licença a quem vai ser benzido, para que possa ser benzido. Então existe esta preparação anterior ao processo.*

**BP5** - *Prá mim, existe. Eu fui orientada dentro da Umbanda, então 24 horas antes do benzimento, não me alimento com carne, eu tomo banho de ervas, utilizando um combinado de ervas para limpar meu campo etérico, não faço sexo e não consumo bebida alcoólica. E para poder dar conta de fazer a coisa certa eu não benzo todos os dias, porque vai ter momentos. É claro que eu não deixo de benzer se houver uma necessidade, mas eu tenho uma vez por semana, como eu tinha no terreiro, em que eu ia uma vez por semana, no sábado, na sexta eu tinha essa disciplina. E ao longo da minha vida depois que eu saí do terreiro, eu instituí um dia em que eu faço as rezas, para poder dar conta de estar bem alinhada energeticamente para fazer as conexões devidas e também não exaurir a minha energia. Porque se eu não for preparada não vou sair bem do benzimento.*

**BP6** - *Sim, de certa forma sim. É, porque é o diário, é a preparação do diário. [...] Eu sempre falo no meu curso que tem o mundo ideal e o que tem para hoje. O mundo ideal é a gente fazer uma preparação. Os meus altares estão sempre acesos. São para anjo de guarda, para a ancestralidade, para a Jurema. A gente gasta uma nota preta para manter esses altares acesos, nossas firmezas. Então a oração quando chega eu já estou com meu movimento preparado, porque isso já faz parte, às segundas-feiras de limpar altar, acender velas. Já existe uma organização.*

**BP4** - *Isso depende de dois fatores: o primeiro é que alguns benzimentos específicos exigem um período de repetição. Então, por exemplo, o benzimento conhecido como cozimento tem um período de repetição de três dias, eu tenho de fazer num primeiro, num segundo e num terceiro dia. Outros benzimentos dependem da minha percepção com relação à pessoa que está recebendo o benzimento. Se eu achar que ela necessita de mais intervenções, eu posso pedir para que ela volte em dois ou três dias seguidos, ou que ela volte na semana seguinte para continuar dando um espaçamento semanal.*

## **Segundo aspecto - Permissão para benzer**

**BP2** - *pede permissão para o anjo da guarda, o protetor dela, para que possamos interferir, manipular a energia da pessoa. A gente também pede a proteção dos nossos guardiões, da nossa mãe, da nossa avó, chama a presença para que nos acompanhem, para nos inspirar na melhor palavra, a melhor reza para a pessoa atendida.*

**BP3** - *pedir licença ao anjo da guarda. Porque se você não pedir licença, não funciona. Daí o meu anjo da guarda e o anjo da guarda da pessoa vão fazer o benzimento. Eu sou apenas o instrumento carnal desta tradução, que vem pela minha boca, com palavras. [...] Eu apresento cada santo do altar para as pessoas, explico o que é e deixo ela sentada. E aí ela fala que é evangélica e que disseram a ela que isso é do demônio. Eu fiquei curiosa, aí eu vou conversar sobre o demônio para tirar esse medo de dentro dela e, se ela autorizar, a gente faz o benzimento, que é bendizer, aqui tem também o bem-fazer e bem pensar, biomagnetismo, a gente vai fazendo.*

**BP5** - *É que a gente não sabe quem está do outro lado e quem são essas pessoas, porque você abre espaço para as pessoas receberem uma bênção, a pessoa vai lá e coloca o nome da família inteira. Até que ponto esse benzimento, esse quantum de energia encaminhado chegou na pessoa? A pessoa está aberta para receber, tem consciência, deseja receber essa bênção? Então tem tudo isso, né? [...] E daí eu entendi que, muitas vezes, pedem por pedir, porque é de graça, é fácil, é só botar o nome e, se não tem fé do outro lado, não chega, se não tem consciência, o real pedido de auxílio, não vai. [...] E foi assim, na umbanda é puxado, muito mais puxado porque era presencial e às vezes eu chegava às 5 da tarde e saía a 1 da manhã, sentada, benzendo as pessoas e era aquela fila. Mas a gente não sai cansada não, a gente sai revigorada, é sempre melhor sair de um processo de benzimento, mas eu fico pensando muito na intenção daquele que está pedindo. Será mesmo que estou a serviço do divino ou estou a serviço da acomodação do outro, de não querer fazer sua parte, ter a fé, orar. É mais nesse sentido assim. Como sou educadora, acho que tudo tem que ser um tanto quanto pedagógico. Quer dizer, eu posso benzer, mas você venha me pedir, enfim, tem que ter esse movimento.*

**BP6** - *[...] a única coisa que eu pergunto é se há autorização, quando um terceiro busca o benzimento, eu digo que preciso da autorização da pessoa que vai ser benzida. Porque eu entendo que se a gente entra no campo do outro sem autorização, ao invés de estar fazendo um bem, na verdade está fazendo mal. Até porque eu sinto o benzimento como algo universalista, sem ligação com dogmas religiosos. Então quando eu benzo uma pessoa eu vou benzer com as próprias entidades e rituais que ressoam com ela. Então muitas pessoas eu benzo só com as mãos ou com um pouco de água, com rosas. Eu gosto muito de cantar nos meus benzimentos também. Então eu faço benzimentos às vezes trazendo um canto, um canto rezado. Eu acho que isso toca muito as pessoas. Gosto muito do contato, estou sentindo muita falta disso, porque a minha forma de benzer é de bastante acolhimento, de abraço, de beijar a testa, enfim de falar ao pé do ouvido, porque eu sinto essa aproximação. Peço licença ao consulente, porque vou tocá-lo, mas sem invadir o corpo do outro, mas normalmente tem bastante recíproca.*

**BP6** - *Então, prá mim o processo de benzimento é de entrega. Quando a gente entra no campo do consulente, naquele momento você se entrega totalmente para que a espiritualidade te imbua de insights e percepções para que você possa auxiliar o outro. É muito linda a fusão que a gente sente nesse ato. É muito humano e divino ao mesmo tempo. Você se dissolve naquele processo e, de fato, sair do ego. Eu falo para as pessoas, que não vá com a ideia de que você vai curar, vai resolver, mas vá com a ideia de que está servindo. Tem uma benzedeira, dona Célia, que ela fala: Lá em cima, quem cura é Deus, aqui embaixo quem reza sou eu! [...] Isso fala muito ao meu coração. Como eu aprendo com essas velhas! Esse lugar de humildade, de ser simplesmente um canal de conexão com esse divino. E aí se a pessoa vai melhorar, vai ser curada, tá no seu merecimento, está em tantas variáveis, que eu só me ponho à disposição. Algumas pessoas, eu tenho muita facilidade de trabalhar com mulheres grávidas, então eu consigo saber o sexo do bebê, consigo saber se ela tá grávida, se vai abortar. Isso vem da minha avó Arlinda, que também foi parteira. Então esse é um dom dentro do benzimento, que é trabalhar com essa energia da mulher grávida. E como é que você sabe, Raquel? Eu não sei, porque eu não vou pensando que eu preciso saber. Como eu te falei, eu abro meu coração e entrego à disposição daquele movimento e as coisas só se apresentam. Recentemente toquei numa moça, nem ela sabia que estava grávida, e disse a ela que estava grávida. Ela falou que estava com muito medo de estar, eu falei que ela ia perder o bebê, que ia ser rápido e, dali a 3 dias, ela de fato perdeu. Não são coisas muito legais de falar, normalmente eu não falo, mas nesse caso eu precisava,*

*primeiro porque ela estava grávida e segundo porque ela ia passar por um processo de aborto. [...] Então é isso. O que eu poderia dizer sobre a dinâmica de benzer é a entrega.*

### **Terceiro aspecto - Ritual de benzimento**

**BP1** - *O rito do próprio benzimento mesmo. O benzimento quando é para outra pessoa normalmente se divide em 3 partes: o desabafo da pessoa contando o que ela tem, o rito do próprio benzimento em si, que é o ato de benzer e um diagnóstico ou recomendação. Eu não costumo fazer o diagnóstico ou recomendação, porque acredito que é uma responsabilidade muito grande fazer recomendações ou diagnósticos para uma pessoa que você nem sequer conhece*

**BP2** - *Depende da queixa da pessoa. Mas, em geral, o rito começa perguntando o nome da pessoa, porque a partir dali a pessoa se faz presente. Quando é uma criança é a mãe que fala o nome, pelo menos até cerca de 12 anos, que é a mãe que a representa. Quando é a pessoa, a gente pergunta do que ela precisa, qual é a demanda. Em seguida, a gente pede permissão para o anjo da guarda, o protetor dela, para que possamos interferir, manipular a energia da pessoa. A gente também pede a proteção dos nossos guardiões, da nossa mãe, da nossa avó, chama a presença para que nos acompanhem, para nos inspirar na melhor palavra, a melhor reza para a pessoa atendida. [...] Depois a gente faz a reza e, no final, se a gente usou um vegetal para benzer, nós o despachamos para a terra ou debaixo de uma planta, para que essa energia manipulada retorne para a natureza. Basicamente são esses os passos do rito do benzimento, com algumas variações. Para cada pessoa é um vegetal, então você despacha. Às vezes, você tem uma mãe com um bebê no colo e aí você benze os dois com o mesmo ramo vegetal.*

**BP3** - *e já olho para os olhos da pessoa e faço uma leitura do que ele está precisando, colocar ele à disposição do meu anjo da guarda e vou falando. Quando eu tô falando, já inicia o tratamento de cura ali na hora.*

**BP4** - *Existe um ritual que me foi passado e é o que eu executo, que é um ritual de três passos: o primeiro passo consiste na abertura, que é esse que eu falei agorinha há pouco; o segundo passo é o benzimento em si, onde através de uma entrevista prévia mesmo antes do benzimento que eu pergunto a razão de eu ter sido procurado, para que eu possa direcionar as minhas ações durante o benzimento para uma oração específica ou um local específico do corpo e, depois, a gente vai para o terceiro passo que é a finalização, onde eu faço o agradecimento pela oportunidade de ter servido, eu faço o agradecimento aos mentores que estiveram ao meu lado, agradecimento a Deus, peço encaminhamento do que foi retirado para que seja levado ao lugar devido. Então depois a gente tem alguma conversa dentro de alguma percepção ou alguma orientação posterior, por exemplo, tomar um banho de folhas ou rezar algumas orações. Então, o rito do benzer é bastante simples.*

**BP5** - *Eu acho que cada benzedeira vai ter o seu ritual. Eu tenho meus rituais, agora na pandemia eu criei novos rituais como benzimento a distância, que não era uma prática habitual, fazia pouco enfim. Mas eu tenho vários rituais, que eu início todo o processo de benzimento, no dia, benzendo o espaço, fazendo a limpeza etérica, fazendo o benzimento do espaço, depois eu faço as minhas orações, as minhas conexões, para daí só então começar o benzimento aberto às pessoas, e agora tenho feito muito a distância. As pessoas mandam os nomes e daí eu vou fazendo os benzimentos a distância.*

**BP6** - *Tem, tem algumas ritualísticas, principalmente quando eu abro a roda de benzer, que é criar um altar sempre com os quatro elementos, terra, fogo, água e ar, representados pelas velas, pelas ervas, uma pedra, uma pena, defumação. Os 4 elementos que fazem parte da nossa tradição quilombola, que é trabalhar com a natureza. O quilombola não tinha o terço, então o elemento com que trabalhava era o elemento da natureza. Depois vêm os objetos: os terços, as facas, as outras coisas que a gente utiliza. Ao centro, levo também o quadrinho dos meus ancestrais para a roda e aí fazemos nossas*

orações católicas, Pai-Nosso, Ave Maria, Credo e Salve Rainha. Eu abro o círculo dessa forma, pedindo proteção para todos, conexão com nossos mentores, guardiões, anjos de guarda, e aí só então eu faço a abertura da roda. Então sim existe uma ritualística, existe algo que eu gosto muito de fazer e falar que é o cruzado. Todos os objetos que a gente utiliza, antes de trabalhar nós vamos cruzá-los, que é o cruzado Norte, Sul, Leste e Oeste, terra, água, fogo e ar. A reza: Tá rezado e tá cruzado em nome de Deus e de Nossa Senhora; Tá rezado e tá cruzado em nome de Deus e de Nossa Senhora; Tá rezado e tá cruzado em nome de Deus e de Nossa Senhora; Rezado e cruzado está na paz de Deus ficará.

É uma forma de a gente ativar nossos instrumentos para poder usá-los nas pessoas. É como se eu estivesse dando um comando para aquele instrumento e prá mim também para que naquele momento eu seja e esteja para servir o campo do outro. [...] Tem bastante ritualística quando eu abro a roda de benzer: defumação na casa antes e depois, os bentos que vêm auxiliar na roda têm que fazer banho de ervas antes, eu também faço, o meu companheiro faz também. Depois também precisa ser tomado banho, eles se benzem no final da roda e, no final, uma entidade minha vem para limpar todo o espaço. E aqueles que ficaram de certa forma mais debilitados. Normalmente não os bentos, mas os consulentes.

## **Quarto aspecto - Local de Benzimento**

**BP1- Eu não tenho nenhum.** Eu benzo no lugar que eu mais gostar. Atualmente com a pandemia, estou benzendo só em casa, então eu benzo no cômodo que eu mais gostar no dia. Então pode ser no meu quarto, quanto na sala e na cozinha.

Antes da pandemia, eu benzia em espaços terapêuticos, em casas espirituais e até na rua, a gente fazia, lá no meio da praça da Liberdade, que era muito legal, e benzia também na Casa de Bênçãos, que era a sede da escola, e numa casa espiritual no Tatuapé.

**BP2 - Não, eu tenho espaço para reza, mas não para o benzimento.** Aqui em casa eu tenho dois altares, um na sala e outro no meu quarto. Eu me mudei recentemente, faz dois meses que estou nessa casa, que tem bastante espaço. As pessoas que benzi, eu levei aqui prá baixo, na terra, tem um gramado e terra, e aqui fora é o melhor lugar, num espaço de natureza. E num dia que estiver chovendo, será aqui na varanda...

**BP3- É na minha casa, na garagem, meu pai construiu prá mim e colocou duas garagens porque ele pensou que todo mundo viria morar comigo e precisaria de mais garagem. Mas ninguém veio não. Daí eu aprontei a garagem e fiz o altar aqui, porque se a pessoa vier vai ter de entrar na minha casa, mas eu prefiro aqui fora, porque daqui ela vai embora. [...] Se eu não tivesse essa minha casa que abriga meu corpo, eu sairia e qualquer lugar que eu me aportasse é o meu lugar. Aonde tiver uma árvore e hoje tem barraca, é o meu lugar no mundo. É aonde eu estou, eu sou benzedeira.**

**BP4 - Não, não tem lugar específico.** Se alguém me pediu e as condições não são estranhas, eu posso realizar o benzimento em qualquer lugar, qualquer lugar mesmo. Que seriam condições estranhas? Por assim dizer, alguém numa festa pedir para eu benzer ele. Tirando isso, em qualquer lugar que me pedir, eu realizo.

**BP5 - Nesse momento, eu tenho uma sala de cura, e se eu faço o benzimento em outro espaço, eu faço uma preparação do campo etérico para poder de alguma forma me proteger e receber a proteção daquele espaço para poder efetuar a conexão com o divino e fazer o benzimento. Se é na natureza, num espaço aberto, daí não, a gente só pede licença**

**BP6** - *Aqui no espaço eu tenho um lugar próprio para o benzimento, que é um espaço de cima, ou no jardim. Eu faço os benzimentos na cozinha para minha família. A mesa da cozinha é a mesa da oração, porque é o que eu acredito. Mas quando as pessoas vêm de fora, eu benzo no jardim ou no espaço de cima, próprio que a gente tem para isso. Minha avó fala, o espaço cruzado. Benzo também na mata, na natureza, porque a gente faz trabalhos na natureza. Quando a gente leva nossos clientes para fazer trabalhos e vivências na natureza, o benzimento também ocorre dentro da mata.*

## **Quinto aspecto - Instrumentos de Benzeção**

**BP1** - *Normalmente, o terço da minha bisavó e o terço do avô Antônio, que é o mais comum, e ervas também. Mas se, de repente, não estiver a mão, não sinto falta. Mas o que eu mais uso são tanto o terço da minha bisavó, eu fico com o terço do meu bisavô enrolado na mão, mas não uso prá benzer, e o terço do avô Antônio.*

**BP2** - *Então, por conta desse sincretismo na minha vida, umbanda, o benzimento da minha avó vem o uso dos terços e das ervas, e eu lembro da minha avó pegando um raminho no caminho. Então não tem uma erva específica. Eu até tento focar quando é possível, eu uso muito arruda, alecrim, manjeriço, espada de São Jorge, mas se eu olho do lado e não tem, mas tem um verdinho, seja ele qual for, eu uso. Se não tem, uso um terço, algo que eu já tenha como instrumento de reza, que eu seguro, que eu possa naquele momento ao segurar me conectar, rezar, pedir, rogar por uma inteireza, por estar presente, então esse é o instrumento que eu uso também para benzer. Eu tenho um Japamala e vários terços, então esses eu uso também.*

**BP3** - *Mas eu falo, o meu instrumento é a palavra. [...] Aí eu boto a cruz quando são pessoas que têm muita aflição e são desencantadas da vida. Eles têm que saber que a cruz foi um madeiro, que foi uma condenação de uma pessoa inocente. Ele tem que entender que ele não está sofrendo mais que Jesus, aí a gente usa a cruz. Também posso usar folhas, ou então só usar palavras, só acolhimento ou posso usar perfume. Eu encho a pessoa todinha, eu molho os cabelos todinho com seiva de alfazema. Se a pessoa me inspirar outra coisa, eu peço licença e vou lá dentro fazer um chá de folhas de laranja e aí ele dá alegria para a pessoa. Eu molho os cabelos, às vezes são os pés. Boto os pés num esquadra-pés, faço uma massagem nos pés dela e vai me inspirando. É tanta coisa.*

**BP4** - *Eu utilizo alguns elementos sim, de acordo com o benzimento que estou fazendo. Eu posso usar linha e agulha se for para o cozimento, quando tem alguma fratura, osso trincado ou se o tecido está demorando para regenerar. Eu uso faca para qualquer benzimento que tenha como palavra-chave o corte, por exemplo, para a dor de cabeça, toalha para dor de cabeça, água, mas geralmente o que eu costume utilizar é o ramo ou o terço.*

**BP5** - *Existe. Eu faço uso de vários instrumentos e que eu fui me aperfeiçoando. Quando a gente benze na Umbanda, você é conduzido, não é você que decide, por seus mentores que te orientam sobre o que fazer. Eu passei por esse processo no qual eu usava a água, vela, galhinho de erva, o crucifixo e depois que eu saí da Umbanda e recebi a consagração dos meus guias para que eu pudesse benzer, sem a incorporação deles, eu comecei a organizar, de acordo com os meus saberes, aquilo que eu entendia que era importante para o benzimento. Então, por vezes, eu benzo com água e ervas, por vezes, eu benzo só com imposição de mãos ou então utilizo o elemento fogo, por meio do incenso e algumas ervas chamuscando para a limpeza etérica, enfim. Acho que é isso, às vezes alguma pedra, é uma coisa muito intuitiva, mas tem esses instrumentos. De um tempo para cá, uso também uma música, quando eu faço uma limpeza, e o tempo do benzimento é o tempo da música. Eu recebo a reza, uso fluido de ervas que eu faço, borriço na pessoa, esfrego nas mãos para fazer a limpeza etérica. Então são todos esses instrumentos.*

**BP6** - *Utilizo vários. O objeto que eu mais utilizo é o cachimbo, por conta da tradição religiosa que eu sigo e também pela ancestralidade da minha avó, que se utilizava muito do cachimbo, as duas. A minha*

*avó Arlinda usava rapé e minha avó Josefa usava bastante o cachimbo, e as defumações. Então o meu principal instrumento de trabalho é o cachimbo, a limpeza através do cachimbo, através do maracá (chocalho), terço, porque eu sou mariana, filha de Maria, então eu sigo essa tradição também por conta da minha avó Arlinda. Aí vai depender do caso. Se a pessoa precisa de um acolhimento, de um colinho de mãe, eu busco usar o terço, essa energia de Mãe Maria. Se a pessoa está precisando de um descarrego mais pesado, aí eu vou mais para a energia do cachimbo, que é uma energia mais telúrica, mais forte e intensa da defumação, e do maracá. Mas os 4 instrumentos mais usados por mim é a faca, o cachimbo, o maracá e o terço.*

Uma vez concluída a apresentação das falas dos entrevistados de acordo com as categorias e aspectos nas quais se encaixam, serão inseridas a seguir as Linha do Tempo Familiar (LTFs), justamente, para complementar, cronologicamente, as informações. Vale ressaltar que os depoimentos dos participantes benzidos (BBs), acrescidos, no momento, nesse estudo, muito contribuíram, para o entendimento da construção do papel do benzedor (a).

**Quadro 5 - Linha de Tempo Familiar - Benzedeira (BP1) Trisavó Benzedeira, Bisavó Benzedeira, Avós materna e paterna Benzedeiros**

Ano	Evento	Depoimentos
1993	Nascimento	
1995	Lançamento livro "Benzimento" de Max Sussol	
1996/2001	Infância	<i>"Eu era muito briguenta na escola, então recebia um montão de apelidos"</i>
2002	Falecimento avó paterna benzedeira	
(+/-) 2008	Avó materna se torna evangélica	Avó materna se torna evangélica da "Congregação Cristã do Brasil" e pára de benzer <i>"[...] pratico a bruxaria, ela é a minha base como ser humano"..</i>
2009	Trabalho no Tribunal de Justiça Santo André e Diadema	
2010	Primeiro interesse pelo tema	<i>Fui procurar a palavra "benzedeira" no dicionário</i>
2011/2012	Ensino Superior na Faculdade de Direito	
2014	Curso de mediação e moderadora formada pela Escola Paulista de Magistratura Trancou a matrícula na faculdade	
2015	Aumento do assunto benzedeiros nas redes sociais	
2015	Mudança de casa espírita	<i>"[...] tive uma experiência absurda, que envolveu violência e tudo mais".</i>
	Duas tentativas de suicídio	<i>"[...] por duas vezes distintas pensei em tirar minha própria vida".</i>
	Umbanda - início desenvolvimento mediúnico	<i>"[...] e um dia o sacerdote falou sobre a vivência no benzimento". "Eu lembro que eu falei para o meu ex-companheiro para desmarcar tudo que ele tivesse por que a gente ia no centro umbandista".</i>
2016	Aprendeu benzimento com sacerdote	<i>"[...] e um dia o sacerdote falou sobre a vivência no benzimento".</i>
2016	Fez psicoterapia.	<i>"[...] nisso eu estava em processo terapêutico. [...] Daí eu vi que estava muito sozinha, mas porque eu me isolava".</i>
	Achou um grupo do Facebook chamado "Eu aceito, eu Ofereço São Paulo"	<i>"[...] um grupo de mulheres para mulheres, onde as mulheres oferecem e aceitam coisas que não envolvem a questão financeira".</i>
	Entrou no grupo	<i>"[...]eu entrei nesse grupo e coloquei que eu aceito novas amigas e oferecia ensinar benzimento e fui dormir</i>

<b>Agosto 2016</b>	Formou grupo com 17 pessoas para troca de benzimento.	“Primeira tentativa, Antônio se apresentou de novo, porque ele era meu mentor desde pequena, e me disse que se eu não fizesse isso direito, eu não iria fazer”.
<b>2017/2018</b>	Segunda tentativa	“[...] E comecei a vivência. No meio da vivência, o vô Antônio se aproximou e disse: olha, seu bisavô está partindo.[...] Quando meu ex-companheiro me ligou, eu atendi e só disse: Meu vô morreu, né?”
	Florescer Bento	“[...] Benzimento me resgatou. Quando eu não tinha mais objetivo de vida, nem perspectiva, o benzimento foi o que me motivou”.
		[...] Então optei por acabar aquela vivência em memória dele. Então ele morreu no meio da primeira aula e aí eu continuei.
	<b>Agosto de 2018.</b> Pegou as coisas do vô, chapéu, cachimbo, fotos, terço cor de rosa Entendeu como um sinal.	[...] Eu achei estranho, aquele terço não era dele [...] Ela usava aquele terço para benzer. Eu não sabia do terço, não sabia que ela era benzedeira,
	Encontro com uma benzedeira, que já fazia um trabalho de ensinar	
	Estudou sobre benzimento	“[...] Eu conheço muitas religiões, quando eu fui aprender a benzer tive de estudá-las e como atender as pessoas”.
	Antes da pandemia	“Benze por volta de 25 pessoas por dia”.
	Não conseguia destrancar a faculdade Desmanchou o noivado Perdeu os gatos que tinha com o noivo Pensamentos suicidas	“[...] Então eu acho que vou lá, faço o que eu tenho que fazer e depois eu resolvo se vou me matar ou não.[...] Nisso ela começou a chorar e foi quando eu percebi a responsabilidade que eu tinha na vida de outras pessoas”.
<b>Fev. 2020</b>	Ambulatório de benzimento	Ambulatório de benzimento às terças feiras 300 almas.
<b>Mar.2020</b>	Dois ambulatórios, de terça-feira e quinta-feira, benzendo no mínimo 300 almas	[...] em geral é mais, só que não sou eu só que benzo, mas todos os benzedores da escola, que se dispõem a isso. Então se formos colocar em números, a gente benze 2.800 almas por mês, no mínimo”.
<b>2021</b>	Pai de uma benzedeira morre de COVID 19.	· “[...] uma benzedeira amiga e aluna ficou internada com Covid-19 e eu pensei que ela fosse morrer”.
	Gato de 21 anos tem uma convulsão	[...] O gato teve uma convulsão em reação ao remédio e eu comecei a benzer ele no meio da convulsão e aí ele melhorou e eu levei no veterinário

Fonte: A pesquisadora.

**Quadro 6 - Linha de Tempo Familiar - Benzedeira (BP2) Bisavô materno Benzedeiro, Avós materna e paterna Benzedeiros**

Ano	Evento	Depoimentos
1964	Nascimento	
1965	Curada pelas bençãos do pai	<i>[...] E daí eu melhorei. Então eu acho, revelando para você aqui e agora, e sentindo essa informação, que o meu primeiro benzimento foi isso. Foi voltar à vida, pelas mãos do meu pai, sendo levada no tempo.</i>
	Cura de corte pela avó benzedeira	<i>Eu tenho a cura de um machucado de infância, que minha avó tratou com ervas maceradas, fazendo uma papinha de ervas, num grande corte que eu tive na perna provocado por um arame farpado.</i>
1978	Raízes da fé	<i>Na verdade, cheguei a fazer o estudo do catecismo, [...] depois comecei a frequentar a umbanda com minha mãe, Eu fui procurar o espiritismo de Kardec [...] depois o candomblé. [...] Mas um dia fez, sei lá, um ano depois, deu o start. [...] Então hoje benzer as pessoas é cuidar das pessoas do jeito que gosto de ser uma cuidadora</i>
1976	Filas na avó benzedeira, mãe umbandista	<i>Tenho uma experiência de filas na minha casa [...] nossa casa, a cada 15 dias, era lotada de pessoas.[...] A casa era pequena, de sala, quarto e cozinha. O banheiro era no quintal e a gente vivia essa experiência, que era sofrida para nós. E a gente acabou se afastando disso também</i>
1997	Nasce filho	
2015	Busca pelo aprendizado	<i>[...] o aprendizado foi muito intuitivo. Quanto eu fui para esse caminho, quando eu decidi ser uma benzedeira, assim como minha avó foi, e continuar o que ela deixou</i>
	Buscou benzedeiros para aprender	<i>Dona M.P. me recebeu e eu falei pra ela que eu queria aprender a benzer, porque eu tinha memórias da minha avó benzendo, mas ela nunca me ensinou a benzer.[...] já que ela tinha na casa dela várias plantas, cujas mudinhas ela já foi me dando e falando para que serviam. [...] A Dona J., que na época tinha 97 anos. Já estava bem debilitada, mas nos recebeu com muito carinho e falei para ela que eu queria aprender o benzimento, se ela me ensinaria, se eu poderia ir lá.[...] E nesse dia ela benzeu a gente e me deixou gravar e eu voltei lá umas 3 vezes, me parece, para aprender as rezas com ela, pra filmar ela benzendo.[...] Todo benzedor e benzedeiros de quem a gente tem informação, vamos até eles, pedimos o benzimento</i>
2016	Fundação da escola de benzedeiros	<i>[...] ela chamou algumas mulheres, todas nós demos as mãos, entre essas mulheres a mãe dela, que é uma benzedeira, e ela falou: “Então, aqui começa a escola de benzedeiros [...]” Ai eu lembrei da sexta-feira que poderia ser um dia poderoso para o benzimento E daí foi assim. A escola porque, inicialmente, a gente ia praticar umas nas outras e ainda tem um pouco disso. [...] Cada uma compartilhava o que tinha de ensinamento na memória e benzíamos umas às outras. [...] Então me pareceu muito oportuno chamar de escola o espaço onde a gente troca</i>

		<i>aprendizagens.[...] Porque depois de um tempo, isso começou em 9 de setembro de 2016, às 16 h, foi o primeiro dia da escola de benzedeiras.</i>
<b>2017</b>	Iniciou o benzimento no SUS	<i>[...] eu sabia que também tinha práticas integrativas. Bati lá e informei que éramos um grupo de benzedeiras e a gente queria vir oferecer o benzimento aqui nessa unidade de saúde. Ela falou: Ótimo, pode começar hoje [...] O nosso horário é das 4 às 6 da tarde etc. e ela aprovou. No dia 5 de maio de 2017, a gente começou. Éramos 3 benzedeiras, eu e mais duas que já eram do grupo, [...] no final do ano já eram 200 (a cada dia de benzimento).</i>
<b>2018</b>	Iniciou escola:	<i>Uma das formas encontradas de contribuir para que isso seja minimizado e para mitigar, numa linguagem acadêmica, esse sofrimento, é ir lá e mostrar para eles que temos a honra de ir conhecê-los, a honra de conhecer esse saber, queremos dizer que estamos aqui para não deixar isso morrer.</i>
		<i>Eu viajei para a Amazônia, para fazer um curso de florais [...] e antes de ir combinando com a facilitadora[...] eu disse que seria muito bom conhecer os benzedores dessa comunidade [...] a gente conheceu uma benzedeira e um benzedor de lá. E foi muito interessante, porque cada um atua com um formato diferente. [...] cada benzedor, cada benzedeira tem uma peculiaridade e é muito interessante perceber essa riqueza de saberes, essa riqueza de nuances, de jeitos, de coisas a pensar e refletir...</i>
	Peculiaridades: Disseminação de conhecimento	<i>Esse lugar foi o Céu do Mapiá, que é uma comunidade daimista [...] E a dona M. dos R., como mulher, ela aprendeu que mulheres não ensinam o benzimento pra mulheres. Alguns dias depois, conhecemos outro benzedor [...] Ele ensinou, inclusive, uma reza que lá tem vários nomes, mas é para espinhela caída ou arca caída ou peito aberto, lá ele chamava peito aberto. [...]</i>
	Autorização para tornar-se benzedor	<i>[...] o senhor me abençoa como benzedor, eu posso ser um benzedor? E foi muito lindo, porque ele deu a bênção dele e disse que sim, que ele poderia praticar o benzimento. E ele saiu de lá sendo um benzedor, autorizado por outro benzedor.</i>
	Aprendizagem contínua	<i>Então é assim: todo lugar que eu vou, que tem a possibilidade eu pergunto se tem algum benzedor ou benzedeira aqui, nessa comunidade, nessa região? E uma hora ou outra tem um que a gente vai conhecer. [...] uma pessoa que ficou muito alegre de saber da nossa presença, da nossa prática e logo disse que queria benzer conosco, Não sei por que ele não crê, acho [...] mas ele apoia, então ele a leva, conduz, é o telefone dele que usamos para falar com ela. E ele se dispõe para fazer o que precisar.</i>
	Preparação para o benzimento	<i>[...] pelo menos 24 horas antes, não ingerir bebida alcoólica, manter pensamentos mais harmoniosos, não estar em espaços muito tumultuados, espaços propícios a conflitos ou com energias mais pesadas, não ir para bares ou lugares onde se consuma drogas, com energias mais pesadas. Fazer esse resguardo pelo menos 24 horas antes. Se for casada ou não, poder se abster de sexo, da troca de energia sexual. [...] Às vezes, eu até peço para aquelas que podem tomar um</i>

		<i>banho de ervas, de alecrim ou manjeriço ou aquilo que sentirem que é melhor, antes de ir para o trabalho no posto.</i>
	Ritual de benzimento	<i>por conta desse sincretismo na minha vida, umbanda, o benzimento da minha avó vem o uso dos terços e das ervas, e eu lembro da minha avó pegando um raminho no caminho. Então não tem uma erva específica. Eu até tento focar quando é possível, eu uso muito arruda, alecrim, manjeriço, espada de São Jorge, mas se eu olho do lado e não tem, mas tem um verdinho, seja ele qual for, eu uso. Se não tem, uso um terço, algo que eu já tenha como instrumento de reza, que eu seguro, que eu possa naquele momento ao segurar me conectar, rezar, pedir, rogar por uma inteireza, por estar presente, então esse é o instrumento que eu uso também para benzer. Eu tenho um japamala e vários terços. A gente também aprendeu que o som pode criar ondas de frequência. Então muitos do meu grupo de benzedeiras têm uma maracazinha, porque aqui têm muitos eventos indígenas, então temos a oportunidade de ter esses artefatos feitos pelos indígenas. A gente contribui com eles e eles contribuem conosco com esses instrumentos, então quando a gente vibra o chocalho em volta da pessoa é como jogar pedra na água, que forma aquelas ondas, né? Estamos envolvidos em um campo. Também quando estalamos os dedos isso move a energia, quando sacode a maraca, bate um sininho, tudo isso ajuda a mexer nesse campo e fazer com que as rezas tenham melhor efeito nesse campo. o rito começa perguntando o nome da pessoa, porque a partir dali a pessoa se faz presente. Quando é uma criança é a mãe que fala o nome, pelo menos até cerca de 12 anos, que é a mãe que a representa. Quando é a pessoa, a gente pergunta do que ela precisa, qual é a demanda. Em seguida, a gente pede permissão para o anjo da guarda, o protetor dela, para que possamos interferir, manipular a energia da pessoa. A gente também pede a proteção dos nossos guardiões, da nossa mãe, da nossa avó, chama a presença para que nos acompanhem, para nos inspirar na melhor palavra, a melhor reza para a pessoa atendida. Depois a gente faz a reza e, no final, se a gente usou um vegetal para benzer, nós o despachamos para a terra ou debaixo de uma planta, para que essa energia manipulada retorne para a natureza.</i>
		<i>Recebeu cura pelo benzimento erisipela, que é uma doença de pele que dá feridas e coceiras, e que eu já tive e fui curada por um benzedor lá da Chapada dos Veadeiros, que lá estava num evento e pronto, isso já tem uns 4 anos, nunca mais eu tive</i>
<b>2019</b>	Número de bentos ou benzidos semanalmente nas unidades básicas de saúde	<i>. [...] antes da pandemia, estávamos atendendo uma média de 150/200 pessoas a cada sexta-feira, [...] porque a gente atende 300 pessoas com 20 benzedeiras, 15 benzedeiras. Era uma média de 80/100 pessoas numa manhã de sábado, das 9h até meio-dia.</i>
<b>2020</b>	Marcha das margaridas março.	<i>última ação pública em março, teve a marcha das mulheres, a marcha das margaridas aqui em Brasília e algumas de nós foram para essa marcha (...) tinha uma tenda para autocuidado, onde o benzimento foi oferecido.</i>
	Aumento de atendimento online	<i>Agora na pandemia, quando a gente parou os atendimentos presenciais e fomos para o virtual, também às sextas, passa de mil atendimentos a cada sexta. [...] Tem sido uma média de 1.100 nomes a cada sexta.</i>

2021	Resgate de conhecimento e memórias	<i>Então, hoje, eu resgato essa informação também, porque aprendi muito quando ainda não tinha virado as costas para essa religião da minha mãe. Aprendi muito sobre essa conexão, se permitir ser um canal, de ter informações no campo, que circulam, e que você pode manifestar e manipular energias, a coisa da fé, da reza, do ritual, se preparar para esse tipo de doação. Tudo isso vem dos aprendizados da umbanda: o banho de ervas e tudo mais. Isso vem da umbanda mas não vem da minha avó benzedeira. Tudo isso estou tendo a oportunidade de resgatar, esses saberes todos e a importância disso para a vida, para o bem-estar, enfim para a caminhada. E o que é bom de ser uma benzedeira em 2021 é ter estes outros olhares. Isto é, tudo que a gente aprende não é desperdiçado, é interessante ter esse olhar mais múltiplo.</i>
	Sincretismo religioso	<i>[...] hoje eu uso N. S<sup>a</sup> Aparecida na camiseta, é uma santa por quem tenho muita devoção, acendo vela para outros santos católicos e também para outras entidades, como Nanã, de quem tenho uma imagem, que é a mais velha dos Orixás do candomblé. [...] São essas grandes mães em que acredito, por meio dessas figuras representadas pelo budismo, pelo hinduísmo, pelas religiões de matriz africana, pela igreja católica, eu acredito nesse mito da mãe, nessa figura que cuida, e do pai protetor.</i>

Fonte: A pesquisadora.

**Quadro 7 - Linha do Tempo Familiar - Benzedeira (BP3) - Avó Rezadeira/Raizeira**

Ano	Evento	Depoimentos
1955	Nascimento	
1960	Mãe benzedeira, Tradição só na Serra	<i>[...] Só que meu pai [...] tinha vergonha da mulher dele ser benzedeira.[...] Então minha mãe quando queria fazer benzimento ou alguma coisa de tradição ia lá para a Serra da Japua e eu ia junto.</i>
1963	Avó ensinava a benzer	<i>Era minha avó, lá no Ceará, [...] que era raizeira.[...] Aí ficava conversando no alpendre e minha avó dava uma garapa (caldo de cana), um chá e conversando. [...] Aí a pessoa melhorava e ia embora. Isso eu via quando era criança. Aí a gente ia aprendendo e ela ensinava pra quem queria.</i>
	Raiz Católica e indígena	<i>Mas a minha avó ia pra missa, era do apostolado da oração e o povo do apostolado da oração tudo benze. Minha avó não sabia, mas já vinha da tradição dos cariris, que é indígena do Ceará. Eles ensinavam as coisas e minha avó aprendeu com a avó dela que era Cariri.</i>
(+/-)1965	Tia implanta benzimento na Igreja Católica	<i>Então era pra aqueles que queriam [...] e a tia MN era mais devota ainda. Ela conseguiu, com um movimento comunitário, implantar uma igreja católica que é difícil, que é cheia de regras, para fazer os benzimentos, batizado, procissão e essa igreja existe nesse lugar que tem a casa da minha avó, que se chama Igreja do Sagrado Coração de Jesus.</i>

<b>1969</b>	Morte da avó	<i>Minha avó morreu quando eu tinha uns 14 anos mais ou menos.</i>
<b>(+/-) 1980</b>	Primo que benze e segue tradição até hoje	<i>Tenho um primo sim, de 70 anos, A, que assim que ele volta do trabalho já tem uma fila de pessoas na porta da casa dele esperando, antes do sol terminar. Ele sai do trabalho mais cedo, porque tem o benzimento para fazer.[...] Ele chega, lava as mãos e lá vai ele, não dá tempo nem de tomar banho. E já vai benzendo</i>
<b>(+/-) 2010</b>	Começa a benzer	<i>Aqui, comigo, eu quando eu olho pra pessoa eu já sei se a pessoa vai ficar com os pés dentro da água na bacia. Aí quando a pessoa chega eu vou lendo e digo aqui é dentro da água. Aí às vezes eu olho para ela, pelos olhos da pessoa ela passa pra gente, é pelo olhar e aí eu sei se eu boto dentro da água, é areia, é pedra, é folha de mangueira, espada de São Jorge.</i>
	Preparação para o benzimento	<i>Eu faço uma oração, acendo uma vela para meu anjo de guarda, que é um objeto de intenção, do orixá do dia. Aí acendo para meu guardião, que trabalha para meu anjo da guarda. Existe um guardião que abre meu caminho para eu fazer esse benzimento, é ele que cuida da porta da minha casa, que recebe as pessoas aqui. Tudo isso acontece antes de chegar a pessoa. Aí a pessoa chega e me encontra preparada. Eu tomo um banho frio, aí eu não me enxugo, aí eu coloco uma roupa limpa e agradeço a Jesus pela oportunidade de trabalho, porque eu estou fazendo aquilo que eu mais amo...</i>
	Ritual de benzimento	<i>Mas eu falo, o meu instrumento é a palavra. Aí às vezes vem a inspiração para benzer com a cruz. Essa cruz aí é do tempo da mamãe, ela botava uma cruz na porta da casa, mas eu não boto não, eu deixo no altar mesmo. Aí eu boto a cruz quando são pessoas que têm muita aflição e são desencantadas da vida. [...] Também posso usar folhas, ou então só usar palavras, só acolhimento ou posso usar perfume. Eu encho a pessoa todinha, eu molho os cabelos todinho com seiva de alfazema. Se a pessoa me inspirar outra coisa, eu peço licença e vou lá dentro fazer um chá de folhas de laranja e aí ele dá alegria para a pessoa. Eu molho os cabelos, às vezes são os pés. Boto os pés num escalda-pé, faço uma massagem nos pés dela e vai me inspirando.</i>
	Procurada por curiosos	<i>Aí digo, pois eu vou lhe apresentar cada santo desse. Daí apresento a Nossa Senhora da Conceição, que foi pictografada pelo Chico Xavier e pelo Emanuel. Eu apresento cada santo do altar para as pessoas, explico o que é e deixo ela sentada. E aí ela fala que é evangélica e que disseram a ela que isso é do demônio. Eu fiquei curiosa, aí eu vou conversar sobre o demônio para tirar esse medo de dentro dela e, se ela autorizar, a gente faz o benzimento, que é bendizer, aqui tem também o benfazer e bempensar, biomagnetismo, a gente vai fazendo.</i>
	Lugar de atendimento	<i>É na minha casa, na garagem, meu pai construiu pra mim e colocou duas garagens porque ele pensou que todo mundo viria morar comigo e precisaria de mais garagem. Mas ninguém veio não. Daí eu aprontei a garagem e fiz o altar aqui, porque se a pessoa vier vai ter de entrar na minha casa, mas eu prefiro aqui fora, porque daqui ela vai embora</i>
<b>2011</b>	Base religiosa e estudos	<i>Sou de tradição católica, mas sou umbandista. A umbanda é uma religião afro-brasileira, é uma mistura dos nossos antepassados africanos, mas também tem os indígenas e também tem o catolicismo com seus ensinamentos e também o espiritismo de Allan Kardec, que o codificou e explicou em 5 livros tanta coisa bonita. Só esses 5 livros de estudo já nos preparam para um bendizer mais saudável, mais elevado. A umbanda é uma religião puramente brasileira. Foi criada dentro das nossas tradições, minha avó não sabia</i>

		<i>explicar o que eu sei, mas ela usava os recursos sem saber nem o que era, nem porquê. Hoje com o advento da internet, a gente aprende muito mais coisa.</i>
<b>(+/-) 2014</b>	Trabalho em conjunto com a filha	<i>A minha filha é terapeuta e ela usa a maca para fazer sua terapia de biomagnetismo. Ela aproveita o espaço, eu benzo primeiro e depois ela faz. Isso quando o cliente quer. Geralmente, 95% ou 99% deles já falam logo: eu quero primeiro o benzimento. Aí ela me chama para saber se posso, eu digo posso e já olho para os olhos da pessoa e faço uma leitura do que ele está precisando, colocar ele à disposição do meu anjo da guarda e vou falando. Quando eu tô falando, já inicia o tratamento de cura ali na hora. Aí quando termina o meu benzimento, a pessoa sobe na maca para minha filha continuar o trabalho.</i>
	Pessoas que as procuram	<i>Vem curioso, vem gente de outras religiões, gente desesperada, gente que vai ser morto amanhã, a mãe nem sabe, eles vão matar porque eles devem dinheiro da droga. Aí eu digo vamos rezar, eu faço uma conexão com o pai dele e a mãe dele, faço uma reza muito forte, deito ele aqui. Muitas vezes, ele está muito aflito e ele diz assim, eu vou agora, mas se eu não aparecer mais, a senhora já me entregou pra Jesus. Muitas vezes, ele volta aqui, diz que deu tudo certo. Tem outros casos de suicídio, pessoas de classe média alta, que não quer viver mais e quer ter coragem de se matar. Daí a gente já tira a coragem dele de se matar. Vai ter coragem de viver. Aí fica sempre vindo, eles sempre tomam chá comigo. Aí a minha filha faz o biomagnetismo, já tira essa vontade deles.</i>
	Benzimento de animais	<i>Tem aqueles que trazem os animais pra gente benzer: cachorro, amanhã é dia de São Francisco então vai vir um cavalo. Já comprei um negócio para passar na cabeça dele. Vai ter cachorro, gato, cavalo, passarinho na gaiola, aquário.</i>
<b>2019</b>	Atendimentos diários	<i>Vai variando, numa média de 3 a 9, mas aí é dia que está muito cheio, eu nem consigo fazer o almoço direito, porque eu não tenho horário</i>
<b>2020/ 2021</b>	Transmissão de conhecimento	<i>Agora tem outra benzedeira lá dentro do Parque Ecológico, é uma jovem. Ela veio aqui pra saber como é que eu faço, porque ela quer ser benzedeira. Eu digo: minha filha não tem instrução não, e ela disse que foi fazer um curso e não entendeu nada. Aí eu digo que não fiz curso não, eu digo que benzimento é o seu coração, sua conexão com seu guardião, é o amor que você tem pelo outro. Não tem mais o que fazer senão amar muito, mas para mim o amor não basta, tem de ter a sabedoria. São as duas asas de um pássaro, amor e sabedoria. Jesus Cristo falava: Amai-vos, mas instruí-vos. É a outra asa. Então eu uso a minha boca para falar, o idioma da pessoa e meu anjo da guarda vai me inspirando, para eu traduzir o que o outro anjo da guarda que está atrás da pessoa manda dizer. Aí eu digo. Muitas vezes, no meu repertório, tem um salmo da Bíblia que a pessoa precisa ouvir, aí eu digo que a pessoa recite em voz alta o salmo tal. Aí a pessoa anota. Às vezes, é o salmo 38, que muda a vida das pessoas, é o salmo que eu mando falar para aqueles que querem morrer, aqueles que acham que a vida acabou.[...] Também, é passagem da Bíblia, é o Livro O Evangelho segundo o Espiritismo, que eu recomendo para quem é espírita, é "Os caracteres do Homem de Bem", é a receita perfeita da postura humana. Aí o anjo da guarda dá o toque e a gente joga o toque para a pessoa. Quando eu faço isso, quem ganha primeiro sou eu. O Alan Kardec era um professor humilde que codificou os 5 livros do Espiritismo e disse que isso era apenas o começo e que ele não sabia nada. E que ele tinha um aprendizado constante, ele era muito inspirador. E a gente com uma encarnação é muito pouco.</i>

		<i>Eu fico aproveitando o tempo ouvindo palestras de vários espíritas. [...] Temos muitos centros espíritas onde muitas pessoas vão dar palestras. [...] E junto com a umbanda, com os mentores amigos, junto com essa linha espírita, aumenta poder junto com os saberes dos africanos e indígenas e raizeiros, a gente vai se alimentando e o Brasil é a pátria escolhida por Jesus Cristo, para que o povo brasileiro que é dotado de saberes da magia, do amor.</i>
	Triangulação no benzimento	<i>Nós os benzedeiros fazemos o bem, gostamos de ser simples, traduzindo o anjo da guarda de cada pessoa, a gente também faz uma pequena transformação na vida de cada pessoa. Então essa fórmula de Jesus é a mensagem que ele veio trazer. É tudo, é uma extensão de mim mesma que chega até uma pessoa, eu fico fortalecida, feliz, o motivo do meu aprendizado constante, o motivo de eu ir ao encontro do outro. Eu participo de um grupo chamado Almas Benzedoras de Brasília, nós somos 55 benzedoras, temos o compromisso, temos uma corda com um laço, é o símbolo do nosso trabalho.</i>
	Benzer na pandemia	<i>Mas depois da pandemia, a gente ficou em casa, pois aparece do mesmo jeito. Eles querem que a gente benza atrás do portão, do muro, aí eu boto pra dentro, não vou deixar lá não. A gente também faz virtual, as benzedoras fazem conexão na segunda e na sexta-feira, mas nem todo mundo participa e aí a gente vai fazendo o que pode. [...] Aí eu faço. Eu vacinei, dizem que vão vacinar meu corpo pela terceira vez, mas tudo bem, pode mandar.</i>

**Fonte:** A pesquisadora.

**Quadro 8 - Linha de Tempo Familiar - Benzedora (BP4) - Bisavó materna Benzedora**

Ano	Evento	Depoimentos
1980	Nascimento	
	Casamento	
2013	Recebeu curso de benzimento	<i>[...] época eu frequentava uma fraternidade espiritualista e uma das moças que fez o curso de Apometria conosco e em gratidão, conforme as palavras dela, ofereceu para nossa turma o curso de benzimento.</i>
2014	Começou a exercer o benzimento	
2015	Transição de carreira	<i>[...] fiz minha transição de carreira [...] e também estava fazendo estudos dentro da área holística e foi assim um dos primeiros cursos que eu estruturei para fazer minha transição [...] e aí eu conversei com a espiritualidade e vi a resposta: formaliza um curso e dá.</i>
	Descobriu que a bisavó materna era benzedora	<i>Eu deveria ter uma tradição familiar de benzimento, pois a minha bisavó, por parte materna, era uma benzedora, e eu só descobri isso quando já era adulto, já atuando como benzedor</i>

	Começou a dar curso de formação de benzedeiros	<i>[...] meus mentores e eles fizeram as autorizações, conforme eu acredito, e aí eu recebi a permissão para dar curso. E o que venho notando, nesse tempo que venho dando curso, é justamente isso. Eu tenho vários alunos e alunas que vieram ao curso justamente porque seus parentes não transmitiram a eles.</i>
2016	Ataques por dar cursos de benzimentos em Minas gerais	<i>[...] quando eu fazia os anúncios, que eu estava oferecendo uma turma e tudo mais, eu sofria ataques, tais como “quem você pensa que é”, “você está roubando tradição dos outros”, “você está querendo tirar o poder daqueles benzedores tradicionais”.</i>
	Promover cursos de benzimento para conservação das tradições	<i>[...] curso de benzimento até alguns anos atrás não tinha realmente.[...] Então é algo que não se gostaria que entrasse em extinção completa, que é o que está acontecendo. Sendo muito sincero, aqueles senhores e aquelas senhoras fazem as passagens deles, sem que um familiar receba. Então várias tradições já se foram e não tem registro material, porque não tinha nenhum diário, nenhum livro, nenhum tipo de anotação e se perdeu completamente.</i>
2017	Nascimento Filha	
2019	Nota a perda da transmissão intergeracional dos benzimentos	<i>[...] muitos daqueles que têm uma tradição familiar não estão conseguindo passar para as gerações seguintes, ou eles não querem passar para a geração seguinte por não ver comprometimento. Então, aqueles que a gente chama de benzedor raiz, eles infelizmente estão fazendo a sua passagem sem a transmissão da prática.</i>
	Número de atendimento anuais	<i>[...] em termos anuais, antes da pandemia, eu devia estar fazendo em média uns 200, 250 atendimentos.</i>
2020	COVID atendimentos virtuais 750	<i>[...] em média uns 200, 250 atendimentos. Com a pandemia, passamos a uma questão muito mais virtual. Então esse número deu meio que uma triplicada.</i>
	Nascimento filho	
	Mudança dos pedidos de benzimento	<i>Eles mudaram somente no que estão pedindo, por exemplo, agora a gente trabalhou muito com a questão do medo, da angústia, do sentimento de solidão. Mas os benzimentos, por exemplo, para cobreiro, para erisipela, esses continuaram. Mas houve uma mudança no pedido sim, para que seja mais específico para estes dois pontos: medo e angústia.</i>
2021	Morte Benzedor Belo Horizonte (Minas Gerais)	<i>[...] há um mês e pouquinho um benzedor muito famoso aqui de Minas Gerais, Sr. A, lá do Quilombo[...] em Contagem, ele fez a passagem. E ele era conhecido no meio do benzimento e até mesmo fora como uma figura de muita importância e ele não transmitiu para ninguém.</i>

Fonte: A pesquisadora.

**Quadro 9 - Linha do Tempo Familiar - Benzedeira (BP5) Bisavó materna**

Ano	Evento	Depoimentos
	Morte avó materna	<i>[...] depois descobri que minha bisavó era benzedeira. [...]Contei para minha tia que eu estava na umbanda, quando minha tia falou: “Ah, sua bisavó era benzedeira”. A minha avó tinha vários processos mediúnicos, que minha tia e minha mãe contavam. Mas ela não benzia, até porque ela perdeu esse vínculo familiar da herança, da história familiar.</i>
1980	Nascimento	<i>E daí, eu nasci, fui a primeira neta dela que nasceu em Florianópolis. [...] Então eu nasci no lugar que tinha a história da minha ancestralidade, da história da minha avó e da minha bisavó. [...] Mas isso veio muito para mim, enquanto resgate familiar.</i>
	Infância	<i>Primeiro que eu sempre fui muito religiosa, desde pequena diferente do meu núcleo familiar, [...] e sempre quis ser freira. [...] Fui criada na religião católica e muito sob a orientação da minha avó paterna, que estava próxima de mim. Então eu tenho essa relação com o divino, com o sagrado muito intensa, desde muito pequenininha. Eu lembro que, muito pequena, eu orava todos os dias assim que acordava e agradecia. Eu sentia um calor subindo no meu coração e uma vez perguntei para minha avó e ela dizia: filha, isso é a presença do Espírito Santo e tal.</i>
2004	Doença Renal	<i>Primeiro, eu passei por um processo de doença muito sério, eu quase perdi meu rim, [...] E daí ela me disse: “Então é você a morena de cabelo comprido que se separou”. Eu olhei para ela e disse: “Como você sabe? Ela não me conhecia. E ela me explicou que na casa dela tinha um ritual que se chamava umbanda e o preto velho disse que uma amiga minha do trabalho, morena de cabelo comprido, ia se separar e que era para eu trazer ela aqui para uma cura. E eu estava doente, eu tinha um problema renal na época. [...]que me disse que a gente já trabalhava há muito tempo e que tinha chegado a hora de se espiritualizar, porque eu iria trabalhar com eles, que eu tinha uma missão e o meu rim foi só o caminho que eles entenderam para eu chegar até ali. Que eu ia ser curada para crer, e depois iria ajudar a curar as pessoas</i>
2004	Graduação na Faculdade de Psicologia / Conflito entre o conhecimento acadêmico e a mediunidade	<i>Nessa mesma época, eu tinha 23/24 anos, eu estava finalizando o curso de Psicologia na faculdade, fazendo uma disciplina chamada Psicopatologia e eu me autodiagnostiquei como esquizofrênica. Eu já ouvia vozes, eu via vultos, comecei a ter um certo desespero do que eu estava vivendo e de entender que aquilo que eu vivia e que era normal, era algo patológico. E o preto velho inclusive falou [...] Que isso era só um poder que eu tinha, [...] “que Ihe foi dado para ajudar no trabalho que você vai realizar como cura” [...] eu entendi o que as pessoas estavam vivendo no IPQ e que eu poderia talvez viver aquilo, num dado momento, se eu não alinhasse, não disciplinasse essa mediunidade.</i>
	Entrada na Umbanda	<i>Na umbanda, desde 2004, mas na umbanda não se começa já benzendo. A gente começa desenvolvendo a mediunidade e eu acho que levei uns 3 anos para poder de alguma forma receber os meus mentores, porque é uma mediunidade de incorporação, até o momento de desenvolver isso e os seus mentores falam e benzem com a ferramenta física do seu corpo. Então você cede o corpo físico para receber essa entidade, esse guardião que faz a reza.[...] Então foi na Umbanda que aprendi a fazer o benzimento, mas quando eu</i>

		<i>me coloco na minha linha do tempo eu entendo que o benzimento é uma intenção amorosa para auxiliar o próximo. E isso eu sempre fiz de certa forma.</i>
2012 2013	Levada a ser benzedeira por meio da espiritualidade	<i>Então é muito por isso né. Eu não fui conduzida pela minha ancestralidade e fui, porque eu entendo que quando eu estava pronta para ser benzedeira, a minha tia chegou na minha casa e disse que minha bisavó tinha sido benzedeira. [...] Então eu sabia que tinha uma função e naquele momento eu fui à missa. [...] Quando a missa terminou [...] o padre me chamou [...] Eu disse: olha, eu não sei porque estou fazendo isso, mas preciso falar com o senhor sobre todas estas coisas e eu senti hoje de madrugada que eu precisava vir à missa e fez todo sentido o que o senhor falou e eu estou aqui para servir. No momento seguinte eu e o padre montamos um espaço de acolhimento fraterno na igreja e eu disse que ia benzer as pessoas na igreja.</i>
2012	Entrevista sobre sua espiritualidade, medos, a desmistificação de ser psicóloga	<i>Eu lembro que a primeira entrevista que eu dei sobre eu ser benzedeira foi em 2012, pra um jornal impresso da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a menina que me entrevistou [...] mandou uns 3 impressos e no dia em que ela chegou lá, o meu pai estava na minha casa [...] meu pai não sabia nem da umbanda, nem de nada -- e daí ele olhou o jornal e já quis ler, eu fiquei desesperada né? Ele abriu e começou a ler a reportagem e eu fiquei com muito medo do julgamento e eu nunca tinha contado para ele e foi a primeira vez que contei publicamente [...] E aí meu pai ficou surpreso por eu nunca ter contado isso para a família e me disse que aquele processo devia ter sido difícil. Me emociono porque eu me senti acolhida ali, porque não foi fácil, não é fácil, de você viver um processo de ter medo de ser julgada. [...] e aí é como se eu tivesse o direito de botar uma plaquinha na porta, "Sim, eu sou benzedeira. Quem quiser, pode vir". E daí começou com mais intensidade e é uma alegria porque você consegue mostrar para o mundo quem você realmente é, né? De forma mais leve, sem precisar esconder.</i>
	Religião	<i>Não. Pela minha construção católica, eu adoro a religião católica, mas eu não me digo praticante, eu sou uma pessoa cristã. Eu acredito na questão crística, na história de Jesus, nos ensinamentos dele. A Umbanda tem muito esse sincretismo também, é uma religião brasileira, a primeira, então tem todo esse sincretismo com o catolicismo. Tenho um carinho imenso pela Umbanda, mas os dogmas, os ritos e as crenças não me convêm. Nem da umbanda, nem do catolicismo. Tenho leituras e vivências no kardecismo, mas também não me reconheço. Eu me coloco, desde 2011, como uma pessoa espiritualista. E eu digo que nunca fui umbandista, eu aprendi muito, foi uma escola pra mim, mas eu não me considero umbandista. Se eu tiver uma religião, eu sou católica, mas nesse momento me coloco como espiritualista.</i>
2017 2018	Mapa das Benzedeiças	<i>Aqui em Florianópolis foi feito o mapa das benzedeiças em 2017. Em 2018 teve o lançamento desse mapa, fui catalogada como a benzedeira mais jovem de Florianópolis. Isso fez com que eu me tornasse, de certa forma, famosa. As pessoas tinham essa curiosidade de saber, de estar perto, de saber minha história. Então isso é bacana, até para desmistificar essa questão das religiões.</i>
	Benzimentos	<i>Eu não atendo por dia, porque sou mãe, profissional, eu escolho um dia na semana para fazer esses atendimentos. É muito variado, eu tenho atendido 10 ou 15 pessoas online por semana. Mas por exemplo teve momentos que eu atendi 500 pessoas. Eu deixava uma caixa aberta no Instagram e já teve semana de eu fazer benzimento para 500 e tantas pessoas.</i>
	Pandemia Relatos	<i>Agora na época do COVID-19 foi muito assim, as pessoas me mandavam os nomes [...] e me pediam o benzimento a distância. Aí eu fazia dois, três, quatro dias de reza [...] saiu do hospital, a pessoa se curou e</i>

2020		<i>agradecia. Então isso é muito legal. As questões de pele também. E na pandemia foi mais importante, porque a pessoa está a distância e, de certa forma, é algo que você faz mas não está vendo, não está sentindo, você não conhece a pessoa, é mais difícil você crer. Quando é presencial você vê se a pessoa melhorou, porque ela te dá um retorno. Eu fiz alguns benzimentos do ano passado pra cá de curas de pele, de erisipela, de feridas que não cicatrizavam e fiz as rezas e, depois de uma semana, a pessoa me manda mensagem dizendo que cicatrizou, que melhorou, isso é muito legal. Então tem muitas experiências assim, mas na pandemia, na coisa a distância especificamente, mostra que não é por acaso, que faz a diferença e me incentiva a fazer mesmo.</i>
------	--	--

**Fonte:** A pesquisadora.

**Quadro 10 - Linha do Tempo Familiar - Benzedeira (BP6) Trisavós, Bisavós, Pais Benzedeiros (as)**

Ano	Evento	Depoimentos
	Tataravós, Bisavós, Pais	<i>Sim, eu venho de uma família onde tinham muitas pessoas, mas já partiram. Meu companheiro também pratica o benzimento e a minha filha. Foram todos iniciados, dentro da tradição. Minha mãe também. Tataravós, bisavós e avós dos dois lados da família.</i>
1983	Nascimento	
	Religião	<i>Eu sou juremeira de tradição, Jurema Sagrada, Catimbó da Jurema, que é uma religião tradicionalmente brasileira, nascida nas aldeias indígenas do Nordeste do país. Então a gente comunga com a força da Jurema, como bebida, como vinho sagrado para acesso a nosso ancestral, que é muito legal porque tem tudo a ver com o maracá e o cachimbo, que era o que eu fazia. Quando eu entro na Jurema, me reencontro, também como um rito religioso. Então essa é a minha tradição hoje. Eu sou sementada na Jurema, que tem alguns ritos a serem feitos e respeitados e o próximo passo agora é a consagração, que farei agora em outubro. É um processo de você receber totalmente todas as entidades, que fazem parte da minha ancestralidade.</i>
1997	Aprendizagem benzedeira	<i>Eu aprendi com minhas avós. [...] Acontece que essas velhas não davam muita explicação, porque a gente de forma contemporânea, tem essa coisa de explicar tudo [...] Obviamente depois, por meio dos meus estudos e da minha vivência, eu fui entendendo o que ela fazia. Mas no ato ali não era uma coisa muito pedagógica. Era uma coisa mais visual mesmo e de sentir a força delas.</i>

	<p>Memórias familiares</p>	<p><i>[...] é um quadro que me acompanha, onde tem a minha tataravó, M.de São Pedro, que tinha a casa de reza em Sergipe, uma grande benzedeira, eu tenho as orações dela, que foram dadas pela minha tia-avó. Essa é minha bisavó, J., que também me ensinou muito. Então com as duas eu tive contato direto com benzimento. Cada qual benzia da sua forma. Então vou falar um pouquinho sobre esse aprendizado com estas duas bisavós, que foi com quem tive mais proximidade de aprendizado. A avó daqui que é a avó Corina, é a avó das garrafadas, dos xaropes, que eu também faço. Eu trabalho com garrafadas, xaropes e melados. Então com essas duas bisavós que eu tive mais contato. Uma é de São Paulo e a outra é baiana, da região de Caririnha, que é a região do rio São Francisco, da Bahia. Então normalmente eu a visitava e tive a oportunidade de vê-la benzendo no terreiro dela, num terreno de mato, numa cidade que tem muitas plantações de Jurema e Fedegoso. São várias ervas peculiares da região, de onde meu pai e minha avó são. Outra coisa que essa minha avó fazia muito, que ela falava era que espírito negativo não entrava na casa dela, porque quem mandava lá era ela. E ela usava muito a cinta para bater nas paredes. Então quando ela sentia energia ruim e várias vezes dormindo com ela, porque ela fazia eu dormir com ela quando eu a visitava. Eu acordava e via ela batendo a cinta na parede. Essa era uma forma de espantar espíritos negativos, como ela gostava de falar. E quando isso não dava certo, ela pegava ainda vinagre tinto para aspergir nas paredes. Ela ia rezando e batendo o pé no chão e ia aspergindo o vinagre.</i></p>
	<p><i>O trabalho da bisavó aqui de São Paulo</i></p>	<p><i>Dona J., por sua vez, é sergipana, de uma energia mais cangaceira, ela é prima carnal de Maria Bonita. Por volta de 40/50 anos, ela veio para São Paulo. Então a forma de benzimento dela tinha mais a ver com faca, ela trabalhava com a energia de facas, e das ervas e das plantas. Ela tinha muitas plantas, muitas rosas, entendia muito. E um trabalho bastante com defumação, que ela usava também o carvão do fogo a lenha para fazer os benzimentos com defumação. Defumação e cachimbo, que é uma coisa que eu uso bastante.</i></p>

	<p><i>O trabalho da bisavó aqui de Sergipe</i></p>	<p><i>Então minha avó benzia de duas formas, que eu tive a oportunidade de ver e aprender, que era com carvão e também com Fedegoso, que é uma planta cheia de espinhos e ela dizia que se não saísse com a reza, pelo menos com o espinho saía. Então as pessoas procuravam ela e uma coisa que aprendi com ela é que sempre ela benzia do lado de fora da casa. Então ela tinha um ponto, dentro do terreiro dela, onde ela tinha uma cadeira, a vela, as coisas ali de forma muito simples. Porque a forma como aprendi o benzimento é uma forma muito, muito simples, dessas velhas que faziam ali, eu brinco que do jeito que ela estava mexendo o feijão no fogo, ela parava aquele feijão e ia benzer. Então não tinha aquelas ritualísticas como a gente, de forma contemporânea, entende que deve ser feito. Então, eu busco e prezo por essa simplicidade também. Ali está meu altar de Preto Velho, onde fica a foto deles, e é lá que eu rezo. Então é na minha cozinha, porque foi assim que eu aprendi, cozinha é lugar alquímico, lugar de magia e era onde minhas bisavós faziam os trabalhos, da cozinha pra fora.</i></p>
	<p><i>Duas formas de benzimento</i></p>	<p><b>Forma 1</b> - <i>Então uma das formas de benzer era com carvão, ela tinha fogão a lenha. Então uma pessoa chegava chamando por ela. “Dona L., vem benzer”. E ela: Tá com que? e ela sempre xingava muito as pessoas, e respondia: mas, de novo? Eu não mandei fazer não sei o quê”. Ela era muito brava, não era amorosa e acolhedora. A vó J. já era mais acolhedora. E ela sentava a pessoa ali e, eu brinco que na força do ódio ela tirava o capeta, doença, porque ela batia com aquele fedegoso nas pessoas e aquele espinho ia pegando e a pessoa se retorcia de dor, porque doía, tem espinho.</i></p> <p><b>Forma 2</b> - <i>E a outra forma também e ali ela rezava, aquela reza no bico de passarinho, e que depois ela também me passou. E a forma do carvão, ela tava ali mexendo a comida e quando a pessoa estava muito ruim, que minha vó falava, de quebranto, ela usava o carvão para fazer essa verificação. Então ela colocava água no copo e colocava o carvão. Se o carvão afundasse é porque a pessoa estava muito ruim. A partir disso, ela pegava um outro carvão, esperava esfriar um pouquinho e ela ia cruzando o corpo da pessoa com o carvão, para fazer as liberações através do carvão. Depois aquele carvão ela enterrava na terra, como se estivesse realmente limpando, retirando a energia da pessoa, e jogando na terra.</i></p>
	<p><i>Educação formal, Faculdade Mestrado, Doutorado</i></p>	<p><i>Fui fazer a vida, fui estudar, e isso foi se perdendo ao longo do tempo. Mas nunca saiu de mim</i></p>

2010	Nascimento da filha	
2013	Retorno às raízes	<i>[...] minha tia-avó, por parte da minha mãe, quando eu tinha 29 anos, que ficou com as orações, ela foi numa viagem ao Peru. E ela disse que eu seguiria isso. Até então ela estava com estas orações e até gerou um ciúmes na família, porque somos muitos primos, mas ela disse que gostaria e sentiu que essa minha bisavó gostaria que essa tradição continuasse através de mim.</i>
	Exercendo benzimento	<i>Eu regresso mesmo aos 29/30 anos para esse processo, como estrutura espiritual mesmo. Como esse lugar de levar isso para as pessoas e vivenciar no meu dia a dia. Então estou com 38 anos, pouco mais de 8 anos</i>
2015	Curso de Benzimento	<i>E aí eu sigo então esse recomeço, encontrando a A. C. N., que é minha grande mestra física nesse plano, que me inicia na tradição dos bentos e benzedeiros de quilombo, que já tinha tudo a ver com a minha ancestralidade e isso foi em 2015, que eu reencontro a A. E aí eu falei: Nossa, curso de benzimento, que interessante! Eu já estava sentindo esse movimento de regressar totalmente para esse processo da minha ancestralidade, já estava vivenciando ele, mas muito sem saber o que fazer ainda, como fazer isso de forma prática.</i>
	Iniciação reencontro com a espiritualidade dos ancestrais	<i>E aí a A. C. aparece na minha vida e foi muito interessante porque a primeira vez que ela me benzeu, no início do curso, eu senti as minhas avós e eu chorei e fiquei muito emocionada. E aquilo pra mim foi um sim</i>
	Curso e Rodas de benzer	<i>Foi interessante porque durante o curso me deu uma rinite alérgica forte e eu não podia acompanhar o curso, só no final eu fui iniciada. E daquele dia em diante eu comecei a tocar a roda de benzer, faço rodas de benzer mensais. Então essa roda de benzer, do momento em que fui iniciada com a A., eu senti que a minha forma de honrar essas velhas, como eu gosto de falar, era levar esse conhecimento e essa cura para as pessoas, através da oração.</i>
	Divulgação e cursos e rodas de benzer em São Paulo	<i>Meu maior sentir, eu não vivo de benzimento para deixar isso bem claro. Eu tenho a minha profissão. O benzimento, na verdade, é uma missão espiritual, mas eu senti que eu tinha de honrar de alguma forma. E, antigamente, as pessoas iam à casa das benzedoras. E eu senti que, de forma contemporânea, eu precisava unir as pessoas a regressar para esse ofício do benzimento. E como eu poderia fazer isso? Ofertando rodas de benzimento. Então eu tenho amigos queridos de espaços em São Paulo que me forneciam espaço físico para que eu pudesse abrir essas rodas de benzer. Eu divulgava pela internet e as pessoas iam, na parte da noite, para que a gente pudesse benzê-las.</i>

		<i>Então ali a gente fazia as defumações, as limpezas, as esteiras, os bate-folhas, as orações e daí por diante.</i>
2017	Reencontro curso em Brasília DF	<i>Quando eu me reencontro com a A. C., em 2017, eu já estava girando rodas de benzer e eu a convido para fazer um curso em Brasília (DF), eu já estava dando curso de ervas, ensinando às pessoas banhos, garrafadas e xaropes e tal. Chegando lá, a vó Jandira, que é a mestra espiritual desse trabalho, que se incorpora na A. C, me procurou e me iniciou para iniciar pessoas dentro dessa tradição.</i>
2017	Início de cursos na tradição quilombola União com outras escolas Brasília S.B. Campo	<i>Então desde 2017, eu venho iniciando pessoas dentro da tradição quilombola e com muita honra me foi dada pela Vó J. e A. C. Então as rodas de benzer começaram a crescer, porque as pessoas iniciadas por mim começaram a fazer em suas cidades. Então a gente tem roda de benzer em Brasília, Bauru, Uberlândia, Uberaba, Jundiaí, Santos, que foram as cidades que eu fui levando o benzimento e iniciando as pessoas. A gente tem roda de benzer em tudo que é canto agora. Em Brasília, inclusive, a gente tem em postos de saúde. Lá tem a minha irmã, R. K., e tem a escola de benzedeadas de Brasília. Assim como a P. e a R., a gente é muito irmã, somos muito próximas, não tem competição, muito pelo contrário, fizemos vários trabalhos juntas. E aí a gente vai se encontrando aí nessas teias.</i>
	Aprendizagem continua	<i>Anualmente eu vou até lá para poder aprender com eles as garrafadas, os xaropes e melados e também as orações. É uma coisa que eu continuo fazendo, depois dos 30 anos, e é uma forma de estar mais próxima dessa minha bisavó.</i>
2019	Muda para Bertioga	
2020	Surgimento da Pandemia	<i>Então isso ocorreu até a pandemia. Quando a pandemia veio, eu já estava aqui em Bertioga, eu tenho um espaço aqui também, um hostel e um espaço terapêutico e eu comecei a abrir essas rodas de benzer aqui também em Bertioga, que fazia fila, o que muito me emocionava e muito feedback de cura das pessoas.</i>
	Roda de Benzer na Pandemia	<i>Hoje, por conta da pandemia, é online. Mas eu girava roda de benzer com 150 a 200 pessoas por mês e junto com os grupos que fui formando...</i>

	A Benzedeira e a Terapeuta	<p><i>as pessoas vêm, nos procuram, trazem as suas questões, que muitas vezes também como a minha profissão é terapeuta, a gente vai diagnosticando como questões emocionais e a gente aprofunda também. Eu falo que a benzedeira contemporânea, honrando essas velhas, tem algumas ferramentas também para poder auxiliar junto com a oração, junto com o benzimento. Algumas diretrizes que a gente pode auxiliar também. Mas sempre levando em consideração essa simplicidade em benzer, sem querer enfeitar o peru, como eu gosto de falar, reconhecendo essa simplicidade que vem dessas mulheres.</i></p>
	Transmitindo para as próximas gerações (filha de 11 anos)	<p><i>A Minha filha acompanha tudo desde sempre, as rodas de benzer aqui, ela é uma menina linda, perspicaz, inteligente, e ela me pediu, não foi uma coisa que eu forcei nem nada. Ela me falou: ah, mamãe, eu também queria um terço desse, um pouquinho menor, ela devia ter uns 7 anos e agora está com 11. Daí eu perguntei o que ela achava de eu iniciá-la e ela quis de bom grado, é uma menina bastante intuitiva. A gente contratou uma moça para limpar a casa e ela não gostou da energia dela, que era pesada, e de fato a gente descobriu que ela apanhava do marido, tinha várias questões envolvidas com bebida. Foi muito interessante porque isso foi depois. Então ela é uma menina bastante intuitiva e foi um desejo dela. Eu tenho um livro, que é um grimório*, em que eu guardo as minhas orações e as intuições que chegam, e que vai ficar para ela. Eu falo muito isso nos meus trabalhos, que é o quanto essas orações tão lindas de cura foram para o caixão, muito porque não tinha para quem passar, como eu, por exemplo, quando adolescente, não queria muito saber. Então a minha ideia é escrever para que isso perdure para as gerações futuras. Então as orações dela estão lá, as que eu recebo também e o que vai chegando eu vou escrevendo para ter esse livro de sequência.</i></p> <p><i>* livro de magia de bruxos e feiticeiros</i></p>

**Fonte:** A pesquisadora.

Quadro 11 - Linha do Tempo Familiar - Benzido (BB1)

Ano	Evento	Depoimentos
1959	Nascimento	
	Benedeira na família - Avó	[...] minha avó materna benzia em casa tanto criança quanto adulto, era muita gente. Ela tinha o ritual da tesoura para cortar alguma coisa, e às vezes colocava o copo de água virado em uma toalha na cabeça para tirar o excesso de calor ou mal-estar, não lembro direito.
	Batizada na Religião Católica	
1965	Primeira vez em benzedeira	Infância. E também aos seis anos, já fui desenganada três vezes por causa de bronquite. Isso era comum na época, os médicos falavam leva para casa que não tinha mais jeito. Minha mãe e meu pai recorreram muito a benzimento, e eu curei, que não pego nem gripe hoje em dia.
	Vizinha benzedeira	Eu tinha uma pessoa que faleceu há pouco tempo, que foi uma grande amiga para mim. Ela morava no mesmo local, na mesma rua. Isso ocorreu várias vezes com as crianças, dá um conforto emocional e espiritual para a gente que não tem medida.
	Sempre procurou benzedeira	[...] não tá falando só de católico não, já passei por vários tipos de benzimento, uma delas foi a cabala. Eles fazem um ritual com uma estrela no chão, colocam velas, aquilo também me salvou, eu senti na hora minha inflamação secar, sem falar o que eu tinha. A pessoa falou você foi trazida aqui pra que? Eu não queria falar o que era, simplesmente falei que tinha ido lá para acompanhar uma pessoa, mas não foi bem isso rsrsrs. E também tive um problema sério de tireoide, o médico me mandou para o iodo e eu não fui, porque eu tenho três cunhadas que passaram por isso e não vejo coisa boa nelas e ficaram todas com sequelas, meio problemáticas. Por isso, eu fui para a benzedeira M. e ela resolveu com cromoterapia, e Reik, na época também eu fazia a cabala. Eu acho essas pessoas maravilhosas, também já frequentei alguns anos atrás o Núcleo Espírita Segue A Jesus, quando era na Casa Verde. E também tem o outro que te falei vejo o nome depois e te falo, local onde estava frequentando antes da pandemia, um lugar maravilhoso inclusive estava fazendo um curso que é para você aprender como que foi feito o evangelho e achei maravilhoso. Tem um senhor lá, chamado M, um homem de idade tão próspero, que passa uma energia tão boa pra gente.
	Conhece Benzedeira, benze a distância	Eu tinha uma pessoa que faleceu há pouco tempo, que foi uma grande amiga para mim. Ela morava no mesmo local, na mesma rua. [...] Mas conheci várias ao longo da minha vida, muito boas, agora que não tem mais nada. Da minha infância a entendo era tudo católica, agora são todas espíritas, como Alan Kardec.
	Não há cobrança	
	Frequência	[...] quando está tudo funcionando normalmente eu gosto de ir semanalmente, eu gosto de participar das palestras. [...] eu já frequentei alguns vou falar mais deste atual. Gosto muito do Centro Umbanda Cinco Estrelas, eles têm o dia da gira deles, mas eu gosto de frequentar o dia da cura. Eu acho um pessoal muito dedicado, e você vê um resultado imediato. E é tudo em imposição das mãos com lâmpadas coloridas, o Reik e cromoterapia. O acolhimento é muito bom, isso é o que vale em tudo aonde você vai.

2021	O que o benzimento representa na vida	Representa uma ajuda muito grande do universo, porque a gente fica meio perdida e não tem nenhum motivo para aquilo, mas a gente fica não sabe nem o porquê isso. E isso centraliza a gente, coloca a gente no eixo de novo. Por isso que eu falo, de acordo como a pessoa faz o acolhimento ela já consegue te estabilizar.
	Benzimento se fez presente	E, às vezes, quando você está muito cansado e não sabe o porquê, é nesses lugares que você consegue se equilibrar. [...] Mas, ela falou que eu teria uma menina, mas se você se permitir você vai ter um menino. Por causa da minha vergonha rrsrrs, acabei deixando as pílulas dentro da gavetinha, porque eu arranjei uma empregada novinha, com vergonha da menina guardei, ai nisso deixei de tomar a pílula na hora certa, é obvio, penso q talvez tenha sido isso, não sei. [...] Só que depois de 10 anos, eu resolvi ter um filho, e eu tinha certeza de que era homem e era homem mesmo. [...] Digo para as pessoas procurem, porque elas só têm mania de reclamar, cada um tem que buscar. Tem Deus para ajudar a gente, mas também tem que correr. Não pode ser preconceituosa, eu vou em qualquer igreja que me convidam, qualquer religião, eu retorno se gostei, se não gostei, não retorno. [...] eu gosto muito de ajudar as pessoas, mas gosto de ajudar assim de uma forma que eu vejo resultado, entendeu, tem muito lugar que pega as coisas, mas também não distribui nada, então assim eu gosto muito de verificar isso.
	Recorreu a Medicina tradicional	Já procurei psiquiatra por causa do assunto do meu pai, e também não me deram respaldo, pensei que iria enlouquecer, porque aquilo não saia da minha cabeça, mas eu consegui, em 89. Quando foi em 1989, eu tive uma crise muito forte ai eu pedi pra Deus tirar tudo da minha mente, e eu consegui, saiu, não penso mais nisso, mas antes me torturava dia e noite, , mas passou, tudo passa, mas sabe tem coisa que acontece na vida da gente e a gente não se toca, meu pai desapareceu em fevereiro de 73. [...] E eu acho que no momento que sai pra procurar emprego, sai arrumei emprego sozinha e fui trabalhar [...] O pessoal na segunda vinha tudo com unha pintada, cabelo arrumado, tudo né? Eu não vinha toda destruída mesmo de tanto trabalhar, mas não é pelo trabalhar, trabalhar eu gosto, é de ouvir reclamação, então ao invés de ficar reclamando busque., entendeu tem vários lugares para buscar. em vez de reclamar.
	Pretende recorrer a benzimento no futuro	Com certeza, o tempo todo. Só de você ir ao local, e ouvir uma palestra já engrandece muito.

**Fonte:** A pesquisadora.

**Quadro 12 - Linha do Tempo Familiar - Benzido (BB2)**

Ano	Evento	Depoimentos
1964	Nascimento	
	Mãe Benzedeira	
	Infância	Primeira lembrança é de quando eu era pequena, minha mãe nos lembrava na Dona Brasilina., ela tinha um centro espírita e era uma benzedeira
1984	Casou	
1986	Nascimento Filho	
1986	Leva filho a benzedeira	[...] quando meu filho L. que hoje tem 35 anos ele era bebê vomitava, e nem o leite materno. Essa primeira vez que levei meu filho no benzimento, ela era idosa, segurou ele de cabeça pra baixo, e bateu na sola do pé, e ela com muita facilidade, bateu no pé disse que ele estava com buxo virado e tirou com mão, o menino voltou pra casa mamando.
	O que leva a procurar benzimento	Eu acredito que a fé e o relato das pessoas mais antigas, é um relato de sucesso
	Frequência	Busco minha mãe quando sabe de algum mal-estar, sempre pede para ela benzer, frequente, eu achava que não, está tão perto que até esquece que procura e com frequência
	O que representa o benzimento na vida	Alternativa de tratamento
	Benzimento	Penso que todas as vezes que eu resolvi levar meus filhos para benzer foi marcante porque obtive resultados na grande maioria das vezes
	Busca benzimento quando	Desconforto que a Medicina não dá conta. [...] Eu penso que o benzimento além de uma alternativa espiritual, ele tem algumas questões, no caso de colocar o bucho virado, na verdade, quando ela tem o procedimento de colocar a coluna no lugar, o aparelho digestório no lugar, tem um respaldo de colocar, no lugar é físico, tem questões físicas biológicas.

**Fonte:** a pesquisadora.

**Quadro 13 - Linha do Tempo Familiar - Benzido (BB3)**

Ano	Evento e/ou Pergunta	Depoimentos
1957	Nascimento	
	Religião	Fui educado na religião católica, passei pelo candomblé e tenho simpatia muito grande, uma inclinação pelo candomblé.
1967	Morte do irmão	Tenho uma lembrança aos meus 10 anos, minha primeira infância, é o que lembro minha mãe levando para benzedura, benzimento, lembro de um irmão falecido, ele começou com febre, diarreia, foi ficando desidratado, lembrando ai atribuíram o problema dele à inveja, quebrante, ai minha mãe recorreu ao benzimento.
2015	Procurou benzimento, levou o neto	Não tenho essa lembrança de quando procurei benzimento, me lembro que procurei benzimento para o meu neto, ai eu lembro que eu procurei, ele tem sete anos hoje e quando ele nasceu ele era muito inquieto, chorava direto, depois descobrimos que o leite materno não estava sustentando, ele era muito magrinho, ao invés de ganhar peso ele estava perdendo peso, no momento em que estávamos buscando uma solução, descobrimos que o leite não estava sustentando ele, levei em uma benzedeira.
	Benedeira utilizou ervas	
2021	Não há cobrança	
	Frequência	Com que frequência? Hoje não procuro por benzimento, mas visito alguns locais que a prática é comum. Mas eu não procuro benzimento específico neste local.
	O que o benzimento representa?	Acho que é isso, ele traz harmonia, ou ele traz harmonia, tranquilidade, paz
	Benzimento presente fato marcante	Acho que voltando ao meu irmão, ao meu irmão...nossa..., meu irmão. Que faleceu quando era criança, aquele momento foi marcante, aliás, que mais um momento, foi importante o benzimento, que foi com o meu outro irmão, que faleceu aos 49 anos há sete anos atrás, eu fiz um benzimento junto...[...] como não é benzimento, aliás no candomblé tem uma situação que eu acho que é similar ao benzimento da umbanda que eles chamam de ebó, e eu fiz isso no meu irmão. Meu outro irmão quando tinha 48 anos em um leito de

		hospital. Nos praticamos o benzimento naquele momento. Que também morreu, mas tive um entendimento que naquele momento era necessário o desligamento, ele se acalmou, foi interessante, que ele estava no hospital de clínicas, e entrava gente o tempo todo, mas naquele momento foi como se tudo tivesse parado, nenhuma enfermeira, nenhum médico entrou, tudo era silêncio, como se a espiritualidade estivesse impedindo aquele entra e sai para nossas orações. Tive o entendimento da necessidade de sua partida e de sua libertação.
2021	Atualmente	Atualmente não procuro nenhuma benzedeira, não tenho necessidade... Necessidade sempre há, hoje eu vejo essa troca de energia... [...]. Uma harmonização que se dá através do encontro de duas pessoas onde as suas energias você troca com a energia do outro, pra mim isso é o benzer. Ou eu frequento lugares que praticam o benzimento, só o fato de estar neste local eu já me considero....,
	Pretende procurar benzimento	[...] eu vejo o benzimento, como disse anteriormente, como uma troca de energia é como om massoterapeuta que pratica massagem e ai ele ao tocar é uma forma de benzimento e isso meu irmão fazia, ele era massoterapeuta, ao tocar ou massagear existe uma troca de energia e tudo que está represado, está é...tudo que é incomodo que se manifesta no corpo, através dessa massagem do toque do terapeuta isso se harmoniza se espalha, essa troca de energia, então o benzimento hoje pra mim é uma coisa, talvez que eu explique desta forma

Fonte: A pesquisadora.

**Quadro 14 - Linha do Tempo Familiar - Benzido (BB4)**

Ano	Evento	Depoimentos
1956	Nascimento	
	Religião	Espírita
	Infância	Quando era criança os médicos não davam conta, minha mãe não sentia melhora quando voltava do médico, aí ela corria pra benze, eu fui uma criança que foi benzida assim... extremamente benzida, acho que é por isso que estou bem hoje.
1986	Benzimento importante	Ah, foi uma lembrança minha mesmo, foi uma vez que eu já estava muito..., eu tinha 20 e poucos anos trabalhava, e eu estava assim muito desenergizada, não estava bem, sem apetite, não dormia direito. Ai

		minha mãe falou, alguém falou pra ela assim, manda benzer espinhela caída, ela não está bem. Ai minha mãe foi atrás de uma senhora, uma velhinha benzedeira, ela foi em casa, e ela me sentou em uma poltrona, e começou a fazer, reza né? Fazer o benzimento quando terminou ela caiu em cima de mim. Então essa lembrança é muito forte. Nunca mais depois disso fui benzida, nunca mais aconteceu isso de eu ficar mau. Com certeza, eu achei, assim, coitada o negócio era tão feio que prejudicou ela, mas em momentos seguintes ela já estava bem.
2021	Gostaria de ir e queria ser benzedeira	Se tivesse gente benzendo por ai eu juro que ia lá, eu acho que em nome de Jesus você pode fazer qualquer coisa. Eu costumo quando meus filhos não estão bem, coloco eles sentadinhos numa cadeira na varanda, sempre fiz isso desde que eles eram pequenos, faço Pai Nosso e Ave Maria, benzo eles, rezo eles, com um raminho de alguma coisa, um matinho uma erva, porque eu acredito nisso, eu acredito que tudo que você faz que você coloca seu coração, você pede pra Deus. Você faz em prol do bem-estar de alguém, eu acho que é valido. E eu acredito que surta efeito, acho que é assim, equilibra as energias daquele ser sabe? Que as energias podem estar desequilibradas. Pode estar sofrendo ataque de alguma energia ruim.

Fonte: A pesquisadora.

**Quadro 15 - Linha do Tempo Familiar - Benzido (BB5)**

Ano	Evento	Depoimentos
1980	Nascimento	
	Infância	[...] lembro desde criança eu ia; porque diziam que eu era muito encapetado, e que eu precisava benzer, e eu tinha muito sonambulismo, e então também eu ia benzer, as vezes, por causa disso, pra acalmar estas coisas todas
	Benzedeira	Lembro de uma senhorinha que vinha benzer aqui em casa, Dona M., ela benzia com um copo d'agua e um galinho de arruda, tão bonitinha, ela tinha uma voz rouca,
	Nascimento filha	
	Nascimento filha	
	Levou a filha benzer	

		Quando a minha filha estava com uma crise de bronquite pós hospitalização, ficou internada ficou muito mal depois disso ela não voltou a ter crise, crises graves de bronquite, depois do benzimento, foi feito um benzimento específico pra bronquite e não voltou a ter crises
2019	Benedeira hoje	Sim, no centro onde eu frequento, mas agora a chefe do centro ela não está mais benzendo, ela está com 89 anos, mas até pouco tempo atrás, até começar a pandemia ela benzia.
	Intergeneracionalidade	A cultura familiar era muito presente na minha família, minha vó fazia benzimento, ela sabia algumas orações, prá bucho virado, quando engasgava, prá queimadura e cobreiro também.
2021	Benzimento hoje	É troca de energia muito boa, é uma sensação de paz de reequilíbrio
	Significado	Sim, é uma expressão da nossa cultura, pra mim o benzimento está associado a acolhimento, a uma figura que acolhe que cuida.

Fonte: A pesquisadora.

#### Quadro 16 - Linha do Tempo Familiar - Benzido (BB6)

Ano	Evento	Depoimentos
1967	Nascimento	
	Religião	Fui educado na religião católica, após casar em 1992, minha esposa era espírita e comecei a frequentar o espiritismo e ir à missa,
	Infância	Lembro da minha mãe dizendo pra ir benzer, na época, as minhas sobrinhas, minha mãe sempre dizia que tinha alguns problemas que ocorriam com as crianças, que só curavam com benzimento, mau de Simioto(...) machucado, braço pé, canela, caía um tombo[...] planta, Dona I, eu acho que era arruda.
1992	Casamento	Após casar em 1992
1993	Nascimento filho	Sim minha sogra, quando meu filho precisava, ela benzia, hoje ele está com 28 anos

	Não há cobrança	
<b>2017</b>	Curso de espiritismo	Hoje estou, faço Curso de Espiritismo, que comecei em 2017 vou ser um espirita diplomado em rrsrsrs...
	Processo de benzimento	O benzimento assim como hoje em dia as cirurgias espirituais, leva aquele que se submete, a fé o leva a acreditar que ele vai se curar, o benzimento tem que estar acompanhado da fé
	O que o benzimento representa	
	Benzimento presente fato marcante	Quando eu era criança, eu via não só minha mãe, minha avó, que eu tinha um contato com benzimento muito maior do que tenho hoje
	Pretende procurar benzimento	Sim

**Fonte:** A pesquisadora.

### 6.3 Discussão de resultados

Durante as entrevistas constatou-se que no processo do ato de benzer, um dos passos essenciais é o pedido de permissão para o benzimento. Esse pedido de autorização é mencionado unanimemente por todos os benzedores participantes (BP1, BP2, BP3, BP4, BP5, BP6), pois o ritual de cura se faz com a solicitação da intervenção do divino, e é de suma importância para os benzedores. Esse aspecto da intercessão divina também é reforçado quando os benzedores (as) deixam claro que receberam o auxílio divino ao usar expressões como: *“Graças a Deus”, “Com a graça de Deus”*. Por outro lado, quando expressões como: *“Nesta egrégora”, “Com o auxílio dos irmãos espirituais”* são ouvidas, observa-se como se entidades espirituais fossem chamadas, para serem intermediários para ajudar no processo de benzimento. Nesse contexto, enquadram-se também as expressões: *“Com o favor de Deus”, “Com a permissão dos irmãos espirituais”, “Em nome de Deus”, “Que o Mestre nos guie”, “Em nome de Jesus”, “Em nome de São Bento”, “Em nome das entidades benfazejas” “Em nome do bem”, “Em nome de Nossa Senhora da Conceição”, “Em nome dos santos anjo do Senhor”, “Em nome de Maria, mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo”* entre outras. Essas invocações mostram claramente o papel que as próprias benzedoras se colocam no sentido de serem intermediárias no processo de benzimento realizados por elas.

No ato de benzer observa-se também, em algumas vezes, a expressão *“O favor de Deus”*, ainda que esse favor seja a intervenção divina em prol do benzido, isso se dá, principalmente, pela atuação e intermediação da benzedora. O benzido deve ter a condição da fé e deve conceder a permissão para o benzimento. Os benzedores (as) alegam não benzer sem o pedido ou consentimento daquele que irá receber o benzimento, em caso de crianças menores o consentimento deve ser dado pelos pais. De fato, de acordo com *BP1, BP2, BP3, BP4, BP5, BP6*, no processo de benzimento faz-se necessária a reunião desses requisitos para que se efetue a intervenção divina. Desta forma, o papel fundamental da benzedora é o de intermediar.

Nery (2006), ao reforçar a diversidade de conhecimentos e formas de benzedura afirma que:

Cada benzedor tem a sua própria forma de benzer, porque a cada um foi dado um dom para curar. Um dom que se traduz na fé, aprendida com seus antepassados e de onde aprenderam a ver o mundo que os cerca. Rezadores, benzedores e curadores estabelecem com a comunidade um sistema próprio de comunicação que está além da comunicação oficial da

mídia de massa, através de seus cantos, gestos, rezas e orações (NERY, 2006, p. 2)

O sentido de ser benzedeira na vida, é trazido *BP1, BP2, BP3, BP4, BP5, BP6*, quando vinculam suas vidas ao benzimento, guiam-se e se moldam a partir dos princípios de ajuda e auxílio ao próximo, encontrados no ofício de benzedeiros. Sob essa perspectiva, concorda-se com Caldas, Alves, Menezes (2016) quando afirmam que:

Benzeção e sentido enquanto a ciência avança com novas descobertas tecnológicas, em que, na maioria das vezes, cada vez mais torna difícil o acesso à população. Esta mesma população se volta para o universo religioso (sagrado) como busca de sentido ou ainda como busca de respostas para os males que lhes afligem. O sentido da vida é a possibilidade de uma construção apropriada da vida. Ocorre a partir de uma escolha consciente do indivíduo cujo propósito é a realização, a satisfação pessoal. Porém costumam-se confundir o sentido da existência com sucesso, prosperidade, sexo e aquisição de bens materiais. No entanto, frequentemente nos deparamos nos consultórios dos psicólogos, com pessoas que após obterem sucesso profissional, se deparam com a frustração e a sensação de vazio existencial. Para Frankl, entre as causas da falta de sentido, está a perda das tradições e a massificação da sociedade atual. (CALDAS, ALVES, MENEZES, 2016, p.171-172)

Ainda para Frankl (2003), é natural o ser humano questionar-se sobre sua existência, aliás é uma atitude de maturidade de ideais, de valores e sobretudo uma maturidade psíquica e espiritual. Este ser humano é movido por vontade de sentido, por uma necessidade de encontrar sentido para sua existência. A “vontade de sentido” o leva para além de si, ao que Frankl denomina de “transcendência de si mesmo” (p.12), pois, o sentido não pode ser dado:

O sentido de uma pessoa, coisa ou situação, não pode ser dado. Tem que ser encontrado pela própria pessoa – mas não dentro dela, porque isto iria contra a lei da autotranscendência do existir humano. Transcender significa elevar-se acima do vulgar, se superar, ir além de ou ultrapassar alguma coisa. [...] transcender está relacionado com pensamentos e emoções, e é a capacidade do ser humano de transpor certas barreiras, superando a algumas circunstâncias da vida. (FRANKL, 2003, p. 27)

Para Boff (2000, p. 22), a transcendência é, talvez, o desafio mais secreto e escondido do ser humano. A religião e a espiritualidade são aspectos da vida humana que podem oferecer ao ser humano a capacidade de transcender a si mesmo. De conduzi-lo para além de si próprio. Elas se apresentam para o indivíduo como possibilidades no mundo que o acolhe e protege, preenche lacunas em sua existência fornecendo sentido.

Nesta pesquisa constatou-se que com o advento da Internet, surgem novas formas de transmissão de conhecimento assim como o exercício da benzeção. O aprendizado que não é só a passagem oral dos benzimentos, tanto no contexto urbano como no contexto rural está ocorrendo mediante cursos de formação de benzedores(as), cursos estes que foram constituídos com a finalidade de manter os conhecimentos populares e de não permitir que os paradigmas sociais modernos e as dificuldades de transmissão e escolhas dos herdeiros do conhecimento acabem contribuindo para a perda de conhecimentos importantes. Os participantes *BP1*, *BP2*, *BP3*, *BP4*, *BP6* trouxeram que muitos desses conhecimentos foram perdidos pela morte do benzedeiro, ou por ele não ter dentro de seus descendentes diretos pessoas interessadas em receber esses conhecimentos ancestrais.

A partir dos processos dialógicos pelos quais as benzedoras são submetidas durante todo o ciclo vital e das constantes interações e interpretações de si e dos outros que realizam, a visão da benzedora sobre suas práticas vai se constituindo. [...] é esperado que o indivíduo seja constituído por múltiplas vozes e influências que vão sendo exercidas ao longo da vida. É essa multiplicidade de vozes e posições que dialogam entre si e possibilitam a abertura para a construção de novos posicionamentos e processos de significação acerca do mundo, do outro e de si. (MARIM, SCORSOLINI, 2017, p. 456).

De acordo as pesquisas de Eiroa (2018) em matéria publicada no site *Universa*, embora a imagem de quem benze seja a de uma senhora de cabelos brancos com um ramo de ervas nas mãos, a nova geração de benzedores mostra que não existem fronteiras para a cura, sejam elas pessoais ou físicas. Isso se prova pelo fato de que o benzimento é oferecido até mesmo *online*. Para tanto, basta passar o nome de registro e a data de nascimento, assim a técnica de benzimento à distância é colocada em ação. Nessa matéria, Camila Eiroa reproduz a fala de Pâmela Souza, uma das mais conhecidas benzedoras brasileiras quando afirma que: “Com a sua “quase faculdade” *Florescer Bento*, ela já formou cerca de 870 benzedores (ano de referência 2018) pelo Brasil, entre homens e mulheres de diferentes idades e crenças.

No que se refere à procura por benzimentos, no grupo I (*BP1*, *BP2*, *BP3*, *BP4*, *BP5*, *BP6*) quando falam sobre esse tema, descrevem pessoas de diversas classes sociais, gêneros e níveis socioculturais.

Esta diversidade de usuários que utiliza ou já utilizou os serviços das benzedoras é confirmada nessa pesquisa. 100% da população que já precisou de ajuda (grupo II) está disposta a procurar benzimento novamente, apesar da dificuldade

de encontrar benzedeadas, confirmaram essa diversidade quanto à religião que adotam, por exemplo: 66,7% (BB1, BB2, BB4, BB6) são espíritas; 16,6% frequentam o Candomblé (BB3), assim como umbandistas 16,6% (BB5). Quanto à renda familiar observou-se que varia entre 3 a 15 salários mínimos, o que confere à pesquisa diversidade socioeconômica entre os participantes, corroborada pelo fato de residirem em diversos bairros da cidade de São Paulo, característicos de pessoas pertencentes à diferentes camadas sociais.

Unanimemente tanto o grupo I como Grupo II afirmam que Benzimento não é cobrado.

Para fechar essa discussão, constatou-se uma mudança no perfil das benzedeadas mediante a descrição de suas práticas de benzimento:

- ✓ 100% não estão associadas a nenhuma religião específica;
- ✓ 100% benzem à distância devido a pandemia ocorrida em 2020 e 2021,
- ✓ 100% utilizam meios tecnológicos para o exercício do benzimento mediante à adesão a grupos formados em mídias sociais como: WhatsApp, Meta (antigo Facebook), Instagram;
- ✓ 100% se reúnem virtualmente em grupo para realizarem benzimentos coletivos.

Portanto, pôde-se observar, claramente, que houve uma mudança no perfil dos benzedeadas quando comparados com os do passado, quer seja atuando isoladamente ou de forma grupal. A principal mudança observada refere-se, nem tanto aos instrumentos utilizados no ato de benzer, mas em relação ao *modus operandi* na medida em que houve uma profunda alteração no modo que esses indivíduos operam sua atividade, deslocando-se, quando possível, do ambiente presencial para o ambiente virtual. Outro aspecto que também se destacou foi a busca pela legitimação da prática, haja vista até a existência de cursos específicos para aprofundamento na formação dos interessados pelo tema.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar esta pesquisa não fazia ideia de quanto este tema seria relevante, percebi que neste momento histórico da Humanidade de tanta dor emocional e física, a arte de curar praticada por benzedores é de extrema importância para toda a sociedade. Um mundo novo foi se desenhando diante de meus olhos à medida que as entrevistas foram realizadas, e posso nesse momento afirmar que esta pesquisa acrescentou muito a meu conhecimento sobre o tema, entendimento sobre o processo do ato de benzer, e ainda sobre a influência da Intergeracionalidade na vida de cada uma dessas pessoas na construção de seu papel social como benzedores/benzedeadoras.

No transcorrer deste trabalho, passou-se por uma dificuldade não prevista, a pandemia provocada pela COVID-19, com isso houve a necessidade de alterar o curso da pesquisa. As entrevistas, inicialmente, previstas para serem presenciais, foram realizadas de forma *online*, o distanciamento social tornou-se necessário para a preservação do bem-estar de todos. No decorrer deste processo, a sociedade também passou por mudanças, especialmente, de natureza comportamental, em que o distanciamento era a palavra de ordem, esta nova forma de viver trouxe consigo muita ansiedade, muitas questões emocionais, que foram vivenciadas e percebidas pelos participantes desse estudo, inclusive, modificando a forma de atuação de cada um(a) deles(as) no processo de benzimento.

Assim, destacam-se como atrizes fundamentais deste trabalho as benzedeadoras que, geralmente, são mulheres, mães, profissionais liberais, de diversas classes sociais e/ou classes populares que conhecem as rezas, ervas, massagens, cataplasmas, chás e simpatias, benzimentos diversos, entendem o uso dos instrumentos e das rezas, que alegam ter o dom ou uma ligação com o divino. Destacam-se nesse contexto, praticantes de cultos religiosos ou não, que carregam crenças, muitas vezes, trazidas de vivências da infância, adolescência e até mesmo da idade adulta, que consideram que o benzimento pode trabalhar com raízes religiosas, mas que não está ligado a nenhuma religião, percebem que um mistério as envolve em um simbolismo gerado por suas crenças, práticas e fé, que lidam com crenças e práticas do imaginário popular, fé, ritos e resquícios religiosos.

Olhar para a imagem que corresponde àquilo que é a benzedeadora hoje é olhar também para a contemporaneidade e à tecnologia, que auxiliam a continuidade dos

benzimentos, mesmo em um momento de afastamento social. A benzedeira pode ser considerada uma espécie de “cientista popular” que possui uma maneira muito peculiar de curar. Na Pós-Modernidade certas tradições e costumes ganham espaço, como a forma de aquisição de saberes, que passa a ser híbrida, ou seja, aprendido a partir de ensinamentos ancestrais, mas também transmitidos por meio de cursos, vídeo, aulas e convivência grupal, com trocas e compartilhamentos, com isso as benzedeiros passam a escrever de forma diferenciada seu cotidiano e práticas, combinando o misticismo da religião, com os aprendizados ancestrais e com os conhecimentos da Medicina popular, que hoje em dia, já contam com a anuência do Ministério da Saúde, que as autoriza a exercer seu ofício em muitas Unidades Básicas de Saúde (UBS), montando equipes de atendimento que hoje realizam benzimentos *online* individualmente e em grupo Pelo Googlemeet.

Os benzedores, em geral são pessoas de muita coragem, ao assumirem seus ideais e carregar consigo o que consideram missões intergeracionais, iniciadas por seus antepassados, a quem entendem e prestam homenagem. E eu, em minha pequenez diante dessas pessoas, também presto minha homenagem e agradeço a cada conversa, a cada sorriso, ao acolhimento, ao tempo dedicado a seu ofício que não tem paga, mas que sempre recebem de volta um “*Deus lhe pague*”.

Para finalizar essas considerações, deixa-se aqui a sugestão de que novos estudos sobre o tema sejam realizados, enfatizando aspectos que a presente pesquisa não conseguiu contemplar, tais como a importância do conhecimento prático do manuseio de plantas e ervas, que se iniciou com o benzimento, e que hoje já se encontra até industrializado com a propagação do uso de fitoterápicos; sobre a função do gênero tanto no que diz respeito a benzedores, quanto a benzidos, e ainda estudos sobre a questão da vacinação infantil, o uso do benzimento no auxílio do tratamento à doenças, a forma maior de prevenção disponível e como o benzimento pode ajudar quando se contrai doenças infantis, e neste contexto particularmente a COVID-19, o quanto isso influencia no aumento ou diminuição na procura por benzimentos.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Gilberto Orácio de. **Mulheres negras da montanha**: A religiosidade das benzedeadas de Rio de Contas. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

ALVES, Aline. Rezadeiras: misto de fé e manifestação cultural. **Vem ver o semiárido**, 20 nov. 2018. Disponível em: <http://www.faculdadersa.com.br/vemverosemiarido/rezadeiras-misto-de-fe-e-manifestacao-cultural/> Acesso em: 14 jan. 2022.

ANDRADE, Marco Paulo. **Tradição e Modernidade**: estudo sobre as representações e práticas culturais da benzeção. 2019. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Viçosa 2019, Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/27534/1/texto%20completo.pdf>. Acesso em: 12. jan. 2020.

ANDRADE, M. P.; DOULA, S. M.; VIEIRA, J. P. L.; RIBEIRO, I. M. Representações de profissionais de saúde pública sobre integração e práticas complementares em Viçosa-MG, Brasil. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 10, n. 5, 2021. DOI: 10.33448 / rsd-v10i5.10212. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/10212>. Acesso em: 8 jan. 2022.

APPOLINÁRIO, Fabio. *Dicionário de metodologia científica*: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2009.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (ANPEPP) XVI SIMPÓSIO DA ANPEPP, FÓRUM PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS, 2016. Disponível em: [npepp.org.br/images/24.05.ANPEPP\\_FORUM\\_PUBLICACOES\\_2016\\_1.pdf](http://npepp.org.br/images/24.05.ANPEPP_FORUM_PUBLICACOES_2016_1.pdf). Acesso em: 08 jan. 2022.

AUGRAS, M. R. A. **O ser da compreensão**: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BARROS, Victor; SOUZA, Maria Aparecida de; MACHADO, Simone. Portal de Periódicos da Capes: a importância da investigação científica na iniciação científica. **Cadernos de Educação e Tecnologia**, v. 3, 2012. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/307840094\\_PORTAL\\_DE\\_PERIODICOS\\_DA\\_CAPES\\_A\\_IMPORTANCIA\\_DA\\_INVESTIGACAO\\_CIENTIFICA\\_NA\\_INICIACA\\_O\\_CIENTIFICA/citation/downloa](https://www.researchgate.net/publication/307840094_PORTAL_DE_PERIODICOS_DA_CAPES_A_IMPORTANCIA_DA_INVESTIGACAO_CIENTIFICA_NA_INICIACA_O_CIENTIFICA/citation/downloa). DOI - 10.14571/cets.v3i1.166. Acesso em: 11 jan. 2022.

BECHARA, Evanildo. Benzer *In: Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. **Modernização Reflexiva**. Unesp: Ed. Unesp, 2012.

BELTRÃO JÚNIOR, H. R. et al. As Práticas de Benzimento em Parintins: Uma Abordagem Folk comunicacional. **XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte**, Manaus/AM. 2013. p. 14. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/norte2013/resumos/R34-0062-1.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2022.

BOFF, L. **Saber cuidar**: ética do humano, compaixão pela terra. Rio de Janeiro: Vozes; 1999.

BÖSZÖRMÉNYI-NAGY, Ivan; SPARK, Geraldine M.; PARDAL, Inés. **Lealtades invisibles**. Buenos Aires: Amorrortu, 1983.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização. Atenção Básica. Política Nacional de Humanização. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. (Série B. Textos Básicos de Saúde). (**Cadernos HumanizaSUS**, v. 2). Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos\\_humanizasus\\_atencao\\_basica.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_humanizasus_atencao_basica.pdf). Acesso em: 07 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Atenção hospitalar. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. (Série B. Textos Básicos de Saúde). (**Cadernos Humaniza SUS**, v. 3). Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos\\_humanizasus\\_atencao\\_hospitalar.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_humanizasus_atencao_hospitalar.pdf). Acesso em: 07 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS. **Clínica ampliada e compartilhada**. Brasília, 2009. (Série B: Textos Básicos de Saúde).

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. Código Penal. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2848-7-dezembro-1940-412868-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 21 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da saúde. **Departamento de Atenção Básica - DAB - Práticas Integrativas Complementares**. Disponível em: [http://dab.saude.gov.br/portaldab/ape\\_pic.php?conteudo=praticas\\_integrativas](http://dab.saude.gov.br/portaldab/ape_pic.php?conteudo=praticas_integrativas). Acesso em: 06 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. **Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia**. Disponível em: <https://www.gov.br/ibict/pt-br>. Acesso em: 15 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. (Série B. Textos Básicos de Saúde). Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS**: atitude de ampliação de acesso. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria n. 849, de 27 de março de 2017**. Inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Disponível em:

[https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0849\\_28\\_03\\_2017.html](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0849_28_03_2017.html).

Acesso em: 07 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria n. 2.436, de 21 de setembro de 2017**. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Disponível em:

[https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436\\_22\\_09\\_2017.html](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html).

Acesso em: 07 jan. 2022.

BRUSCAGIN, Claudia B. Família e religião. *In*: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira (Org.). **Família e ...**: Intergeracionalidade, equilíbrio econômico, longevidade, repercussões, intervenções psicossociais, o tempo, filhos cangurus, luto, cultura, terapia familiar, desenvolvimento humano e social, afetividade, negociação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

BVS. Portal da Rede Bvs. **O que é LILACS?** (s/d). Disponível em: <http://red.bvsalud.org/ufags/o-que-e-lilacs/>. Acesso em: 11 jan. 2022.

CALDAS, M. T.; ALVES, M. J. S.; MENEZES, A. A. Benzeção e busca de sentido: uma reflexão a partir das práticas das benzedeadoras. **Rev. Cult. Teol.** [internet], v. 87, p. 161-77, 2016. Disponível em:

<http://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/rct.i87.28558/20045>

» <http://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/rct.i87.28558/20045>. Acesso em: 19 abr. 2019.

CELESTINO, V. R. R.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. (2015). **Um novo olhar para a abordagem sistêmica na psicologia**. FACEF Pesquisa: Desenvolvimento e Gestão, v. 18, n. 3, p. 318-329, 2015.

<http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/facefpesquisa/article/view/1109/865>.

Acesso em: 07 jan. 2022.

CERQUEIRA-SANTOS, Elder; KOLLER, Sílvia Helena; PEREIRA, Maria Teresa Lisboa. Nobre Religião, saúde e cura: um estudo entre neopentecostais. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. 2004, v. 24, n. 3, p. 82-91, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000300011>. Epub 29 Ago 2012. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000300011>. Acesso em: 9 jan. 2022.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **A família como modelo**: desconstruindo a Patologia. Campinas: Ed. *Workshopsy*, 1994.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **A família como modelo**: desconstruindo a Patologia. São Paulo: Ed. Livro Pleno, 2011.

CICIB. Comitê Interinstitucional de Cooperação Informacional e Bibliotecária. **Sobre o IBICT**, s/d. Disponível em: <https://cicib.ibict.br/index.php/manuais>. Acesso em: 11 jan. 2022.

CLARINDO, Maximillian; STRACHULSKI, Juliano; FLORIANI, Nicolas. Curandeiros Parintintin e Benzedeiras: reprodução do saber popular de cura. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, v. 15, n. 31, p. 105-124, 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/334869553\\_CURANDEIROS\\_PARINTINTIN\\_E\\_BENZEDEIRAS\\_REPRODUCAO\\_DO\\_SABER\\_POPULAR\\_DE\\_CURA](https://www.researchgate.net/publication/334869553_CURANDEIROS_PARINTINTIN_E_BENZEDEIRAS_REPRODUCAO_DO_SABER_POPULAR_DE_CURA). DOI 10.14393/Hygeia153148560. Acesso em: 14 jan. 2022.

CONCEIÇÃO, D. R. *et al.* **Religião no Brasil**: Ciência, Cultura, Política e Literatura. Rio de Janeiro: Fonte Editorial, 2014.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

DA MATA, R. **A família como valor**: considerações não-familiares sobre a família no Brasil, em *Pensando a Família no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/UFRJ, 1987.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Eds.). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994.

DEVEREUX, Paul. **O xamanismo e as linhas misteriosas**. 1. ed. São Paulo: Estampa, 1993. v. 1. (Coleção Espelho Mágico).

DUARTE, Jorge. "Entrevista em profundidade". *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

ESPERANDINO, Mary Rute Gomes; FREITAS Marta Helena de; (Org). **Psicologia da Religião no Brasil**. Curitiba: Ed. Juruá, 2017.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

FERGUSON, S. B. **Novo dicionário de teologia**. São Paulo: Hagnos, 2011.

FERNANDES, M. L. Experiência Religiosa e Psicologia; *In*: ESPERANDINO, Mary Rute Gomes; FREITAS Marta Helena de (Org). **Psicologia da Religião no Brasil**. Curitiba: Ed. Juruá, 2017.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação & Sociedade** [online]. v. 23, n. 79, p. 84, 2022. [Acessado 11 Janeiro

2022], pp. 257-272. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002000300013>. Acesso em: 11 jan. 2022.

FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. A família de classe média atual no Rio de Janeiro: algumas considerações. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 1-2, p. 83-92, 1992. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51771992000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771992000100009&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 31 out. 2019.

FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. O 'moderno' e o 'arcaico' na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. *In*: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto (Org.). **Uma nova família? O moderno e o arcaico da família de classe média brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

FISICHELLA, R. **Introdução à teologia fundamental**. 3. ed. São Paulo: Associação Jesuíta, 2011.

FREITAS, Rita de Cássia de. **Curandeiros, benzedeadas e rezadores na formação do ser mítico – fé na prática da benzeção – cura dos males do espírito e do corpo**. São Leopoldo: EST/PPG, 2018. Disponível em: [http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BRSIFE/977/1/freitas\\_rc\\_tmp635.pdf](http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BRSIFE/977/1/freitas_rc_tmp635.pdf). Acesso em: 20 nov. 2021.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso**. São Paulo: Global Editora, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. São Paulo: Global Editora, 2003.

FUHR, Rejane. **Levantamento de plantas alimentícias não convencionais (PANC) no município de Pato Branco - PR**. Pato Branco: UTFPR, 2016.

GALVÃO, Taís Freire; PANSANI, Thais de Souza Andrade; HARRAD, David. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: a recomendação PRISMA. **Epidemiologia e Serviços de Saúde** [online]. 2015, v. 24, n. 2, p. 335-342, abr./jun., 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742015000200017>. Acesso em: 11 jan. 2022.

GENTIL, Luiza Borges; ROBLES, Ana Carolina Couto; GROSSEMAN, Suely. Uso de terapias complementares por mães em seus filhos: estudo em um hospital universitário. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 15, (supl.1), p. 1293-1299, jun., 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GLIK, D. C. Symbolic, ritual and social dynamics of spiritual healing. **Social Science and Medicine**, v. 27, n.11, p.1197-1206, 1988.

GONÇALVES, William Franco; OLIVEIRA, Oséias de. "Adoro, faço com carinho, com amor": reza e benzeção em Irati, PR". **Interações**, Campo Grande, MS, v. 19, n. 2, p. 257-264, abr./jun. 2018.

GONZÁLEZ REY, F. **La investigación cualitativa en Psicología: rumbos y desafíos**. São Paulo: EDUC. 1999.

HAVERKORT, B.; MILLAR, D. Constructing diversity: the active role of rural people in maintaining and enhancing biodiversity. **Etnoecológica**, v. 2, n. 3, p. 51-64, 1994.

HOUAISS, Antônio. Benzer. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001, p.434

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados São Paulo**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/pesquisa/23/22107>. Acesso em: 03 out. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Dados Brasil. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107?detalhes=true>. Acesso em: 03 out. 2020.

JANSEN, Roberta; CAMBRICOLI, Fabiana. O Estado de S. Paulo, 12 março 2018. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,sus-incorpora-dez-novas-terapias-alternativas,70002224343>. Acesso em: 19 jun. 2018.

**JUSBRASIL**. Artigo 284 do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de dezembro de 1940. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/busca?q=Art.+284+do+C%C3%B3digo+Penal+-+Decreto+Lei+2848%2F40>. Acesso em: 07 set. 2021.

KNEALE, Matthew. **Crença Nossa intenção mais extraordinária**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2016.

KOENIG, HG. Religião, espiritualidade e psiquiatria: uma nova era na atenção à saúde mental. **Rev. Psiq. Clín.**, v. 34, supl. 1, p. 5-7, 2007. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/247853651\\_Religio\\_espiritualidade\\_e\\_psiquiatria\\_uma\\_nova\\_era\\_na\\_atencao\\_a\\_saude\\_mental](https://www.researchgate.net/publication/247853651_Religio_espiritualidade_e_psiquiatria_uma_nova_era_na_atencao_a_saude_mental). Acesso em: 08 jan. 2022.

LAVELLE, L. **O Problema do Mal: Mito, Razão e Fé, o Itinerário de uma Investigação**. São Paulo: É Realizações, 2014.

LEE, Maria Lucia. **Lian Gong em 18 Terapias**. São Paulo: Ed. Pensamento, 1996.

LEGARD, Robin; KEEGAN, Jill; WARD, Kit. "In-depth Interviews". In: J. RITCHIE, J.; LEWIS, J. (Org.). **Qualitative Research Practice: A Guide for Social Science Students and Researchers**. London: SAGE Publications, 2003.

LIMA, R.; TURRINI, R.; SILVA, L. R.; MELO, L.; AUGUSTO, S. I. (2017). Popular healing practices and medical plants use for riparian mothers in early childhood care. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental** [on-line], v. 9, n. 4, p. 11-54, 2017.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: abordagem qualitativa. EPU. **Mathematic seaching in the Middle School**, v. 12, n. 5, p. 244-250, 1986.

MACEDO, Rosa Maria Stefanini de (Org). **Família e Comunidade Pesquisa em diferentes Contextos**. Curitiba: Ed Juruá, 2014.

MACEDO, Rosa Maria Stefanini de; KUBLIKOWSKI, Ida; MORÉ, Carmem Leontina Ojeda Ocampo. (Org). **Pesquisa Qualitativa no Contexto da Família e Comunidade: Experiências, Desafios e Reflexões**. Curitiba; Ed. CRV, 2018.

MACIEL, M. R. A; NETO, G. G. Um olhar sobre as benzedeadas de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, Ciências Humanas**, Belém, v. 1, n. 3, 2006.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARIN, R. C.; SCORSOLINI-COMIN, F. Desfazendo o “Mau-olhado”: Magia, Saúde e Desenvolvimento no Ofício das Benzedeadas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. 2, p. 446-460, 2017.

MARTINS, Helen. Sabedoria Antiga dos Benzedeados: une plantas medicinais orações e fé. **Globo Rural**, 2019. Disponível em: <http://www.cosemsmt.org.br/globo-rural-sabedoria-antiga-dos-benzedeados-uneplantas-medicinais-oracoes-e-fe/>. Acesso em: 14 jan. 2022.

MARTINS, Marcelo Sabino. **Entre a pena e o bisturi: Oswaldo Cabral e a colonização da memória em Santa Catarina (1929-1972)**. 2018. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2018. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-BC6GCW/1/entre\\_a\\_pena\\_e\\_o\\_bisturi\\_marcelo\\_sabino\\_martins.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-BC6GCW/1/entre_a_pena_e_o_bisturi_marcelo_sabino_martins.pdf) p. 17, 83. Acesso em: 28 dez. 2021.

MAUSS, Marcel. **Marcel Mauss: Antropologia**. Organizador Roberto Cardoso de Oliveira. São Paulo: Ática, 1979. (Inclui Introdução a uma leitura de Mauss, por Roberto Cardoso de Oliveira).

MEDEIROS, R. E. G.; NASCIMENTO, E. G. C. do; DINIZ, G. M. D. *et al.* Na simplicidade-Complexidade de um cuidado: a atuação da benzedeadas na atenção à saúde da criança. **Physis**, v. 23, n. 4, p. 1339-1357, 2013.

MENEZES, Javert de. **A arte do Benzimento: orações, rezas, benzeduras**. São Paulo: Alfabeto, 2019.

MENGUE, Priscila. Escola de Samba faz censo e mapeia benzedeadas de São Paulo e revela tradição viva. **O Estado de São Paulo**. Matéria publicada em 04 out. 2021. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,censo-mapeia-benzedeadas-de-sp-e-revela-tradicao-viva,70003858616>. Acesso em: 04 out. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GUERRIERO, Iara Coelho Zito. “Reflexividade como Éthos da Pesquisa Qualitativa”. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 19, n. 4, p. 1103-1112, 2014.

MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; PETRINI, Giamcarlo; BARBOSA, Francisco de Barros. **O Pai na sociedade contemporânea**. Bauru: EDUSC, 2010.

NERY, Vanda Cunha Albieri. **Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções**: costumes e tradições do ritual de cura pela fé. Centro Universitário do Triângulo – Uberlândia/MG, 2006, Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/120415399193864084132347838529996558992.pdf>. Acesso em: 1 maio 2021.

NUCCI, Guilherme de Souza. **Manual de direito penal**. 13. ed., rev., atual. e ampl. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

NUNES Larissa Soares; PAULA, Luciane de; BERTOLASSI, Thiago; FARIA NETO, Antônio. A Análise da Narrativa como Instrumento para Pesquisas Qualitativas. **Revista Ciências Exatas**, v. 23, n. 1, p. 9, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/318967404>. Acesso em: 20 out. 2021.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é benzeção**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, I. D. *et al.* Religião, transformações culturais e globalização. **Anais do IV Congresso Internacional em Ciências da Religião. Programa em Ciências da Religião – PUC-GO**, set. 2010. Disponível em: <https://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-ciencias-da-religiao/en/anais/congresso-internacional-em-ciencias-da-religiao/>. Acesso em: 22 ago. 2018.

OLIVEIRA, Oséias de; PADILHA, Milene Aparecida. História, Memória e Benzimentos. **Congresso Internacional de História**. Maringá, PR, 2011.  
PACKER, A. L. *et al.* SciELO pós 20 Anos: o futuro continua aberto [online]. **SciELO em Perspectiva**, 2018. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2018/12/19/scielo-pos-20-anos-o-futuro-continua-aberto/>. Acesso em: 11 jan. 2022.

PAIVA, Geraldo José de; Psicologia da Religião: natureza, história e pesquisa, **Numen**: Revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 21, n. 2, jul./dez., p. 9-31, 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/conta/Dropbox/My%20PC%20\(DESKTOP-A39608E\)/Downloads/25611-Texto%20do%20artigo-102280-1-10-20190423.pdf](file:///C:/Users/conta/Dropbox/My%20PC%20(DESKTOP-A39608E)/Downloads/25611-Texto%20do%20artigo-102280-1-10-20190423.pdf). Acesso em: 15 nov. 2021.

PARGAMENT, K. I. **The Psychology of Religion and Coping**: Theory, Research, Practice. New York: Guilford. 1997.

PARGAMENT, K. I. **Spiritually Integrated Psychotherapy**: Understanding and Addressing the Sacred. Nova York: Guilford. 2007.

PARGAMENT K. I. *'Religion and coping: The current state of knowledge'*. In: FOLKMAN, S. (ed.). **Oxford Handbook of Stress, Health, and Coping**. Nova York: Oxford University Press, 2011.

PARGAMENT, K. I.; KOENIG, H. G.; TARAKESHWAR, N.; HAHN J. Avanços empíricos na psicologia da religião e enfrentamento '. In: SCHAIE, K. W.; KRAUSE, N.; BOOTH, A. (Ed.). **Influências religiosas na saúde e bem-estar em idosos**. Nova York, Springer, 2004.

PARGAMENT, K. I.; RAIYA, Há. Uma década de pesquisa sobre a psicologia da religião e enfrentamento: Coisas que assumimos e lições que aprendemos '. **Psique e Logos**, 2007.

PARGAMENT, K. I. **Psicoterapia espiritualmente integrada**: Compreendendo e abordando o sagrado. Nova York: Guilford Press, 2007.

PARGAMENT, K. I.; ANO, G.G.; WACHHOLTZ, A.B. A dimensão religiosa do enfrentamento: Avanços na teoria, pesquisa e prática. In: PALOUTZIAN, R.F.; PARK, C. L. (ED.). **Manual de Psicologia da Religião e Espiritualidade**. Nova York: Guilford. 2005.

PARGAMENT, K. I.; FEUILLE, M.; BURDZY, D. The brief RCOPE: Current psychometric status of a short measure of religious coping '. **Religions**, 2011.

PARGAMENT, K. I.; KOENIG, H. G.; PEREZ, L. M. Os muitos métodos de enfrentamento religioso: desenvolvimento e validação inicial de RCOPE. **Journal of Clinical Psychology**, 2000.

PEREIRA, M. L. G. **Fazendo parto, fazendo vida**: doença, reprodução e percepção de gênero na Amazônia. 1993. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP, 1993.

PERNOUD, Régine. **Luz Sobre a Idade Média**. Tradução António Manuel de Almeida Gonçalves. Mem Martins: Publicações Europa – América, 1997.

QUEIROZ, José J.; GUEDES, Maria Luiza; QUINTILIANO, Ângela Maria Lucas (Org.). **Religião, Modernidade e Pós-modernidade Interfaces**: novos discursos e linguagens. Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2012.

QUINTANA, Alberto Manuel. **A ciência da benzedura**: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

RHAWY, C. R. **Bênção, o que é? e benzimento?** s/d. Disponível em: [http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BRSIFE/977/1/freitas\\_rc\\_tmp635.pdf](http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BRSIFE/977/1/freitas_rc_tmp635.pdf). Acesso em: 10 jul. 2021.

RICARDO, P. **Teologia Fundamental I**. São Paulo: Ecclesiae, 2012. (Col. Teologia Das Fontes).

RODRIGUES-NETO, J. F.; LIMA, L. S; ROCHA, L. F. *et al.* Uso de práticas integrativas e complementares (PIC) por pacientes adultos infectados com o vírus da imunodeficiência humana (HIV), no norte de Minas Gerais. **Rev. Baiana Saúde Pub.** [internet], 2010, v. 34, n. 1, p. 159-172. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/0100-0233/2010/v34n1/a1457pdf>. Acesso em: 28 abr. 2019.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte”. **Diálogos Educacionais**, v. 6, n. 6, p. 37–50, 2006. Disponível em:

file:///C:/Users/User/Downloads/Estado%20da%20arte%20Romanowski%20e%20Ens%20-1.pdf. Acesso em: 11 jan. 2022.

SBEBM. Sociedade Beneficente Espírita Bezerra de Menezes. **Prece de Cáritas**, publicada em 30 de abril de 2012. Disponível em: <https://www.sbebm.org.br/prece-de-caritas/>. Acesso em: 28 dez. 2021.

SCHVEITZER, Mariana Cabral; ESPER, Marcos Venício; SILVA, Maria Júlia Paes da. Práticas Integrativas e Complementares na Atenção Primária em Saúde: em busca da humanização do cuidado. **Revista O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 442-451, 2012. Disponível em: [http://bvsm.sau.gov.br/bvs/artigos/mundo\\_saude/praticas\\_integrativas\\_complementares\\_atencao\\_primaria.pdf](http://bvsm.sau.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/praticas_integrativas_complementares_atencao_primaria.pdf). Acesso em: 19 jun. 2018.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SUSSOL, Max. **O livro dos Benzimentos Brasileiros**. São Paulo: Ed. Posteridade, 2018.

TABONE, Marcia. **A Psicologia Transpessoal: introdução à nova visão da Consciência em Psicologia e Educação**. São Paulo: Ed. Pensamento-Cultrix Ltda, 2015.

TELESI JUNIOR, E. Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS. **Estudos Avançados**, São Paulo, 2016, v. 30, n. 86, p. 99-112, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v30n86/0103-4014-ea-30-86-00099.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2022.

TINCQ, H. **As grandes religiões do mundo: cronologia, história, doutrinas**. Tradução Hélder Viçoso. 1. ed. Lisboa: Texto & Grafia, 2010.

TODOROV, T. **Simbolismo e interpretação**. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 17 jan. 2022.

WHO. World Health Organization. **Traditional medicine strategy: 2014-2023**. Geneva: WHO, 2013.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

## ANEXOS

### ANEXO A

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Pelo presente termo de Consentimento Livre e Esclarecido, venho convidá-lo(a) a participar da pesquisa de Doutorado pelo Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP sob o título provisório: “Benzedeiras fazendo história lidando com a fé”, cujo objetivo é desenvolver uma proposta de entrevista semiestruturada, por meio de questionários de Ciclo Vital com perguntas abertas sobre a composição e relacionamento familiar.

A participação nesta pesquisa será voluntária e realizada por meio de entrevista presencial, respeitando os protocolos vigentes para a COVID-19, com questionário onde todas as questões serão gravadas (áudio) e anotadas (escritas). A duração aproximada será de uma hora.

Sendo a participação voluntária, não oferece nenhum tipo de remuneração aos seus participantes ou outras compensações financeiras. Do mesmo modo não deverá acarretar nenhum tipo de despesas ou prejuízo financeiro aos participantes.

Os participantes terão direito de acesso às informações prestadas nesta pesquisa para publicações com fins acadêmicos-científicos;

Será garantido o sigilo de nomes e/ou informações referentes a identidade de todos os participantes, preservando-se a confidencialidade nos dados de materiais publicados, ou em apresentações acadêmico-científicas acerca dos resultados do estudo.

É garantido, a qualquer tempo, durante a pesquisa, o direito à desistência de participação. Neste caso, os dados coletados serão excluídos da amostra e não divulgados.

Os participantes terão como benefícios o autoconhecimento e a possibilidade de transformação de conteúdos psicológicos específicos relacionados aos roteiros.

O risco potencial para os participantes é mínimo e perfeitamente manejável com segurança. Em caso de necessidade de qualquer assistência ou informação, em função de questões provenientes deste procedimento, o pesquisador responsável pelo estudo fornecerá suporte, orientações, esclarecimentos adicionais e encaminhamentos necessários aos participantes. Após a realização de todos os

roteiros será oferecida a todos os participantes uma sessão adicional, caso desejem, visando ajudar com qualquer suporte que sintam necessário.

Firmo pelo presente documento, em duas vias ciência das condições e termos do presente estudo e concordo em participar. Mantendo comigo uma das vias deste documento e entregando a outra ao pesquisador.

Local e data: \_\_\_\_\_

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Informações do contato do pesquisador responsável:

MAGDA GUERATO GARBO\* Celular:11993583092\*E-mail:

[magdaquerato@gmail.com](mailto:magdaquerato@gmail.com)

Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP:

Telefone: 11 36708466 \* Email: cometica@pucsp.br

## ANEXO B

### ENTREVISTAS BENZEDEIRAS

#### Benedeira BP1

1 - Há quanto tempo você exerce o benzimento?

*Atuante mesmo, há cinco anos, desde 2016.*

2 - Mais alguém benze na sua família?

*Vivos não mais. A última que benzia era minha bisavó, que morreu quando eu tinha 9 anos de idade. Minha avó materna é benzedeira, está viva, mas ela acabou migrando de religião, agora é evangélica da Congregação Cristã do Brasil e a religião atual não permite a prática. Mas ela sabe benzer, é a única na família que sabe benzer, mas não pratica mais. Sou neta bisneta e tataraneta de benzedeiros.*

3- Como você aprendeu o benzimento?

*Eu aprendi com um sacerdote.*

4 - E quando foi passado o benzimento como foi feita a escolha de quem iria benzer, ele te escolheu ou você que foi buscar?

*Foi uma vivência aberta, em uma casa espiritual, para os médiuns que já estavam em treinamento lá, ele comentou, eu senti o chamado e fui.*

5 - Alguém transmitiu o conhecimento, a prática do benzimento, a sua avó, alguém passou alguma coisa para você?

*Não consegui aprender com nenhuma delas. Aprendo muito pouquinho agora espiritualmente, porque a minha bisavó é uma das minhas bentas. Mas em vida não consegui aprender com nenhuma ancestral. A minha avó que está viva é muito resabiada em passar estes conhecimentos, ela tem muito conhecimento de ervas, de emplastro, muito conhecimento ancestral, mas ela hoje acredita que isso é coisa do demônio.*

6 - E tem outras, nesta família extensa, primos, primas, alguém que benze?

*Por enquanto não. Na minha geração, da minha família, tanto paterna quanto materna, por hora sou a única benzedeira. Acredito que vão ter mais benzedores, a partir da próxima geração, dos filhos, dos netos. Que eu tenha conhecimento, que tenha contato eu sou a única.*

7 - Durante o benzimento, você utiliza algum objeto específico?

*Normalmente, o terço da minha bisavó e o terço do avô Antônio, que é o mais comum, e ervas também. Mas se, de repente, não estiver a mão, não sinto falta. Mas o que eu mais uso são tanto o terço da minha bisavó, eu fico com o terço do meu bisavô enrolado na mão mas não uso pra benzer, e o terço do avô Antônio.*

8 - Você faz alguma preparação para este benzimento?

*Normalmente eu me benzo antes e faço uma prece. Mas como às vezes vou benzer muitas pessoas, como hoje, por exemplo, que tem ambulatório são no mínimo 25 pessoas e, antes da pandemia, eu benzia presencialmente, então formava fila. Normalmente eu me benzia, levantava minhas preces, montava um altazinho para poder fazer o benzimento.*

*Como agora é uma coisa mais esporádica, um ou outro no meio do dia, ainda tem bastante pedidos de benzimento, mas são mais espaçados, aí normalmente eu me benzo rapidamente, limpo minha mão com água benta, tenho um vidro de água benta em casa, já benzo e vou para meus afazeres.*

*Mas, quando é um atendimento de mais pessoas, tem um rito mais elaborado. Mas sempre me benzo antes.*

9 - Há algum lugar específico para a prática do benzimento?

*Eu não tenho nenhum. Eu benzo no lugar que eu mais gostar. Atualmente com a pandemia, estou benzendo só em casa, então eu benzo no cômodo que eu mais gostar no dia. Então pode ser no meu quarto, quanto na sala e na cozinha.*

*Antes da pandemia, eu benzia em espaços terapêuticos, em casas espirituais e até na rua, a gente fazia, lá no meio da praça da Liberdade, que era muito legal, e benzia também na Casa de Bênçãos, que era a sede da escola, e numa casa espiritual no Tatuapé.*

10 - Qual a sua religião? Você pratica alguma?

*Eu pratico a bruxaria. Se você perguntar qual é a religião da Pamela? É a bruxaria, é a minha base. Eu acabo estudando várias outras religiões, conhecendo e pegando um pouquinho do que faz sentido pra mim. Então, por exemplo, eu sigo a bruxaria, mas eu tenho um altar que se chama "Butsudan", que é o altar dos meus ancestrais que vem do budismo. Consagro uma medicina chamada Hapec que vem do xamanismo, ouço o ponto que é da Umbanda. Eu conheço muitas religiões, quando eu fui aprender a benzer tive de estudá-las e como atender as pessoas. E acabo aplicando tudo que faz sentido pra mim, desde o que eu gosto e o que faz sentido, mas, a minha base é a bruxaria. No entanto acabo seguindo várias religiões.*

11 - As pessoas que procuram o benzimento o fazem por quais motivos basicamente?

*O que é comum a todas é que todas têm um desequilíbrio manifestado. Ninguém procura um benzedor porque a vida está sensacional. Ou é uma dor de cabeça ou um pé na bunda ou alguma doença manifestada. Algum desequilíbrio manifestado. Antes da pandemia, o que tinha mais era depressão, ansiedade ou crise de pânico. Ainda tem erisipela, mas não é tanto, tem cobreiro, mas não é tanto mais, tem bucho virado, mas o que mais estava pegando antes da pandemia era, por exemplo, término de relacionamento, que acabava culminando em uma depressão, ansiedade para fazer entrevista. Então eu diria que 85% eram depressão, ansiedade e síndrome do pânico e estas coisas. E o resto são estas doenças para as quais normalmente fazemos o benzimento, que na verdade são só nomes populares para doenças reais.*

*Agora, na pandemia, é mais Covid. A cada 10 benzimentos, sete são relacionados à Covid. Ou porque pegou, ou porque está com sintoma, está em tratamento, ou tem muita gente pedindo para parentes internados, que estão entubados. Agora também chegou uma leva do final do ano passado pra cá, que eram pessoas em luto pedindo o benzimento para poder lidar melhor com a situação, mas o luto porque perderam um parente ou amigo com a Covid.*

12 - E estas pessoas estão ligadas a alguma religião?

*É muito variado, são ligadas a várias religiões. As pessoas que nos procuram são de várias religiões, porque o benzimento não segue uma religião específica. Então quem nos procura são o umbandista, o católico e até evangélico. Normalmente eu não pergunto muito da religiosidade da pessoa, só se eu vir que um contato com ela tá difícil, eu pergunto a religião dela para entender a linguagem que ela fala. Mas não tem uma religião específica. Todo mundo procura.*

13 - Você havia falado que a sua base mais forte na prática do benzimento é a bruxaria.

*Não, a bruxaria não é minha base no benzimento, ela é a minha base como ser humano.*

14 - Mas o benzimento que você pratica está ligado a alguma religião específica?

*Não.*

15 - Mas você pega a base de várias religiões?

*O benzimento não segue nenhum tipo de religião específica. A técnica dele é bem crua, bem neutra, não tende à religiosidade. Ele é muito moldável, até uma pessoa como meu noivo, que é ateu, que não acredita na existência de um Deus, ou santos ou deuses, pode benzer, e ele sabe benzer. Mesmo não estando ligado a nenhuma prática de religiosidade.*

*Aqui no Brasil, o benzimento ficou ligado a um cunho mais católico, por causa da raiz cristã por conta da colonização. Mas quando você vai de fato estudar toda a técnica do benzimento e a história, todos*

*os povos que têm contrato e que benzem desde sempre, você percebe que ele não tem e nem é pautado em nenhuma religião.*

*Se eu fosse colocar é o berço do benzimento, diante de tudo que eu estudei, eu diria que é o paganismo. Não a bruxaria, nem o druidismo, porque tanto um quanto o outro apareceram depois. Mas o paganismo como berço de todas as religiões é uma coisa muito mais pra trás. Quanto mais eu estudo o benzimento, mais longe fica a criação dele, ou seja, mais para o passado.*

16 - Tem algum ritual que você pratica para fazer o benzimento especificamente?

*O rito do próprio benzimento mesmo. O benzimento quando é para outra pessoa normalmente se divide em 3 partes: o desabafo da pessoa contando o que ela tem, o rito do próprio benzimento em si, que é o ato de benzer e um diagnóstico ou recomendação. Eu não costumo fazer o diagnóstico ou recomendação, porque acredito que é uma responsabilidade muito grande fazer recomendações ou diagnósticos para uma pessoa que você nem sequer conhece, não sabe do caso, então esta parte, de fato, eu não faço. Se a pessoa quiser desabafar comigo, tudo bem, ou se não quiser, não tem problema nenhum. Eu me limito simplesmente a benzer e, no máximo, avisar a pessoa que foi benzida, sem fazer aconselhamentos nem diagnósticos ou recomendações.*

17 - Quantos atendimentos você está realizando por dia? Você disse que antes da pandemia era por volta de 25 pessoas...

*É muito flutuante e variável. Antes da pandemia a gente tinha o ambulatório de benzimento, que era às terças-feiras, que a gente benzia no mínimo 300 pessoas ou almas, porque eram pessoas e animais. Com a pandemia, a quantidade de pedidos de benzimento aumentou assim 500%. Então a gente começou a não dar conta de segurar um ambulatório só.*

*Agora temos dois ambulatórios, de terça-feira e quinta-feira, benzendo no mínimo 300 almas, em geral é mais, só que não sou eu só que benzo, mas todos os benzedores da escola, que se dispõem a isso. Então se formos colocar em números, a gente benze 2.800 almas por mês, no mínimo.*

18 - É bastante, né?

*É muita gente. Isso só em ambulatório e colocando no mínimo. Por exemplo, o último ambulatório foram 471 almas. Normalmente são mais do que 300, mas no mínimo 300 só em ambulatório, fora os pedidos que chegam pelos grupos dos pedidos ou que pedem pelo Instagram. Então eu diria facilmente que são umas 3.500 almas por mês.*

19 - Então você está fazendo benzimento a distância também?

*Sim, somente o benzimento a distância. Não estamos fazendo o benzimento presencial, nem dando indicações de benzedores e benzedoras que benzem presencialmente. Anteriormente eu fazia a intermediação entre a pessoa que pedia o benzimento presencial junto aos outros benzedores, por região na cidade, mas agora todas as indicações presenciais foram suspensas, todas as vivências presenciais, desde março de 2020, quando a pandemia realmente se instalou e, por enquanto, só fazemos benzimento a distância e assim vai continuar até que a vacinação seja concluída e seja seguro continuar.*

20 - O que te leva a praticar o benzimento?

*O benzimento foi, são muitas coisas né? A primeira coisa que me leva a praticar o benzimento é reconhecer que, dentro de mim, tem um mundo onde todos os meus ancestrais ainda estão vivos. É um mundo onde eu consigo abraçar a perna da minha avó, da minha bisavó, é um mundo onde eu consigo ouvir a voz do meu bisavô, onde ainda eu consigo colher figo com a minha bisavó e o benzimento é uma das chaves para este mundo.*

*O segundo motivo é que faço isso em honra à memória deles, tanto da minha bisavó Rosaria quanto do meu bisavó Lourenço e depois eu fui descobrindo para outros ancestrais, tanto maternos quanto paternos.*

*O terceiro é em todas as memórias dos benzedores que já existiram e que passaram por uma coisa muito pesada pelo crime de curandeirismo que aconteceu aqui no Brasil.*

*O quarto foi pela necessidade de isso acontecer. O benzimento estava sumindo como várias outras práticas ancestrais e a minha geração é a última que tem a memória de fato de um galho de arruda*

*passando no rosto. Esta próxima geração dos anos 2000 não tem essa memória. Então pra mim o quebranto sempre vai existir, assim como o pé na bunda, e o meu receio é que meu filho ou neto precise de um benzimento porque está com quebranto, que é uma coisa tão fácil de resolver, mas que a longo prazo incomoda tanto e não achar um benzedor ou uma benzedeira, né?*

*Eu acho que é basicamente isso e agora, na pandemia, é a minha forma de mudar o mundo, de tentar acolher, é um serviço no qual eu estou sendo útil para a humanidade. É uma coisa que eu me presto, a servir a humanidade e ser útil de alguma forma. Mesmo antes da pandemia, mas agora com a pandemia tem muita gente angustiada, com medo e aí uma coisa que a minha bisavó me ensinou sempre foi: pessoas acolhidas são pessoas amadas, pessoas amadas são empoderadas a resolver as próprias questões e pessoas amadas amam as outras pessoas, pessoas chateadas chateiam outras pessoas.*

*Então pessoas abençoadas, abençoam outras pessoas. E aí se eu estiver calma, as pessoas à minha volta ficam calmas e isso é um efeito dominó. Então, o benzimento é uma forma de eu mudar o mundo um pouquinho que seja. São basicamente estes os motivos.*

21 - Eu acho que você de certa forma você já respondeu esta minha pergunta, mas eu queria deixá-la clara. Existe algum tipo de cobrança financeira pelo benzimento?

*Não, o benzimento em hipótese alguma pode ser cobrado, tanto pela questão de que é uma bênção, ou seja, uma bênção não tem valor, não tem como precificar e outra porque o benzimento é amor. Por amor, você não cobra. Amor você não cobra, não pede. Amor você dá, né? Então o benzimento não pode ser cobrado e também a gente não aceita presentes, porque é como se fosse uma troca financeira.*

*Alguns benzidos querem dar e alguns ficam até ofendidos quando a gente não aceita presentes e aí coloca o dinheiro em cima da mesa ou levam alimento não perecível e sai andando. Quando é assim, eu pego esse dinheiro, se não der pra devolver para a pessoa, eu pego e compro uma cesta básica e doo para alguma instituição de caridade ou se doam alimentos também. Tudo que chega até mim, se chega, eu passo pra frente para uma instituição de caridade.*

*Quando as pessoas querem pagar ou retribuir de alguma forma, eu falo pra eles que não fui eu quem te curou, foi Deus, então você não tem de me agradecer, eu só fui um instrumento. Agradeça a Deus e, se você quiser agradecer mesmo, você paga um prato de comida para a próxima pessoa que estiver passando fome e te pedir.*

*Antigamente era muito comum, por exemplo, a dona Ana, que era uma benzedeira supertradicional aqui em São Bernardo, era muito comum a pessoa levar R\$10,00 ou um saco de arroz e feijão, mas por quê? Porque as benzedeiros de antigamente se dedicavam o dia todo a benzer. Então a dona Ana, ela benzia, a não ser agora na pandemia, das 6h da manhã até as 10h da noite.*

*Ela não tinha um trabalho onde ela conseguiria captar recursos para a sobrevivência. Então, antigamente, isto era uma prática aceitável, da benzedeira que se dedica inteiramente a isso. E você leva estes recursos para ajudar na sobrevivência dela. Mas, mesmo assim, o benzimento não se cobra. Teve até um caso que eu estudei, que era uma senhorinha no Interior e ela benzia junto com o marido dela e aí uma pessoa foi lá e ofereceu queijo e ela não aceitou. E aí a pessoa foi embora e aí os filhos dela viram aquele queijo e queriam aceitar. E aí as crianças aceitaram o queijo. Aquele benzedor sentou uma lenha nestas crianças e aí eles tiveram de comprar o queijo pra devolver pra pessoa.*

*Alguns benzidos acabam se ofendendo, mas a gente explica que não podemos aceitar presentes. Se quiser fazer uma doação, por exemplo, a gente benze muito com velas. Aí eu peço à pessoa que traga uma vela, se a pessoa traz um pacote de velas eu vou usar uma e devolvo o resto do pacote para ela. Se a pessoa não aceita, eu uso aquelas velas para benzer outras pessoas que não trouxeram ou não têm condição. Às vezes a gente recebe imagens, terços, estas coisas, mas que são coisas que vão ser usadas para o benzimento, nada que entre na nossa propriedade pessoal.*

22 - Você gostaria de comentar alguma coisa sobre este processo de benzimento?

*Em que sentido? Da história do benzimento?*

23 -Dentro da sua prática, dos seus processos, o que você acha importante?

*Dentro da minha prática e do trabalho que eu tenho, eu acho muito importante não somente o ato de benzer em si, mas saber de onde isso veio, como surgiu, justamente porque o mentor da egrégora, o vô Antonio, fala que se você não conhece o seu passado, você tende a repeti-lo no futuro e pra saber para aonde você vai, você precisa saber onde você está. Pra saber aonde você está, você precisa*

saber de onde você veio. Então eu observo que a forma como o benzimento está acontecendo agora neste boom, a forma como está acontecendo, eu acabo ficando com um pouco de receio porque acaba ficando um pouco superficial. Pra mim é importante saber quem foram as benzedoras de antigamente, como esta tradição começou, justamente para honrar a memória delas e fazer uma coisa com muito respeito.

O benzimento ressurgiu, este boom que está atualmente, agora no Instagram a última vez que eu vi, a palavra benzimento tinha 23 mil hashtags, e agora é ambulatório de benzimento pra todo lado e esse movimento acontece a partir de 2015, tem um boom de fato em 2017, enquanto em 2000/2010 quase não se encontra nada do assunto de benzedores e benzedoras, nem sequer se fala sobre isso.

Isso depois de muito estudo e também em conversa com o vô Antonio, que é o mentor da egrégora, ele estava explicando o que aconteceu na história do benzimento no Brasil. Teve muitos fatores de baixa do benzimento aqui no País, tanto pela questão do crime de curandeirismo quanto pela questão da intolerância religiosa, várias tradições muito rígidas. Foram várias questões que baixaram o benzimento aqui no Brasil. Mas a atual que eu considero não a mais importante, mas a que tem mais impacto até hoje é que à medida que o benzimento ia descendo, numa linha decrescente, tinha uma outra linha crescente que é a linha das tecnologias que a gente tem até hoje. Então, por exemplo, o primeiro reflexo que observei disso foram as publicações de livros de benzimento. Os livros a que a gente tem acesso, porque muitos estão esgotados e são raros de encontrar, são livros do final dos anos 70, 80 e começo dos 90. Quando eu fui procurar a palavra benzedora no dicionário, por volta de 2000/2010, eu não achei e o dicionário é um compilado de palavras que está em ativa na sociedade e aí eu comecei a observar que, com o surgimento da tecnologia da Internet, onde ela vai subindo, o benzimento vai descendo. O primeiro reflexo disso é com um dos livros sobre benzimento, lançado em 95, que não tem uma saída boa, é recolhido e literalmente jogado na garagem do autor e aí o benzimento entra num ponto em que a sociedade não admite que seja um modo de servir ao outro, de doar de si ao outro, doar seu tempo que não volta mais pra escutar uma questão do outro e que a sociedade não admite isso, no sentido de que as profissões que servem são profissões extremamente subjugadas, como garçom, gari, estas coisas.

A outra questão é pra que eu vou ouvir do problema do outro e a outra é pra que eu vou doar meu tempo se eu não vou ganhar financeiramente com isso, né?

Nisso, a gente começa com um movimento que é o oposto ao do ser humano, que é um movimento de individualização muito grande para o ser humano, onde isso entra com o sistema capitalista, onde tempo é dinheiro, de servir não é legal, de não ouvir o seu problema, além da evolução da tecnologia, mas não a tecnologia como problema, mas a gente fazendo mau uso dela.

Então, cada um passa a ter seu telefone, seu celular, depois seu Orkut, depois seu Facebook, e seu Instagram, depois cada um passa a ter sua própria realidade virtual que não é a realidade verdadeira e aí a gente entra no século atual com doenças que no século anterior não existiam, como depressão, ansiedade, síndrome do pânico. E quando você vai procurar rezas para estas doenças no século passado não tinha. E estas doenças que são para as quais mais se pedem benzimento até hoje pra gente são respostas desse movimento de individualização do ser humano.

E, no entanto, o ser humano é um bicho que foi criado para viver em bando, onde ele se reconhece e se conhece por meio do outro. Quando acontece este movimento de individualização, pelo mau uso das tecnologias atuais, começam a surgir estas doenças.

Quando a gente já chegou no ponto em que vimos que o resultado disso é muito ruim, as pessoas começam a buscar o primeiro referencial que elas tinham de acolhimento, de poder sentar e não ser julgado, de você poder ser acolhido simplesmente pelo que você é, você é acolhido com uma confiança, confiar de graça numa pessoa e tudo isso está no arquétipo e está na função de uma benzedora. Então as pessoas chegam atualmente, e só pelo fato de você ser uma benzedora, ela te conta seu segredo mais profundo. Ela nunca te viu na vida, mas ela conta o pior podre da vida dela, simplesmente porque ela confia em você e sabe que você não vai julgar.

Então o que eu acho mais importante diante de tudo, além de resgatar a história, é saber o que estamos fazendo para a gente ver as possíveis consequências. Este processo de individualização do ser humano pelo mau uso das tecnologias atuais acabou por causar estas doenças e estas doenças foi o que levou à busca, à volta dos benzedores e benzedoras.

Agora estamos num boom de procura, mas é um reflexo do que a sociedade estava precisando. E aí o que ferrou é que você busca, mas não acha mais, mas a gente já está voltando, está trabalhando para isso.

24 - Você diria que o benzimento representa na sua vida...

*Atualmente tudo. Eu trabalho com benzimento há 5 anos. Eu acordo e durmo respirando o benzimento. Não tem um dia que eu não benza alguém, um dia em que eu não acolha alguém, não tem um dia que eu não dedique ao benzimento, não tem um dia que eu não estude o benzimento. O benzedor nunca benze sozinho, ele sempre está acompanhado por uma consciência espiritual e a consciência espiritual que benze comigo, que é tanto o meu mentor quanto o mentor do Florescer é o vô Antonio. Eu diria que não saberia viver mais sem ele e então o benzimento pra mim representa uns 97% da minha vida atualmente.*

*Mas não é um fardo. O benzimento assim como o Florescer Bento, mas o Florescer Bento através do benzimento tirou tudo que eu tinha pra trazer tudo que eu sou, assim o benzimento já me salvou pontualmente 2 vezes, quando eu tinha crises muito pesadas cogitei por duas vezes distintas em tirar minha própria vida. Foi o benzimento que me resgatou. Quando eu não tinha mais objetivo de vida, nem perspectiva, o benzimento foi o que me motivou e é o que me motiva a acordar, a levantar da cama, a acolher pessoas. Então eu acabei tomando ele por um propósito e eu posso dizer que eu respiro benzimento e sou muito encantada, porque por mais que eu estude, por mais que eu trabalhe, por mais que eu conheça sobre o benzimento, cada vez que eu conheço mais e estudo e aplico mais, eu só vejo que não sei nada. Porque pra mim o benzimento é como se fosse um livro de dez mil páginas e a gente só teve acesso a duas. É como um mistério que não tem fim, tem sempre um gostinho de novo, tem sempre uma tradição nova, um jeitinho novo para você conhecer, mas ele representa tudo na minha vida.*

25 - Em que momentos da sua vida o benzimento se fez presente de uma forma marcante?

*Ele se faz presente todos os dias. A última forma em que ele foi muito presente na minha vida foi agora que uma benzedeira amiga e aluna ficou internada com Covid-19 e eu pensei que ela fosse morrer, o pai dela pegou e morreu. E eu fiquei com muito medo por ela e aí nesta situação você se sente muito incapaz. Pelo menos, quando eu benzo estou fazendo alguma coisa. Esta foi a última. A penúltima foi quando meus gatos ficaram doentes, um deles com 21 anos de idade, é o xodó da minha vida e o tratamento é muito difícil, principalmente num gato idoso, e com o benzimento ele respondia muito rápido mesmo. Então o benzimento vem na minha vida quando eu não posso fazer mais nada. O gato teve uma convulsão em reação ao remédio e eu comecei a benzer ele no meio da convulsão e aí ele melhorou e eu levei no veterinário. Mas o benzimento é uma coisa que eu posso fazer diante de uma situação e ele é atualmente o que me mantém sã. Diante da Covid-19 eu não tenho como vacinar todo mundo, não tenho como livrar o mundo da Covid, mas eu tenho como benzer, então é o que mantém sã.*

*Mas um ponto muito marcante mesmo foi uma vez em que eu estava muito mal, numa crise já há muitos dias e eu cogitei numa forma de tirar minha vida. Só que no dia seguinte tinha uma vivência no Florescer e eu pensei que se eu tirasse minha vida naquele dia, no dia seguinte teria pelo menos 23 pessoas me esperando. Então eu acho que vou lá, faço o que eu tenho que fazer e depois eu resolvo se vou me matar ou não.*

*Fui lá no dia seguinte e cheguei acabada. O pessoal percebeu e eu expliquei que não estava bem e o que eu estava planejando fazer e aí uma aluna minha me ofereceu um chá, porque diante disso não tem o que fazer. E outra aluna me disse: você não ouse tirar sua vida porque você tem muito que fazer aqui. Minha vida ficou muito melhor depois que eu conheci você. Você não pode fazer isso. Nisso ela começou a chorar e foi quando eu percebi a responsabilidade que eu tinha na vida de outras pessoas. Porque se eu tirasse minha vida, tiraria, mas como minha mãe ficaria, como minha família ficaria, como meus alunos ficariam. É aquela coisa do Pequeno Príncipe, que diz que você é responsável por tudo que cativas. Como as pessoas iam ficar, eu não tinha o direito de mudar a vida delas nesse nível e o que me conectou a estas pessoas foi o benzimento. Foi este o ponto em que o benzimento me resgatou do limbo. Eu fiquei aqui porque eu tinha um trabalho para resgatar o benzimento. Foi quando eu percebi que eu mais precisava do benzimento do que o benzimento de mim. Este foi o ponto ápice.*

26 - Então pelo que você falou ser benzedeira é a sua vida né?

*Hoje eu dedico a minha vida ao benzimento, porque foi ele que salvou a minha vida.*

27 - Me fala um pouquinho do Florescer Bento. O que são estes cursos? E como é que ele surgiu na sua vida. Essa coisa de passar o benzimento.

O Florescer Bento nasceu em 2016. Foi assim: eu era uma pessoa extremamente fechada, não gostava de contato social, não gostava de interação com outras pessoas, introspectiva. Era muito difícil conseguir um contato comigo. Tinha poucos amigos, não fazia questão de me relacionar com muitas pessoas e nisso eu entrei num processo de adoecimento mental, com depressão, ansiedade, mas não sabia que estava doente. Só liguei minha vida no automático e fui indo. Aí entrei numa casa espiritual para fazer um desenvolvimento mediúnico e o sacerdote disse que ia ter uma vivência sobre benzimento. Era uma casa umbandista, nunca tinha ido e morria de medo da umbanda. Fui pra esta casa, saindo de outra casa espiritual onde eu tive uma experiência absurda, que envolveu violência e tudo mais.

Daí fui pra umbanda mas com muito medo. Comecei a fazer o desenvolvimento mediúnico e um dia o sacerdote falou sobre a vivência no benzimento. Eu lembro que eu falei para o meu ex-companheiro para desmarcar tudo que ele tivesse porque a gente ia no centro umbandista.

A gente foi fazer a vivência e nisso eu estava em processo terapêutico. Daí eu vi que estava muito sozinha, mas porque eu me isolava e aí eu entrei num grupo do Facebook chamado “Eu aceito, eu Ofereço São Paulo”, que é um grupo de mulheres para mulheres, onde as mulheres oferecem e aceitam coisas que não envolvem a questão financeira, como, por exemplo, eu aceito uma caminhada no parque ou eu ofereço uma massagem, eu aceito uma caçada de Pokémon, este tipo de coisa e ele é um grupo ativo até hoje e eu sou uma das moderadoras.

Aí era uma hora da madrugada, eu sentei no sofá e pensei: acho que preciso de mais amigos. E aí eu entrei nesse grupo e coloquei que eu aceito novas amizades e oferecia ensinar benzimento e fui dormir.

Embora eu tenha achado que somente 2 ou 3 pessoas aceitariam. Mas no final formamos um grupo de 17 pessoas. Até então, meu objetivo era a magistratura, eu queria ser juíza, fazia faculdade de Direito, já estava no 4º ano. Já tinha trabalhado por 7 anos no Tribunal de Justiça, tanto nas comarcas de Santo André como na de São Bernardo, era assistente de juiz. Fiz muitos relatórios de sentença, de audiência, sou conciliadora e mediadora formada pela Escola Paulista de Magistratura. Então o ambiente que eu gostava era o ambiente processual.

E daí começou a dar muito errado eu voltar para a faculdade. Parecia que a vida estava me tirando da faculdade, mas eu não conseguia aceitar. Eu juntava durante o ano todo o dinheiro da matrícula e quando chegava perto da época da matrícula, acontecia alguma coisa e o dinheiro simplesmente sumia. Mas eu não aceitava isso. Eu queria voltar pra concluir a faculdade.

E aí aconteceu que formou-se o grupo de 17 pessoas e eu fiquei com muito medo. Só que fui levando nas coxas. Quando estava chegando perto da data do encontro do grupo, o vô Antonio se apresentou de novo, porque ele era meu mentor desde pequena, e me disse que se eu não fizesse isso direito, eu não iria fazer. Meu nome é Antônio. Eu estranhei, achei que fosse coisa da minha cabeça e continuei levando nas coxas.

Quando chegou no dia, era uma quarta-feira, as 17 pessoas desmarcaram, por motivos completamente alheios. Daí ele se apresentou de novo e disse que tinha dado muito trabalho, mas que se precisasse eu faria de novo. Então o encontro foi reagendado para a quarta-feira seguinte. Daí caiu a ficha de que ele estava falando sério. E aí eu ralei de estudar, tudo que eu podia estudar sobre benzimento, para me preparar, e fiz do jeito certo.

Na semana anterior eu havia sonhado muito com meu bisavô e minha bisavó. Meu bisavô aparecia em sonho e dizia: vem me ver, vem me ver! Minha bisavó, que já tinha morrido, aparecia e dizia: vai ver seu avô!

Só que eu ligava para minha avó e perguntava do bisavô. Mas ele estava bem, carpindo o sítio, tinha 96 anos!

Quando foi na quarta-feira, que estava agendado o encontro, eu recebi uma ligação da minha avó falando que meu bisavô estava com aneurisma, que ele estava em estado de coma e que não era possível fazer uma cirurgia por conta da idade dele, que os médicos iam dar um remédio, que era anticoagulante, e que poderia dar certo ou errado. E que de qualquer forma estavam chamando a família para se despedir. E nisso eu estava a caminho do encontro. E aí eu lembro que era dia de Obaluaê, que é um deus da mitologia africana. A gente tem muito acesso a ele pela umbanda e pelo candomblé, mas ele é um orixá da saúde e da doença. Lembro que fiz uma prece para ele, dizendo que eu só ia fazer a vivência rapidinho e que se ele pudesse segurar ele, na volta eu iria no hospital me despedir dele.

Quando eu entrei no trem, eu fiquei refletindo: cara, ele já está aqui há 96 anos, tá doido para ver minha bisavó, não é justo! E aí eu fiz outra prece dizendo que se eu fosse a única coisa que estava segurando ele, que o plano espiritual podia levá-lo.

*Cheguei na vivência com medo, na hora que eu vi as 17 pessoas, montei um altar do jeito que eu sabia, peguei a xícara amarela do vô Antônio, que a gente tem até hoje e pensei assim: Vô, eu não tenho a mínima ideia do que estou fazendo!*

*E comecei a vivência. No meio da vivência, o vô Antonio se aproximou e disse: olha, seu bisavô está partindo. Só que eu achei que era coisa da minha cabeça.*

*Passaram mais uns 10 minutos e ele disse: Pam, seu avô vai embora! De novo, depois de 5 min, ele avisou: Pam, seu bisavô foi! Eu pensei: não, bobagem!*

*Pois, em questão de minutos, meu celular começou a tocar, que era minha família paterna. E ele não deixou eu atender o celular, porque eu iria me desestabilizar com a emoção deles e iria desestabilizar todo mundo.*

*Quando meu ex-companheiro me ligou, eu atendi e só disse: meu vô morreu, né?*

*Ele confirmou e eu disse que meu avô já tinha me avisado. Nisso, as 17 pessoas já estavam vendo toda aquela situação e eram 17 amigas né? Aí elas me perguntaram o que eu queria fazer: você quer continuar ou parar? E me deixaram à vontade para escolher. Ali ninguém me obrigou a nada, fui muito amparada por todo mundo.*

*O vô Antonio também não falou para eu fazer nada, se eu ficava ou ia. Ou seja, foi minha a decisão.*

*Daí eu pensei: eu ir pra lá não ia trazer meu vô de volta. Então optei por acabar aquela vivência em memória dele. Então ele morreu no meio da primeira aula e aí eu continuei. O avô Antônio fala hoje que o Florescer Bento nasceu no momento desta decisão que eu tomei. No final da aula, a gente levantou uma prece pela alma do meu bisavô, fui pra casa e o meu ex achou melhor eu descansar para irmos para o velório no dia seguinte. E eu sou conhecida na família por catar as coisas dos defuntos.*

*Como eu faço culto aos ancestrais eu saio catando tudo. Catei o chapeuzinho dele, a bíblia, os cachimbos, o fumo, o terço. O chapeuzinho dele eu tenho até hoje num saquinho plástico. Quando eu estou com o coração muito apertado de saudades dele, eu abro o saquinho e sinto o cheirinho dele e aí passa aquela angústia. Eu fui mexer nas coisinhas dele e num criado-mudo eu achei na segunda gaveta as fotos de todos os netos e bisnetos, a minha estava lá também, e bem no cantinho tinha um terço cor-de-rosa, que eu peguei, é um rosa bem bebezinho. Eu achei estranho, aquele terço não era dele, porque ele gostava de um terço mais bruto. E aí eu mostrei para minha avó, filha dele, e perguntei de quem era aquele terço.*

*Ela me perguntou onde eu tinha achado aquele terço, que era o terço da minha bisavó Rosaria, a mãe dela. Ela usava aquele terço para benzer. Eu não sabia do terço, não sabia que ela era benzedeira, eu não sabia que ela usava o terço e minha avó não sabia que meu bisavô tinha este terço dela. Ele tinha escondidinho. Então minha avó me deu o terço. Eu entendi como um sinal. No dia anterior eu estava fazendo uma vivência de benzimento e no dia seguinte eu acho o terço da minha bisavó benzido. Daí depois do enterro, eu fiquei com as coisas dele e fiquei quietinha na minha.*

*Daí uma amiga minha me perguntou porque eu não fazia de novo a vivência. Disse que eu tinha ido muito bem. Meu medo era minha didática, eu nunca tinha sido professora. E ela me incentivou a fazer de novo. Daí eu aceitei. Arrisquei, fiz a segunda turma e desde então em todos os finais de semana eu não parei. Só parei por causa da pandemia. Foram 121 turmas, 1.600 benzedores e só conhecendo o Florescer Bento aos pouquinhos. Só trabalhando com benzimento nestes 5 anos, desde 17/08/2016 e não foi uma coisa planejada, pensada. Foi uma coisa que eu tive muito medo, entrei em surto, fechava os olhos e via rosto atrás de rosto de pessoas. Eu questionava minhas habilidades. Daí eu fui conversar com uma benzedeira, chamada Rose Caremi Ponce, que já fazia um trabalho de ensinar. Eu procurei a Rose e disse que estava com muito medo, que estava vendo um monte de rosto e que achava que não ia dar conta.*

*Daí ela disse: Pam, se a mãe não confiasse em você para fazer este trabalho, você não faria. Então se a mãe confia em você é porque você consegue. A partir de então eu fui, mas ainda com muito medo.*

*Nesse caminho, o Florescer Bento foi tirando tudo que eu tinha. Foi tirando o sonho da faculdade, que eu percebi que eu não ia voltar para a faculdade, foi migrando o sonho que eu tinha da magistratura. TIRANDO PARA DAR??? Meu ex acabou se envolvendo com uma aluna minha. Quer dizer, tirou o relacionamento que até então eu tinha, tirou meus gatos que eu tinha com ele. Mudou toda forma de vida que até então tinha, para trazer tudo que eu sou. Foi um processo muito doloroso, com muito medo, com muitas crises de ansiedade. E quando eu descobri que eu tinha mesmo crises de ansiedade, que eu precisava me tratar. E assim eu fui indo.*

*Se você me perguntar o que é o Florescer Bento, eu não sei exatamente. Estou descobrindo tanto quanto todo mundo. O vô Antônio é o mentor da egrégora e eu só vou seguindo o que ele fala, o que ele manda e desmanda, eu obedeço. Se você me perguntar onde vou estar daqui a 5 anos, eu não tenho a mínima ideia. Só sei que vou estar num lugar aonde o vô Antônio me levar e, com certeza, será um lugar bom. Eu só estou indo e está sendo uma coisa legal.*

28 - Você faz o benzimento incorporada ou só vai ouvindo os conselhos?

*O benzimento não acontece de forma incorporada. O que acontece é que o benzedor benze junto com o Bento, esta consciência espiritual, mas junto no sentido de uma aproximação. Quando você escuta um benzimento, você escuta vozes duplas, que é a voz do benzedor e do Bento ao mesmo tempo. É mais semelhante a uma psicofonia, pra mim. Existem muitos dons e cada um vai se adaptando. Eu escuto e vejo, mas tem gente que nem escuta, nem vê. De qualquer forma, é o Bento que vai instruindo. Quando acontece o processo de benzer incorporado não é a pessoa que está benzendo, é aquele espírito que está benzendo. Vamos supor, se eu incorporar e começar a benzer, não sou eu que tá benzendo, é o vô Antônio, porque é ele que está ali, se utilizando da minha matéria física.*

29 - Às vezes, isso acontece então?

*É muito raro, só de fato quando é um atendimento em uma casa espiritual e eu não trabalho hoje mais em casas espirituais. Com relação ao benzimento, quem benze sou eu, junto com o vô Antonio, nunca incorporei num atendimento, nem numa aula, num benzimento. A incorporação acontece somente se eu estiver numa casa espiritual, na qual eu trabalhe como médium. Por exemplo, numa gira de preto velho, aí o vô Antônio vem para atender. Mas daí ele atende e também benze. É ele trabalhando num rito específico.*

*Como hoje eu não faço mais parte de nenhuma casa espiritual, que tenha um trabalho assim, nem lembro qual foi a última vez que incorporei.*

30 - Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre o benzimento?

*Uma das coisas que eu acho mais bonita no benzimento é a forma de acolhimento. As pessoas se sentem acolhidas sem nunca terem visto você e se abrem. No meu mundo, que é utópico, que eu gostaria muito que rolasse, embora saiba que não vai.*

*Seria onde todos os seres humanos tivessem a confiança que têm numa benzedeira. Ou seja, todo mundo acreditando uns nos outros como se confia numa benzedeira.*

*Mas a visão mais bonita, que eu treino para ter, porque não é uma coisa que consegui e nem sei se um dia vou conseguir é a visão de um benzedor. É a visão que aprendi com minha bisavó. A minha bisavó não dimensionava nenhum tipo de problema, ela não tinha um problema maior ou problema menor. Eu era muito briguenta na escola, então recebia um montão de apelidos. Eu ia na casa dela e ela me tratava de uma forma. Se chegasse outra pessoa, ela a tratava da mesma forma. Então, ela não dimensionava problemas e não abria a boca. Ela era conhecida por resolver os seus problemas sem abrir a boca.*

*Aí eu ficava pensando: Oxe, mas como que fazia isso? Foi daí que eu comecei a resgatar memórias minhas quanto das pessoas que a conheceram. Ela simplesmente te amava. A forma como ela te olhava é um olhar que eu não conheci em nenhum ser humano. Ela só te amava. Ela enxergava coisas, não mediunicamente ou espiritualmente, porque aí foge desta questão do humano, passa esta coisa de vidência e não era isso, ela não previa o futuro. Ela era extremamente católica e simplesmente muito humana. Ela tinha o senso de humanidade que a gente tanto fala. Ela enxergava em você uma força que você nem sabia que tinha, mas tinha. Ela via em você a beleza que você não via. Ela te amava mesmo se você não se amasse.*

*E aí diante deste amor tão grande, tão simples, os problemas das situações que vivíamos ficavam tão pequenos, porque de repente você se via tão amado, que aquilo que você estava passando era tão pouco, que isso mudava sua visão. E era assim que ela resolvia os problemas das pessoas.*

*Eu espero conseguir, um dia, ter a honra de ter a visão que ela tinha. Enquanto isso, eu vou treinando, vou desenvolvendo isso, se é que pode ser desenvolvido, mas ela não gostava da palavra problema, gostava da palavra questão, o que já mudava. Isso pra mim é o mais bonito no benzimento e no acolhimento que os benzedores e benzedeiros têm. A capacidade de enxergar no outro o que ele não enxerga ainda, sem uma questão de vidência nem nada. É só essa coisa de amar o outro, enquanto ele não se ama e está tudo certo. Diante deste olhar, você pensa: se esta pessoa me ama, então eu tenho algum valor. E ela dizia para meu bisavó que amar é ter o dom de enxergar uma coisa numa pessoa ou num bichinho que é invisível aos olhos dos outros.*

*O benzimento não tem o objetivo de resolver um problema, porque se você me traz um problema e eu resolvo para você eu estou dizendo intrinsecamente que você não dá conta, não consegue resolver. Quando a função da benzedeira não é resolver o problema para você, é te amar. Quando você se sente amável e amada, se empodera e diz: eu vou resolver isso!*

*Quando você sai dessa insanidade que a gente vive e a gente lembra de novo o que é a vida, que o vento é Deus te fazendo carinho, que cada respiração é uma permissão Dele, que cada fio de cabelo que cai é uma permissão Dele, assim como cada situação que a gente passa, que se a gente não aguentasse Ele não permitiria que acontecesse, que Deus não vai te levar aonde a graça Dele não possa te alcançar, então o benzimento acaba me ensinando esta forma de vida, deste estado de presença, de ver Deus em tudo. E sem precisar de uma religiosidade, de uma crença específica. É você saber que não é uma criatura jogada e largada e que Deus nem está aí pro seu sofrimento. Por meio dele, eu consegui ver a vida de uma forma um pouquinho mais leve. E se eu tenho uma oportunidade de trabalho onde eu consiga dizer para as pessoas que, segundo o vô Antonio, o vento é Deus lhe fazendo um carinho, quantas pessoas não vão tomar vento na cara e pensar que Deus as está tocando. É por isso que dedico minha vida ao benzimento.*

## **Benedeira - BP2**

1 - Há quanto tempo pratica o benzimento?

*Há cinco anos tenho esse ofício-missão de benedeira.*

2 - Tem mais alguém na família que benze?

*Hoje, que eu saiba, não tem mais ninguém.*

3 - Mais alguém na sua família benzia?

*A minha avó, por parte de mãe, era benedeira e eu tenho essa memória. Foi dessa memória que veio o meu caminho, esse desejo de seguir os passos da minha avó. Antes de falecer, ela tinha parado de benzer, porque se tornou pentecostal, dessas novas igrejas, e, apesar de não ser uma pessoa muito xiita, radical na prática, ela não benzia mais. E, antes dela, eu fiquei sabendo recentemente pela minha tia, que é a única das minhas tias vivas hoje, morando lá no Interior da Bahia, em Itororó, e lá ela me disse que minha bisavó, mãe da minha avó, era benedeira, assim como meu bisavô, o avô Afonso da minha mãe, que também era benzedor. Isso minha mãe dizia, que ele era um curandeiro, que ele tinha umas magias, que ele tinha um cajado e era muito poderoso, com chocalho de cobra e essas coisas. Minha mãe contava essas histórias pra gente. E minha tia confirmou, que o meu bisavô Afonso era benzedor, assim como minha bisavó, que se chamava Rosa, era benedeira, como minha avó. Então são essas as informações que tenho dos antepassados.*

4 - Como foi o aprendizado do benzimento para você?

*Então, o aprendizado foi muito intuitivo. Quanto eu fui para esse caminho, quando eu decidi ser uma benedeira, assim como minha avó foi, e continuar o que ela deixou, eu falei para as pessoas mais próximas de mim num grupo de mulheres, do qual eu participava. E disse que se alguém soubesse de uma benedeira que pudesse me ensinar, me orientar, me falem. E assim foi feito. A primeira benedeira de quem tive informação foi a dona Maria Paula, que está conosco até hoje. Ela mora em Brasília, na região do Paranoá (aqui não há bairros, somente Administrações Regionais).*

*Dona Maria Paula então me recebeu e eu falei pra ela que eu queria aprender a benzer, porque eu tinha memórias da minha avó benzendo, mas ela nunca me ensinou a benzer. Então basta fechar meus olhos e consigo ver minha avó pegando um raminho no caminho e levando para onde precisava benzer, benzendo as pessoas, rezando. Então todo esse conhecimento com chás e ervas vem da minha avó, das pomadas, das curas. Eu tenho a cura de um machucado de infância, que minha avó tratou com ervas maceradas, fazendo uma papinha de ervas, num grande corte que eu tive na perna provocado por um arame farpado. São essas memórias que me chegam, mas sem nenhuma sistematização delas. E foi o que eu fui vendo com a dona Maria Paula, por exemplo, já que ela tinha na casa dela várias plantas, cujas mudinhas ela já foi me dando e falando para que servissem. Já saí dessa primeira visita carregada dessas mudinhas de plantas que ela me deu. Eu vou te passar depois, não sei se você já conhece um livro de fotografias, mas eu te passo umas fotos delas.*

*Depois dela, uma colega de trabalho que é nutricionista, com quem eu trabalhava em 2017, e como assistente social trabalhávamos com visitas institucionais. E um dia ela me falou que eu tinha de conhecer a dona Juliana, que era benedeira, e ela benzeu o tio dela, e ela estava numa instituição de idosos, e eu fui nutricionista dessa instituição, você precisa conhecer a dona Juliana. E um dia*

*marcamos para visitar essa instituição a trabalho e fomos nós duas e daí conheci a dona Juliana, que na época tinha 97 anos. Já estava bem debilitada, mas nos recebeu com muito carinho e falei para ela que eu queria aprender o benzimento, se ela me ensinaria, se eu poderia ir lá. E nesse dia ela benzeu a gente e me deixou gravar e eu voltei lá umas 3 vezes, me parece, para aprender as rezas com ela, pra filmar ela benzendo, pra gravar e, no ano seguinte, ela fez a passagem.*

*Mas eu tenho essas duas pessoas que foram bem presentes nos ensinamentos. Fora essas, a gente tem encontrado várias outras desde então. Todo benzedor e benzedoras de quem a gente tem informação, vamos até eles, pedimos o benzimento, falamos do nosso movimento, da nossa escola, do nosso desejo de tanto de entender quanto de valorizar o que eles fazem e por que eles fazem. Assim, a gente honra a presença deles nessa Terra, junto conosco e falamos da gratidão que temos por eles estarem ainda aqui, cuidando das pessoas dessa forma, porque na sua pesquisa talvez você já deva ter encontrado isso: muitos benzedores e benzedoras deixaram seus ofícios até por descrédito da própria família.*

*Muitos filhos, netos não permitem, ou porque são praticantes de uma religião que não permite esse tipo de conhecimento ou mesmo por medo. Em alguns lugares, esse saber é confrontado com o saber médico e até com outros saberes, que amedrontam a família, causam esse receio de que algum mal possa vir a ser feito com essa família, contra essas pessoas, né, acusados de charlatanismo, de bruxaria ou seja lá o que for.*

*Então alguns deixaram de ser por essas pressões sociais, pressão da família. E alguns se sentem até sozinhos nesse ofício, porque olham em volta e não tem mais, quando houve um tempo em que tinham tantas outras, tem uma família que não valoriza e eles vão se fechando nesse conhecimento e até sofrendo.*

*Uma das formas encontradas de contribuir para que isso seja minimizado e para mitigar, numa linguagem acadêmica, esse sofrimento, é ir lá e mostrar para eles que temos a honra de ir conhecê-los, a honra de conhecer esse saber, queremos dizer que estamos aqui para não deixar isso morrer. Que, a partir de nós, eles podem encontrar os seus sucessores, para que possamos passar isso para as futuras gerações também e valorizando tudo isso que você sabe, que é muito importante. Então temos feito assim.*

*Eu viajei para a Amazônia, para fazer um curso de florais da Amazônia, e antes de ir, combinando com a facilitadora que é uma sábia aqui da região, eu disse que seria muito bom conhecer os benzedores dessa comunidade do Amazonas, onde a gente ia fazer o curso. E ela logo disse que tinha lá e que podíamos fazer uma roda de conversa com eles e vamos promover isso lá. Só que o cronograma do curso foi muito apertado e não deu tempo de fazer essa roda, mas a gente conheceu uma benzedora e um benzedor de lá. E foi muito interessante, porque cada um atua com um formato diferente. Assim como as plantas medicinais têm cerca de 400 propriedades, cada benzedor, cada benzedora tem uma peculiaridade e é muito interessante perceber essa riqueza de saberes, essa riqueza de nuances, de jeitos, de coisas a pensar e refletir sobre quando alguém pede o benzimento para você.*

*E lá, justamente, a gente conheceu a dona Maria dos Remédios, de uma família que tem esse sobrenome Remédios, bem conhecida na região, esse lugar foi o Céu do Mapiá, que é uma comunidade daimista que tem lá, de uma origem constituída a partir do Santo Daime. E a dona Maria dos Remédios, como mulher, ela aprendeu que mulheres não ensinam o benzimento pra mulheres, não sei se você teve acesso a essa informação.*

*Então ela pôde benzer a gente, pôde contar da prática dela, porque a gente faz essa entrevista como você está fazendo, perguntamos: como foi, como a senhora começou a benzer, com que idade, de onde veio, como a senhora benze, a senhora usa ervas, quais ervas, etc. E aí ela mostrou tudo pra gente, nos benzeu, éramos 3 nessa visita, mas disse que não podia ensinar para nós.*

*Alguns dias depois, conhecemos outro benzedor, cujo nome não me lembro, e ele nos falou: não, comigo não tem isso não! Ele ensinava para homem e para mulher. E no nosso grupo de estudos, tinha um homem. E ele foi, a gente fez uma roda nesse dia, com várias pessoas que ele benzeu e ensinou a benzer. Ele ensinou, inclusive, uma reza que lá tem vários nomes, mas é para espinhela caída ou arca caída ou peito aberto, lá ele chamava peito aberto, para fechar o peito. Então ele mede com tecido, ele usou uma canga que uma de nós estava com ela lá. Ele pegou uma canga, mediu todos nós, estávamos em 5 pessoas, passou a canga em nossos peitos, mediu e tal. Quem estava com o peito aberto, ele foi e benzeu. E esse único rapaz que estava no grupo e, inclusive, era obeso, o dele estava muito aberto e aí tivemos de voltar no dia seguinte para benzer novamente e ele disse que precisaria ir de novo para fechar mais, e aí voltamos de novo no dia seguinte para ele benzer mais uma vez o rapaz e aí fechou. E foi muito interessante, porque esse rapaz, depois de ter passado por esse benzimento, e ele era de São Paulo, e ele falou para o benzedor: o senhor me abençoa como benzedor, eu posso ser um benzedor? E foi muito lindo, porque ele deu a bênção dele e disse que sim, que ele poderia praticar o benzimento. E ele saiu de lá sendo um benzedor autorizado por outro benzedor.*

*Então é assim: todo lugar que eu vou, que tem a possibilidade eu pergunto se tem algum benzedor ou benzedeira aqui, nessa comunidade, nessa região? E uma hora ou outra tem um que a gente vai conhecer. Recentemente a gente conheceu uma aqui próximo, que se chama dona Ana, é a mais nova irmã do grupo, inclusive temos referenciado ela para quando as pessoas nos procuram pro benzimento também.*

*E a dona Ana é uma pessoa que ficou muito alegre de saber da nossa presença, da nossa prática e logo disse que queria benzer conosco, que podemos chamá-la sempre que precisar e o filho dela não comunga muito do que ela faz, mas ele é um apoiador. Não sei por que ele não crê, acho que a questão dele é não crer muito no que ela faz, mas ele apoia, então ele a leva, conduz, é o telefone dele que usamos para falar com ela. E ele se dispõe para fazer o que precisar, onde precisar levá-la ele leva. Não entendi isso muito bem, não me aprofundi. Mas ele apoiando é o que basta, né? Então apoio ela vai ter de nós sempre precisar e quando a gente precisar dela também. Não vejo a hora de a gente estar presencialmente nas nossas rodas de benzimento novamente.*

*Porque, como sua mãe tinha uma fila, eu também tenho uma experiência de filas na minha casa, não por conta da minha avó benzedeira, minha mãe era umbandista e a nossa casa, a cada 15 dias, era lotada de pessoas. Minha mãe dava sessão espírita em casa, então a nossa casa não era mais nossa e a gente ali, 12/13 anos de idade, então imagina para adolescente ter isso, quer dizer, o adolescente quer privacidade, quer romper e aí não tinha. Minha irmã e eu não queríamos voltar da escola, nesta terça-feira de reza na minha casa, em dia de sessão.*

*A casa era pequena, de sala, quarto e cozinha. O banheiro era no quintal e a gente vivia essa experiência, que era sofrida para nós. E a gente acabou se afastando disso também. Então, hoje, eu resgato essa informação também, porque aprendi muito quando ainda não tinha virado as costas para essa religião da minha mãe. Aprendi muito sobre essa conexão, se permitir ser um canal, de ter informações no campo, que circulam, e que você pode manifestar e manipular energias, a coisa da fé, da reza, do ritual, se preparar para esse tipo de doação. Tudo isso bem dos aprendizados da umbanda: o banho de ervas e tudo mais. Isso vem da umbanda mas não vem da minha avó benzedeira. Tudo isso estou tendo a oportunidade de resgatar, esses saberes todos e a importância disso para a vida, para o bem-estar, enfim para a caminhada.*

5 - Durante o benzimento, você faz a utilização de algum objeto específico?

*Então, por conta desse sincretismo na minha vida, umbanda, o benzimento da minha avó vem o uso dos terços e das ervas, e eu lembro da minha avó pegando um raminho no caminho. Então não tem uma erva específica. Eu até tento focar quando é possível, eu uso muito arruda, alecrim, manjerição, espada de São Jorge, mas se eu olho do lado e não tem, mas tem um verdinho, seja ele qual for, eu uso. Se não tem, uso um terço, algo que eu já tenha como instrumento de reza, que eu seguro, que eu possa naquele momento ao segurar me conectar, rezar, pedir, rogar por uma inteireza, por estar presente, então esse é o instrumento que eu uso também para benzer. Eu tenho um japamala e vários terços, então esses eu uso também. E também gosto muito de usar as ervas. Outro dia mesmo veio aqui em casa um vizinho aqui com a namorada porque a mãe dele veio aqui e me pediu o benzimento. Ela veio para fazer uma doação, e daí me disse que soube que eu sou benzedeira e me pediu o benzimento e eu sempre pergunto qual é a razão e aí ela me disse que estava num momento de muitas dúvidas, se sentindo fragilizada, com a energia em desalinho, então eu usei com ela arruda, que eu tenho aqui, e benzi. Daí ela falou que o filho morava perto, que ela só tinha ido lá para cuidar da casa do filho que estava viajando. Daí ela explicou que sempre procurou benzedeira para benzer o filho quando criança e os outros filhos e pediu para que eu benzesse ele também. E eu falei, olha eu benzo, mas uma das coisas que eu não faço é oferecer benzimento, então se ele quiser e pedir será feito. E daí ele veio e disse que queria o benzimento porque a mãe falou para eu vir, ele é policial, por causa da profissão, porque eu me separei, então ela achou que seria bom ser benzido. E ele veio com a namorada que também tinha tido experiências de benzimento na família dela e que ela sempre procurava, quando tinha oportunidade de ser benzida, ela pedia um benzimento de proteção. Com ela eu usei o alecrim e com ele a arruda.*

*A gente também aprendeu que o som pode criar ondas de frequência. Então muitos do meu grupo de benzedeiros têm uma maracazinha, porque aqui têm muitos eventos indígenas, então temos a oportunidade de ter esses artefatos feitos pelos indígenas. A gente contribui com eles e eles contribuem conosco com esses instrumentos, então quando a gente vibra o chocalho em volta da pessoa é como jogar pedra na água, que forma aquelas ondas, né? Estamos envolvidos em um campo. Também quando estalamos os dedos isso move a energia, quando sacode a maraca, bate um sininho, tudo isso ajuda a mexer nesse campo e fazer com que as rezas tenham melhor efeito nesse campo.*

*Outra coisa interessante, que a gente percebe nessa missão do benzimento, é que quando a pessoa sabe que a gente benze ela brilha tanto, ilumina seu olhar, seu rosto e abre um sorriso, sabe? O que traz a ela memórias dessa infância onde ela teve contato com uma benzedeira ou um benzedor. E é muito lindo, é magnífico porque ela se abre e diz: então você me benze, é o que geralmente acontece, e com uma cara tão feliz, um coração tão aberto. É raro isso não acontecer, sabe? É muito harmonioso, é uma prática que gera várias histórias, porque muitas benzedeiras têm uma vida muito sofrida, que elas adquiriram nos seus corpos várias doenças, que elas ajudaram a livrar pessoas e eu, nos 5 anos de prática de benzimento que a gente tem tido e a gente tem tido muitos benzimentos nas unidades básicas de saúde. Então, antes da pandemia, estávamos atendendo uma média de 150/200 pessoas a cada sexta-feira, porque tem um posto que atendemos, que foi o primeiro, que era o mais procurado. E nesse agora já chegamos a atender, numa sexta-feira à tarde, 300 pessoas. E, sabe, você sai de lá leve, eu não sei, mas talvez o ofício sozinho tenha mais sobrecarga, porque a gente atende 300 pessoas em 20 benzedeiras, 15 benzedeiras. Então não é uma fila de 100 pessoas na porta da minha casa, em que eu sozinho receba toda essa manifestação, sem ter com quem trocar, quem me benzesse.*

*Então a benzedeira Tereza Tulli, do Rio de Janeiro, em seu livro, não sei se você já leu, fala do exercício de humildade que a benzedeira tem que ter e pedir o benzimento a uma benzedeira, porque ela não consegue dar conta de tudo. Benzer tanta gente e se autobenzer. Então é tão bom poder entregar o corpo para alguém cuidar dela. Talvez esse exercício na solidão das benzedeiras tradicionais cause uma certa sobrecarga mesmo. Então nesses 5 anos posso afirmar que isso não acontece conosco, de alguém sair sobrecarregado da unidade básica de saúde. Acho que um ou outro caso aconteceu, não vou dizer que não tenha acontecido, mas foi muito excepcional. Eu posso dizer que saio mais leve, pode ter ocorrido de alguma vez ter saído com a cabeça um pouco pesada talvez, mas geralmente a gente sai de lá se sentindo leve e feliz.*

6 - Existe alguma preparação prévia para o benzimento?

*Existe, eu recomendo ao grupo, sempre antes de benzer, pelo menos 24 horas antes, não ingerir bebida alcoólica, manter pensamentos mais harmoniosos, não estar em espaços muito tumultuados, espaços propícios a conflitos ou com energias mais pesadas, não ir para bares ou lugares onde se consuma drogas, com energias mais pesadas. Fazer esse resguardo pelo menos 24 horas antes. Se for casada ou não, poder se abster de sexo, da troca de energia sexual. Não que isso seja prejudicial, mas pela troca de energia que se estabelece na relação sexual. Então se você puder preservar sua energia é melhor, nada é obrigatório, mas é solicitado que se faça isso. Às vezes, eu até peço para aquelas que podem tomar um banho de ervas, de alecrim ou manjerição ou aquilo que sentirem que é melhor, antes de ir para o trabalho no posto. Em casa, se a pessoa sabe que vai receber alguém prepare-se de algum modo, para que possa receber com inteireza, com presença, com a maior fluidez possível a energia a ser compartilhada.*

7 - Há um lugar específico onde você pratica o benzimento?

*Não, eu tenho espaço para reza, mas não para o benzimento. Aqui em casa eu tenho dois altares, um na sala e outro no meu quarto. Eu me mudei recentemente, faz dois meses que estou nessa casa, que tem bastante espaço. As pessoas que benzi, eu levei aqui pra baixo, na terra, tem um gramado e terra, e aqui fora é o melhor lugar, num espaço de natureza. E num dia que estiver chovendo, será aqui na varanda, acho que fora é o melhor lugar. Apesar que a dona Antonia, que é do nosso grupo, que tem 93 anos, benze dentro de casa, num espaço entre a sala e a cozinha, onde ela tem um grande altar. Mas ela é uma pessoa poderosa.*

8 - Você frequenta ou pratica alguma religião?

*Não, eu não tenho. Como eu te falei eu morei um tempo com minha avó e nessa época ela era católica, de ir à missa aos domingos, eu aprendi a ir com ela, só que minha avó não comungava. Eu não lembro de ver minha avó comungando. Ela tinha aquele véu de renda que colocava na cabeça, com o terço, etc. Na verdade cheguei a fazer o estudo do catecismo, eu e meu irmão, por volta de 9/10 anos de idade, para fazer a primeira comunhão mas não concluí. Então eu não tenho essa prática religiosa, depois comecei a frequentar a umbanda com minha mãe, mas eu não me sinto uma pessoa religiosa. Comungo dessa fé, dessa crença em várias coisas, hoje eu uso N. S<sup>a</sup> Aparecida na camiseta, é uma santa por quem tenho muita devoção, acendo vela para outros santos católicos e também para outras entidades, como Nanã, de quem tenho uma imagem, que é a mais velha dos Orixás do candomblé.*

*Essas imagens que me lembram as velhas, eu tenho essa devoção. É a imagem delas que eu tenho nos meus altares, que são as expressões para mim da grande mãe divina. São essas grandes mães em que acredito, por meio dessas figuras representadas pelo budismo, pelo hinduísmo, pelas religiões de matriz africana, pela igreja católica, eu acredito nesse mito da mãe, nessa figura que cuida, e do pai protetor. São essas figuras que acho muito significativas e nas quais me ancoo.*

*É uma forma de eu ver, através das ações de nós, humanos, o que chega através desses mitos, dessas figuras tão poderosas para muitos e pra mim também. É nisso que me sustento para continuar a ter fé.*

9 - As pessoas que a procuram para o benzimento procuram por quais motivos e elas têm alguma religião específica?

*Muitas das pessoas que me procuram se declaram católicas e muitas são espíritas (entre umbandistas, candomblecistas, kardecistas, são estas várias áreas da espiritualidade). Eu não me lembro se atendi alguém evangélico, mas é possível porque tem alguns evangélicos rebeldes também, que saem fora da curva.*

*E elas procuram por vários motivos: depressão e ansiedade (que são as doenças desses tempos), pessoas que têm erisipela, que é uma doença de pele que dá feridas e coceiras, e que eu já tive e fui curada por um benzedor lá da Chapada dos Veadeiros, que lá estava num evento e pronto, isso já tem uns 4 anos, nunca mais eu tive, espinhela caída, quebranto em crianças, crianças que não estão conseguindo dormir, que se assustam durante o sono, que a gente chama de mau olhado. Em alguns casos, é interessante ver como está a relação da mãe com esse bebê, que recebe os impactos do meio e da relação que a mãe tem com a vida pessoal e com o pai da criança. Ou seja, o bebê é uma antena, então se tem ali uma mãe cansada, que não está dando conta dessa nova vida e tem outros filhos e está sobrecarregada, também é bom a gente olhar isso. Então o bebê pode precisar de um benzimento, mas a mãe pode estar também precisando de uma escuta.*

*E o que é bom de ser uma benzedeira em 2021 é ter estes outros olhares. Isto é, tudo que a gente aprende não é desperdiçado, é interessante ter esse olhar mais múltiplo. Que a benzedeira de 2020, que passou por uma universidade e que é assistente social, como é o meu caso, tem uma escuta que pode ajudar em outros fatores, além de benzer, usar as ervas e saber que as ervas têm sim o seu poder, mas que também existem coisas que a gente não diz, nem manifesta e adocece.*

10 - Tem algum ritual para a prática do benzimento?

*Depende da queixa da pessoa. Mas, em geral, o rito começa perguntando o nome da pessoa, porque a partir dali a pessoa se faz presente. Quando é uma criança é a mãe que fala o nome, pelo menos até cerca de 12 anos, que é a mãe que a representa. Quando é a pessoa, a gente pergunta do que ela precisa, qual é a demanda. Em seguida, a gente pede permissão para o anjo da guarda, o protetor dela, para que possamos interferir, manipular a energia da pessoa. A gente também pede a proteção dos nossos guardiões, da nossa mãe, da nossa avó, chama a presença para que nos acompanhem, para nos inspirar na melhor palavra, a melhor reza para a pessoa atendida.*

*Depois a gente faz a reza e, no final, se a gente usou um vegetal para benzer, nós o despachamos para a terra ou debaixo de uma planta, para que essa energia manipulada retorne para a natureza. Basicamente são esses os passos do rito do benzimento, com algumas variações. Para cada pessoa é um vegetal, então você despacha. Às vezes, você tem uma mãe com um bebê no colo e aí você benze os dois com o mesmo ramo vegetal.*

11 - Quantos atendimentos você faz por dia? Com essa pandemia aumentou a demanda?

*Desde a pandemia aumentou muito. Desde o nosso último atendimento, embora nesse ano já tivemos, mas nossa última ação pública no ano passado, em março, teve a marcha das mulheres, a marcha das margaridas aqui em Brasília e algumas de nós foram para essa marcha e depois tinha uma tenda para autocuidado, onde o benzimento foi oferecido. A gente estava lá e atendemos muitas mulheres. Fomos em 5 benzedoiras, se não me engano, nesse dia e atendemos um fluxo bem grande de mulheres. Eu não sei contabilizar quanto foi nesta ocasião. E a última atividade pública que fizemos.*

*De lá pra cá fizemos este ano, em setembro, a marcha das mulheres indígenas. Foram 3 dias e em cada dia foram duas irmãs, tanto as indígenas quanto as não indígenas. Antes disso, quando a gente estava na unidade de saúde, era uma média de 200 atendimentos às sextas-feiras. Mas também atendíamos em outra unidade às terças, todas uma vez por mês. Porque antes, quando a gente atendia numa unidade de saúde, o atendimento era quinzenal, às cada sexta-feira. Como foram ampliando os lugares, em outros espaços como praças, aos sábados, para atender pessoas que não podiam ir*

*durante a semana ao lugar e no horário que a gente benze, a gente começou a ir aos parques para benzer esse contingente. Como tem muitas áreas verdes bonitas aqui em Brasília, a gente divulgava nas redes oferecendo os benzimentos nesses locais. Era uma média de 80/100 pessoas numa manhã de sábado, das 9h até meio-dia.*

*Agora na pandemia, quando a gente parou os atendimentos presenciais e fomos para o virtual, também às sextas, passa de mil atendimentos a cada sexta. As pessoas mandam os nomes, a gente imprime, coloca nos altares, fazemos uma roda virtual de benzedeadas no virtual (Zoom), visualizamos esses nomes e fazemos os trabalhos. Esse altar fica montado até a sexta seguinte e geralmente uma das irmãs acolhe esse altar. Então na sexta seguinte, ela queima esses nomes, e uma outra irmã recebe os novos nomes que vão para o altar. Tem sido uma média de 1.100 nomes a cada sexta.*

*Então eu penso que quando voltar esse atendimento presencial, vamos ter de pegar bem firme nessa marimba, segurar essa pomba, como dizem os umbandistas, porque eu sinto que tem uma demanda reprimida muito grande.*

12 - O que a leva à prática do benzimento?

*É um propósito de vida. Eu fiz a pergunta: para que eu vim? Eu vim pra trabalhar, para consumir, dormir e acordar. Pra ter filho, como eu tenho, ter gato, pra ter planta? Quer dizer, isso só não me preenchia. Então a pergunta era: qual é o propósito de eu ter vindo? E a resposta foi isso, tanto é que hoje eu me sinto bem preenchida. E aquela coisa de frequentar várias religiões, porque eu fui umbandista, com a herança da minha mãe, a minha vó me introduziu no catolicismo, mas não era aquilo. Eu fui procurar o espiritismo de Kardec, não era aquilo, depois o candomblé. São coisas que exigem compromisso, mas isso não era o que eu queria.*

*Mesmo quando a memória do que minha avó fazia veio à mente, ainda assim não fez sentido de imediato. Mas um dia fez, sei lá, um ano depois, deu o start. E na hora entendi por que aquilo me veio à memória, porque era isso que eu queria, que eu precisava fazer. Então hoje benzer as pessoas é cuidar das pessoas do jeito que gosto de ser uma cuidadora, então hoje eu cuido do meu pai, dos meus 3 gatos, e ainda do meu filho de 24 anos, mas espero que seja por pouco tempo, tem os meus irmãos, que de certa forma eu cuido, eu sou a filha mais velha, eu sou a que tem emprego estável. Então a benzedeadinha cuida de tantas outras coisas, enquanto a assistente social, a Maria, a mulher, a mãe, filha, irmã, a amiga, a vizinha cuida de outras tantas coisas e a benzedeadinha cuida de tudo junto.*

13 - Você recebe alguma coisa de volta? Você cobra pelo benzimento?

*Sim, recebe a harmonia, a gratidão, recebe o “Deus te abençoe”. Nossa, você não queira saber o quanto a gente é abençoada pelas pessoas quando a gente benze. A gente não cobra, não recebe coisa material, mas há um ano temos feito campanha de doação de cestas básicas. Então é isso que a gente pede. A gente diz que se a pessoa quer contribuir com alguma coisa, doe uma cesta, que custa R\$ 60 se puder. Se não puder, compra um pacote de velas e dá para uma benzedeadinha.*

*Quando eu indico a dona Antônia, peço para a pessoa levar pelo menos um pacote de velas, porque ela mantém o altar dela aceso todos os dias e ela é uma pessoa que vive de bolsa-família, então ela precisa receber ajuda para manter o altar. As velas não estão baratas, não tem mais nada barato, velas muito menos, porque muitas praticantes da fé, nesses últimos tempos, estão consumindo vela à beça.*

14 - Você gostaria de comentar alguma coisa sobre o processo de benzimento?

*(O processo de benzimento. Eu não sei muito bem o que você quer dizer com isso).*

*Então, quando eu digo, que quando recebemos o “Deus te abençoe”. Na verdade, quando a gente estabelece essa relação entre a benzedeadinha e o bento é uma troca tão grande, é um processo de dar e receber. Eu posso ser mais simples com isso tudo que eu disse até agora. O benzimento é um processo de dar e receber. Então para que a gente possa dar, precisamos nos abrir para a entrega e o outro, além de receber, ele também devolve para nós, porque aquilo que a gente entrega, recebe na mesma moeda ou até mais do que entregamos. Então o processo de benzimento é isso, é um processo de dar e receber de uma forma tão divina, tão maravilhosa e, que fique claro, ele também é um processo muito poderoso de autoconhecimento e de colocar o ego no lugar dele. Porque uma das coisas que eu oriento e que fui orientada, não lembro quando nem onde, mas com certeza fui, e por isso eu oriento é que nunca pergunte para o bento como ele está se sentindo depois de benzer. Não queira saber como a pessoa recebeu o que recebeu, porque é uma pergunta que tem mais a ver com o ego, de saber a eficácia depois do benzimento, do que qualquer outra coisa. Simplesmente entrega, tenha fé naquilo que está fazendo e entrega.*

15 - O que o benzimento representa na sua vida?

*Na minha vida, o benzimento chegou como uma revelação do que eu tenho pra entregar, sem desejar nada em troca. É um processo de entrega muito divino, porque ele tem a ver com isso, não só de estar frente a frente com quem precisa dessa energia, dessa manifestação de fé, mas também com tudo que está à volta. É olhar as plantas e saber que são seres, que elas têm uma energia e eu posso me conectar com elas, assim como todo ser vivente. Era um caminho que eu já vinha percorrendo e que o benzimento potencializou na minha vida, de perceber que tudo que está à volta como seres viventes de grande importância e de grande magnitude. Para minha existência e de tudo que há.*

16 - Em que momento da sua vida o benzimento se fez presente de uma forma muito marcante?

*Vou te contar uma história que eu nunca contei e nem tinha percebido como bênção. Quando eu era bebê, não sei te dizer de quanto tempo, porque minha mãe não tinha muita essa noção do tempo das coisas, apesar de ser uma mulher jovem porque ela me teve com 15 anos, sou a mais velha, mas eu tive desidratação. Então o médico, ao qual ela me levou no hospital, disse que eu não sobreviveria, que não podia fazer mais nada por mim no hospital, e que me levasse para casa. Só o tempo poderia me curar.*

*Com essa fala, o meu pai, que era nordestino (pernambucano) e minha mãe (baiana) também, a palavra tempo para o nordestino simples significa o lado de fora da casa, no tempo onde chove, onde tem sol, onde tem friagem. Então quando o médico fala que só o tempo poderia me curar, meu pai me pegou - e ele conta isso várias vezes - eu era aquela criança só uma caveirinha, o couro e o osso, então meu pai andava comigo na rua, porque o tempo ia me curar. Então ele andava comigo no colo na rua, no bairro onde nasci. E, um dia, ele andando comigo, eu fiz sinal com a mão para uma venda porque eu queria algum doce. Ele falou que eu não comia nada, não bebia nada, nesse dia eu pedi para comer, pra beber alguma coisa. E daí eu melhorei. Então eu acho, revelando para você aqui e agora, e sentindo essa informação, que o meu primeiro benzimento foi isso. Foi voltar à vida, pelas mãos do meu pai, sendo levada no tempo. Que o tempo, tem informação sobre isso, que é um Orixá, no candomblé, nem tem muito conhecimento sobre ele. Só sei que é um Orixá. Então, renascida pelas mãos bentas do meu pai.*

*É muita bênção. Então ele não me deu a vida à toa. Então pra mim é retribuir tudo que eu tive também. Quando esse amor, da forma que podia ter sido, da forma que foi. Eu prefiro parar nesse, que se revelou nessa conversa. Obrigada, Magda, por compartilhar comigo um momento de tanta emoção, tanta memória. Que bom! Minha terapeuta também chora comigo. Ser benzedeira é trazer minha bisavó Rosa, meu bisavô Afonso, minha avó Vitória, minha mãe Rosa e também meu pai Durval, para praticarem comigo. Todas as vezes que a gente está em roda para fazer trabalho, a gente se apresenta dizendo quem somos e de onde viemos: Eu sou Maria benzedeira, filha de Rosa e Durval, neta de Vitória benzedeira e de Belmira, bisneta de Rosa e Afonso, benzedores.*

*Porque enquanto eu caminhava, ela estava me acompanhando (a terapeuta?), nas sessões, eu caminhando com todas as minhas questões, que eu fui procurá-la por conta de ter um filho adolescente, de não saber lidar, foi ali que eu a encontrei. E fui passando por vários outros processos, de estar em grupos de mulheres, de estar procurando uma vida coletiva numa ecovila, então tudo isso eu levava pra conversar. Participar desse grupo de mulheres me colocou em mais contato com esse eu divino, porque era um grupo de mulheres que vinha de uma experiência de participar de um curso de várias informações de sustentabilidade e, no sentido bem amplo, de sustentabilidade, do ser e do viver, a gente teve acesso às informações sobre espiritualidade também. E a gente quis formar um grupo de mulheres para entender um pouquinho desta história do sagrado feminino e foi nesse processo que a maioria de nós, começamos em 13 mulheres, não tínhamos experiência de círculos de mulheres, de leituras e tudo mais. Começamos a ler um livro que se chama "As 13 matriarcas", da Jamie Sams, autora norte-americana, que tem descendência indígena e falava desse mito de 13 mulheres, que são trazidas ao mundo para experimentar a divindade e seus desafios com o autoconhecimento.*

*Então a gente se encontrava todos os meses, na Lua Nova, e ritualizava esses encontros e tudo isso eu compartilhando com a minha terapeuta e a gente começou a partilhar os encontros divididos em duplas a cada mês, responsáveis pelo ritual. Então a gente ritualizava cada capítulo e, ao final, a gente trocava como foi a leitura, aquela vivência, o que ia fazendo mais sentido. E tudo isso cada vez mais foi ficando mais poderoso nos nossos encontros. É muito interessante isso, quando a gente se coloca em movimento, de receber, de perceber, de abrir os sentidos. E eu partilhando isso tudo com a terapeuta. Eu comecei a fazer 30h de trabalho, daí eu tinha mais tempo à tarde porque comecei de 8 às 14, eu tinha mais tempo para me dedicar e estar me oferecendo às essas facilitações do grupo e*

*um dia ela me perguntou quando eu iria estar à frente desse grupo. Não sei por que ela falou isso e eu respondi que achava que iria estar à frente desse, porque toda hora eu tinha conflitos nesse grupo, eu nem sabia se queria continuar no grupo, mas hoje tenho muita clareza de que o conflito faz parte da aceitação das diferenças, que não é fácil, enfim. É o caminho de aprendizado mesmo, mas um dia tem essa coisa de querer ser benzedeira e ela acompanhando. Com esta benzedeira, veio essa coisa de conhecer as benzedeadas tradicionais, que me introduziram nesse caminho e ela, na experiência dela de terapeuta, tinha outras mulheres que tinham essa mesma informação, um dia ela falou assim: “Vem aqui que eu quero te falar alguma coisa”.*

*E daí quando eu cheguei estava tendo uma atividade de grupo, ela chamou algumas mulheres, todas nos demos as mãos, entre essas mulheres a mãe dela, que é uma benzedeira, e ela falou: “Então, aqui começa a escola de benzedeadas”. Virou-se para mim e perguntou qual seria o melhor dia para esse primeiro encontro, que poderia ser na casa dela. Aí eu lembrei da sexta-feira que poderia ser um dia poderoso para o benzimento e respondi que poderia ser sexta-feira. E daí foi assim. A escola porque, inicialmente, a gente ia praticar umas nas outras e ainda tem um pouco disso. Nós nos encontramos na sexta-feira seguinte na casa dela, onde eu trouxe as informações de memória da minha avó e dessas outras benzedeadas que eu tinha encontrado. A Dulce, mãe dela, trouxe os ensinamentos dela. Cada uma compartilhava o que tinha de ensinamento na memória e benzíamos umas às outras. Então me pareceu muito oportuno chamar de escola o espaço onde a gente troca aprendizagens. Porque depois de um tempo, isso começou em 9 de setembro de 2016, às 16 h, foi o primeiro dia da escola de benzedeadas. Entre final de fevereiro e início de março, uma repórter entrou em contato querendo saber da escola, não sei quem indicou para ela, que queria ir lá e fazer uma matéria.*

*E aí saiu no jornal da UOL, com o título “Benzedeadas modernas benzem por videoconferência”, porque eu contei uma experiência de benzer assim um bebê, assim como estamos falando aqui. Então eu benzi 3 dias um bebezinho que estava com ventre virado, estava fazendo cocô verde. Contei essa experiência e aí virou manchete. A nossa caixa de e-mails encheu e daí eu falei: “Eu acho que agora a gente precisa de um lugar que seja público, porque a gente estava dentro da casa da minha terapeuta. Era uma área externa, mas era dentro da casa dela. Eu penso que a gente vai ter uma grande procura, a partir de agora, e eu acho que a gente ficar aqui na sua casa não vai ser bom pra você e nem para as pessoas, até porque é um lugar de não tão fácil acesso”. Então eu sabia que nas unidades de saúde, essa em especial que a gente iniciou tinha práticas integrativas, já tinha tai-chi chuan, ginástica. Então primeiro eu fui a uma outra antes, que era mais perto da minha casa, só que a gerente não estava lá para me dar uma resposta naquele momento. As pessoas que me atenderam gostaram da minha proposta, era um lugar que na época estava sendo referência pro CAPS, Centro de Atendimento Psicossocial, e eles gostaram da ideia de que as pessoas com transtornos pudessem participar do benzimento. Mas não tinha gerente que pudesse falar OK. Essas pessoas ficaram de falar com a gerente e me darem um retorno.*

*Mas eu saí de lá e fui para a outra unidade de saúde, que eu sabia que também tinha práticas integrativas. Bati lá e informei que éramos um grupo de benzedeadas e a gente queria vir oferecer o benzimento aqui nessa unidade de saúde. Ela falou: Ótimo, pode começar hoje, pelos funcionários se você quiser. Mas eu disse que naquele dia só tinha ido conversar com ela, para ver se tinha disponibilidade e marcar um dia para o grupo ir. O nosso horário é das 4 às 6 da tarde etc. e ela aprovou. No dia 5 de maio de 2017, a gente começou. Éramos 3 benzedeadas, eu e mais duas que já eram do grupo, e fomos lá dentro do posto e oferecemos o benzimento para as pessoas que estavam ali. Acho que nesse dia não atendemos nem 5 pessoas, aos poucos com o correr das semanas o número foi aumentando. No meio daquele ano, em julho, já eram 100 pessoas, no final do ano já eram 200.*

### **Benzedeadas – BP3**

1 - Há quanto tempo pratica o benzimento?

*Desde 2011. De 2011 para cá fui despertada para isso.*

2 - Tem mais alguém na família que benze?

*Meus ancestrais. Era minha avó, lá no Ceará, chamada Tertuliana Emília da Costa, que era raizeira. Não era com fins comerciais não, era conhecimento de necessidades imediatas de cura do corpo e aflição das pessoas que desciam de cavalo, de burro. Aí ficava conversando no alpendre e minha avó dava uma garapa (caldo de cana), um chá e conversando. Muitas vezes essas pessoas ficavam deitadas numa rede no alpendre e ela deixava repousar. Aí a pessoa melhorava e ia embora. Isso eu via quando era criança. Aí a gente ia aprendendo e ela ensinava pra quem queria. Ela dizia: quando*

*chegar alguém com cobreiro, a reza é essa. Mas não pode ninguém ficar perto da reza não. Todo mundo saía e fica olhando as rezas dela lá atrás, pra ver como ela fazia.*

*Eu tinha 8 anos na época, e morava na Serra da Japura no Ceará, e o pessoal fazia essas coisas e ainda fazem, a tradição continua. Minha avó morreu quando eu tinha uns 14 anos mais ou menos.*

3 - Mais alguém na sua família benzia?

*Minha mãe morou sempre em Fortaleza (CE) e tinha essa tradição também. Só que meu pai era servidor público e tinha vergonha da mulher dele ser benzedeira. Era vaidoso e não queria não. Então minha mãe quando queria fazer benzimento ou alguma coisa de tradição ia lá para a Serra da Japura e eu ia junto. Eu adorava ir.*

4 - E ela benzia outras pessoas?

*Não, era só pra gente da família que queria, porque era um negócio que as pessoas usavam como brincadeira e ela dizia que não era brincadeira não. Então era pra aqueles que queriam. Mamãe era muito fervorosa, devota de Nossa Senhora da Conceição e a tia Maria Nilce era mais devota ainda. Ela conseguiu, com um movimento comunitário, implantar uma igreja católica que é difícil, que é cheia de regras, para fazer os benzimentos, batizado, procissão e essa igreja existe nesse lugar que tem a casa da minha avó, que se chama Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Mas ela é diferente, a gente faz os benzimentos toda tarde, comemoramos o dia dos santos. Tem cada santo que ninguém conhece aqui o nome.*

*No dia de São Francisco que é amanhã, vai tá lá na frente da igreja. A igreja não abre dentro não, quem abre é só o padre. Mas lá na calçada, a gente bota o santo, uma mesa com toalha e vai benzer as pessoas, às 5 horas da tarde, e os animais.*

5 - Benze só os católicos?

*Vovó disse que não precisa ser católico, basta ter vontade de ajudar os outros, mas tem de respeitar o que o outro pensa. Se outro for para lá com uma vontade e de outra religião é ele que vai responder por si. A gente não está linkada com a religião da pessoa não. Mas a minha avó ia pra missa, era do apostolado da oração e o povo do apostolado da oração tudo benze.*

6 - Mais alguém da família benze hoje?

*Tenho um primo sim, de 70 anos, Antônio, que assim que ele volta do trabalho já tem uma fila de pessoas na porta da casa dele esperando, antes do sol terminar. Ele sai do trabalho mais cedo, porque tem o benzimento para fazer. E o patrão já sabe, deixa ele sair mais cedo. Hoje em dia eu não sei, porque tem o Whatsapp, deve estar melhor. Ele chega, lava as mãos e lá vai ele, não dá tempo nem de tomar banho. E já vai benzendo no terreiro, ele pega as ervas dele e já começa a benzer, geralmente são mães com criança, criança que não dorme, com quebranto, tem gente que tá com pressentimento, com depressão, gente que quer morrer, tem bêbado, muitos bêbados que ele benze no chão. Isso acontece atualmente. O benzimento é um bendizer mas é tão engraçado, existe magia e a gente olha pra pessoa e já vai imaginando o que a pessoa precisa.*

*Aqui, comigo, eu quando eu olho pra pessoa eu já sei se a pessoa vai ficar com os pés dentro da água na bacia. Aí quando a pessoa chega eu vou lendo e digo aqui é dentro da água. Aí às vezes eu olho para ela, pelos olhos da pessoa ela passa pra gente, é pelo olhar e aí eu sei se eu boto dentro da água, é areia, é pedra, é folha de mangueira, espada de São Jorge. Aí ele vai pisando ali e, quando ele pisa, ele abre o portal dele do corpo dele e daí a gente vai injetar o bom pensamento e pedir licença ao anjo da guarda. Porque se você não pedir licença, não funciona. Daí o meu anjo da guarda e o anjo da guarda da pessoa vão fazer o benzimento. Eu sou apenas o instrumento carnal desta tradução, que vem pela minha boca, com palavras.*

*Tem pessoas que benze, o meu primo não fala nada não. Ele pega o galho e vai lá passando no povo. Mas eu falo, o meu instrumento é a palavra.*

*Aí às vezes vem a inspiração para benzer com a cruz. Essa cruz aí é do tempo da mamãe, ela botava uma cruz na porta da casa, mas eu não boto não, eu deixo no altar mesmo. Aí eu boto a cruz quando são pessoas que têm muita aflição e são desencantadas da vida. Eles têm que saber que a cruz foi um madeiro, que foi uma condenação de uma pessoa inocente. Ele tem que entender que ele não está sofrendo mais que Jesus, aí a gente usa a cruz. Também posso usar folhas, ou então só usar palavras, só acolhimento ou posso usar perfume. Eu encho a pessoa todinha, eu molho os cabelos todinho com*

seiva de alfazema. Se a pessoa me inspirar outra coisa, eu peço licença e vou lá dentro fazer um chá de folhas de laranja e aí ele dá alegria para a pessoa. Eu molho os cabelos, às vezes são os pés. Boto os pés num escalda-pé, faço uma massagem nos pés dela e vai me inspirando. É tanta coisa. Mas tem gente que vem aqui que é sem fé nenhuma, vem só olhar o que é isso aqui. Aí eu tenho que ter paciência com eles, dar um abraço, tomar um chazinho, não falar nada. Pergunto porque a pessoa veio aqui, aí elas explicam que é porque queriam conhecer.

Aí digo, pois eu vou lhe apresentar cada santo desse. Daí apresento a Nossa Senhora da Conceição, que foi pictografada pelo Chico Xavier e pelo Emanuel.

Eu apresento cada santo do altar para as pessoas, explico o que é e deixo ela sentada. E aí ela fala que é evangélica e que disseram a ela que isso é do demônio. Eu fiquei curiosa, aí eu vou conversar sobre o demônio para tirar esse medo de dentro dela e, se ela autorizar, a gente faz o benzimento, que é bendizer, aqui tem também o benfazer e benpensar, biomagnetismo, a gente vai fazendo.

Mas tem pessoas que, mesmo entendendo tudo, sai e não volta mais. E daí um dia elas lembram e voltam. E assim a gente vai atendendo todos os dias.

É na minha casa, na garagem, meu pai construiu pra mim e colocou duas garagens porque ele pensou que todo mundo viria morar comigo e precisaria de mais garagem. Mas ninguém veio não. Daí eu aprontei a garagem e fiz o altar aqui, porque se a pessoa vier vai ter de entrar na minha casa, mas eu prefiro aqui fora, porque daqui ela vai embora.

A minha filha é terapeuta e ela usa a maca para fazer sua terapia de biomagnetismo. Ela aproveita o espaço, eu benzo primeiro e depois ela faz. Isso quando o cliente quer. Geralmente, 95% ou 99% deles já falam logo: eu quero primeiro o benzimento. Aí ela me chama para saber se posso, eu digo posso e já olho para os olhos da pessoa e faço uma leitura do que ele está precisando, colocar ele à disposição do meu anjo da guarda e vou falando. Quando eu tô falando, já inicia o tratamento de cura ali na hora. Aí quando termina o meu benzimento, a pessoa sobe na maca para minha filha continuar o trabalho. Só que o meu benzimento é distinto, não tem nada a ver com o tratamento dela, mas o cliente quando necessita é melhor para ele. E ele não tem que dar nada em troca, porque a troca já é o bem-estar dele. Ninguém cobra dinheiro pelo benzimento, nem divulga qualquer tipo de troca material. Só espiritual mesmo, só bem-estar.

Mas o povo insiste, porque o pessoal tem uma necessidade de trocar, daí eu aceito, mas não é dinheiro, me dá um pacote de velas, eu aceito, mas não é obrigado não.

#### 7 - Existe alguma preparação prévia para o benzimento?

Eu faço uma oração, acendo uma vela para meu anjo de guarda, que é um objeto de intenção, do orixá do dia. Aí acendo para meu guardião, que trabalha para meu anjo da guarda. Existe um guardião que abre meu caminho para eu fazer esse benzimento, é ele que cuida da porta da minha casa, que recebe as pessoas aqui. Tudo isso acontece antes de chegar a pessoa. Aí a pessoa chega e me encontra preparada. Eu tomo um banho frio, aí eu não me enxugo, aí eu coloco uma roupa limpa e agradeço a Jesus pela oportunidade de trabalho, porque eu estou fazendo aquilo que eu mais amo na vida e eu tenho certeza de que estou do lado de Jesus, ao lado de Maria de Magdala, a primeira discípula de Jesus, ao lado da mãe dele da falange de Nossa Senhora da Conceição, que é a falange que cuida das crianças e também o meu padrinho, que é São Francisco. Na pia batismal minha mãe escolheu ele como meu padrinho. Então eu tenho o povo celestial mas tenho o povo da terra, que sou eu, minha filha terapeuta, tenho um neto cristal, que já está aprendendo a fazer as suas conexões com seus cristais.

#### 8 - Você frequenta ou pratica alguma religião?

Sou de tradição católica, mas sou umbandista. A umbanda é uma religião afro-brasileira, é uma mistura dos nossos antepassados africanos, mas também tem os indígenas e também tem o catolicismo com seus ensinamentos e também o espiritismo de Allan Kardec, que o codificou e explicou em 5 livros tanta coisa bonita. Só esses 5 livros de estudo já nos prepara para um bendizer mais saudável, mais elevado. A umbanda é uma religião puramente brasileira. Foi criada dentro das nossas tradições, minha avó não sabia explicar o que eu sei, mas ela usava os recursos sem saber nem o que era nem porque. Quando ela fazia os partos, as mulheres chegavam com dor e ela mandava a gente pra fora. Mas eu olhava tudinho atrás da porta. E aí acontecia o parto, que é ligado ao benzimento, tinha cachimbo, o fogo aceso, uma vela acesa, tudo misturado. Minha avó não sabia, mas já vinha da tradição dos cariris, que é indígena do Ceará. Eles ensinavam as coisas e minha avó aprendeu com a avó dela que era Cariri. Hoje com o advento da internet, a gente aprende muito mais coisa.

*E aconteceu o Raízes, que é um movimento em Goiás, na chapada dos Veadeiros, Daniela Ribeiro, uma bióloga, fez um trabalho de faculdade, onde tinha o TCC, que foi feito em cima de raizeiros, parteiras, benzedeadas e pajés. Não é que deu o movimento Raízes, que existe até hoje. Nossos ancestrais estão todos sorrindo.*

9 - As pessoas que a procuram para o benzimento procuram por quais motivos?

*Vem curioso, vem gente de outras religiões, gente desesperada, gente que vai ser morto amanhã, a mãe nem sabe, eles vão matar porque eles devem dinheiro da droga. Aí eu digo vamos rezar, eu faço uma conexão com o pai dele e a mãe dele, faço uma reza muito forte, deito ele aqui. Muitas vezes, ele está muito aflito e ele diz assim, eu vou agora, mas se eu não aparecer mais, a senhora já me entregou pra Jesus. Muitas vezes, ele volta aqui, diz que deu tudo certo. Tem outros casos de suicídio, pessoas de classe média alta, que não quer viver mais e quer ter coragem de se matar. Daí a gente já tira a coragem dele de se matar. Vai ter coragem de viver. Aí fica sempre vindo, eles sempre tomam chá comigo. Aí a minha filha faz o biomagnetismo, já tira essa vontade deles.*

*Tem aqueles que trazem os animais pra gente benzer: cachorro, amanhã é dia de São Francisco então vai vir um cavalo. Já comprei um negócio para passar na cabeça dele. Vai ter cachorro, gato, cavalo, passarinho na gaiola, aquário.*

*E pessoas que querem ganhar mais dinheiro, ele acha que o dinheiro dele é pouco. Aí quando a gente vai conversar com ele, ele ganha muito, ele é milionário e não sabe. O benzimento eu faço em cima da consciência. Eu faço uma miniconstelação familiar, faço com que a pessoa agradeça a vida dela através da celebração de amor do pai e da mãe, que fez a fecundação no corpo da mãe, que esperou 9 meses, e muitas vezes para dar a luz, o corpo é cortado, ou então partejado, depois de 21 horas de trabalho de parto. Às vezes dá depressão pós-parto, muita coisa, mas nasce aquela criança. E a mãe esquece toda a dor e todo o sofrimento, porque é uma coisa muito linda o nascimento de uma criança. Aí a gente vai falando e ele percebe que é inferior, que é achatado, que ele não tem valor, ou que é negro, ou que é sem dinheiro. Daqui a pouco ele está mais feliz, não vai faltar nada pra ele, mesmo que more na rua, porque só em estar vivo está bom demais. Quando você está na rua e está feliz, e pede alguma coisa, o próprio serviço social do Distrito Federal já sabe, ele tem o cadastro do povo da rua. Só falta mudar e a gente muda essa chave com o benzimento.*

10 - Quantos atendimentos você faz por dia? Com essa pandemia aumentou a demanda?

*Vai variando, numa média de 3 a 9, mas aí é dia que está muito cheio, eu nem consigo fazer o almoço direito, porque eu não horário. Marco horário assim, porque hoje elas descobrem, aí eu digo: venha amanhã, venha a hora que você quiser, que você puder. Aí eles chegam e esperam, mas eu dou prioridade para eles, porque eu estou a serviço de Jesus. Se arroz estiver no fogo, eu peço para esperar até secar, senão eu fico preocupada. Aí depois de uns 5 minutinhos seca. Aí eu acendo as velas, aí eu vou ao banheiro e lavo as minhas mãos, faço a minha oração. E daí a pessoa entra e eu faço o benzimento. São uns 3 por dia, é no fim do dia que vêm, porque sai do trabalho, passa aqui e vai pra casa. Às vezes traz a criança da creche, passa por aqui. É nessa média mesmo.*

*Agora tem outra benzedeadora lá dentro do Parque Ecológico, é uma jovem. Ela veio aqui pra saber como é que eu faço, porque ela quer ser benzedeadora. Eu digo: minha filha não tem instrução não, e ela disse que foi fazer um curso e não entendeu nada.*

*Aí eu digo que não fiz curso não, eu digo que benzimento é o seu coração, sua conexão com seu guardião, é o amor que você tem pelo outro. Não tem mais o que fazer senão amar muito, mas para mim o amor não basta, tem de ter a sabedoria. São as duas asas de um pássaro, amor e sabedoria. Jesus Cristo falava: Amai-vos mas instruí-vos. É a outra asa. Então eu uso a minha boca para falar, o idioma da pessoa e meu anjo da guarda vai me inspirando, para eu traduzir o que o outro anjo da guarda que está atrás da pessoa manda dizer. Aí eu digo. Muitas vezes, no meu repertório, tem um salmo da Bíblia que a pessoa precisa ouvir, aí eu digo que a pessoa recite em voz alta o salmo tal. Aí a pessoa anota. Às vezes, é o salmo 38, que muda a vida das pessoas, é o salmo que eu mando falar para aqueles que querem morrer, aqueles que acham que a vida acabou.*

*Também, é passagem da Bíblia, é o Livro O Evangelho segundo o Espiritismo, que eu recomendo para quem é espírita, é "Os caracteres do Homem de Bem", é a receita perfeita da postura humana. Aí o anjo da guarda dá o toque e a gente joga o toque para a pessoa. Quando eu faço isso, quem ganha primeiro sou eu. O Alan Kardec era um professor humilde que codificou os 5 livros do Espiritismo e disse que isso era apenas o começo e que ele não sabia nada. E que ele tinha um aprendizado constante, ele era muito inspirador. E a gente com uma encarnação é muito pouco. Eu fico aproveitando*

*o tempo ouvindo palestras de vários espíritas. E aqui em Brasília a gente é lotado de tudo, temos tudo muito próximo.*

*Temos muitos centros espíritas onde muitas pessoas vão dar palestras. E ouvindo as palestras, isso aumenta meu repertório para o meu bendizer, me sinto fortalecida.*

*E quando chega uma pessoa para eu benzer, que eu faça a leitura porque o corpo mostra tudo e aí eu vou identificando, me colocando e traduzindo o que o anjo da guarda fala para que ela se sinta melhor, aceita, incluída, amada. Quando lemos Alan Kardec nós nos fortalecemos, alimentamos nosso espírito. E junto com a umbanda, com os mentores amigos, junto com essa linha espírita, aumenta poder junto com os saberes dos africanos e indígenas e raizeiros, a gente vai se alimentando e o Brasil é a pátria escolhida por Jesus Cristo, para que o povo brasileiro que é dotado de saberes da magia, do amor. Há pessoas que se recuperam do álcool, do ódio, há terapeutas que se aproveitaram do estudo, a descoberta de Bert Hellinger, em 1945, e linkaram junto com Alan Kardec, com as 12 leis morais do livro dos Espíritos, para a gente descortinar em cada pessoa como um ser encarnado e muito amado por Jesus.*

*Hoje, eu acredito, no momento em que estamos, no melhor momento porque temos à nossa disposição a descoberta de Bert Hellinger em sua terapia de constelação familiar e Alan Kardec, que trouxe a codificação espírita. Estão pisando em solo brasileiro, onde temos os saberes indígenas. Nós os benzedeiros fazemos o bem, gostamos de ser simples, traduzindo o anjo da guarda de cada pessoa, a gente também faz uma pequena transformação na vida de cada pessoa.*

#### 11 - O que a leva à prática do benzimento?

*O que me leva a praticar o benzimento é aproximar-se de um ser humano em cima daquele triângulo, que é o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Amar sobre todas as coisas. Ame o seu próximo do jeito que você se ama.*

*Então essa fórmula de Jesus é a mensagem que ele veio trazer. Como o pessoal da época não entendia que aquele homem tão bonito, junto com os apóstolos e Maria de Magdala, ele achavam que ele ia tomar todo o reinado dos humanos e tomar todas as mulheres. Então mataram o homem e ficou a mulher do cabelão, junto com Maria de Nazaré e elas fizeram o resto do trabalho. Por mais que digam que ele não existe, só de a gente acreditar ele já existiu. Isso é inspiração de um benzimento. Tem pessoas que chegam tão para baixo, saem felizes. Pra que coisa melhor? Não vai me faltar é nada.*

*Se eu não tivesse essa minha casa que abriga meu corpo, eu sairia e qualquer lugar que eu me aportasse é o meu lugar. Aonde tiver uma árvore e hoje tem barraca, é o meu lugar no mundo. É aonde eu estou, eu sou benzedeira.*

*É tudo, é uma extensão de mim mesma que chega até uma pessoa, eu fico fortalecida, feliz, o motivo do meu aprendizado constante, o motivo de eu ir ao encontro do outro. Eu participo de um grupo chamado Almas Benzedoras de Brasília, nós somos 55 benzedoras, temos o compromisso, temos uma corda com um laço, é o símbolo do nosso trabalho.*

*A gente faz benzimento em crianças, no velório das famílias enlutadas, a gente faz o casamento, a gente leva o juiz de paz e as benzedoras para fazer o espiritual. Faz o benzimento das fogueiras de São João, São Pedro, Santo Antônio, conexão com o povo indígena. (está inaudível).*

#### 12 - Em que momento da sua vida o benzimento se fez presente de uma forma muito marcante?

*Quando eu fui à chapada dos Veadeiros, para o encontro do Raízes, eu recebi essa guia, dada por vovó Cambinda de Guiné, que é um ser espiritual, foi numa médium, que pediu contas em sete cores. Aí eu fiz a guia, quando então ela disse que era a guia dos sete Orixás, sete é um número cabalístico. Aí a vovó disse que eu pusesse essa guia numa meia e use ela dentro da bolsa, para onde você for.*

*Aí eu fiz isso, no dia que fui para o Raízes, peguei minha bolsa, e quando eu cheguei lá eu fui benzida, aí encontrei uma senhora bem idosinha ao lado da neta, que ia lá para as corredeiras. Eu acompanhei ela, e quando cheguei perguntei para ela se era benzedora e ela respondeu que era e que a santa dela era Nossa Senhora da Conceição e eu também sou. Aí eu fiquei na cola, eu fui para ver como ela benzia, porque eu pretendia ser uma benzedora.*

*E eu fui com a minha bolsa e a guia lá, e até então eu não sabia para que servia, porque a vovó Cambinda não falou. Quando eu estava na frente da idosa, ela com os pés dentro da água, ela disse: senta do meu lado, vá pegar a guia que está dentro da sua bolsa e comece a benzer, tem muita gente aqui e eu não vou dar conta.*

*Eu até tomei um susto, porque imaginei como ela sabia que a guia estava na minha bolsa. Aí peguei minha guia, botei no pescoço e rezei um pai-nosso na pituitária de cada pessoa. Pessoas se ajoelhavam, pessoas mergulhavam na água, então me inspirou a diversificar cada benzimento.*

*Pronto, foi ali o meu primeiro dia de benzimento. Então há 5 anos atrás, nas corredeiras, na cidade de São Jorge, Alto Paraíso, no encontro de benzedeadas, parteiras e pajés. Aí então eu fiquei tão inspirada que eu levo a guia onde vou. É o símbolo da minha conexão espiritual e onde eu estiver e alguém precisando eu não vou hesitar. Eu não vou oferecer de cara, primeiro eu sondo o terreno para ver se é um terreno para benzimento. Se não for, pode ter outras oportunidades, seja como terapeuta, como filósofa. Mas eu estou do lado de quem precisar. E às vezes eu preciso, muitas vezes pessoas sem instrução, que fazem trabalhos braçais, são pessoas enormes, pecadores que já se perdoaram, que já se encontraram. Pois essas pessoas eu também preciso muito delas, para que elas me inspirem a buscar mais de mim. Eu tenho muita coisa dentro de mim que eu não sei ainda.*

13 - O que o benzimento significou na sua vida?

*Ser benzedeadora é uma colaboração desta passagem no mundo, estamos numa velocidade em que o tempo nos leva, e não podemos perdê-lo. E cada respiração estamos por aqui, a gente vai se conectando com nossos guardiões e os das pessoas. Vamos melhorando os ambientes, onde tem um benzedor as pessoas que chegam perto melhoram.*

*E assim vamos acendendo lamparinas nos lugares escuros, mas não pode ter orgulho, vaidade, pretensão. Se você tiver vai estragar a luz. Se precisar falar, tu fala, se precisar emitir o pensamento você emite. E se precisar somente ficar do lado, fica lá. Mas se tu precisar ausentar, tu vai-se embora, porque muitas vezes a cura é na ausência.*

*Então é isso, é iluminação, amor, bem-estar em benzer. As pessoas vêm tão tristes e eu fico feliz com a presença delas. Aí ela tira a máscara e eu boto álcool na máscara ou na mão.*

*É do mesmo jeito, minha filha, antes a gente benzia presencial, a gente ia nos centros de saúde, nos parques ecológicos, nas casas das pessoas. Mas depois da pandemia, a gente ficou em casa, pois aparece do mesmo jeito. Eles querem que a gente benza atrás do portão, do muro, aí eu boto pra dentro, não vou deixar lá não.*

*A gente também faz virtual, as benzedeadas fazem conexão na segunda e na sexta-feira, mas nem todo mundo participa e aí a gente vai fazendo o que pode.*

*Na minha casa, com o vírus, sem o vírus, com a minha filha buzinando no meu ouvido, eu faço.*

*Sabe qual é a medida? O que Jesus Cristo faria se ele estivesse no meu lugar?*

*Aí eu faço. Eu vacinei, dizem que vão vacinar meu corpo pela terceira vez, mas tudo bem, pode mandar.*

*Olha, nós somos o país que tem o SUS, onde a gente faz a conexão, a gente reza para estas pessoas que criaram isso, eles estão no plano espiritual, na fraternidade do Grande Coração. Benzer é tudo de bom. No dia que você vier para um benzimento no nosso grupo, você sente aquela frequência na sua alma e a gente acorda essa alma e ela deixa de sentir essa impressão de que é achatada, que ela é feia. Não, todo mundo é bonito, todo mundo é amado, todo mundo é acolhido.*

*Muito obrigada pela oportunidade, pelo seu guardião que permitiu que a gente fizesse essa conexão de zoom, porque eu sou meio dinossaura com a internet.*

#### **Benzedora - BP4**

1 - Há quanto tempo você exerce o benzimento?

*Eu exerço o benzimento desde 2014, há 7 anos.*

2- Mais alguém benze em sua família?

*Eu deveria ter uma tradição familiar de benzimento, pois a minha bisavó, por parte materna, era uma benzedora, e eu só descobri isso quando já era adulto, já atuando como benzedor. Mas a tradição não foi passada, houve uma quebra na tradição. Minha bisavó não passou para os meus tios e eu não recebi da família a outorga de benzedor.*

3 - E aí você aprendeu o benzimento por meio de outras pessoas?

*Isso, na época eu frequentava uma fraternidade espiritualista e uma das moças que fez o curso de Apometria conosco e em gratidão, conforme as palavras dela, ofereceu para nossa turma o curso de benzimento. Foi quando eu aprendi o benzimento e, conforme eu falei, muitos anos depois, mas muitos anos depois mesmo é que eu descobri que havia uma tradição de minha família, por parte de mãe, de*

*que eu teria recebido esse processo de benzimento. Mas, tirando isso, não tem ninguém mais na família, a não ser eu.*

4 - Então, com a morte da sua avó, esta tradição foi interrompida?

*Exatamente, com o falecimento da bisavó houve esta quebra. Não sei se meus tios pegaram essa tradição de alguma maneira. Até onde sei não. E não teve essa continuidade.*

5 - Tá, você recebeu esse curso e na família existem outras pessoas que praticam o benzimento além de você? Você já passou isso para alguém?

*Então, eu estou esperando minha filha ter uma compreensão um pouquinho maior, ela está com 5 anos, apesar de ela já ter bastante desenvoltura, eu estou esperando ela crescer só mais um pouquinho para que eu possa passar também para ela esse dom, esses conhecimentos todos.*

6 - Durante o benzimento, você faz a utilização de algum objeto específico?

*Eu utilizo alguns elementos sim, de acordo com o benzimento que estou fazendo. Eu posso usar linha e agulha se for para o cozimento, quando tem alguma fratura, osso trincado ou se o tecido está demorando para regenerar. Eu uso faca para qualquer benzimento que tenha como palavra-chave o corte, por exemplo, para a dor de cabeça, toalha para dor de cabeça, água, mas geralmente o que eu costumo utilizar é o ramo ou o terço.*

7 - Na verdade você usa os objetos de acordo com a necessidade. É isso que você tá me falando?

*Exatamente.*

8 - Existe alguma preparação prévia para o benzimento?

*Sim, existe. Existe uma ritualística antes de benzer, que é o que a gente chama de cruzar; Este termo pode ser encontrado com outros nomes para outros benzedores, mas consiste na preparação, que é fazer o sinal da cruz, pedir autorização para ser um canal de luz e pedir licença a quem vai ser benzido, para que possa ser benzido. Então existe esta preparação anterior ao processo.*

9 - Há um lugar específico onde você pratica o benzimento?

*Não, não tem lugar específico. Se alguém me pediu e as condições não são estranhas, eu posso realizar o benzimento em qualquer lugar, qualquer lugar mesmo. Que seriam condições estranhas? Por assim dizer, alguém numa festa pedir para eu benzer ele. Tirando isso, em qualquer lugar que me pedir, eu realizo.*

10 - Você tem alguma religião?

*Atualmente eu sou, acredito no Divino, não tenho nenhuma religião não. Tenho a espiritualidade independente de religião.*

11 - Tá, então você não tem nenhuma prática religiosa hoje?

*Não, eu tenho meus ritos pessoais de adoração ao divino, mas não tenho nenhuma prática ligada a alguma fé específica.*

12 - E as pessoas que te procuram: elas têm alguma fé específica?

*Têm, têm sim. A grande maioria é católica e é muito perceptível, por conta de vir, já tem o costume, era pai que levava ou mãe, então a grande maioria é católica, mas também existe um público até considerável de umbandistas e candomblecistas.*

13 - E por quais razões eles te procuram?

*Bom, a primeira razão é justamente por conta de lembrar algo que era feito na infância deles, quando se passava algum tipo de mal e era levado num benzedor ou na benzedeira e aí cresceu e ficou essa informação dentro da pessoa e aí quando está passando pelo mesmo processo vai procurar um benzedor. Como estou acessível, vêm até mim.*

14 - Bruno, acabei não te perguntando: você está em que cidade?

*Eu estou em Santa Luzia, Minas Gerais.*

15 - Minas é um local que tem muitos benzedeiros e benzedieras, né? Tem uma tradição né?

*É, tem uma tradição muito forte, mas infelizmente, como você vai perceber durante suas entrevistas, muitos daqueles que têm uma tradição familiar não estão conseguindo passar para as gerações seguintes ou eles não querem passar para a geração seguinte por não ver comprometimento. Então, aqueles que a gente chama de benzedor raiz, eles infelizmente estão fazendo a sua passagem sem a transmissão da prática.*

16 – Entendi. Isso como aconteceu com sua avó está sendo interrompido, porque não está tendo a transmissão intergeracional.

*Isso. Eu dou cursos também de benzimento. Dentro das minhas práticas, eu conversei com meus mentores e eles fizeram as autorizações, conforme eu acredito, e aí eu recebi a permissão para dar curso. E o que venho notando, nesse tempo que venho dando curso, é justamente isso. A prática transgeracional não está acontecendo. Gerações se perdem desta prática por conta de dogmas de benzedores que não transmitem. Eu tenho vários alunos e alunas que vieram ao curso justamente porque seus parentes não transmitiram a eles. Alguns porque fizeram a passagem antes de seus descendentes estarem aptos a receber e outros porque o dogma pessoal daquele benzedor não permitia. Não tinha um sexo específico ou ter uma geração específica.*

17 – É interessante isso e é uma perda cultural né? É uma pena isso.

*Pois é, por exemplo, não sei se você chegou a ver, há um mês e pouquinho um benzedor muito famoso aqui de Minas Gerais, sr. Antonio, lá do Quilombo dos Arturos aqui em Contagem, ele fez a passagem. E ele era conhecido no meio do benzimento e até mesmo fora como uma figura de muita importância e ele não transmitiu para ninguém.*

18 – Oh meu Deus, é uma pena. E olha eu também não entrevistei o seu Antonio. Eu sinto que cada entrevista que eu faço é um manancial de conhecimento incrível. Uma coisa muito especial. E me diz Bruno, com relação ao benzimento, tem algum ritual para a prática do benzimento? Você disse que tem um ritual de preparação, mas na hora do benzimento tem um ritual?

*Existe um ritual que me foi passado e é o que eu executo, que é um ritual de três passos: o primeiro passo consiste na abertura, que é esse que eu falei agorinha há pouco; o segundo passo é o benzimento em si, onde através de uma entrevista prévia mesmo antes do benzimento que eu pergunto a razão de eu ter sido procurado, para que eu possa direcionar as minhas ações durante o benzimento para uma oração específica ou um local específico do corpo e, depois, a gente vai para o terceiro passo que é a finalização, onde eu faço o agradecimento pela oportunidade de ter servido, eu faço o agradecimento aos mentores que estiveram ao meu lado, agradecimento a Deus, peço encaminhamento do que foi retirado para que seja levado ao lugar devido. Então depois a gente tem alguma conversa dentro de alguma percepção ou alguma orientação posterior, por exemplo, tomar um banho de folhas ou rezar algumas orações. Então, o rito do benzer é bastante simples.*

19 – Normalmente você faz um benzimento só ou você tem uma sequência de benzimentos?

*Isso depende de dois fatores: o primeiro é que alguns benzimentos específicos exigem um período de repetição. Então, por exemplo, o benzimento conhecido como cozimento tem um período de repetição de três dias, eu tenho de fazer num primeiro, num segundo e num terceiro dia. Outros benzimentos dependem da minha percepção com relação à pessoa que está recebendo o benzimento. Se eu achar*

*que ela necessita de mais intervenções, eu posso pedir para que ela volte em dois ou três dias seguidos, ou que ela volte na semana seguinte para continuar dando um espaçamento semanal.*

20 – E quantos benzimentos, acho que tem dois momentos, antes da pandemia e pós-pandemia. Como é que eram estes atendimentos e como é que estão sendo? E o número deles também?

*Bom, em termos anuais, antes da pandemia, eu devia estar fazendo em média uns 200, 250 atendimentos. Com a pandemia, passamos a uma questão muito mais virtual. Então esse número deu meio que uma triplicada.*

21 – Então vai para uma média de 750 benzimentos anuais.

*Exatamente, anuais.*

22 – Interessante isso e mudaram um pouquinho os pedidos?

*Eles mudaram somente no que estão pedindo, por exemplo, agora a gente trabalhou muito com a questão do medo, da angústia, do sentimento de solidão. Mas os benzimentos, por exemplo, para cobreiro, para erisipela, esses continuaram. Mas houve uma mudança no pedido sim, para que seja mais específico para estes dois pontos: medo e angústia.*

23 – E me diz uma coisa: o que o leva à prática do benzimento?

*Doação. A minha questão dentro do benzimento é pura doação. Antes mesmo de saber que eu tinha um familiar que benzia, a gente que já foi jovem e levado a ser benzido, a gente fica com aquilo na cabeça e eu sempre procurei tentar achar alguém que me ensinasse. Depois de mais velho, comecei a procurar insistentemente até conseguir alguém que me ensinasse. Então a minha sensação quando eu benzo é uma sensação de doação, o desejo que eu faço é um desejo de doação.*

24 – E assim: tem alguma cobrança no benzimento?

*Não, benzimento não se cobra.*

25 – E existe algum fato que você gostaria de comentar sobre este processo do benzimento que você tenha acompanhado durante estes anos?

*Então, acho que o fato mais forte que eu tenho a comentar é a dificuldade que eu vejo em compreender que o benzimento infelizmente é uma tradição que está em franca extinção. E as pessoas compreenderem, por conta disso, que os cursos de benzimento que são oferecidos eles não tentam pegar e retirar o poder daquele senhor ou daquela senhora. Antes disso, é mais uma forma de as pessoas terem acesso novamente a essas práticas, essas tradições, vindo de uma forma um pouco mais moderna sem o dogma geracional, mas que fique mais próximo novamente.*

*Inclusive, só para que fique registrado, eu sofri preconceito, acho que em São João del Rei, quando fui dar um curso lá pelo fato de eu estar dando um curso de benzimento. Na verdade, recorrentemente, não agora porque estou proibido pelos meus mentores de dar curso on-line de benzimento, eles só me permitem dar curso presencial, assim como a Pamela de Souza, lá do Florescer Bento, que já deve ter falado isso para você também que nossos mentores nos proibiram de dar curso on-line, somente presencial. E sem segurança, não tem curso presencial.*

*Mas, antes disso, quando eu fazia os anúncios, que eu estava oferecendo uma turma e tudo mais, eu sofria ataques, tais como “quem você pensa que é”, “você está roubando tradição dos outros”, “você está querendo tirar o poder daqueles benzedores tradicionais”. Então, vez por outra, a gente sofria uns ataques, dentro dessa mentalidade um pouco mais estreita de achar que a gente está tomando espaço para isso.*

26 – Interessante isso, acho que é a primeira entrevista em que eu recebo essa informação.

*Provavelmente, o que as outras pessoas que dão o curso fazem é relevar. Mas é um ponto patente.*

27 – Mas isso é por parte de outros benzedeiros ou das pessoas da região.

*Das pessoas da região. Então, por exemplo, quando eu estive em São João del Rei, que é um local muito tradicional aqui em Minas, houve ataque (não ataque físico, óbvio) à imagem do curso, sobre quem eu achava que era para fazer uma oferta de curso, que nunca se tinha ouvido falar em curso de benzimento. E realmente eu não tiro as dúvidas dessas pessoas, curso de benzimento até alguns anos atrás não tinha realmente. Mas como eu falei, dentro daquilo que eu acredito, a espiritualidade vê o benzimento como algo extremamente benéfico e acessível a todos. Então é algo que não se gostaria que entrasse em extinção completa, que é o que está acontecendo. Sendo muito sincero, aqueles senhores e aquelas senhoras fazem as passagens deles, sem que um familiar receba. Então várias tradições já se foram e não tem registro material, porque não tinha nenhum diário, nenhum livro, nenhum tipo de anotação e se perdeu completamente.*

28 – O que o benzimento representa na sua vida?

*O benzimento na minha vida representa uma conexão com o divino. Não me representa status, nenhum tipo de reconhecimento. A única coisa que ele me representa mesmo é minha conexão com o divino, é minha doação para com o divino.*

29 – Em que momento da sua vida o benzimento se fez presente de uma forma muito marcante?

*Acho que quando eu fiz minha transição de carreira. Na época eu estava estudando dentro da licenciatura em Física e também estava fazendo estudos dentro da área holística e foi assim um dos primeiros cursos que eu estruturei para fazer minha transição. Foi algo de que eu já estava gostando, já estava realizando, as pessoas já vinham e aí eu conversei com a espiritualidade e vi a resposta: formaliza um curso e dá. E foi aí que decidi fazer minha transição completa e vou seguir nesse ponto. Já era algo que eu gostava, que realizava e ele só confirmou mesmo o caminho da minha transição.*

30 – E você recorda algum fato específico associado ao benzimento?

*Ah, são tantos fatos, tantas experiências diversas que fica meio difícil catalogar uma específica para poder falar. É uma sensação de completude, de estar lá pelo outro, mas isso em várias atuações do benzimento e não uma específica.*

31 – O que significa na sua vida ser benzedeiro?

*Tem algumas coisas que para descrever são um tanto quanto complicadas. Mas na minha vida, o benzimento que é uma dessas coisas complicadas, a melhor palavra que posso usar é completude. Eu me sinto completo ao estar atuando como benzedor.*

### **Benedeira - BP5**

1 - Em 2011 você começou o benzimento?

*Isso era com meus guias dentro de um terreiro de umbanda.*

2 - Na verdade, você aprendeu o benzimento com quem?

*Na umbanda, desde 2004, mas na umbanda não se começa já benzendo. A gente começa desenvolvendo a mediunidade e eu acho que levei uns 3 anos para poder de alguma forma receber os meus mentores, porque é uma mediunidade de incorporação, até o momento de desenvolver isso e os seus mentores falam e benzem com a ferramenta física do seu corpo. Então você cede o corpo físico para receber essa entidade, esse guardião que faz a reza.*

3 - Não era uma coisa passada pela família?

*Não, depois descobri que minha bisavó era benzedeira. Mas foi depois, minha vó era falecida e minha bisavó morreu de parto, então minha avó tinha 2 anos quando a mãe faleceu e não teve esse contato*

*com a mãe. Mas a minha mãe não me contou essa história, porque eu fiquei sabendo por uma tia. Então eu soube só depois quando eu já tinha passado pela umbanda. Conte para minha tia que eu estava na umbanda, quando minha tia falou: ah, sua bisavó era benzedeira.*

4 - Sua avó você não conheceu?

*Ela faleceu quando eu tinha 4 anos. Eu não lembro dela, tenho poucas memórias. Minha avó materna, né.*

5 - Sua avó materna era benzedeira...

*Não, a minha bisavó era, a mãe dela.*

6 - Ah tá...

*A minha avó tinha vários processos mediúnicos, que minha tia e minha mãe contavam. Mas ela não benzia, até porque ela era de Formiga e foi morar em São Paulo. Ela foi trabalhar, foi criada por outras famílias, então ela perdeu esse vínculo familiar da herança, da história familiar. E daí, eu nasci, fui a primeira neta dela que nasceu em Florianópolis, na terra em que ela nasceu, porque minha mãe voltou para Florianópolis. Então eu nasci no lugar que tinha a história da minha ancestralidade, da história da minha avó e da minha bisavó, que não é a história da minha mãe, porque ela nasceu em São Paulo. Mas isso veio muito para mim, enquanto resgate familiar.*

7 - Além da sua bisavó, mais alguém benze na sua família?

*Não.*

8 - Tem algumas perguntas que eu vou repetir de alguma parte mas é só para eu me organizar. Como é que você aprendeu o benzimento?

*Primeiro que eu sempre fui muito religiosa, desde pequena diferente do meu núcleo familiar, meu pai, minha mãe e irmã. Eu estudei em colégio de freira a minha infância inteira e sempre quis ser freira. Meu desejo, enquanto menina, era ser freira. Fui criada na religião católica e muito sob a orientação da minha avó paterna, que estava próxima de mim. Então eu tenho essa relação com o divino, com o sagrado muito intensa, desde muito pequenininha. Eu lembro que, muito pequena, eu orava todos os dias assim que acordava e agradecia. Eu sentia um calor subindo no meu coração e uma vez perguntei para minha avó e ela dizia: filha, isso é a presença do Espírito Santo e tal.*

*Então eu entendo que benzer é bendizer, dizer o bem para as pessoas, é rezar por elas, é trazer uma intenção. Se for pensar em quando eu aprendi a rezar, eu acho que nasci sabendo, porque desde que eu me entendo por gente, minha memória mais remota, eu me via orando, rezando e sentindo a presença de Jesus, que na época era a figura dentro de mim. Conversando e dialogando e acendendo essa força. Eu sempre fui uma criança e ainda sou um adulto muito emotivo, que facilmente eu chego às lágrimas.*

*E a minha avó dizia que isso era a presença do divino Espírito Santo dentro de você fazendo a conexão e daí quando eu cheguei na Umbanda não conhecia. Eu tive um problema de saúde e me orientaram, eu recebi um convite na verdade, me convidaram dizendo que o Preto Velho estava me chamando e comecei a frequentar e me disseram que eu tinha uma mediunidade e que eu precisava aprender o que estava ali para poder ajudar as pessoas e assim eu fui.*

*Então foi na Umbanda que aprendi a fazer o benzimento, mas quando eu me coloco na minha linha do tempo eu entendo que o benzimento é uma intenção amorosa para auxiliar o próximo. E isso eu sempre fiz de certa forma. Não sei se respondi à pergunta.*

9 - Sim, sim. Durante o benzimento existe a utilização de algum objeto?

*Existe. Eu faço uso de vários instrumentos e que eu fui me aperfeiçoando. Quando a gente benze na Umbanda, você é conduzido, não é você que decide, por seus mentores que te orientam sobre o que fazer. Eu passei por esse processo no qual eu usava a água, vela, galhinho de erva, o crucifixo e depois que eu saí da Umbanda e recebi a consagração dos meus guias para que eu pudesse benzer, sem a incorporação deles, eu comecei a organizar, de acordo com os meus saberes, aquilo que eu entendia que era importante para o benzimento. Então, por vezes, eu benzo com água e ervas, por vezes, eu*

*benzo só com imposição de mãos ou então utilizo o elemento fogo, por meio do incenso e algumas ervas chamuscando para a limpeza etérica, enfim. Acho que é isso, às vezes alguma pedra, é uma coisa muito intuitiva, mas tem esses instrumentos. De um tempo para cá, uso também uma música, quando eu faço uma limpeza, e o tempo do benzimento é o tempo da música. Eu recebo a reza, uso fluido de ervas que eu faço, borriço na pessoa, esfrego nas mãos para fazer a limpeza etérica. Então são todos esses instrumentos.*

10 - E existe uma preparação prévia para o benzimento?

*Pra mim, existe. Eu fui orientada dentro da Umbanda, então 24 horas antes do benzimento, não me alimento com carne, eu tomo banho de ervas, utilizando um combinado de ervas para limpar meu campo etérico, não faço sexo e não consumo bebida alcoólica. E para poder dar conta de fazer a coisa certa eu não benzo todos os dias, porque vai ter momentos. É claro que eu não deixo de benzer se houver uma necessidade, mas eu tenho uma vez por semana, como eu tinha no terreiro, em que eu ia uma vez por semana, no sábado, na sexta eu tinha essa disciplina. E ao longo da minha vida depois que eu saí do terreiro, eu instituí um dia em que eu faço as rezas, para poder dar conta de estar bem alinhada energeticamente para fazer as conexões devidas e também não exaurir a minha energia. Porque se eu não for preparada não vou sair bem do benzimento.*

11- Há um lugar específico para a prática do benzimento?

*Nesse momento, eu tenho uma sala de cura, e se eu faço o benzimento em outro espaço, eu faço uma preparação do campo etérico para poder de alguma forma me proteger e receber a proteção daquele espaço para poder efetuar a conexão com o divino e fazer o benzimento. Se é na natureza, num espaço aberto, daí não, a gente só pede licença.*

12 - Você falou que veio da Umbanda e, atualmente, qual a sua religião? Você frequenta, pratica alguma?

*Não. Pela minha construção católica, eu adoro a religião católica, mas eu não me digo praticante, eu sou uma pessoa cristã. Eu acredito na questão crística, na história de Jesus, nos ensinamentos dele. A Umbanda tem muito esse sincretismo também, é uma religião brasileira, a primeira, então tem todo esse sincretismo com o catolicismo. Tenho um carinho imenso pela Umbanda, mas os dogmas, os ritos e as crenças não me convêm. Nem da umbanda, nem do catolicismo. Tenho leituras e vivências no kardecismo, mas também não me reconheço. Eu me coloco, desde 2011, como uma pessoa espiritualista. E eu digo que nunca fui umbandista, eu aprendi muito, foi uma escola pra mim, mas eu não me considero umbandista. Se eu tiver uma religião, eu sou católica, mas nesse momento me coloco como espiritualista.*

13 - E as pessoas que procuram o benzimento? Eles o fazem por quais motivos, eles têm alguma religião específica?

*Têm, né. As pessoas que procuram o benzimento, elas têm fé e daí muitas são kardecistas, umbandistas, católicas. Evangélicas nunca atendi, ou se atendi, não se apresentaram como, nessa crença. Mas os pedidos são sempre sobre não se sentir bem, a gente tem os benzimentos com questões de erisipela, de pele, que são bem recorrentes, questões de quebranto, mau olhado, fraqueza, então esses são os pedidos e a fé de cada um não é algo que as pessoas expõem normalmente.*

14 - Tem algum ritual para a prática do benzimento?

*Eu acho que cada benzedeira vai ter o seu ritual. Eu tenho meus rituais, agora na pandemia eu criei novos rituais como benzimento a distância, que não era uma prática habitual, fazia pouco enfim. Mas eu tenho vários rituais, que eu inicio todo o processo de benzimento, no dia, benzendo o espaço, fazendo a limpeza etérica, fazendo o benzimento do espaço, depois eu faço as minhas orações, as minhas conexões, para daí só então começar o benzimento aberto às pessoas, e agora tenho feito muito a distância. As pessoas mandam os nomes e daí eu vou fazendo os benzimentos a distância.*

15 - Quantos atendimentos você realiza por dia?

*Eu não atendo por dia, porque sou mãe, profissional, eu escolho um dia na semana para fazer esses atendimentos. É muito variado, eu tenho atendido 10 ou 15 pessoas on-line por semana. Mas por exemplo teve momentos que eu atendi 500 pessoas. Eu deixava uma caixa aberta no Instagram e já teve semana de eu fazer benzimento para 500 e tantas pessoas.*

16 - Isso na pandemia?

*Sim, na pandemia, no ano passado. E daí eu comecei a fechar um pouco essa possibilidade porque é muita gente. E faz uns seis meses que eu abri a possibilidade da minha comunidade de vir uma vez por semana novamente à minha sala de cura. Então amanhã é um dia de benzimento, normalmente atendo de manhã e à tarde e daí atendo 6 pessoas presencialmente e mais cerca de 20 pessoas a distância.*

17 - Pelo que você está me falando, essa coisa da pandemia teve uma demanda tão grande que para você foi muito pesado, no sentido de que te desgastou muito esses 500 atendimentos. É isso?

*É que a gente não sabe quem está do outro lado e quem são essas pessoas, porque você abre espaço para as pessoas receberem uma bênção, a pessoa vai lá e coloca o nome da família inteira. Até que ponto esse benzimento, esse quantum de energia encaminhado chegou na pessoa? A pessoa está aberta para receber, tem consciência, deseja receber essa bênção? Então tem tudo isso, né?*

*E daí eu entendi que, muitas vezes, pedem por pedir, porque é de graça, é fácil, é só botar o nome e, se não tem fé do outro lado, não chega, se não tem consciência, o real pedido de auxílio, não vai.*

*Então eu comecei a não colocar a disponibilidade assim, porque de alguma forma eu entendi que as pessoas... se eu cobrasse um real talvez não chegasse às 500 pessoas. Teria 30. Teve uma época que eu queria pedir para as pessoas doarem R\$ 1 pelo benzimento para eu trocar por cestas básicas, tem tanta gente precisando, e R\$ 1 não é necessariamente nada. Não fiz não, mas fiquei pensando isso para ver o quanto a pessoa estava comprometida e aberta a receber.*

*E foi assim, na umbanda é puxado, muito mais puxado porque era presencial e às vezes eu chegava às 5 da tarde e saía a 1 da manhã, sentada, benzendo as pessoas e era aquela fila. Mas a gente não sai cansada não, a gente sai revigorada, é sempre melhor sair de um processo de benzimento, mas eu fico pensando muito na intenção daquele que está pedindo. Será mesmo que estou a serviço do divino ou estou a serviço da acomodação do outro, de não querer fazer sua parte, ter a fé, orar. É mais nesse sentido assim. Como sou educadora, acho que tudo tem que ser um tanto quanto pedagógico. Quer dizer, eu posso benzer, mas você venha me pedir, enfim, tem que ter esse movimento.*

18 - Pelo que você está falando, não existe nenhum tipo de cobrança pelo benzimento?

*Não existe, é gratuito, sempre teve essa perspectiva. Minha formação é em Psicologia e eu atendo no consultório e, por vezes, a pessoa no consultório as pessoas pedem uma bênção e eu abençoo as pessoas quando eu sinto a necessidade de fazer em consultório. Aquela pessoa pagou pelo encontro terapêutico e recebeu a graça, então em alguns momentos isso se mistura, mas a bênção não é cobrada.*

19 - O que a leva à prática do benzimento?

*Primeiro, eu passei por um processo de doença muito sério, eu quase perdi meu rim, por isso que eu cheguei na umbanda. Uma colega de trabalho, que não conhecia minha história, não sabia que eu estava doente, me chamou um dia e disse: "Olha, passei na frente da sua casa no final de semana", e eu disse "ah não estou mais morando, me separei do meu marido". E daí ela me disse: "Então é você a morena de cabelo comprido que se separou". Eu olhei para ela e disse: "Como você sabe?". Né? Ela não me conhecia. E ela me explicou que na casa dela tinha um ritual que se chamava umbanda e o preto velho disse que uma amiga minha do trabalho, morena de cabelo comprido, ia se separar e que era para eu trazer ela aqui para uma cura. E eu estava doente, eu tinha um problema renal na época. E a pessoa não sabia, ninguém sabia no meu trabalho. Aí eu disse: ah, eu vou, onde é sua casa? E daí eu fui e foi assim que eu cheguei na umbanda.*

*Fui recrutada. E quando eu cheguei lá o preto velho que não era nem preto, nem velho, era um jovem branco e ele me chamou para um atendimento e ele estava incorporado pelo preto velho, que me disse*

que a gente já trabalhava há muito tempo e que tinha chegado a hora de se espiritualizar, porque eu iria trabalhar com eles, que eu tinha uma missão e o meu rim foi só o caminho que eles entenderam para eu chegar até ali. Que eu ia ser curada para crer, e depois iria ajudar a curar as pessoas. Nessa mesma época, eu tinha 23/24 anos, eu estava finalizando o curso de Psicologia na faculdade, fazendo uma disciplina chamada Psicopatologia e eu me autodiagnostiquei como esquizofrênica. Eu já ouvia vozes, eu via vultos, comecei a ter um certo desespero do que eu estava vivendo e de entender que aquilo que eu vivia e que era normal, era algo patológico.

E o preto velho inclusive falou que aquilo que eu estava estudando e achando que eu era, não é nada daquilo que os livros dizem não. Que isso era só um poder que eu tinha, que lhe foi dado para ajudar no trabalho que você vai realizar como cura.

Então eu pensei que era melhor ser umbandista do que ir para o IPQ, que era o hospital psiquiátrico. E assim eu fiz, então não vou romantizar que foi uma coisa maravilhosa, que eu decidi ou escolhi. Não, eu sabia e eu já tinha ido ao IPQ, o hospital psiquiátrico daqui de Florianópolis. Quando a umbanda começou a me apresentar esse outro lado da cura, da incorporação e tal, eu entendi o que as pessoas estavam vivendo no IPQ e que eu poderia talvez viver aquilo, num dado momento, se eu não alinhasse, não disciplinasse essa mediunidade.

Então é muito por isso né. Eu não fui conduzida pela minha ancestralidade e fui, porque eu entendo que quando eu estava pronta para ser benzedeira, a minha tia chegou na minha casa e disse que minha bisavó tinha sido benzedeira. Ela morava na Lagoa da Conceição que foi o lugar que eu morava quando me consagrei benzedeira, que era o lugar da minha bisavó, da minha avó e eu cheguei naquele lugar quando eu estava pronta. Então eu sabia que tinha uma função e naquele momento eu fui à missa. Um dia acordei de madrugada, ouvindo o barulho do sino, e com a intuição de ir à missa. Então eu entrei na internet, isso em 2012/2013, para ver qual era o horário da missa e tinha a missa às 7 ou 8 horas da manhã, era um domingo.

E eu fui à missa, quando cheguei lá fiquei num cantinho, não conhecia ninguém lá, e ouvindo o padre falar senti aquela presença do Espírito Santo, me emocionei, senti minhas mãos formigarem e senti que eu tinha de falar com o padre.

Quando a missa terminou, me informei com uma senhora, porque eu queria falar com o padre. O padre me chamou para tomar um chimarrão lá na casa paroquial e eu contei toda minha história para ele. Eu disse: olha, eu não sei porque estou fazendo isso, mas preciso falar com o senhor sobre todas estas coisas e eu senti hoje de madrugada que eu precisava vir à missa e fez todo sentido o que o senhor falou e eu estou aqui para servir.

No momento seguinte eu e o padre montamos um espaço de acolhimento fraterno na igreja e eu disse que ia benzer as pessoas na igreja. E ele disse que a gente ia dizer que eu era psicóloga, o padre querendo me maquiagem, que eu era psicóloga, umbandista e eu dizendo que era benzedeira, vamos pensar assim.

E começamos a fazer esse trabalho e foi um trabalho que logo na sequência eu descobri que minha bisavó era benzedeira e eu entendi que eu tinha chegado lá, e que eu estava pronta para ser a benzedeira naquele lugar, que talvez minha bisavó não conseguiu concluir porque ela morreu muito jovem. Então tudo isso faz sentido, nesse momento, e não foi uma escolha, fui guiada. É fácil? Não, não é. Mas é o que eu tenho que fazer para não ir para o IPQ (risos).

20 - E você gostaria de comentar alguma coisa sobre o processo de benzimento?

Então, falei daquela coisa da presença do divino, que é algo que muito me emociona no processo. Quando eu me entrego, é como se eu pedisse licença (e eu faço isso) para o anjo guardião da pessoa, peço a permissão para que eu possa adentrar o seu espaço sagrado para entregar e receber e conectar essa benção e essa reza. E, a partir daí, eu me entrego também a esse divino e faço uma reza coreografada, aquela que já está na cabeça e, na grande maioria das vezes, eu me entrego e rezo o que dá naquele momento. Eu sempre sinto assim, que é como se acendesse dentro de mim, no meu coração, eu sinto literalmente uma explosão.

E isso normalmente leva às lágrimas, quando eu estou no processo.

E muitas vezes eu sinto no processo que quem está benzendo é uma avó daquela pessoa, às vezes eu vejo um índio, às vezes eu vejo uma pessoa negra, enfim.

Eu consigo visualizar que muitas vezes aquela reza não fui eu que fiz, né, que eu fui usada como instrumento de alguém. E é muito interessante isso, porque quando eu termino de benzer, eu digo para a pessoa que senti a presença do guardião dela, que não fui eu que benzi, eu só cedi materialidade para isso. E conto as características da entidade que vi e as pessoas reconhecem como avó ou outro parente. Isso acontece com frequência quando estou no processo de benzimento. Nunca é igual, por mais que a reza seja a mesma, é sempre único.

21 - O que o benzimento representa na sua vida?

*Representa disciplina, amorosidade, eu digo que é minha melhor versão. As pessoas dizem: "A Camila é um ser evoluído". Sou nada, sou igual a todo mundo. Ali naquele momento eu tenho uma conexão com o divino e me entrego para isso. Mas eu não sou isso, não sou ascensionada, não sou evoluída, não sou melhor do que ninguém. Tem muita disciplina, tem muita entrega, muita solidariedade, generosidade de poder fazer isso, mas eu também faço isso não é só pelo outro não, é que eu fico melhor, me sinto muito melhor nesse lugar e depois que eu faço isso. Então é por isso também.*

22 - Você falou que a sua entrada foi um fato muito marcante. Em que outros momentos de sua vida, o benzimento se fez assim presente de uma forma marcante?

*Teve vários momentos. Aqui em Florianópolis foi feito o mapa das benzedeiças em 2017. Em 2018 teve o lançamento desse mapa, fui catalogada como a benzedeira mais jovem de Florianópolis. Isso fez com que eu me tornasse, de certa forma, famosa. As pessoas tinham essa curiosidade de saber, de estar perto, de saber minha história. Então isso é bacana, até para desmistificar essa questão das religiões.*

*De um certo diagnóstico de esquizofrenia, de uma patologia, de entender a espiritualidade desvinculada das religiões, isso pra mim é marcante. Quer dizer, eu escondi isso até da minha família, eu não contava pra ninguém até porque eu fazia um curso de Psicologia e sabia que se eu contasse isso para minha mãe ou um psiquiatra, ele ia me dar um monte de remédio. Então eu escondi isso por muito tempo. Depois, na umbanda, eu omiti isso muito tempo, porque as pessoas têm estigma, trazem este estigma da umbanda, é algo que as pessoas entendem que é macumba ou que é uma coisa ruim, enfim, então eu não falava sobre isso pra ninguém. Eu lembro que a primeira entrevista que eu dei sobre eu ser benzedeira foi em 2012, pra um jornal impresso da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a menina que me entrevistou era uma estudante de Jornalismo e ela entregou o jornal lá na minha casa. Mandou uns 3 impressos e no dia em que ela chegou lá, o meu pai estava na minha casa -- meu pai não sabia nem da umbanda, nem de nada -- e daí ele olhou o jornal e já quis ler, eu fiquei desesperada né?*

*Ele abriu e começou a ler a reportagem e eu fiquei com muito medo do julgamento e eu nunca tinha contado para ele e foi a primeira vez que contei publicamente, que eu ouvia vozes, via vultos, que de certa forma poderia ser diagnosticada como esquizofrênica, que a umbanda me carregou para um outro lado, que eu sofri muito, contava a história e tal. De um lugar muito interno e de não compartilhar o benzimento.*

*E aí meu pai ficou surpreso por eu nunca ter contado isso para a família e me disse que aquele processo devia ter sido difícil. Me emociono porque eu me senti acolhida ali, porque não foi fácil, não é fácil, de você viver um processo de ter medo de ser julgada. Eu era muito jovem para ser benzedeira e eu nunca decidi que queria ser benzedeira, isso foi acontecendo. E, na minha família, eu era uma pessoa formada, eu trabalhava num espaço público, eu tinha meu filho e tal, como é que eu vou ficar dizendo que eu vejo espíritos, que eu ouço coisas, converso, é difícil. Nem todo mundo acredita e daí esse momento foi muito importante. Porque eu decidi assumir e essa entrevista fez com que meus pais soubessem que eu era benzedeira e aí é como se eu tivesse o direito de botar uma plaquinha na porta, "Sim, eu sou benzedeira. Quem quiser, pode vir".*

*E daí começou com mais intensidade e é uma alegria porque você consegue mostrar para o mundo quem você realmente é, né? De forma mais leve, sem precisar esconder.*

23 - Foi uma permissão, isso que você está falando?

*Isso.*

24 - E você recorda algum fato específico associado aos benzimentos?

*Que tipo de fato?*

25 - Não sei, uma cura?

*Ah, várias. Toda vez que, agora acontecem curas o tempo todo e é muito lindo isso, de você vibrar e a pessoa... Agora na época do Covid foi muito assim, as pessoas me mandavam os nomes das pessoas internadas e me pediam o benzimento a distância. Aí eu fazia dois, três, quatro dias de reza e a pessoa*

*dizia assim: saiu do hospital, a pessoa se curou e agradecia. Então isso é muito legal. As questões de pele também. E na pandemia foi mais importante, porque a pessoa está a distância e, de certa forma, é algo que você faz mas não está vendo, não está sentindo, você não conhece a pessoa, é mais difícil você crer.*

*Quando é presencial você vê se a pessoa melhorou, porque ela te dá um retorno. E beleza porque você também está sentindo aquilo, é natural. Mas quando a pessoa está longe... Eu fiz alguns benzimentos do ano passado pra cá de curas de pele, de erisipela, de feridas que não cicatrizavam e fiz as rezas e, depois de uma semana, a pessoa me manda mensagem dizendo que cicatrizou, que melhorou, isso é muito legal. Então tem muitas experiências assim, mas na pandemia, na coisa a distância especificamente, mostra que não é por acaso, que faz a diferença e me incentiva a fazer mesmo.*

26 - E o que significa na sua vida ser benzedeira?

*Para mim é uma entrega, minha conexão com o divino. Eu digo que sempre fui uma pessoa muito religiosa. Um dos meus momentos mais intensos da minha vida é nos momentos de oração, de conexão com o divino. E o benzimento é isso, é poder compartilhar esse momento com alguém e de poder contribuir ainda. Isso é incrível. Tem dias que reclamo, sou humana também, mas quando eu faço eu me sinto também tão melhor.*

27 - Como é que você faz para unir a Psicologia e esse benzimento?

*Então, isso foi um processo de algum tempo. Eu já não me digo psicóloga desde 2008. Eu rompi com o Conselho, eu entreguei minha carteira profissional e, desde então, eu me coloco como terapeuta holística. Eu também fui estudando outras técnicas fora da Psicologia. De certa forma, eu criei uma técnica, desenvolvida a partir de todas as ferramentas que estudei e me apropriei ao longo do meu processo e é assim que eu faço. Eu tenho um processo de acolhimento, de escuta e retorno e diretiva. Eu consegui entender a espiritualidade pela Psicologia e o reverso também. Sempre fiz isso, sou virginiana, tenho uma mente muito analítica. Eu gosto muito de estudar, sempre quis entender quais eram os mecanismos da mediunidade, da espiritualidade, como é a ascensão do Espírito Santo, chakra cardíaco, energia crística, é a chama trina e como é que a gente acessa isso. Eu fui aliando várias... eu precisava de respostas, a umbanda me trouxe muitos ensinamentos, mas não me trazia respostas, ela me trazia dogma assim como a igreja católica. Eu dizia: não, eu não quero isso! Quero saber por quê! E daí eu ia para o conteúdo científico, filosófico. Isso fez com que eu entendesse. Então eu construí dentro do meu campo mental o que é o benzimento, todo o processo de cura, o que é a Psicologia no processo energético e sutil. Então isso tudo eu fui tramando e há um ano eu dou o curso de alinhamento com a espiritualidade, que é um trabalho de 15 anos de estudo, vários autores científicos e experiência prática que eu fui juntando tudo isso: o campo das emoções, o campo mental, o campo etérico, energético sutil espiritual.*

*O ideal seria que a gente entendesse fora das religiões, não com as diretrizes religiosas dogmáticas. Foi assim que eu uni espiritualidade, benzimento, com a Psicologia e com tantas outras técnicas e ferramentas.*

### **Benzedeira - BP 6**

1- Você frequenta ou pratica alguma prática religiosa?

*Sim, eu sou juremeira de tradição. Prática religiosa é Catimbó da Jurema ou Jurema Sagrada.*

2 - Na família, existem outras pessoas que praticam o benzimento?

*Sim, eu venho de uma família onde tinham muitas pessoas, mas já partiram. Meu companheiro também pratica o benzimento e a minha filha. Foram todos iniciados, dentro da tradição. Minha mãe também. Tataravós, bisavós e avós dos dois lados da família.*

3 - Você já recorreu a benzimento em que situações e para quem?

*Nas mais diversas situações. Há um ano precisamente meu irmão do meio faleceu, foi um acidente bem abrupto. E, nesse momento, a gente recebeu a ligação e minha mãe começou a passar mal,*

começou a dar um processo de AVC nela e eu e meu companheiro só o que a gente podia fazer naquele momento foi rezar.

Então a gente começou a fazer um círculo de oração ao redor dela e foi o que segurou, porque moramos em região de mata, aqui em Bertioga, dentro da Mata Atlântica, então é uma região de roça, longe da cidade e a gente ligou para a ambulância e demoraria uns 40 minutos.

Então o que podíamos fazer era usar as ervas e a reza. E foi o que a gente fez e, graças a Deus, ela foi voltando. Isso dentre várias outras possibilidades e oportunidades já recorri. E pessoas na minha casa, com minha filha e com meu marido, de passar mal, de dor de dente, dor de barriga, de enjôo. A oração é diária aqui né? A gente tem a oração diária na nossa casa, mas benzimentos por questões de doença sempre ocorrem. Ou dentro da minha casa ou com as pessoas que me procuram também.

4 - Há quanto tempo você exerce o benzimento?

Há pouco mais de 8 anos, de forma diária. Eu aprendi com minhas avós. Fato é que eu era adolescente e não levei muito a sério e não dei sequência. Eu regresso mesmo aos 29/30 anos para esse processo, como estrutura espiritual mesmo. Como esse lugar de levar isso para as pessoas e vivenciar no meu dia a dia. Então estou com 38 anos, pouco mais de 8 anos.

5 - Me fala um pouquinho da sua avó. Você disse que sua avó te ensinou mas você era adolescente. Então como é que foi esse aprendizado?

Ah, deixa eu te mostrar eles aqui: é um quadro que me acompanha, onde tem a minha tataravó, Maria de São Pedro, que tinha a casa de reza em Sergipe, uma grande benzedeira, eu tenho as orações dela, que foram dadas pela minha tia-avó. Essa é minha bisavó, Josefa, que também me ensinou muito. Então com as duas eu tive contato direto com benzimento. Cada qual benzia da sua forma. Então vou falar um pouquinho sobre esse aprendizado com estas duas bisavós, que foi com quem tive mais proximidade de aprendizado.

A avó daqui, que é a avó Corina, é a avó das garrafadas, dos xaropes, que eu também faço. Eu trabalho com garrafadas, xaropes e melados. Então com essas duas bisavós que eu tive mais contato. Uma é de São Paulo e a outra é baiana, da região de Caririnha, que é a região do rio São Francisco, da Bahia. Então normalmente eu a visitava e tive a oportunidade de vê-la benzendo no terreiro dela, num terreno de mato, numa cidade que tem muitas plantações de Jurema e Fedegoso. São várias ervas peculiares da região, de onde meu pai e minha avó são.

Então minha avó benzia de duas formas, que eu tive a oportunidade de ver e aprender, que era com carvão e também com Fedegoso, que é uma planta cheia de espinhos e ela dizia que se não saísse com a reza, pelo menos com o espinho saía. Então as pessoas procuravam ela e uma coisa que aprendi com ela é que sempre ela benzia do lado de fora da casa. Então ela tinha um ponto, dentro do terreiro dela, onde ela tinha uma cadeira, a vela, as coisas ali de forma muito simples.

Porque a forma como aprendi o benzimento é uma forma muito, muito simples, dessas velhas que faziam ali, eu brinco que do jeito que ela estava mexendo o feijão no fogo, ela parava aquele feijão e ia benzer. Então não tinha aquelas ritualísticas como a gente, de forma contemporânea, entende que deve ser feito. Então, eu busco e prezo por essa simplicidade também. Ali está meu altar de Preto Velho, onde fica a foto deles, e é lá que eu rezo. Então é na minha cozinha, porque foi assim que eu aprendi, cozinha é lugar alquímico, lugar de magia e era onde minhas bisavós faziam os trabalhos, da cozinha pra fora.

Então uma das formas de benzer era com carvão, ela tinha fogão a lenha. Então uma pessoa chegava chamando por ela. "Dona Linda, vem benzer". E ela: tá com que? e ela sempre xingava muito as pessoas, e respondia: mas, de novo? Eu não mandei fazer não sei o quê". Ela era muito brava, não era amorosa e acolhedora. A vó Josefa já era mais acolhedora.

E ela sentava a pessoa ali e, eu brinco que na força do ódio ela tirava o capeta, doença, porque ela batia com aquele fedegoso nas pessoas e aquele espinho ia pegando e a pessoa se retorcia de dor, porque doía, tem espinho.

E a outra forma também e ali ela rezava, aquela reza no bico de passarinho, e que depois ela também me passou.

E a forma do carvão, ela tava ali mexendo a comida e quando a pessoa estava muito ruim, que minha vó falava, de quebranto, ela usava o carvão para fazer essa verificação. Então ela colocava água no copo e colocava o carvão. Se o carvão afundasse é porque a pessoa estava muito ruim. A partir disso, ela pegava um outro carvão, esperava esfriar um pouquinho e ela ia cruzando o corpo da pessoa com o carvão, para fazer as liberações através do carvão. Depois aquele carvão ela enterrava na terra, como se estivesse realmente limpando, retirando a energia da pessoa, e jogando na terra.

*Acontece que essas velhas não davam muita explicação, porque a gente de forma contemporânea, tem essa coisa de explicar tudo, o porquê do carvão, do cruzado e por aí vai. Era uma forma de visualizar as coisas que elas faziam, sem muita explicação. A gente perguntava: por que isso, vó? E ela respondia: porque sim, menina. Então não tinha esse negócio de explicação.*

*Obviamente depois, por meio dos meus estudos e da minha vivência, eu fui entendendo o que ela fazia. Mas no ato ali não era uma coisa muito pedagógica. Era uma coisa mais visual mesmo e de sentir a força delas.*

*Outra coisa que essa minha avó fazia muito, que ela falava era que espírito negativo não entrava na casa dela, porque quem mandava lá era ela. E ela usava muito a cinta para bater nas paredes.*

*Então quando ela sentia energia ruim e várias vezes dormindo com ela, porque ela fazia eu dormir com ela quando eu a visitava. Eu acordava e via ela batendo a cinta na parede. Essa era uma forma de espantar espíritos negativos, como ela gostava de falar. E quando isso não dava certo, ela pegava ainda vinagre tinto para aspergir nas paredes. Ela ia rezando e batendo o pé no chão e ir aspergindo o vinagre.*

*Eu tenho histórias de sonos aterrorizantes, na casa dela, porque você podia sentir a vibração energética, hoje eu percebo, daqueles espíritos, daquelas energias que estavam ali.*

*Eram casas antigas, casas de coronéis, minha família tinha terras nesta cidade. Então pessoas que foram beneficiadas e prejudicadas por isso. Essa minha família acabou doando em vida também, esse meu avô, sr. João Agrale, doou algumas terras que hoje é um quilombo lá na cidade do meu pai. Chama Quilombo Agrário, onde existem quilombolas e seus descendentes que moram nessa terra.*

*Anualmente eu vou até lá para poder aprender com eles as garrafadas, os xaropes e melados e também as orações. É uma coisa que eu continuo fazendo, depois dos 30 anos, e é uma forma de estar mais próxima dessa minha bisavó.*

*A bisavó aqui de São Paulo, dona Josefa, por sua vez, é sergipana, de uma energia mais cangaceira, ela é prima carnal de Maria Bonita. Por volta de 40/50 anos, ela veio para São Paulo. Então a forma de benzimento dela tinha mais a ver com faca, ela trabalhava com a energia de facas, e das ervas e das plantas. Ela tinha muitas plantas, muitas rosas, entendia muito. E um trabalho bastante com defumação, que ela usava também o carvão do fogo a lenha para fazer os benzimentos com defumação. Defumação e cachimbo, que é uma coisa que eu uso bastante. Então eu tenho um misto das duas, que foi com elas que eu tive a oportunidade de aprender. Mas tudo isso com observação, nunca me foi dito que eu ia seguir isso, mas eu tinha o interesse de olhar, de observar e tudo mais. Mas como eu era adolescente, isso foi se perdendo.*

*Fui fazer a vida, fui estudar, e isso foi se perdendo ao longo do tempo. Mas nunca saiu de mim. Até que a minha tia-avó, por parte da minha mãe, quando eu tinha 29 anos, que ficou com as orações, ela foi numa viagem ao Peru. E ela disse que eu seguiria isso. Até então ela estava com estas orações e até gerou um ciúmes na família, porque somos muitos primos, mas ela disse que gostaria e sentiu que essa minha bisavó gostaria que essa tradição continuasse através de mim.*

*E aí eu sigo então esse recomeço, encontrando a Ana Cecília Nazi, que é minha grande mestra física nesse plano, que me inicia na tradição dos bentos e benzedeadas de quilombo, que já tinha tudo a ver com a minha ancestralidade e isso foi em 2015, que eu reencontro a Ana. E aí eu falei: nossa, curso de benzimento, que interessante! Eu já estava sentindo esse movimento de regressar totalmente para esse processo da minha ancestralidade, já estava vivenciando ele, mas muito sem saber o que fazer ainda, como fazer isso de forma prática.*

*E aí a Ana Cecília aparece na minha vida e foi muito interessante porque a primeira vez que ela me benzeu, no início do curso, eu senti as minhas avós e eu chorei e fiquei muito emocionada. E aquilo pra mim foi um sim.*

*Foi interessante porque durante o curso me deu uma rinite alérgica forte e eu não podia acompanhar o curso, só no final eu fui iniciada. E daquele dia em diante eu comecei a tocar a roda de benzer, faço rodas de benzer mensais. Hoje, por conta da pandemia, é on-line. Mas eu girava roda de benzer com 150 a 200 pessoas por mês e junto com os grupos que fui formando...*

6 - Me explica um pouquinho o que é essa roda de benzer.

*Então essa roda de benzer, do momento em que fui iniciada com a Ana, eu senti que a minha forma de honrar essas velhas, como eu gosto de falar, era levar esse conhecimento e essa cura para as pessoas, através da oração.*

*Meu maior sentir, eu não vivo de benzimento para deixar isso bem claro. Eu tenho a minha profissão. O benzimento, na verdade, é uma missão espiritual, mas eu senti que eu tinha de honrar de alguma forma. E, antigamente, as pessoas iam à casa das benzedeadas. E eu senti que, de forma*

*contemporânea, eu precisava unir as pessoas a regressar para esse ofício do benzimento. E como eu poderia fazer isso?*

*Ofertando rodas de benzimento. Então eu tenho amigos queridos de espaços em São Paulo que me forneciam espaço físico para que eu pudesse abrir essas rodas de benzer. Eu divulgava pela internet e as pessoas iam, na parte da noite, para que a gente pudesse benzê-las. Então ali a gente fazia as defumações, as limpezas, as esteiras, os bate-folhas, as orações e daí por diante.*

*Então isso ocorreu até a pandemia. Quando a pandemia veio, eu já estava aqui em Bertioga, eu tenho um espaço aqui também, um hostel e um espaço terapêutico e eu comecei a abrir essas rodas de benzer aqui também em Bertioga, que fazia fila, o que muito me emocionava e muito feedback de cura das pessoas.*

*A gente teve de parar por conta da pandemia e hoje eu faço on-line através do Instagram. É um compromisso que eu tenho com elas. Além da roda mensal, a gente tá diariamente fazendo as orações pelas pessoas que nos procuram.*

*Uma vez por mês essa roda de benzer ocorre, presencial ou on-line, ela ocorre já há muitos anos.*

*Então é isso: as pessoas vêm, nos procuram, trazem as suas questões, que muitas vezes também como a minha profissão é terapeuta, a gente vai diagnosticando como questões emocionais e a gente aprofunda também. Eu falo que a benzedeira contemporânea, honrando essas velhas, tem algumas ferramentas também para poder auxiliar junto com a oração, junto com o benzimento. Algumas diretrizes que a gente pode auxiliar também.*

*Mas sempre levando em consideração essa simplicidade em benzer, sem querer enfeitar o peru, como eu gosto de falar, reconhecendo essa simplicidade que vem dessas mulheres.*

*Quando eu me reencontro com a Ana Cecília, em 2017, eu já estava girando rodas de benzer e eu a convido para fazer um curso em Brasília (DF), eu já estava dando curso de ervas, ensinando às pessoas banhos, garrafadas e xaropes e tal. Chegando lá, a vó Jandira, que é a mestra espiritual desse trabalho, que se incorpora na Ana Cecília, me procurou e me iniciou para iniciar pessoas dentro dessa tradição.*

*Então desde 2017, eu venho iniciando pessoas dentro da tradição quilombola e com muita honra me foi dada pela vó Jandira e Ana Cecília. Então as rodas de benzer começaram a crescer, porque as pessoas iniciadas por mim começaram a fazer em suas cidades. Então a gente tem roda de benzer em Brasília, Bauru, Uberlândia, Uberaba, Jundiaí, Santos, que foram as cidades que eu fui levando o benzimento e iniciando as pessoas. A gente tem roda de benzer em tudo que é canto agora. Em Brasília, inclusive, a gente tem em postos de saúde. Lá tem a minha irmã, Rose Karemi, e tem a escola de benzedeiras de Brasília. Assim como a Pamela e a Rose, a gente é muito irmã, somos muito próximas, não tem competição, muito pelo contrário, fizemos vários trabalhos juntas.*

*E aí a gente vai se encontrando aí nessas teias.*

7 - Deixa eu falar da sua avó. Você falou que a sua avó utilizava objetos. E você que objetos você utiliza?

*Utilizo vários. O objeto que eu mais utilizo é o cachimbo, por conta da tradição religiosa que eu sigo e também pela ancestralidade da minha avó, que se utilizava muito do cachimbo, as duas. A minha avó Arlinda usava rapé e minha avó Josefa usava bastante o cachimbo, e as defumações. Então o meu principal instrumento de trabalho é o cachimbo, a limpeza através do cachimbo, através do maracá (chocalho), terço, porque eu sou mariana, filha de Maria, então eu sigo essa tradição também por conta da minha avó Arlinda. Aí vai depender do caso. Se a pessoa precisa de um acolhimento, de um colinho de mãe, eu busco usar o terço, essa energia de Mãe Maria. Se a pessoa está precisando de um descarrego mais pesado, aí eu vou mais para a energia do cachimbo, que é uma energia mais telúrica, mais forte e intensa da defumação, e do maracá. Mas os 4 instrumentos mais usados por mim é a faca, o cachimbo, o maracá e o terço.*

8- Você faz alguma preparação antes do benzimento?

*Eu sempre falo no meu curso que tem o mundo ideal e o que tem para hoje. O mundo ideal é a gente fazer uma preparação. Os meus altares estão sempre acesos. São para anjo de guarda, para a ancestralidade, para a Jurema. A gente gasta uma nota preta para manter esses altares acesos, nossas firmezas. Então a oração quando chega eu já estou com meu movimento preparado, porque isso já faz parte, às segundas-feiras de limpar altar, acender velas. Já existe uma organização.*

*Mas a gente vai falar, não agora porque estamos em pandemia, mas já houve casos em que eu tive de benzer pessoas na rua. Então eu não estava com nada ali.*

*Eu estava no metrô e uma moça começou a chorar, assim copiosamente, e eu estava dentro do metrô e uma das entidades com quem trabalho começou a falar assim: fala com a moça!. E eu não queria falar, e a entidade dizia: fala com a moça! e eu dizia, não vou falar. Como que eu ia falar com a moça, do nada, dentro do metrô de São Paulo?*

*Aí a moça virou para mim e, eu sempre me emociono, pediu um abraço. E eu pensei: não acredito que vocês fizeram isso!.*

*Aí eu falei para ela: Você aceita um benzimento? E aí a gente desceu na estação da Sé e eu falo que quando a gente vai benzer parece que abre um portal. Daí eu fui rezar ela e no final ela agradeceu. Eu sempre ando com meu terço na bolsa, com duas coisas, a minha faca e o meu terço. E depois que eu a benzi ela agradeceu e disse que estava a ponto de se jogar, né? Ela ia se matar. Então eu não tinha me preparado, mas a preparação vem da espiritualidade. Eu entendo que existe a preparação no físico no mundo ideal e aí foi um grande aprendizado, de sempre manter tudo preparado, as minhas velas acesas, as minhas firmezas, para que no momento necessário eu esteja também respaldada.*

*Eu não acredito que na hora que a gente seja solicitada, não estejamos também sendo cuidadas. Eu acredito muito na espiritualidade que me guia, então eu não tenho medo. Não é que eu seja peito de ferro, a mulher maravilha, mas eu sinto no meu corpo que estou protegida, não estou aberta como dizem. Nunca fiquei carregada, já fiz vários processos de desobsessão, já vi pessoas arrancarem roupa na minha frente, arrancarem cabelo, desmaiarem. Então muitas coisas já aconteceram, de tirar demônio de fato e eu nunca fiquei com nada. Eu sempre saí de pé dos benzimentos que realizei, de coisas muito pesadas e intensas. Eu confio muito nessa egrégora, nessa força que caminha comigo.*

9 - Você me disse que não tem lugar específico, que você benze na sua cozinha. Sua avó benzia no quintal.

*Aqui no espaço eu tenho um lugar próprio para o benzimento, que é um espaço de cima, ou no jardim. Eu faço os benzimentos na cozinha para minha família. A mesa da cozinha é a mesa da oração, porque é o que eu acredito. Mas quando as pessoas vêm de fora, eu benzo no jardim ou no espaço de cima, próprio que a gente tem para isso. Minha avó fala, o espaço cruzado.*

*Benzo também na mata, na natureza, porque a gente faz trabalhos na natureza. Quando a gente leva nossos clientes para fazer trabalhos e vivências na natureza, o benzimento também ocorre dentro da mata.*

10 - Você frequenta alguma religião?

*Sim, eu sou juremeira de tradição, Jurema Sagrada, Catimbó da Jurema, que é uma religião tradicionalmente brasileira, nascida nas aldeias indígenas do Nordeste do país. Então a gente comunga com a força da Jurema, como bebida, como vinho sagrado para acesso a nosso ancestral, que é muito legal porque tem tudo a ver com o maracá e o cachimbo, que era o que eu fazia. Quando eu entro na Jurema, me reencontro, também como um rito religioso. Então essa é a minha tradição hoje.*

*Eu sou sementada na Jurema, que tem alguns ritos a serem feitos e respeitados e o próximo passo agora é a consagração, que farei agora em outubro. É um processo de você receber totalmente todas as entidades, que fazem parte da minha ancestralidade.*

11 - As pessoas que procuram o benzimento o fazem por quais motivos?

*Dentro da minha experiência, e eu falo muito isso para meus alunos também, 95% das pessoas que procuram o benzimento são por questões emocionais. Elas vêm por uma questão física muitas vezes, seja uma dor, uma doença, mas em geral essas doenças estão ligadas a processos emocionais. Mas o meu público é muito mais por questões emocionais, do que propriamente físicas. Então diariamente eu rezo muito mais por pessoas em processos de ansiedade, depressão, síndrome do pânico, pessoas que estão surtando, pessoas com términos de relacionamento, problemas financeiros, muito mais ligado ao que tange no emocional, do que propriamente demandas espirituais. Desse 100%, demandas espirituais são 2%, ou seja, pessoas com processos obsessivos. É mais o processo de acolhimento.*

12 - Elas normalmente têm alguma religião? Você pergunta?

*Olha, eu não faço esse processo investigativo, a única coisa que eu pergunto é se há autorização, quando um terceiro busca o benzimento, eu digo que preciso da autorização da pessoa que vai ser benzida. Porque eu entendo que se a gente entra no campo do outro sem autorização, ao invés de estar fazendo um bem, na verdade está fazendo mal. Até porque eu sinto o benzimento como algo*

*universalista, sem ligação com dogmas religiosos. Então quando eu benzo uma pessoa eu vou benzer com as próprias entidades e rituais que ressoam com ela. Então muitas pessoas eu benzo só com as mãos ou com um pouco de água, com rosas. Eu gosto muito de cantar nos meus benzimentos também. Então eu faço benzimentos às vezes trazendo um canto, um canto rezado. Eu acho que isso toca muito as pessoas. Gosto muito do contato, estou sentindo muita falta disso, porque a minha forma de benzer é de bastante acolhimento, de abraço, de beijar a testa, enfim de falar ao pé do ouvido, porque eu sinto essa aproximação. Peço licença ao consulente, porque vou tocá-lo, mas sem invadir o corpo do outro, mas normalmente tem bastante recíproca.*

13 - É interessante porque você diz que não tem preparação, mas tem uma preparação bastante grande.

*Sim, de certa forma sim. É, porque é o diário, é a preparação do diário.*

14 - Você falou muito da faca, mas tem um ritual específico que você usa? Tipo olha, eu vou começar assim, fazer assim.

*Tem, tem algumas ritualísticas, principalmente quando eu abro a roda de benzer, que é criar um altar sempre com os quatro elementos, terra, fogo, água e ar, representados pelas velas, pelas ervas, uma pedra, uma pena, defumação. Os 4 elementos que fazem parte da nossa tradição quilombola, que é trabalhar com a natureza. O quilombola não tinha o terço, então o elemento com que trabalhava era o elemento da natureza. Depois vêm os objetos: os terços, as facas, as outras coisas que a gente utiliza. Ao centro, levo também o quadrinho dos meus ancestrais para a roda e aí fazemos nossas orações católicas, Pai-Nosso, Ave Maria, Credo e Salve Rainha.*

*Eu abro o círculo dessa forma, pedindo proteção para todos, conexão com nossos mentores, guardiões, anjos de guarda, e aí só então eu faço a abertura da roda. Então sim existe uma ritualística, existe algo que eu gosto muito de fazer e falar que é o cruzado. Todos os objetos que a gente utiliza, antes de trabalhar nós vamos cruzá-los, que é o cruzado Norte, Sul, Leste e Oeste, terra, água, fogo e ar.*

*A reza: Tá rezado e tá cruzado em nome de Deus e de Nossa Senhora;*

*Tá rezado e tá cruzado em nome de Deus e de Nossa Senhora;*

*Tá rezado e tá cruzado em nome de Deus e de Nossa Senhora;*

*Rezado e cruzado está na paz de Deus ficará.*

*É uma forma de a gente ativar nossos instrumentos para poder usá-los nas pessoas. É como se eu estivesse dando um comando para aquele instrumento e pra mim também para que naquele momento eu seja e esteja para servir o campo do outro.*

*Tem bastante ritualística quando eu abro a roda de benzer: defumação na casa antes e depois, os bentos que vêm auxiliar na roda têm que fazer banho de ervas antes, eu também faço, o meu companheiro faz também. Depois também precisa ser tomado banho, eles se benzem no final da roda e, no final, uma entidade minha vem para limpar todo o espaço. E aqueles que ficaram de certa forma mais debilitados. Normalmente não os bentos, mas os consulentes.*

15 - Então você está falando que você utiliza nesse benzimento mediunidade?

*Eu utilizo somente no final, não durante o trabalho. Então com o consulente eu não faço incorporação. A não ser quando a pessoa precisa de cirurgia espiritual. Eu tenho uma entidade, chamado seu Zé da Peixeira, que é um mestre da Jurema e trabalha com cirurgias. Quando a pessoa precisa de cirurgia, eu faço toda a roda de benzer, as pessoas vão embora e aí, no momento, é feita essa cirurgia de uma forma organizada, fora da roda de benzer. Na roda de benzer, na minha percepção, não entra incorporação, é o bento com o consulente. Eu brinco que o benzimento é o PS, Pronto-Socorro espiritual, e aí se precisar de cirurgia, a gente vai lidar com os mestres que sabem trabalhar com isso.*

16 - Você cobra pelo benzimento?

*Não cobro, de forma alguma. A única coisa que é cobrado são os cursos, por uma questão do espaço, enfim o material didático. Quando a pessoa quer participar do curso, isso é cobrado. O que a gente pede aqui é que a gente ajuda uma aldeia indígena aqui, que chama rio da Silveira, que é bastante precária, bastante carente. Então a gente tem um grupo de benzedeadas, que a gente faz arrecadação de alimentos, não só pra ela, mas também para outras pessoas, principalmente nesse momento. Então*

*o que a gente pede, não de forma obrigatória, é um quilo de alimento nas nossas rodas de benzer, para que possamos ajudar outras famílias. Acho que é uma troca justa, mas não a nível financeiro. Esse alimento não fica para nós, mas é doado para as famílias. Seja um agasalho, um alimento não perecível e aí o nosso grupo de Bertiooga, que eu tenho um grupo lindíssimo de benzimento, supercomprometido, superamoroso, de se dispor a ir às casas, às comunidades, nas mães-solo, vai fazer essas entregas. A gente arrecada, separa, etiqueta e leva para essas pessoas. É isso que a gente pede para aqueles que puderem.*

17 - O que te leva a fazer esse benzimento?

*Elas, a minha ancestralidade. Tudo que eu faço a minha ancestralidade está inserida. Todos os trabalhos, vou te dizer que o meu PhD espiritual é de ancestralidade, porque a honra que eu sinto, o amor, a profundidade de servir essa ancestralidade é muito grande, é muito verdadeira, vem da minha alma, assim. Então, às vezes a gente fala que quer desistir do humano, porque o humano tem também essa faceta de não se autorresponsabilizar pelas próprias questões e muitas pessoas que passam pelo processo de benzimento, eles trazem esse traço, de só querer receber, de não querer se responsabilizar, de não perceber que tem de mudar algumas atitudes e pensamentos, para que ele também eleve a sua consciência espiritual. Mas quando eu vejo isso e vem esse lugar de dor, eu falo: mas não é por ele, é por elas!. É uma forma de dar continuidade à minha ancestralidade, porque eu também quero ser essa ancestral para minha família, pra sociedade, pra vida. Eu sempre penso que tipo de ancestral eu quero ser, o que quero deixar. Aí então eu respiro e continuo a nadar. Às vezes é difícil mesmo, as pessoas têm esse processo de ingratidão, de não responsabilidade mas eu não vou dizer que é pelo outro não, é pela minha ancestralidade. Essa é a realidade.*

18 - Você gostaria de comentar alguma coisa sobre o processo de benzimento?

*Então, pra mim o processo de benzimento é de entrega. Quando a gente entra no campo do consulente, naquele momento você se entrega totalmente para que a espiritualidade te imbua de insights e percepções para que você possa auxiliar o outro. E é muito linda a fusão que a gente sente nesse ato. É muito humano e divino ao mesmo tempo. Você se dissolve naquele processo e, de fato, sair do ego. Eu falo para as pessoas, que não vá com a ideia de que você vai curar, vai resolver, mas vá com a ideia de que está servindo. Tem uma benzedeira, dona Célia, que ela fala: Lá em cima, quem cura é Deus, aqui embaixo quem reza sou eu!*

*Isso fala muito ao meu coração. Como eu aprendo com essas velhas! Esse lugar de humildade, de ser simplesmente um canal de conexão com esse divino. E aí se a pessoa vai melhorar, vai ser curada, tá no seu merecimento, está em tantas variáveis, que eu só me ponho à disposição. Algumas pessoas, eu tenho muita facilidade de trabalhar com mulheres grávidas, então eu consigo saber o sexo do bebê, consigo saber se ela tá grávida, se vai abortar. Isso vem da minha avó Arlinda, que também foi parteira. Então esse é um dom dentro do benzimento, que é trabalhar com essa energia da mulher grávida. E como é que você sabe, Raquel? Eu não sei, porque eu não vou pensando que eu preciso saber. Como eu te falei, eu abro meu coração e entrego à disposição daquele movimento e as coisas só se apresentam. Recentemente toquei numa moça, nem ela sabia que estava grávida, e disse a ela que estava grávida. Ela falou que estava com muito medo de estar, eu falei que ela ia perder o bebê, que ia ser rápido e, dali a 3 dias, ela de fato perdeu. Não são coisas muito legais de falar, normalmente eu não falo, mas nesse caso eu precisava, primeiro porque ela estava grávida e segundo porque ela ia passar por um processo de aborto.*

*Então é isso. O que eu poderia dizer sobre a dinâmica de benzer é a entrega.*

19 - Em que momentos o benzimento se fez presente em sua vida de forma marcante? Você falou do episódio do metrô.

*Na verdade tem vários, mas tem um que é bem marcante mesmo. Foi aniversário da minha sogra, eu morava bem pertinho, mas eu não tinha nada de instrumento comigo. E uma amiga muito amada pela minha sogra e por mim, velha claro, negra maravilhosa, ela teve processo de AVC. Ela ficou sem a fala, em cadeira de rodas, e estavam todos cantando parabéns e ela ainda estava na fase das convulsões. Era um salão grande e ela estava no fundo, na cadeira de rodas e eu ao lado dela. E ela começou a ter convulsão e as pessoas não estavam ouvindo meus gritos.*

*Aí, bom, a única coisa que me restou foi jogar ela dentro de uma sala e comecei a rezar ela. Daí ela foi vomitando, vomitando. A única coisa que eu vi pela frente foi um antúrio. Eu passei a mão nesse antúrio e comecei a passar nela e rezando, rezando e ela começou a voltar. Eu estava desesperada, mas, ao*

*mesmo tempo, é interessante, eu estava desesperada com aquilo que estava acontecendo mas ao mesmo tempo, com muita fé que com aquele benzimento ela poderia voltar sem graves consequências. E de fato foi o que ocorreu. Então quando eu sou posta diante de uma situação como essa, ou como outras que eu já vivi, né, como uma pessoa arrancar a roupa e querer sair do centro do círculo, ela ficou possuída numa roda de benzimento, e aí eu grudei ela por trás e trouxe ela pra dentro do meu corpo e comecei a rezar em cima da cabeça dela, até que ela desmaiou nos meus braços. E as pessoas muito impressionadas. Então é como se minha atitude num momento como esse fosse só confiar. E eu já fui muito testada nesses vários processos que eu passei muito na confiança assim. De obsessor dar pulo e eu ter de segurar no meio das pernas e ficar com as pernas roxas, para que a moça não se machucasse. Eles ficam muito fortes e ela começou a dar pulos e saltar pra trás. Eu falo que tem muito a ver com minha ancestralidade, porque minha avó Arlinda tirava os espíritos com a cinta. Então a pessoa que tem uma ancestralidade dessa vai pegar o quê? Só uns negócios pesados. Por isso que eu falo, é um lugar de muita confiança. Quando eu falo isso para os meus alunos, eles se apavoram perguntando se vai acontecer com eles. Eu respondo que eu acredito que Deus só dá o fardo que eles podem carregar. Assim, só vai acontecer com a gente, aquilo que a gente tem possibilidade de dar conta. E se não der muitas vezes eu entrego e peço ajuda. E, graças a Deus, as ajudas sempre chegam.*

20 - O que significa na sua vida ser benzedeira?

*Olha, eu não sei te falar o que é ser benzedeira, porque ser benzedeira é ser Raquel. Eu não consigo ter essa separação: eu sou benzedeira, eu sou Raquel. Se eu pudesse viver só do benzimento e não precisasse fazer mais nada, no sentido de ganhar dinheiro, é o que eu quero fazer. Eu digo que quero ficar velha, porque aí eu vou estar encaixada, eu tenho muita tranquilidade em envelhecer porque eu tô muito no meu lugar, então eu não consigo separar o que é ser benzedeira. Pra mim ser benzedeira é diário, é o que eu sou, é o que eu escolhi ser. Não é um estado, é o ser. Então eu não posso te dizer em palavras o que é ser benzedeira, porque eu diria: é a Raquel, essas velhas que estão dentro de mim. Verdadeiramente falando, eu sinto isso.*

21 - Me fala como é que você passou esse benzimento para sua filha?

*A Maria Júlia acompanha tudo desde sempre, as rodas de benzer aqui, ela é uma menina linda, perspicaz, inteligente, e ela me pediu, não foi uma coisa que eu forcei nem nada. Ela me falou: ah, mamãe, eu também queria um terço desse, um pouquinho menor, ela devia ter uns 7 anos e agora está com 11. Daí eu perguntei o que ela achava de eu iniciá-la e ela quis de bom grado, é uma menina bastante intuitiva. A gente contratou uma moça para limpar a casa e ela não gostou da energia dela, que era pesada, e de fato a gente descobriu que ela apanhava do marido, tinha várias questões envolvidas com bebida. Foi muito interessante porque isso foi depois. Então ela é uma menina bastante intuitiva e foi um desejo dela. Eu tenho um livro, que é um grimório, em que eu guardo as minhas orações e as intuições que chegam, e que vai ficar para ela.*

*Eu falo muito isso nos meus trabalhos, que é o quanto essas orações tão lindas de cura foram para o caixão, muito porque não tinha para quem passar, como eu, por exemplo, quando adolescente, não queria muito saber. Então a minha ideia é escrever para que isso perdure para as gerações futuras. Então as orações dela estão lá, as que eu recebo também e o que vai chegando eu vou escrevendo para ter esse livro de sequência.*

22 - E esse livro é só para quem benze ou você abre para outras pessoas?

*Para quem precisar. Eu sinto que a gente precisa desmistificar essa ideia e aí eu respeito como era feito, porque devemos respeitar o tradicional, mas eu sinto que agora a gente não pode se prender a isso, se fechar em copas, porque está todo mundo precisando. Ontem mesmo, uma moça me ligou dizendo que teve um ataque, estava com os olhos fechados e não conseguia dirigir o carro. Eu pedi para ela ficar calma e gravei uma oração, que era uma oração da minha tataravó, que ela ia ficar bem. E, de fato, gravei imediatamente a oração e passei para ela.*

*Então se você precisar nesse momento de uma oração, eu vou te passar todas as orações que você precisar. A oração diz o seguinte:*

*São Bento, na água benta, Jesus Cristo no altar;  
Quem estiver no meio do meu caminho, que se arrede, deixe eu passar;*

*São Bento, na água benta, Jesus Cristo no altar;  
 Quem estiver no meio do meu caminho, que se arrede, deixe eu passar;  
 A cada solto, a cada descuido;  
 São Bento, na água benta, Jesus Cristo no altar;  
 Porque eu creio em Jesus e seus santos;  
 Que nada me ofenderá, a mim e à minha família  
 e a tudo que eu criar;  
 Tá rezado, tá cruzado, em nome de Deus e Nossa Senhora.*

*E aí gravei para ela, chegou para ela, e pôs o áudio e dali um pouquinho ela me mandou mensagem, dizendo que estava um pouco melhor.*

*E aí eu vou te mandar banho, isso pra mim é bem tranquilo e aí pega só naquela questão que eu disse da autorresponsabilidade, de a pessoa de fato se comprometer. Eu digo que se você fizer e se comprometer, o resultado vai chegar.*

*Não usar as benzedoras também como forma de descarga, descarga de lixo pura e simplesmente. Tem pessoas que eu vou acompanhando e também tem um momento que eu dou um limite. E digo à pessoa que a partir dali ela tem de reconhecer os próprios processos, principalmente quando é muito emocional, para que você dê conta. Porque até os processos espirituais também têm um consentimento. Eu entendo que há um consentimento interno de certa forma para a gente permitir. Qual é o consentimento? Eu não estou fazendo o meu bloqueio de forma correta, não estou fechando meu campo de forma correta para possibilitar que tantas coisas ruins que estão chegando. Tudo tem a ver com a gente no final.*

22 - Se você me permitir, eu gostaria de colocar esse quadrinho no meu trabalho.

*Claro, das minhas velhas, muito orgulho dessas velhas. Onde eu vou quando eu viajo eles vão junto. Agradeço pela oportunidade.*

## **Entrevistas Benzidos ou Bentos**

### **Benzido - BB1**

Frequenta / realiza práticas religiosas?

*R: Sim*

Na família existem pessoas que praticam o benzimento?

*R: No momento não, mas minha avó materna benzia em casa tanto criança quanto adulto, era muita gente. Ela tinha o ritual da tesoura para cortar alguma coisa, e às vezes também colocava o copo de água virado em uma toalha na cabeça para tirar, o que ela falava mesmo que era para tirar, acho quer o excesso de calor ou mal-estar, não lembro direito.*

Já Recorreu a Benzimento? Em que situações? Para quem?

*R: Vários. Eu tinha uma pessoa que faleceu há pouco tempo, que foi uma grande amiga para mim. Ela morava no mesmo local, na mesma rua. Isso ocorreu várias vezes com as crianças, dá um conforto emocional e espiritual para a gente que não tem medida. Para meus filhos, e até para mim quando a gente dá uma caída. Mas conheci várias ao longo da minha vida, muito boas, agora que não tem mais nada.*

Você conhece alguém que benze?

*R: Hoje não conheço ninguém que benze, só a dona Augusta que eu lembro, mas ela não tem hábito de atendimento. Porque minha avó tinha casa aberta e recebia um monte de gente todo dia o tempo todo, e a dona Augusta é mais restrita.*

Qual a primeira lembrança que tem quando falamos de benzimento?

*R: Infância. Olha não que lembre direito E também aos seis anos, já fui desenganada três vezes por causa de bronquite até os seis anos. Isso era comum na época, os médicos falavam leva para casa que não tinha mais jeito. Minha mãe e meu pai recorreram muito a benzimento, e eu curei, que não pego nem gripe hoje em dia.*

Quando foi a primeira vez que procurou uma benzedeira?

*R: Quando criança, com seis anos de idade.*

O que te levou a procurar um benzimento?

*R: Quando criança, já fui desenganada três vezes por causa de bronquite. Os médicos falavam leva para casa que não tem mais jeito. Minha mãe e meu pai recorreram muito a benzimento, e eu curei.*

Durante o benzimento existiu a utilização de algum objeto específico?

*R: não assim, não tá falando só de católico não, já passei por vários tipos de benzimento, uma delas foi a cabala. Eles fazem um ritual com uma estrela no chão, colocam velas, aquilo também me salvou, eu senti na hora minha inflamação secar, sem falar o que eu tinha. A pessoa falou você foi trazida aqui pra que? Eu não queria falar o que era, simplesmente falei que tinha ido lá para acompanhar uma pessoa, mas não foi bem isso rsrsrs. E também tive um problema sério de tireoide, o médico me mandou para o iodo e eu não fui, porque eu tenho três cunhadas que passaram por isso e não vejo coisa boa nelas e ficaram todas com sequelas, meio problemáticas. Por isso, eu fui para a benzedeira M. e ela resolveu com cromoterapia, e Reik, na época também eu fazia a cabala. Eu acho essas pessoas maravilhosas, também já frequentei alguns anos atrás o Núcleo Espírita Segue A Jesus, quando era na casa verde. E também tem o outro que te falei vejo o nome depois e te falo, local onde estava frequentando antes da pandemia, um lugar maravilhoso inclusive estava fazendo um curso que é para você aprender como que foi feito o evangelho e achei maravilhoso. Tem um senhor lá, chamado Mo, um homem de idade tão próspero, que passa uma energia tão boa pra gente. Ele fala sem ser arrogância, sem querer ser melhor do que o outro e você entende o que ele tá falando, porque eu não tenho muita paciência para leitura, acho meio cansativo, meio confuso ficar lendo, muito tempo que quero fazer o curso, comecei parei, é um curso para aprender como foi feito o evangelho, assim com palavreado comum.*

Há algum lugar que você procura para o benzimento?

*R: Na Márcia, não consigo lembrar o nome do local no momento.*

A benzedeira que procura tem alguma religião?

*R: Da minha infância entendendo era tudo católica, agora são todas espíritas, como Alan Kardec.*

O que te levou a procurar o benzimento?

*R:*

Existiu algum tipo de cobrança pelo benzimento?

*R: Nenhuma cobrança.*

Com que frequência busca a benzedeira?

*R: quando está tudo funcionando normalmente eu gosto de ir semanalmente, eu gosto de participar das palestras.*

Gostaria de comentar algo sobre o processo do benzimento?

*R: eu já frequentei alguns vou falar mais deste atual. gosto muito do centro umbanda cinco estrelas, eles têm o dia da gira deles, mas eu gosto de frequentar o dia da cura. Eu acho um pessoal muito dedicado, e você ver um resultado imediato. E é tudo em imposição das mãos com lâmpadas coloridas, o Reik e cromoterapia. O acolhimento é muito bom, isso é o que vale em tudo aonde você vai.*

O que o benzimento representa na sua vida?

*R: Representa uma ajuda muito grande do universo, porque a gente fica meio perdida e não tem nenhum motivo para aquilo, mas a gente fica não sabe nem o porquê isso. E isso centraliza a gente, coloca a gente no eixo de novo. Por isso que eu falo, de acordo como a pessoa faz o acolhimento ela já consegue te estabilizar.*

Em que momentos de sua vida o Benzimento se fez presente de uma forma marcante.

*R: Várias vezes. Diversas vezes. Quando eu tive meus filhos, isso foi um ponto de apoio enorme. Eu morava longe de todo mundo, por um lado graças a Deus e fiz muitos amigos. Eu tive sorte tive vários amigos. Você precisa de uma sustentação. Você precisa ter essa válvula de Escape E, às vezes, quando você está muito cansado e não sabe o porquê, é nesses lugares que você consegue se equilibrar. Tem um monte de coisa, eu lembro de quando eu era jovem, eu fui com uma amiga ler borra de café. No momento meu interesse, era saber sobre o meu pai, porque eu só pensava nisso, porque é uma pessoa desaparecida. Mas, chegando lá, não lembro nem o que a pessoa me falou sobre o meu pai, deve ter falado que está vivo, porque todos falam isso. Mas, ela leu que eu não queria ter filhos, eu não lembro se eu já era casada me casei em 83, mas eu não lembro, não lembro se era antes ou depois mas acho q já era casada pra ela falar isso. e eu realmente não queria ter filhos, por causa da situação do meu pai, Mas, ela falou que eu teria uma menina, mas se você se permitir você vai ter um menino. Por causa da minha vergonha rrsrrs, acabei deixando as pílulas dentro da gavetinha, porque eu arranjei uma empregada novinha, com vergonha da menina guardei, ai nisso deixei de tomar a pílula na hora certa, é obvio, penso q talvez tenha sido isso, não sei, Pra mim foi um desastre ecológico ao saber que estava grávida, não tem noção nossa senhora, fiquei totalmente perdida. Passou várias coisas na minha cabeça, que decisões eu teria que tomar, tudo passou pela minha cabeça eeee. Só que depois de 10 anos, eu resolvi ter um filho, e eu tinha certeza de que era homem e era homem mesmo. E eu nunca esqueci isso, nunca saiu da minha cabeça. Ela falou assim carinhosamente, mas ela falou você vai ter. Minha primeira filha nasceu em 1986, e meu segundo filho em 1996. então isso nunca saiu da minha cabeça, quando eu resolvi que teria ter um filho, tinha certeza que seria um menino, tem coisa na minha vida assim. que Eu presto muita atenção nas coisas, eu não sou muito de ficar estudando, em cima dos livros, tem coisas que são muito complicadas, não tenho paciência, mas eu gosto muito de palestra, gosto muito de absorver isso na conversa eu acho isso muito gratificante e em várias etapas da minha vida eu aprendi muito por causa disso.*

*Digo para as pessoas procurem, porque elas só têm mania de reclamar, cada um tem que buscar. Tem Deus para ajudar a gente, mas também tem que correr. Não pode ser preconceituosa, eu vou em qualquer igreja que me convidam, qualquer religião, eu retorno se gostei, se não gostei não retorno. Tem lugar que eu acho que é muita ostentação, um querendo aparecer mais que o outro. E o acolhimento é igual para todo mundo. Fiquei uma vez decepcionada com a igreja católica, fiquei bem decepcionada, o que faz o lugar é a pessoa, não é o lugar, pode ser chique, pode ser humilde, porque eu estava com meu vestido de noiva e na minha época lá eu queria doar para alguém que não tivesse condição utilizar, e eu presenciei a seguinte cena: Fui na igreja de São Judas, morava lá, exatamente em Diadema, lá era mais perto. Na minha época era a igreja que as pessoas queriam casar, eu casei lá também por sinal. Quando cheguei lá para doar, chegou um rapaz com uma mulher com uma barriga enorme e duas crianças pequenas. E ele pediu, eu quero um abrigo para essa noite para meus filhos e para a minha esposa, porque eles vinham sei lá da onde,, falou pra mim não precisa somente pra eles, só essa noite, e falaram para ele, que ele tinha que procurar a paróquia da região dele. Paróquia é qualquer uma onde vc estiver, agora o cara sai lá da Bahia e ele tem q procurar a sua paróquia, vai se danar, ah eu sou bem clara. Eu fiquei muito decepcionada eu gosto muito de ajudar as pessoas, mas gosto de ajudar assim de uma forma que eu vejo resultado, entendeu, tem muito lugar que pega as coisas, mas também não distribui nada, então assim eu gosto muito de verificar isso. Você buscou auxílio de profissionais da área médica em conjunto com o benzimento?*

*R: A área médica na minha época era uma decepção na minha, quando eu fui no médico porque achei que estava com suspeita de câncer de mama, porque deu esse negócio aí, lá no pão de açúcar e muita gente tinha, pensei estou com esse negócio aí, porque não é possível, começou a doer meu peito, de tal forma, , aí não fui no ginecologista que estava acostumada, fui em um outro, , marquei primeiro, aí pedi exame de sangue, rindo da minha cara, porque pediu exame de sangue dizendo que estava grávida. Não foi humana entendeu. Ela foi bem desagradável. Já procurei psiquiatra por causa do assunto do meu pai, e também não me deram respaldo, pensei que iria enlouquecer, porque aquilo não saía da minha cabeça, mas eu consegui, em 89. Quando foi em 1989, eu tive uma crise muito forte aí eu pedi pra Deus tirar tudo da minha mente, e eu consegui, saiu, não penso mais nisso, mas antes me torturava dia e noite, , mas passou, tudo passa, mas sabe tem coisa que acontece na vida da gente e a gente não se toca, meu pai desapareceu em fevereiro de 73, pessoal fala da ditadura, ditadura, acho q ditadura ótima porque as coisas eram tudo em ordem, agora é uma bagunça total,, eu não me adapto a ver tanta coisa errada hoje em dia, eu não me adapto a ver tanta coisa errada hoje em dia, não acho isso normal, não sou preconceituosa, não estou falando de preconceito to falando de vandalismo mesmo, de falta de respeito, de um achar que pode agredir o outro, que pode tudo, não pode nada, cada um tem que ter respeito, independente do lugar que você está, então pra mim isso é fundamental. E eu acho que no momento que sai pra procurar emprego, sai arrumei emprego sozinha e fui trabalhar, foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Por que eu tive que primeiro ficar cuidando dos meus irmãos menores quando minha mãe foi trabalhar, meu irmão mais velho, também fez 14 naquele ano, arranjou uma vaga lá em parente, numa tapeçaria, depois ele foi trabalhar em outro local, mais eu fiquei com os dois menores, o menor não tinha nem dois anos e o outro é dois anos mais novo que eu, eu fiquei cuidando de casa e deles, aí quando o mais novo fez cinco anos pra ir pra escola, eu me libertei, e fui trabalhar, adorava trabalhar, detestava o fim de semana, detestava. O pessoal na segunda vinha tudo com unha pintada, cabelo arrumado, tudo né? Eu não vinha toda destruída mesmo de tanto trabalhar, mas não é pelo trabalhar, trabalhar eu gosto, é de ouvir reclamação, então ao invés de ficar reclamando busque., entendeu tem vários lugares para buscar. em vez de reclamar.*

Você pretende recorrer novamente a benzimento?

*R: Com certeza, o tempo todo. Só de você ir ao local, e ouvir uma palestra já engrandece muito.*

## **Benzido - BB2**

Frequenta / realiza práticas religiosas?

*Esporadicamente*

Na família existem pessoas que praticam o benzimento?

*Sim, minha mãe*

Já Recorreu a Benzimento? Em que situações? Para Quem?

*Várias, para os meus filhos*

*Me lembro quando as crianças não dormiam bem crise de vômitos indisposição.*

Você conhece alguém que benze?

*Conheço, minha mãe, está tão perto.*

Qual a primeira lembrança que tem quando falamos de benzimento?

*Primeira lembrança é de quando eu era pequena, minha mãe nos lembrava na dona brasilina., ela tinha um entro espírita e era uma benzedeira.*

Quando foi a primeira vez que procurou uma benzedeira?

*Quando meu filho Leonardo que hoje tem 35 anos ele era bebê vomitava, e nem o leite materno.*

O que te levou a procurar um benzimento?

*Acreditar que teria uma solução.*

Durante o benzimento existiu a utilização de algum objeto específico?

*Não me recordo.*

A benzedeira te solicitou algum preparo para o benzimento?

*Não.*

Há algum lugar que você procura para o benzimento?

*Hoje não.*

A benzedeira que procura tem alguma religião?

*Recorro a minha mãe, é espírita, tua mãe benze? Sim*

O que te levou a procurar o benzimento?

*Eu acredito que a fé e o relato das pessoas mais antigas, é um relato de sucesso.*

Existiu algum tipo de cobrança pelo benzimento?

*Não.*

Com que frequência busca a benzedeira?

*Busco minha mãe quando sabe de algum mal-estar sempre pede para ela benzer, frequente, eu achava que não, esta tão perto que até esquece que procura e com frequência*

Gostaria de comentar algo sobre o processo do benzimento?

*Essa primeira vez que lembrei meu filho no benzimento, ela era idosa, segurou ele de cabeça pra baixo, e bateu na sola do pé, e ela com muita facilidade, bateu no pé disse que ele estava com buxo virado e tirou com mão, o menino voltou pra casa mamando.*

O que o benzimento representa na sua vida?

*Alternativa de tratamento.*

Em que momentos de sua vida o Benzimento se fez presente de uma forma marcante?

*Pensa aqui, penso q todas as vezes q eu recorri levar meus filhos para benzer foi marcante porque obtive resultados na grande maioria das vezes.*

Atualmente o que o leva ou levou a buscar benzedeadas?

*Desconforto q a medicina não dá conta.*

Você buscou auxílio de profissionais da área médica em conjunto com o benzimento?

*Sim.*

Você pretende recorrer novamente a benzimento?

*Sim.*

*Eu penso q o benzimento além de uma alternativa espiritual, ele tem algumas questões, no caso de colocar o buxo virado, na verdade, quando ela tem o procedimento de colocar a coluna no lugar o aparelho digestório no lugar, tem um respaldo de colocar, no lugar é físico, tem questões físicas biológicas.*

### **Benzido - BB3**

Possui Religião?

*Fui educado na religião Católica, passei pelo candomblé e tenho simpatia muito grande, uma inclinação pelo candomblé*

Frequenta / realiza práticas religiosas?

*Eventualmente*

Na família existem pessoas que praticam o benzimento?

*Na minha família, não, que eu saiba não*

Já Recorreu a Benzimento? Em que situações? Para Quem?

*Várias vezes, em todas as situações*

*Várias vezes, todas mal-estar, desanimo, febre, desemprego, nas mais diversas razões eu procurei esse recurso do benzimento. Irmãos filhos netos, mãe, amigos*

Você conhece alguém que benze?

*Conheço*

Qual a primeira lembrança que tem quando falamos de benzimento?

*Tenho uma lembrança aos meus 10 anos, meus 10 anos, minha primeira infância, é o q lembro e minha mãe levando para benzedura, benzimento, lembro de um irmão falecido, ele começou com febre diarreia, foi ficando desidratado, lembrando ai atribuíram o problema dele a inveja, quebrante, ai minha mãe recorreu ao benzimento.*

Quando foi a primeira vez que procurou uma benzedeira?

*Não tenho essa lembrança de quando procurei benzimento, me lembro que procurei benzimento para o meu neto, ai eu lembro que eu procurei, ele tem sete anos hoje e quando ele nasceu ele era muito inquieto, chorava direto, depois descobrimos que o leite materno não estava sustentando, ele era muito magrinho, ao invés de ganhar peso ele estava perdendo peso, no momento em que estávamos buscando uma solução, descobrimos que o leite não estava sustentando ele, levei em uma benzedeira.*

O que te levou a procurar um benzimento?

*Ele tem sete anos hoje e quando ele nasceu ele era muito inquieto e ele chorava direto, depois viemos a descobrir, que o leite materno não sustentava, ai procurei a benzedeira e levei*

Durante o benzimento existiu a utilização de algum objeto específico?

*Erva*

A benzedeira te solicitou algum preparo para o benzimento?

*Não*

Há algum lugar que você procura para o benzimento?

*Que eu procure não*

A benzedeira que procura tem alguma religião?

O que te levou a procurar o benzimento?

Existiu algum tipo de cobrança pelo benzimento?

*Não*

Com que frequência busca a benzedeira?

*Com que frequência, hoje não procuro por benzimento, mas visito alguns locais que a prática é comum. Mas eu não procuro benzimento específico neste local*

Gostaria de comentar algo sobre o processo do benzimento?

*Talvez falar no que eu acredito na questão do benzimento, que é uma troca de energia, eu me sinto à vontade em talvez praticar o auto benzimento, não sei se isso é possível, mas acho o que o benzimento é uma energia acumulada, uma energia represada, e tendo de entender e harmonizar isso, sozinho através da energia de uma outra pessoa. É isso*

O que o benzimento representa na sua vida?

*Acho que é isso, ele traz harmonia, ou ele traz harmonia, tranquilidade, paz*

Em que momentos de sua vida o benzimento se fez presente de uma forma marcante?

*Acho que voltando ao meu irmão, ao meu irmão...nossa..., meu irmão. Que faleceu quando era criança, aquele momento foi marcante, aliás, que mais um momento foi importante o benzimento, que foi com o meu outro irmão, que faleceu aos 49 anos há sete anos atrás, eu fiz um benzimento junto... Com não é benzimento, aliás no candomblé tem uma situação que eu acho que é similar ao benzimento da umbanda que eles chamam de ebó, e eu fiz isso no meu irmão. Meu outro irmão quando tinha 48 anos em um leito de hospital. Nos praticamos o benzimento naquele momento. Que também morreu, mas tive um entendimento que naquele momento era necessário o desligamento, ele se acalmou, foi interessante, que ele estava no hospital de clínicas, e entrava gente o tempo todo, mas naquele momento foi como se o tudo tivesse parado, nenhuma enfermeira, nenhum médico entrou, tudo era silêncio, como se a espiritualidade estivesse impedindo aquele entra e sai para nossas orações. Tive o entendimento da necessidade de sua partida e de sua libertação.*

Atualmente o que o leva ou levou à buscar benzedeadas?

*Atualmente não procuro nenhuma benzedeadas, não tenho necessidade... Necessidade sempre há, hoje eu vejo essa troca de energia... Uma harmonização que se dá através do encontro de duas pessoas onde as suas energias você troca com a energia do outro, pra mim isso é o benzer. Ou eu frequento lugares que praticam o benzimento, só o fato de estar neste local eu já me considero....*

Você buscou auxílio de profissionais da área médica em conjunto com o benzimento?

*Sim*

Você pretende recorrer novamente a benzimento?

*Sim*

*Eu hoje fui educado na religião católica ai conheci o espiritismo através da pratica do benzimento, através da umbanda e atualmente através do candomblé eu vejo o benzimento como disse anteriormente como uma troca de energia é como om massoterapeuta que pratica massagem e ai ele ao tocar é uma forma de benzimento e isso meu irmão fazia, ele era massoterapeuta, ao tocar ou massagear existe uma troca de energia e tudo que está represado, está é...tudo que é incomodo que*

*se manifesta no corpo, através dessa massagem do toque do terapeuta isso se harmoniza se espalha, essa troca de energia, então o benzimento hoje pra mim é uma coisa, talvez que eu explique desta forma.*

#### **Benzida - BB4**

Possui Religião?

*Somos Espíritas*

Frequenta / realiza práticas religiosas?

*Não frequento nenhum templo, mas pratico evangelho no lar, Eu pratico a religião espírita. acendo vela, eu rezo.*

Na família existem pessoas que praticam o benzimento?

*Não necessariamente não tem ninguém que faça isso, mas já recorreram a essas práticas sim, minha mãe sempre recorreu.*

Já Recorreu a Benzimento? Em que situações? Para Quem?

*Quando era criança os médicos não davam, minha mãe não sentia melhorara quando voltava do médico, aí ela corria pra benze, eu fui uma criança que foi benzida assim... extremamente benzida, acho que é por isso que estou bem hoje.*

Você conhece alguém que benze?

*Nesse momento não, última vez foi aos 20 e poucos anos*

Qual a primeira lembrança que tem quando falamos de benzimento?

*Há foi uma lembrança minha mesmo, foi uma vez que eu já estava muito..., eu tinha 20 e poucos anos trabalhava, e eu estava assim muito desenergizada, não estava bem, sem apetite, não dormia direito, aí minha mãe falou, alguém falou pra ela assim, manda benzer espinhela caída, ela não esta bem, aí minha mãe foi atras de uma senhora, uma velhinha benzedeira, ela foi em casa, e ela me sentou em uma poltrona, e começou a fazer, reza né? fazer o benzimento quando terminou ela caiu em cima de mim. Então essa lembrança é muito forte. Nunca mais depois disso fui benzida, nunca mais aconteceu isso de eu ficar mau. Com certeza, eu achei, assim, coitada o negócio era tão feio que prejudicou ela, mas em momentos seguintes ela já estava bem.*

Quando foi a primeira vez que procurou uma benzedeira?

O que te levou a procurar um benzimento?

*Se tivesse gente benzendo por ai eu juro que ia lá, eu acho que em nome de Jesus você pode fazer qualquer coisa, eu costumo quando meus filhos não estão bem, coloco eles sentadinhos numa cadeira na varanda, sempre fiz isso desde que eles eram pequenos, minha pede para fazer isso, coloco eles numa cadeira na varanda, faço pai nosso e ave Maria, benzo eles, rezo eles, com um raminho de alguma coisa, um matinho uma erva, porque eu acredito nisso, eu acredito que tudo que você faz que você coloca seu coração, você pede pra Deus. Você faz em prol do bem-estar de alguém, eu acho que é valido. E eu acredito que surta efeito, acho que é...é assim, equilibra as energias daquele ser sabe? que as energias podem estar desequilibradas. Pode estar sofrendo ataque de alguma energia ruim. Não eu acredito nisso, as vezes faço isso com meus cachorros, as vezes preparo Banho para meus filhos, meu marido, quando eles estão assim...tiveram um sonho ruim, uma noite ruim, que estão se sentindo assim, muito desequilibrados, eu coloco eles pra toma banho, vou la passo sal grosso nos ombros, jogo um banho de ervas, manjeriçã, alecrim, alguma coisa que eu tenha, plantada, eu acredito que tem um efeito, eu sou neta de índio né? então eu acredito que tem um efeito. minha mãe falava que eu fazia minhas pajelanças.*

Durante o benzimento existiu a utilização de algum objeto específico?

*Não só uns raminhos de ervas mesmo, arruda, guiné, eu aprendi com essa senhora a jogar de costas pra rua. O que eu vi ela fazer eu repito.*

A benzedeira te solicitou algum preparo para o benzimento?

*Não, só mandou eu pensar em Jesus*

Há algum lugar que você procura para o benzimento?

A benzedeira que procura tem alguma religião?

O que te levou a procurar o benzimento?

Existiu algum tipo de cobrança pelo benzimento?

*Não*

Com que frequência busca a benzedeira?

*Hoje não tenho, é mais fácil ir a um centro espírita e tomar um passe, não sei passe é um benzimento? acho que é considerado um tipo de...*

Gostaria de comentar algo sobre o processo do benzimento?

*Durante o benzimento, e principalmente esse que foi o último q eu fui submetida, eu me entreguei, me deixei realmente... eu não tinha nada contra, eu não tenho nenhuma não tinha nenhuma força, contra, desacreditar, pelo contrário pra mim é uma coisa muito natural, que eu me deixo benzer, tranquilamente sem nenhum problema, e assim sem nenhum tipo de rejeição, pelo contrário, nessa hora fixo meu pensamento, talvez por isso que funcione comigo*

O que o benzimento representa na sua vida?

*Na minha infância era quase que recorrente, eu adoecia muito, e minha mãe ficava apavorada me leva em um médico de manhã, levava em outro a tarde e procurava o centro espírita q fazia, o benzimento, esse foi muito importante me ajudou bastante, espiritualmente falando energeticamente falando sempre teve um benefício, eu voltava falando brincando falando com as pessoas da onde minha mãe levava, não é inócuo é um remeio é um reequilibrador sabe? uma limpeza energética que faça uma proteção que chega pra gente.*

Em que momentos de sua vida o Benzimento se fez presente de uma forma marcante?

Atualmente o que o leva ou levou à buscar benzedeadas?

*Eu gostaria se ser uma benzedeadas*

Você buscou auxílio de profissionais da área médica em conjunto com o benzimento?

*Acho que uma coisa não tem nada a ver com a outra, você se trata na medicina, mas nada impede de buscar o auxílio do benzimento, a ciência faz tudo que é possível que se possa fazer, o benzimento é outra coisa, é um outro tipo de intervenção, é na sua energia vital, na parte física da carne.*

Você pretende recorrer novamente a benzimento?

*Sim.*

*Eu queria ser uma benzedeadas.*

Frequenta / realiza práticas religiosas?

*Sim, e não por causa da pandemia frequenta tanta missa como centro, mas eu também vou a missa*

Na família existem pessoas que praticam o benzimento?

*Não mais.*

Já Recorreu a Benzimento? Em que situações? Para Quem?

*Sim, quando precisei para a filha por uma crise de bronquite muito importante*

Você conhece alguém que benze?

*Sim.*

Qual a primeira lembrança que tem quando falamos de benzimento?

*Lembro de uma senhorinha que vinha benzer aqui em casa, Dona M., ela benzia com um copo d'água e um galinho de arruda, tão bonitinha, ela tinha uma voz rouca,*

Quando foi a primeira vez que procurou uma benzedeira?

*Não lembro desde criança eu ia; porque diziam que eu era muito encapetado, e que eu precisava benzer, e eu tinha muito sonambulismo, e então também eu ia benzer as vezes por causa disso, pra acalmar estas coisas todas*

O que te levou a procurar um benzimento?

*Ter sonambulismo e ser encapetado, endiabra como diziam antigamente, não ficar parado*

Durante o benzimento existiu a utilização de algum objeto específico?

*Não, porque tinha uma outra benzedeira aqui perto de casa Dona N., não lembro de ela benzer com nada nas mãos, Dona M. com galho de arruda, dona A. não lembro se ela usava alguma coisa para benzer, sempre mulheres interessantes isso.*

A benzedeira te solicitou algum preparo para o benzimento?

*Não.*

Há algum lugar que você procura para o benzimento?

*Sim, no centro onde eu frequento, mas agora a chefe do centro ela não está mais benzendo, ela está com 89 anos, mas até pouco tempo atras, até começa a pandemia ela benzia.*

A benzedeira que procura tem alguma religião?

*Umbanda.*

O que te levou a procurar o benzimento?

*A cultura familiar era muito presente na minha família, minha vó fazia benzimento, ela sabia algumas orações, pra buxo virado, quando engasgava, pra queimadura e cobreiro também.*

Existiu algum tipo de cobrança pelo benzimento?

*Não.*

Com que frequência busca a benzedeira?

*Hoje raramente*

Gostaria de comentar algo sobre o processo do benzimento?

*É Troca de energia muito boa, é uma sensação de paz de reequilíbrio*

O que o benzimento representa na sua vida?

*Uma alternativa complementar de cura*

Em que momentos de sua vida o Benzimento se fez presente de uma forma marcante.

*Quando a minha filha estava com uma crise de bronquite pôs hospitalização, ficou internada ficou muito mal depois disso ela não voltou a ter crise, crises graves de bronquite, depois do benzimento, foi feito um benzimento específico pra bronquite e não voltou a ter crises*

Atualmente o que o leva ou levou à buscar benzedeadas?

*A fé e o bem-estar*

Você buscou auxílio de profissionais da área médica em conjunto com o benzimento?

*Sim, sempre*

Você pretende recorrer novamente a benzimento?

*Sim.*

*É uma expressão da nossa cultura, pra mim o benzimento está associado a acolhimento, a uma figura que acolhe que cuida.*

Possui Religião?

*Fui educado na religião Católica, após casar em 1992, minha esposa era espírita e comecei a frequentar o espiritismo e ir a missa, hoje estou faço curso de espiritismo, que comecei em 2017 vou ser um espírita diplomado em rrsrs*

Frequenta / realiza práticas religiosas?

*Sim, prático evangelho no lar semanalmente*

Na família existem pessoas que praticam o benzimento?

*Sim minha sogra, quando meu filho precisava, ela benzia, hoje ele está com 28 anos*

Já Recorreu a Benzimento? Em que situações? Para Quem?

*Várias vezes, principalmente quando havia um machucado, que não causasse lesão mais grave mas deixasse dor, o local dolorido, ou quando tivesse alguma dor em qualquer parte do corpo, a primeira solução seria procurar o benzimento*

Você conhece alguém que benze?

*Conheço*

Qual a primeira lembrança que tem quando falamos de benzimento?

*Lembro da minha mãe dizendo pra ir benzer, na época, as minhas sobrinhas, minha mãe sempre dizia que tinha algum problema que ocorriam com as crianças, que só curavam com benzimento, mau de simioto*

Quando foi a primeira vez que procurou uma benzedeadas?

*Eram moleca tinha 8 ou 9 anos por ai, machucado*

O que te levou a procurar um benzimento?

*Machucado, braço pé, canela, caía um tombo*

Durante o benzimento existiu a utilização de algum objeto específico?

*Não, planta, Dona I, eu acho que era arruda.*

A benzedeira te solicitou algum preparo para o benzimento?

*Não*

Há algum lugar que você procura para o benzimento?

*Não*

A benzedeira que procura tem alguma religião?

*Eram católicas*

O que te levou a procurar o benzimento?

*Procura pela cura*

Existiu algum tipo de cobrança pelo benzimento?

*Não*

Com que frequência busca a benzedeira?

*Hoje não mais, normalmente quando não estou muito bem vou ao centro e tomo passe.*

Gostaria de comentar algo sobre o processo do benzimento?

*O Benzimento assim como hoje em dia as cirurgias espirituais, leva aquele que se submete, a fé o leva a acreditar que ele vai se curar, o benzimento tem que estar acompanhado da fé*

O que o benzimento representa na sua vida?

*Representa a cura e fé*

Em que momentos de sua vida o benzimento se fez presente de uma forma marcante?

*Quando eu era criança, eu via não só minha mãe minha avó que eu tinha um contato com benzimento muito maior do que tenho hoje*

Atualmente o que o leva ou levou a buscar benzedeiros?

*O Benzimento assim como hoje em dia as cirurgias espirituais, leva aquele que se submete, a fé o leva a acreditar que ele vai se curar, o benzimento tem que estar acompanhado da fé*

Você buscou auxílio de profissionais da área médica em conjunto com o benzimento?

*Sim*

Você pretende recorrer novamente a benzimento?

*Sim.*

## APÊNDICES

### APÊNDICE A

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA COM BENZEDEIRO(A)

Dados pessoais:

Nome

Data nascimento

Profissão

Escolaridade

Renda familiar (em salários-mínimos)

Quantas pessoas moram na casa?

Cidade / Bairro.

- 01) Há quanto tempo exerce o benzimento?
- 02) Mais alguém benze em sua família?
- 03) Como aprendeu o benzimento?
- 04) Alguém transmitiu o conhecimento/prática do benzimento?
- 05) Na família existem outras pessoas que praticam o benzimento?
- 06) Durante o benzimento existe a utilização de algum objeto específico?
- 07) Existe alguma preparação prévia para o benzimento?
- 08) Há um lugar específico para prática do benzimento?
- 09) Qual a sua religião? Você frequenta/prática alguma religião?
- 10) As pessoas que procuram o benzimento o fazem por quais motivos? Essas pessoas são ligadas a alguma religião?
- 11) O benzimento que prática está ligado a alguma religião?
- 12) Tem algum ritual para a prática do benzimento?
- 13) Quantos atendimentos realiza por dia?
- 14) O que a leva a prática do benzimento?
- 15) Existe algum tipo de cobrança pelo benzimento?
- 16) Gostaria de comentar algo sobre o processo de benzimento?
- 17) O que o benzimento representa na sua vida?

## APÊNDICE B

### ROTEIRO DE ENTREVISTA BENZIDO(A)

Dados pessoais:

Nome

Data nascimento

Profissão

Escolaridade

Renda familiar (em salários-mínimos)

Quantas pessoas moram na casa?

Cidade / Bairro.

Tem filhos? Quantos?

Possui Religião?

- 01) Frequenta / realiza práticas religiosas?
- 02) Na família existem pessoas que praticam o benzimento?
- 03) Já Recorreu a benzimento? Em que situações? Para quem?
- 04) Você conhece alguém que benze?
- 05) Qual a primeira lembrança que tem quando falamos de benzimento?
- 06) Quando foi a primeira vez que procurou uma benzedeira?
- 07) O que te levou a procurar um benzimento?
- 08) Durante o benzimento existiu a utilização de algum objeto específico?
- 09) A benzedeira te solicitou algum preparo para o benzimento?
- 10) Há algum lugar que você procura para o benzimento?
- 11) A benzedeira que procura tem alguma religião?
- 12) O que te levou a procurar o benzimento?
- 13) Existiu algum tipo de cobrança pelo benzimento?
- 14) Com que frequência busca a benzedeira?
- 15) Gostaria de comentar algo sobre o processo do benzimento?
- 16) O que o benzimento representa na sua vida?
- 17) Em que momentos de sua vida o benzimento se fez presente de uma forma marcante?
- 18) Atualmente o que o leva ou levou a buscar benzedeiros?
- 19) Você buscou auxílio de profissionais da área médica em conjunto com o benzimento?
- 20) Você pretende recorrer novamente a benzimento?